

"A WONDERFULLY COMPELLING
VAMPIRE HEROINE."

—USA TODAY BESTSELLING
AUTHOR JULIE KENNER

TWICE BITTEN

A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

CHLOE
NEILL

AUTHOR OF *FRIDAY NIGHT BITES*







A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

Série Chicagoland

Livro 3

Twice Bitten

Autora: Chloe Neill





Sinopse:

Merit a mais nova vampira de Chicago, esta aprendendo como se encaixar bem com os outros. Os outros sobrenaturais, isso é, os Metamorfos de todo o país estão convocados para a Cidade do Vento, e como um gesto de paz, o Mestre Vampiro Ethan Sullivan, ofereceu ao seu líder, um muito especial corpo de Guarda: Merit. Merit supostamente deve proteger o Alfa, Gabriel Keene – e espionar para os vampiros enquanto faz isso. Oh! E afortunadamente Ethan está lhe oferecendo calorosas sessões de treinamento de luta corpo a corpo para ajudá-la a se preparar para a missão.

Merit deve aceitar a tarefa, inclusive, mesmo que o lamente. E não se engane. Alguém está atacando Gabriel Keene, e Merit logo se encontra na linha de fogo. Precisarás de toda a ajuda que possa obter para poder rastrear o dito assassino, mas para todos os lados aonde vá, haverá tensões entre os sobrenaturais – não por ele, mas entre ela e um certo Mestre Vampiro de olhos verde com séculos de idade.





Capítulo 1



Una-se ao clube.

Princípios de Junho.

Chicago, Illinois.

Era o começo da Rota 66, o lugar aonde "A rua principal da América" começava a viajar os Estados Unidos. A Fonte Buckingham, o coração de Grant Park, foi nomeado pelo irmão da mulher que doou a fonte a Cidade de Chicago. Durante o dia, o jorro principal da fonte alcançava os 45 metros no ar, uma torre de água entre a extensão do Lago Michigan e a expansão do centro de Chicago. Mas agora já era tarde, e os jorros haviam sido desligados para a noite. O parque estava oficialmente fechado, mas isso não parou a um punhado de renegados de caminhar ao redor da fonte ou de posar sobre as escadas que levavam até Lake Shore Drive para mergulhar nas escuras e brilhantes águas do lago Michigan.

Revisei meu relógio. Eram oito minutos passados da meia-noite. Estava aqui porque alguém havia me deixado notas anônimas. As primeiras mencionavam convites. A última havia me convidado para a fonte a meia-noite, o que significava que esse alguém misterioso estava oito minutos atrasado.

Não tinha nem idéia de quem havia me convidado ou porque, mas estava suficientemente intrigada para percorrer o caminho até o centro desde minha casa na Hide Park. Também era o suficientemente cautelosa para aparecer com minhas armas - uma pequena adaga de madrepérola que estava escondida por baixo da minha jaqueta no lado esquerdo. A adaga havia sido um presente que o Mestre vampiro Ethan Sullivan deu para mim, a Sentinela de sua Casa de Vampiros.

Provavelmente não me parecia com um vampiro típico, com o uniforme da Casa Cadogan - umas finas e bem estilosas calças negras - não era exatamente material para os filmes de terror. Meu comprido escuro e liso cabelo estava recolhido em seu habitual rabo de cavalo, com a franja solta na minha frente. Havia colocado um par de saltos pretos estilo Mary Jane, o qual independente da





minha preferência por pumas pareciam bastante bem com o traje. Meu bip está preso na minha cintura em caso de emergência na Casa.

Como Sentinela da Casa, usualmente portava uma katana, cerca de trinta polegadas de aço polido. Mas nesta reunião, deixei minha katana em casa, pensando que a visão de uma bainha vermelha sangue atada ao meu lado levantaria muita atenção entre olhos humanos. Estava, depois de tudo, em um parque a noite. Os membros do Departamento de Polícia de Chicago iam estar suficientemente curiosos sobre disso, uma espada samurai de um metro de comprimento não ia inspirar muita confiança de que estivesse aqui apenas para apresentações e conversar.

E falando em conversar...

— Não estava certo de que viria. — disse uma voz de repente, atrás de mim. Virei-me, meus olhos abriram-se ante o vampiro que falou. — Noah? — mais especificadamente, era Noah Beck, o líder dos Vampiros Rebeldes - aqueles não vinculados a uma Casa em particular.

Noah era musculoso - ombros amplos delineando um quadro musculoso. Seu cabelo castanho projetava pontas afiadas. Seus olhos eram azuis, e esta noite seu queixo mostrava um rastro de barba crescida. Noah não era do tipo bonitão de modelos de capa de revista, mas com seu queixo quadrado, e nariz forte e um pouco torto, poderia chegar ao papel principal em um filme de ação sem nenhum problema. Estava vestido como de costume, todo de preto: calça cargo preta, bota preta, e camiseta preta reunida na altura das costelas para substituir a versão em manga comprida que se usava no frio.

— Você pediu para nos encontrar?

— Eu o fiz. — disse.

Quando passou alguns segundos sem entrar em detalhes, inclinei minha cabeça. — Porque simplesmente ligou e pediu uma reunião? — ou, melhor ainda, pensei, porque não ligou para Ethan? Geralmente ele estava mais disposto a me enviar aos braços de vampiros necessitados.

Noah cruzou os braços sobre seu peito, sua expressão tão séria que sua barbicha praticamente tocava sua camiseta. - Porque você pertence a Sullivan e esta reunião não é sobre ele. É sobre você. Se eu assinasse essas notas, supus que se sentiria obrigada a dizer sobre a reunião.





— Pertencço a Casa Cadogan. — esclareci, fazendo-o saber que eu não pertencia; ao contrário da opinião popular, a Ethan. Não que não houvesse considerado. — Isso significa que não posso garantir que não divulgarei qualquer coisa que me diga. — adicionei, deixando um pequeno sorriso cruzar meus lábios. — Mas isso depende do que me diga.

Noah descruzou os braços, deslizou uma mão dentro de um dos bolsos de sua calça, retirou um fino cartão colorido. Sustentando o cartão entre os dedos, o estendeu para mim.

Sabia que diria antes de pegá-lo. Teria as iniciais "GV" e a estampa branca de uma flor parecida a um lírio. Um cartão idêntico havia sido deixado no meu quarto na Casa Cadogan, mas ainda não sabia o que significava.

— Quem é GV? — perguntei devolvendo o cartão.

Noah o pegou, deslizando novamente em seu bolso. Logo olhou ao redor, torceu um dedo para mim, e começou a caminhar para o lago. Com as sobrancelhas levantadas, o segui. Aí foi quando começou a sessão de história.

— A Revolução Francesa foi um momento crucial para os vampiros europeus. — disse enquanto caminhávamos descendo as escadas que levavam do parque para a rua. — Quando o Reinado do Terror bateu, os vampiros ficaram enredados na histeria, não muito diferente dos humanos. Mas quando os vampiros começaram a entregar seus companheiros Iniciantes e Mestres aos militares, quando eles foram guilhotinados nas ruas, os membros da Conseil Rouge, o conselho que regia os vampiros antes que o Presídio Greenwich tomasse poder, começaram a entrar em pânico.

— Essa foi a Segunda Aniquilação; certo? — perguntei. — Vampiros franceses entregavam seus amigos para garantir sua própria segurança. Infelizmente, os vampiros que eles entregavam as tropas foram executados.

Noah assentiu. — Exato. Os vampiros do Conselho eram anciões, bem estabelecidos. Eles desfrutavam sua imortalidade, e não estavam ansiosos por converter-se em vítimas das tropas. De forma que organizaram um grupo de vampiros para protegê-los. Vampiros dispostos a receber uma estaca por eles.

— Um Serviço Secreto Vampírico?

— Essa não é uma má analogia. — concordou. — Os vampiros que foram pedidos para servir se nomearam a si mesmos de a Guarda Vermelha.





Dáí as iniciais GV. — E sendo que você me entregou um cartão, suponho que você é um?

— Um membro portador do cartão, literalmente.

Atravessamos a rua até o gramado em frente ao lago, depois caminhamos todo o gramado até a margem de concreto. Quando nós paramos, olhei para Noah, me perguntando por que estava recebendo aulas de história e detalhes de sua vida secreta. — Esta bem; interessantes lições de história, mas o que tudo isso tem a ver comigo?

— Impaciente; verdade?

Arqueei uma sobrancelha. — Concordei com essa reunião secreta à meia-noite da qual nem meu Mestre sabe. Você está recebendo realmente muita contenção.

Noah sorriu lentamente em resposta, de forma lupina, seus lábios gradualmente ampliando-se para revelar retos dentes brancos e caninos afiados como agulhas.

— Porque, Merit, me surpreende que não tenha adivinhado ainda. Estou aqui para te recrutar.

Passou um minuto completo até que ele falou novamente. Enquanto isso nós permanecemos em silêncio, os dois olhando o Lago e as luzes dos veleiros ancorados na costa. Não estou certa em que estava pensando, mas eu estava analisando sua oferta.

— As coisas mudaram desde que a Guarda Vermelha (GV) foi fundada. — disse finalmente Noah, sua voz ressonante na escuridão. — Nos certificamos de que o Presido não sobreponha sua autoridade, como uma revisão e balanço sobre o poder do PG. Também nos asseguramos de que o equilíbrio de poder entre os Mestres vampiros e seus Iniciantes mantenha-se relativamente estável. Às vezes investigamos. Em raras ocasiões, limpamos.

De forma, resumida, Noah queria que me unisse a uma organização cuja meta principal era evitar que os Mestres vampiros e os membros do PG tivessem muito poder, ou de que utilizassem esse poder indiscriminadamente; uma organização cujos membros espionavam seus Mestres.

Soltei um suspiro pausado, algo tencionou em meu estômago.





Não conhecia a posição de Ethan sobre a Guarda Vermelha, mas não tinha dúvidas de que ele veria isso de eu me unir a eles como a traição de todas as traições. Servir como um da Guarda Vermelha me colocaria diretamente contra Ethan, cobrando a mim, uma Iniciante vampira, com a tarefa de observá-lo e julgá-lo. Ethan e eu não tínhamos uma relação simples; nossas interações eram um incômodo tiro entre ser confidentes e colegas. Mas isso ia muito além do nosso habitual selo de irritação mútua.

De fato, era exatamente a classe de coisa que Ethan temia que fizesse - espionar a Casa. Pode ser que ele não soubesse do convite da GV, mas sabia que meu avô Chuck Merit, servia como enlace sobrenatural para a Cidade de Chicago, e conhecia a minha família - os Merit (sim, Merit é meu sobrenome) - que estava conectado com Seth Tate, prefeito de Chicago. Esses laços eram próximos o suficiente para preocupá-lo.

Envolver-me em algo como isto seria como a cereja no topo do bolo em um ataque de cólera.

E isso implicava em uma interessante pergunta. — Porque eu? — perguntei a Noah. — Tenho apenas dois meses de idade, não sou exatamente material para guerreiro.

— Você se encaixa no perfil. — disse. — Foi transformada em vampiro sem consentimento, talvez a raiz disso, parece ter um tipo diferente de relação com seu mestre. É uma filha da riqueza, mas tem visto seus abusos. Como Sentinela, está se transformando em um soldado, mas é uma estudiosa. Fez seu juramento para Ethan, mas é cético o suficiente para não seguir ordens cegamente.

Era uma lista de atributos que provavelmente colocariam nervoso a Ethan diariamente. Mas Noah parecia convencido de que essas eram justamente o tipo de coisas que ele estava buscando.

— E o que é, exatamente, que eu estaria fazendo?

— Neste momento, gostaríamos de um jogador latente. Permaneceria na Casa Cadogan, na posição de Sentinela e se manteria em contato com seu companheiro.

Levantei minhas sobrancelhas. — Meu companheiro?





— Trabalhamos em parceria. — disse Noah, logo moveu sua cabeça para algo atrás de mim. — Bem a tempo.

Olhei para trás, no tempo que um vampiro nos alcançava pelas minhas costas. Era bem adequado para o espião; incluindo com minha audição aprimorada, não havia escutado se aproximar. Este vampiro era alto e magro, com cabelo castanho até os ombros, olhos azuis debaixo de longas pestanas, e um queixo esculpido. Levava posto uma camisa de mangas curtas, a parte de baixo enfiada dentro de seus jeans. Tatuagens circulavam cada bíceps - um anjo voando sobre um braço, um demônio escondendo-se sobre o outro.

Perguntei-me sobre o que estariam em conflito.

O recém-chegado assentiu com brusquidão para mim, logo olhou a Noah.

— Merit, Sentinela da Casa Cadogan. — lhe disse Noah, na continuação me olhou. — Jonah, Capitão da Guarda da Casa Grey.

— Capitão da Guarda? — perguntei em voz alta, abalada até a medula que o Capitão da mesma Guarda Da Casa de Scott Grey fosse também membro da Guarda Vermelha. Um vampiro em uma posição de confiança, cujo propósito na Casa era resguardar o Mestre, mantê-lo a salvo com um trabalho duplo para uma organização com uma desconfiança inerente para os Mestres? Supus que não era o tipo de coisa que Scott Grey estivesse emocionado de conhecer.

E sério, eu estava sintonizada com Ethan Sullivan ou o que?

— Se aceitar nossa oferta. — disse Noah. — Jonah será seu companheiro.

Olhei para cima a Jonah e encontrei seu olhar que estava sobre mim, seu cenho franzido. Havia curiosidade - mas também desdém - em seus olhos. Aparentemente ele não estava muito impressionado com o que havia visto até o momento da Sentinela de Cadogan.

Mas não estava interessada em ir para a guerra com Ethan e, portanto, sem planos em me converter na companheira de Jonah, mas consegui evitar, não me importava.

Balancei a cabeça para Noah. — É pedir muito.

— Compreendo sua relutância. — disse. — Sei o que significa tomar os juramentos a sua Casa. Os tenho feito também. Mas para o bem e para o mal,





Celina foi posta em liberdade. Eu coloquei baixa probabilidade sobre o nosso futuro sendo decididamente mais violento do que nosso passado recente.

— Não grandes probabilidades. — assenti de forma solene. Nós colocamos um fim a onda de assassinatos de Celina Desaulniers, ex Mestre da Casa Navarre. E prometemos a Cidade de Chicago que ela havia sido enviada longe para um calabouço europeu, cumprindo pena por orquestrar esses assassinatos, mas o PG havia posto Celina novamente em circulação. Ela já não tinha controle da Casa de Navarre, e me culpava por esse inconveniente. Havia voltado a Chicago chateada sobre seu encarceramento e ansiosa por vingança.

Noah sorriu com tristeza, como se compreendesse a direção dos meus pensamentos. — Os bruxos previram que a guerra virá. — disse. — Tememos que seja inevitável. Muitos vampiros têm muitas animosidades acumuladas contra os humanos para manter a paz eternamente - e vice versa - e Celina tem feito o trabalho de recrutá-los. Ela interpreta por desgraça a uma boa mártir.

— E isso sequer toca o assunto com os Metamorfos. — assinalou Jonah. — Metamorfos e vampiros têm uma longa e sangrenta história, mas isso não tem detido as manadas a se dirigir a Chicago. — me olhou. — O que se diz é que eles estarão se reunindo essa semana. Isso encaixa com o que tem escutado?

Debati se deveria contestar; o que seria entregar uma preciosa porção de informação da Casa Cadogan, coletando informação, mas optei por contar. Não é como se a informação fosse manter-se escondida por muito tempo. — Sim. Temos escutado que eles estariam aqui na semana.

— Representantes das quatro manadas em Chicago. — Noah murmurou, olhando o chão. — Isso é como os Hatfields mudando-se com os MacCoys. Uma inimizade de séculos de antiguidade, e as partes em conflito acampando na mesma cidade. Cheira a problemas. — suspirou. — Olha apenas estou pedindo que o considere. O único que pedimos é um compromisso de continuar como Sentinela da Casa Cadogan em espera até que...

Até que, havia dito como se acreditasse que um conflito de entrada fosse inevitável.

— Continuará ativa até que não possamos manter a paz por mais tempo. E nesse ponto, tem que estar preparada para unir-se em tempo integral. Deve estar pronta para abandonar a Casa.





Estou certa de que havia surpresa em minha expressão. — Quer que deixe a Casa Cadogan sem uma Sentinela no meio de uma guerra?

— Pensa um pouco mais amplamente. — intercedeu Jonah. — Estaríamos oferecendo seus serviços, suas habilidades, a todos os vampiros, mais além de suas respectivas afiliações de Casas. A GV lhe oferece a oportunidade de proteger a todos os vampiros, não apenas os Mestres.

Não apenas Ethan, quis dizer. Já não seria a Sentinela de Ethan, sua vampira. Em seu lugar, seria um vampiro que se separa das Casas, dos Mestres, do Presídio, em virtude de manter ao universo dos vampiros a salvo..., e manter Celina e seus agitadores a raia.

Não tinha certeza do que pensar do pedido da GV. — Preciso de tempo para processar isso. — lhes disse.

Noah assentiu. — Essa é uma decisão séria, e merece uma profunda consideração. É sobre sua disposição de sair da sua Casa para garantir que todos os vampiros estejam bem protegidos.

— Como posso te localizar? — perguntei, e pensei se aquela pergunta apenas significava que havia cruzado uma linha da qual não seria capaz de retroceder.

— Estou na lista telefônica, listado como consultor de segurança. Enquanto isso não temos nos falado, e nunca tem conhecido Jonah. Não diga a ninguém, amigos, parentes, colegas. Mas considere isto Merit; Quem necessita mais de uma Sentinela? Os vampiros da Casa Cadogan, que tem corpos de guardas bem treinados e poderosos Mestres vampiros ao comando..., ou o resto de nós?

Com isso, ele e Jonah viraram-se e afastaram-se, desvanecendo na escuridão da noite.





Capítulo 2



Fogo no sangue.

Uma semana mais tarde.

A tentativa, acredito, foi perfeitamente inocente. Havíamos sido chamados todos juntos, os vampiros da Casa Cadogan, para uma demonstração de técnicas de autodefesa. Não era incomum que tivéssemos formação - se esperava que os vampiros fossem capazes de valer-se por si mesmo. Depois de tudo, milhões de anos vivendo debaixo do radar humano tende a fazê-los um pouquinho paranóico. E Ethan e eu estávamos desfrutando nossas próprias (também perfeitamente inocentes) sessões de treinamento enquanto aprendia a utilizar minha força vampírica.

Mas Ethan decidiu que devido as circunstâncias (ex: Celina) necessitavam de mais treinamento. Não havia estado preparada para dar conta de Celina quando ela apareceu na Casa para me atacar havia uma semana. E sim eu, a vampira da qual Ethan estava convencido que era mais forte que a maioria, não poderia fazê-lo, ele estaria compreensivelmente nervoso sobre a segurança do resto dos 319 vampiros de Cadogan.

Então eu fiz a viagem desde o meu quarto no segundo andar até a sala de luta no porão da Casa Cadogan. Lindsey, companheira na guarda da Casa, e minha melhor amiga vampira, havia se unido a mim para que possamos aprender como nos proteger melhor do bando de vampiros lunáticos de Chicago.

Naturalmente, não havíamos esperado conseguir audiência do espetáculo no trato.

— Por Deus. — Lindsey disse quase sem fôlego, no momento em que entrávamos no quarto de luta. Detivemos-nos na borda dos tatames que cobriam o solo, lábios separados e olhos bem abertos enquanto inspecionávamos a vista a nossa frente.





Dois vampiros na plenitude de sua vida imortal que se deslocavam ao redor do chão, flexionando os músculos pegando-se com as mãos livres, na tentativa de derrubar o outro. Eles estavam lutando sem arma, espadas nem aço, usando as mãos e os pés, cotovelos e joelhos, e o bocado físico extra do ser vampiro.

E ambos estavam seminus. Ambos lutando descalços e sem camisas, vestindo calças brancas ao estilo das artes marciais, o disco de ouro dos seus medalhões da Casa Cadogan ao redor de seus pescoços.

O olhar de Lindsey estava fixo em Luc, o Capitão da guarda da Casa Cadogan. Luc era um ex-vaqueiro convertido em soldado vampiro, para concluir com ombros largos, um peitoral cabeludo, um fio de cabelo crespo e dourado de sol de repente havia caído em seu rosto, e com os músculos ondulando enquanto ele se movia.

E do outro lado de Luc, seu oponente: Ethan Sullivan, Mestre da Casa Cadogan e o vampiro de 394 anos que me trouxe ao mundo dos chupa-sangues - sem meu consentimento, mas admitindo que minha outra opção houvesse sido uma morte rápida. Ele estava um pouco por cima de um metro e oitenta, e a parte de cima desse um metro e oitenta - a linha, magra linha de planos abdômen e altos peitorais, a trilha de cabelos loiros descendo abaixo do umbigo desaparecia sob o cós da calça - brilharam no momento em que ele se voltava para um chute giratório.

Luc, eu pensei, se supôs que finja ser o atacante, mas Ethan estava fazendo um bom trabalho contendo-lhe. Por todos os trajes Armani e a aparência de supermodelo que tinha, Ethan era um guerreiro habilidoso. Algo que havia sido recentemente obrigada a lembrar, quando revirei minha Katana em seu pescoço umas noites atrás.

Enquanto os observava lutar, isso me deu arrepios. Deduzi que minha Iris azul estava trocando para o prateado no mesmo tempo que o calor começava a se espalhar por me corpo, o fogo propagando pela vista de Ethan em ação, agachando-se e esquivando e girando enquanto enfrentava seu oponente. Umedeci meus lábios, repentinamente sedenta embora tenha tido suficiente sangue, enviado pelo nosso provedor (Blood4you) para pelo menos 24 horas. E mais importante ainda, havia tomado sangue diretamente de um vampiro havia apenas uma semana.

O dele.

Ele me alimentou durante o capítulo final de minha transição a vampiro, quando havia despertado com uma sede de sangue tão forte que haveria matado para obtê-lo. Mas não havia necessitado de violência. Ethan havia oferecido seu pulso voluntariamente e eu havia aproveitado ao máximo, vendo seus olhos





pratear-se enquanto tomava o nutriente que de alguma forma selava minha transformação a um predador. A um vampiro.

Queimava enquanto os observava, enquanto seus músculos rodavam e flexionavam, enquanto deslizava com a graça de uma pantera. Poderia ter justificado o calor no meu estômago, chamá-lo de uma reação conseqüente da minha biologia vampira em completo funcionamento, o resultado de observar um predador em sua plenitude, ou a atração de uma Iniciante para o mestre que a criou.

Mas isso não fazia justiça a Ethan Sullivan. Nem de perto.

Ele era quase muito bonito para ser real. Cabelo loiro marcando esse formoso rosto; bochechas pelas quais pagariam os modelos de Nova York, olhos que brilhavam como peças de esmeraldas. Um metro e oitenta de dourada pele tensionada de músculos, e podia testemunhar que todo esse metro e oitenta eram igualmente perfeitos. Havia pegado uma vista acidental de Ethan no meio de satisfazer sua amante, que o traiu para se unir com o bando de renegados malfeitores de Celina.

Não era difícil imaginar que ele era o maior objetivo de qualquer cadeia de predadores a que pertencia. Não quando você observa a longa e elegante linha sua movendo-se através da habitação.

Não quando vê a pequena, brilhante perola de suor que estava lentamente - muito lentamente - seguindo sua jornada ladeira abaixo pelo meio do abdômen plano de Ethan, um tijolo de músculo de cada vez, simplesmente ameaçando deslizar pelo cóis de sua calça.

Ethan sentia a atração também. Havia oferecido o posto de sua amante inclusive antes que Amber partisse para se unir a equipe Desauniers. Compartilhamos um par de beijos, mas eu consegui resistir ao resto de suas ofertas. Ethan me desejava, sem lugar de dúvidas, e eu não era o suficientemente estúpida para discutir seu atrativo, o qual era inegável.

Mas Ethan era a sua vez completamente irritante - lento para confiar, fácil para acusar - e ainda não todo certo de como se sentia sobre mim. Sem mencionar sua bagagem; seu vaidoso sentido de superioridade e sua disposição para utilizar aqueles ao seu redor, inclusive a mim, para alcançar seus objetivos políticos. Também estava o fato de que nosso último beijo havia ocorrido menos de vinte e quatro horas antes que rompesse minha incipiente relação com Morgan Greer, o vampiro que substituiu a Celina como Mestre da Casa Navarre uma vez que Ethan e eu nos unimos para tirar uma confissão. Eu tinha andado longe daquele beijo com fogo no meu sangue e culpa em meu coração.





Sem lugar a dúvidas poderia encontrar uma relação com uma melhor mescla de emoções. Com esse pensamento na cabeça, a racionalidade voltando, meu sangue começou a se esfriar.

— Deveria ser ilegal para um vampiro luzir tão boa aparência. — disse Lindsey

— Isso é tão certo. — concordei em voz baixa, pensando o que um pouco menos de beleza faria minha relação com Ethan muito mais simples. Levantei meu olhar dos vampiros que lutavam para inspecionar o resto da habitação. O balcão que rodeava o quarto de luta estava cheio de vampiros, homens e mulheres. As mulheres, e um pouco dos homens, olhavam fixamente a ação em frente a eles, olhos estreitados, bochechas enrijecidas, todos eles desfrutando da vista.

— Por outro lado, eles são os que estão criando este pei - táculo.

Deslizei o olhar, arqueando uma sobrancelha. — Pei-táculo?

— Já sabe; como espetáculo. — pausou para assinalar seu busto. — Mas com mais peitorais masculinos. Não está de acordo?

Retornei meu olhar para o Mestre vampiro que estava atualmente se inclinando para recolher uma bokken - uma katana de madeira para as práticas - do colchonete. Músculos apertados e tensionados à medida que se movia, peitorais eretos em seu musculoso peito.

— Longe de mim, estar em desacordo. — disse. — Tem criado todo um pei-táculo. E quando os expõe assim, dificilmente podem esperar que nós não os olhemos.

Lindsey me deu uma cabeçada de aprovação. — Não sei de onde saí a bravata, mas eu gosto.

— Estou testando. — sussurrei, o qual era certo. A transição para vampiro não havia sido simples - psicológica ou fisicamente - mas estava começando a tomar gosto. Em essência havia passado pela mudança duas vezes, dado que a primeira vez não havia tido conhecimento de tudo (Ethan, em um golpe de culpa, havia me drogado durante a primeira transição, o qual aparentemente havia evitado a troca completa). E isso estava por cima do fato de que havia me mudado da casa de pedra calcária em Wicker Park que compartilhava com minha ex-companheira - e ex melhor amiga - Mallory, para a Casa Cadogan. Eu tinha conseguido me conter quando tive que lidar com meu pai e seus supostos amigos, um passo tomado a pedido de Ethan quando estávamos tentando manter as festas clandestinas dos vampiros longe da imprensa. E, sem contar as duas vezes que havia lutado com Ethan, eu tinha conseguido dominar Celina aproximadamente





cinquenta por cento das vezes que ela veio em busca de luta, que não foram, horríveis em termos de meias batalhas relacionadas.

Com esse entusiasmo em meu cinto, aqui estava eu. Uma nova vampira na histórica posição de Sentinela, cuidando da Casa contra criaturas tanto vivas como mortas. Havia passado de estudante graduada a lutadora vampira quase que da noite para o dia. E agora Noah Beck queria se quem ganhava com isso.

— Merit. Merit.

Embora Lindsey dissesse meu nome ao menos um par de vezes, foram os empurrões os que finalmente me alcançaram, me afastando das minhas recordações da minha reunião com Noah, me transportei de volta para o quarto de treinamento da Casa Cadogan, e para Ethan, que estava parado em frente a mim, mãos sobre seus quadris, o cabelo loiro na altura dos ombros jogado para trás, olhos verdes sobre mim, uma sobrancelha arqueada de forma condescendente. Luc não estava a vista por nenhum lado..., e todos os olhos estavam sobre mim.

— Er..., sim?

Os vampiros lançaram risadinhas baixas.

— Acabou-se de sonhar acordada. — disse Ethan no silêncio da habitação.
— Talvez possa considerar em unir-se?

— Sinto muito, Liege. — murmurei e saí de minhas sandálias, logo para os colchonetes, katana empunhada na mão. Já estava vestida no meu equipamento de treinamento - um sutiã esportivo negro estilo top e calças de yoga, sem os sapatos.

Segui Ethan ao meio do quarto, consciente de que quase sete dúzias de vampiros estavam seguindo nossos movimentos. Ele se deteve, parou diante de mim, e se inclinou em saudação. Fiz o mesmo.

— É importante. — começou, o suficiente alto para que todos ouvissem. Ou que estejam preparados, no caso de necessidade, para lutar. E para dominar essa luta, vocês devem primeiro dominar os passos. Como também sabem nossa Sentinela não tem dominado ainda a arte da luta.

Parou tempo suficiente para me jogar um olhar intencional. Assim que o combate não era o meu. Era boa com as katas - os pilares de lutas com espadas de vampiros. Havia sido bailarina, e havia algo muito fluído sobre os movimentos. Havia posições, formas, passos que podia memorizar e praticar e, por repetição, aperfeiçoar.

Combater era diferente. Havendo crescido com meu nariz metido nos livros, não tinha experiência em lutar além de algumas aulas experimentais de kci





boxing e uns poucos encontros com Celina e seus subordinados de todo tipo. Conhecia minhas debilidades - passava muito tempo tentando pensar durante a luta - tentando encontrar as debilidades de meu oponente, para tirar proveito, e ao mesmo tempo evitando ponderar na luta. Isso havia sido mais difícil ainda mais na última semana, enquanto trabalhava com Luc para manter a cacofonia de cheiros e sons que ameaçavam última troca, para oprimir, ao ponto de um rugido ensurdecedor.

— Mas seu trabalho com as katas não tem comparação. — arqueou uma sobrancelha para mim. — Meio desafiante; meio insultante. — e deu um passo para trás. — Sentinela. — disse; sua voz mais baixa agora, uma ordem para mim. — katas, se preferir.

— Liege. — disse, logo levantei minha espada em ambas as mãos, a destra sobre o punho, a canhota sobre a tampa, e as separei, desembainhei com um rápido silvo, a luz fazendo brilhar o aço polido. Caminhei sobre o colchonete e coloquei a tampa sobre a borda envernizada.

Logo, com toda a confiança e valentia que pude reunir - mais fácil agora que haviam me solicitado unir-me ao copo secreto de vampiros guerreiros - retornei para ele, o enfrentei, e segurei a katana com ambas as mãos.

— Comece. — ordenou, e deu uns passos para trás, me dando espaço. Havia sete katas de duas mãos e mais três com um único movimento. Esses eram novos para mim. Mas havia estado praticando as tradicionais katas desde que havia me convertido em vampiro, e, para dizer a verdade, queria me mostrar um pouco. Na semana em que havia estado trabalhando juntos, ele apenas havia me visto praticar as katas na forma tradicional - uma kata por vez, meus movimentos cronometrados e precisos. Mas isso não era tudo o que podia fazer...

Encurvei meu corpo, katana posicionada frente a mim. — Rápido ou devagar?

Franziu o cenho. — Rápido ou devagar?

Eu sorri maliciosamente sob meu cinto. — Escolhe sua velocidade.

— Vampiros? — perguntou em voz alta, mas seu olhar em mim. — Rápido ou lento?

Houve murmúrios de lento, mas a maioria pediu rápido!

— Rápido ao que parece. — disse ele.

Assenti, cerrei meus olhos, centrei meu peso, e me movi. A primeira kata, a espada fazendo um arco ao redor do meu corpo, logo retornando a posição





central. A segunda, um golpe para baixo. Terceira e quarta combinação. A quinta, sexta e sétima, movimentos de mão dupla em combinação com giros e paradas.

Na forma tradicional, quando o foco estava na precisão e controle, cada kata tomava de dez a quinze segundos.

Mas feito de forma rápida, poderia cobrir todo o conjunto em 20 segundos. Havia aprendido minha velocidade de meu treinador anterior, Catcher, um feiticeiro com uma ficção por Katanas e a luta de espadas. (Ele era além do mais, e não por coincidência, o namorado de Mallory e empregado do meu avô). Catcher pedia que eu praticasse os movimentos uma e outra vez, pensando que a repetição forçaria minha memória muscular. O que de fato havia feito - e havia permitido usar minha crescente força vampira, a velocidade, e agilidade, para pressioná-los em uma única dança de movimentos tão rápidas que meu corpo parecia embaçados com a velocidade deles.

Depois que desafiei Ethan em nosso segundo duelo, Ethan decidiu que precisava de um treinador substituto para Catcher. Mas não sabia o quanto Catcher havia me ensinado...

Terminei minha sétima kata, girei e me detive, espada entre as mãos, perpendicular ao meu corpo. A luz sobre nós captou a gentil curva do aço, a habitação estava em completo e repentino silêncio.

Ethan ficou me olhando fixo.

— Faça isso novamente. — disse; suas palavras apenas audíveis, um brilho em seus olhos. Não confundi esse brilho com luxúria. Ainda que a química entre nós fosse aguda, Ethan era sem ambigüidades, bem político. Sempre manobrando.

E eu era uma arma.

Era sua arma.

Esse brilho? Ganância, pura e simples.

— Liege. — disse, inclinando minha cabeça em reconhecimento, e retornei a posição inicial.

Executei os movimentos novamente, a espada formando um arco perpendicular ao chão, cortando para baixo, e cruzando e combinando para cima, as combinações de arco-giro, o tiro de reserva, o golpe sobre a cabeça. Terminei na posição final.

— Outra vez. — ordenou uma terceira vez, e acatei.





No momento em que havia passado pelas katas em sequência novamente, e logo feito outras sete ou oito repetições de uma ou duas das katas favoritas ao seu pedido, meu peito pesava com o esforço, minhas mãos suadas ao redor do cabo talhado de minha espada. Levantei o olhar, e vi os vampiros que estavam localizados no balcão de madeira que rodeava o quarto de treinamento estavam inclinados para frente, braços sobre a beirada do balcão, a curiosidade em suas expressões. Eles tendiam a me ver dessa forma - seja pela minha força, como uma curiosidade, ou a causa de meu desafortunado hábito de desafiar Ethan em duelos, como um fenômeno.

Para que conste, realmente estava planejando deixar esse hábito.

— Bem feito. — disse ele caladamente, logo se dirigiu ao balcão. — Acredito que isso responde mais que umas poucas perguntas sobre nossa Sentinela. E enquanto ela está sobre o cenário. — inclinou sua cabeça para mim. — Há algo que nossa nova Presidenta Social queira completar sobre os eventos de Cadogan que se aproximam? Pic-nics? Festas mistas?

O rubor se expandiu até a raiz do meu cabelo. Ethan havia me nomeado Presidenta Social da Casa como castigo por desafiá-lo. No que diz respeito a punição, era bastante clara. Mas foi arrasador dessa vez, e eu levei um tempo para me recompor.

— Eu estava pensando em algo para o solstício de verão. Um churrasco provavelmente. Eu pensei que poderíamos convidar os vampiros das outras Casas.

O salão tornou a ficar em silêncio enquanto Ethan considerava a idéia - e sua audiência aguardava o veredito.

— Bem. — finalmente disse com um autoritário movimento de cabeça, logo olhou a multidão. Mas sua expressão trocou para algo muito mais sério.

— Nós pensamos uma vez que nossos superiores acreditam que havíamos aprendido que para nós, que a assimilação era o melhor. Para estar sob o radar foi a melhor maneira de garantir nossa sobrevivência e manter a paz com o sobrenatural que nos rodeiam.

Até certo ponto, Celina tem feito isso impossível. Com o devido respeito para nossos amigos da Casa Navarre, ela te tratado, em cada oportunidade, de aumentar nosso perfil, para afastar os seres humanos, e afastar de nós mesmos. Em um estranho momento de humanidade, Ethan olhou para o piso, a preocupação franzindo a linha entre seus olhos.

— Nós limitamos. — repetiu. — O limite do que, exatamente, continua a ser visto. No momento, temos sido consagrados com tempos de paz e relativa





tranquilidade, um tempo no qual as Casas têm florescido financeiramente. Nossa exposição, pelas boas ou pelas más, para o bem ou para o mal, nos tem posto novamente no olho do público. Um público que não tem sido sempre amável conosco. Se nossa pseudocelebridade passou, quem sabe? Por agora, e como vocês podem ter escutado, os Metamorfos estão se preparando para se encontrar esta semana em Chicago. Temos sido informados que durante esta convocação, eles decidirão, de uma vez por todas, se ficarão em seus respectivos territórios ou removerão seu lar ancestral para o Alaska. Se eles vão, é que a maré se volta contra nós, bem, eu não preciso lembrá-los sobre nossas experiências históricas compartilhadas com os Metamorfos.

Houve murmúrios na multidão, uma faísca incomoda de magia no ar. Os Metamorfos haviam se retirado quando os vampiros estavam com problemas. Os vampiros culpavam os Metamorfos pelas mortes que resultaram disso, e os vampiros agora temiam que se a onda de humanos se tornasse contra nós, os Metamorfos os fariam outra vez, deixar-nos aqui para conter a bagagem sobrenatural.

— Como vocês sabem, não temos alianças formadas com as Manadas. Eles têm evadido tais vínculos. Mas permanece minha esperança de ter que enfrentar a animosidade, a ira, o temor, eles concordarão em nos ajudar.

Um vampiro parou. — Eles nunca nos ajudaram antes! — ele gritou para Ethan.

Ethan o olhou pensativo. — Não fizeram. Mas sugerir que eles nos devem não funcionará. Faremos o que possamos para formar novas conexões entre nós, e, entretanto...

Pausou, e a habitação estava em silêncio enquanto os vampiros esperavam suas seguintes palavras. Não obstante meus problemas com Ethan, ele sabia como manipular a uma multidão.

— Entretanto. — continuou. — Peço a vocês, não como seu Mestre, sim como um irmão, seu colega, seu amigo, que sejam cuidadosos. Tenham em conta as companhias que mantém. Sejam conscientes dos o que os rodeiam. E sobre tudo, não tenham medo de vir a mim. Qualquer um de vocês. Em qualquer momento.

Ethan esclareceu sua garganta, e quando falou outra vez, sua voz era clara e nítida; outra vez como Mestre. — Podem se retirar. — disse, e os vampiros no balcão começaram a sair do salão de luta.





Ethan caminhou para nós. — Aos meus aposentos. — disse a Luc, logo me lançou um olhar. — Você também.

— Seus aposentos? — perguntei, mas Ethan já havia se voltado, sorrindo amavelmente a uma vampira que havia descido do balcão. Não a conhecia, mas seus objetivos eram suficientemente claros no balançar dos seus quadris, o sutil jogo de seus dedos enquanto tirava seu comprido e escuro cabelo para trás da sua orelha. Inclinou-se para ele e lhe perguntou algo, ele sorriu e deu umas risadinhas, logo começou a explicar, com assistência visual, como posicionar corretamente suas mãos no cabo da espada.

Meus lábios se curvaram involuntariamente, mas antes que pudesse jogar algum comentário sarcástico, senti que alguém puxava meu rabo de cavalo. Olhei para trás.

— Vamos. — disse Luc. — A menos que prefira continuar olhando?

— Sim. — disse lentamente. — Ao que se referiam seus aposentos?

— Temos uma reunião.

A última vez que tivemos uma reunião, Ethan me contou sobre as festas clandestinas, a alimentação em massa da qual, humanos se convertiam em involuntários aperitivos dos vampiros. — Sobre as festas?

— Hoje não. Não temos ouvido mais nada sobre as raves desde a tentativa de chantagem saiu mal. Malik está trabalhando em uma estratégia a longo prazo. Hoje falaremos dos Metamorfos. Vamos, a menos que queira continuar observando?

Mostrei a língua para Luc, mas o segui quando se dirigiu para a porta do salão de luta.



A caverna da Casa Cadogan era puro negócio, a maior parte violentos, quartos de treinamento, salões de luta, quartos de operações, e de arsenal. O primeiro andar, era igual ao segundo e o terceiro, era tudo sobre a decoração.





Luzes suaves, antiguidades francesas, madeiras, móveis caros. "Hotel cinco estrelas" foi minha primeira impressão. O resto das habitações na Casa eram igualmente ostentosas, desde o masculino escritório de Ethan, a seus luxuosos aposentos.

Pegamos a escada principal da Casa para o terceiro andar. Quando chegamos aos aposentos de Ethan, Luc pegou as maçanetas das portas duplas com ambas as mãos; logo as abriu de um empurrão.

Havia estado no quarto de Ethan antes, mas apenas brevemente. Pelo que pude observar, o pedaço do terceiro andar de Ethan tinha três quartos - a sala principal, o dormitório, e provavelmente um banheiro em algum lugar da parte traseira. Estava decorado elegantemente como o resto da Casa - desde o piso de madeira as quentes paredes pintadas; desde o fogão inoxidado ao custoso mobiliário feito sobre medida. Parecia mais como uma suíte de um elegante hotel que a casa de um vampiro na plenitude de sua (imortal) vida.

Nesta viagem, dei a habitação uma cuidadosa olhada, explorando em busca de pistas sobre a psique do Mestre da Casa. E havia numerosos detalhes para examinar; os detritos de seus quatrocentos anos de vida marcavam a habitação. Um arco e flecha colados em uma parede. Uma cadeira de campana e uma secretária que parecia pronta para viajar estavam no canto; talvez remanescentes da época em que Ethan foi um soldado europeu. Um aparador estilo baixo foi centralizado contra a parede, uma dispersão de objetos acima. Caminhei lentamente, mãos atrás das costas avaliando os bens. Havia dois troféus de prata do tipo de grandes copas, uma foto de homens em trajes do estilo do século 19 (mas sem Ethan entre eles), e uma rocha plana, com símbolos gravados por cima.

Levantei o olhar. No canto do quarto, dentro de um recipiente de vidro grande, foi colocado um ovo Fabergé¹ brilhante.

— Oh, wow. — disse, caminhando para ele para olhá-lo melhor. Um pingente brilhava sobre ele, iluminando o lustroso esmalte verde primavera e o dourado dragão que o rodeava.

— Era de Peter. — disse Luc.

O olhei. — Peter?

¹ <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Faberg%C3%A9&ei=zW59Tb2LDIn1gAex9LHJBw&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CCsQ7gEwAA&prev=/search%3Fq%3Dfaberg%C3%A9%26beg%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1366%26bih%3D599%26prmd%3Dvns>





— Peter Cadogan. — Luc caminhou para mim, de braços cruzados, logo fez um gesto para o recipiente de cristal. — O Mestre vampiro que fundou a Casa Cadogan. Foi um presente da realeza Russa. — inclinou-se, batendo um dedo no cristal. — Peter era de Wales, e é uma representação do dragão de Welsh. Vê os olhos?

Assenti ao que apontava. Uma jóia vermelha delicadamente esculpida localizada nos olhos do dragão. Seis linhas brancas irradiando a partir do meio.

— É uma estrela rubi. — disse. — Formosa, e incrivelmente rara.

— Incrivelmente cara. — disse uma voz atrás de nós. Ambos no endireitamos e olhamos para trás. Ethan entrou; ainda em suas calças de combate, mas ao redor de seu pescoço havia incorporado uma toalha azul marinho que tinha o logotipo de um C em prata.

— Banho. — disse. — Sintam-se em casa.

Luc e eu nos olhamos enquanto Ethan caminhava para as portas duplas que levavam ao seu quarto. Abriu uma, deslizou dentro, e fecho atrás dele novamente.

— Um banho me cairia bem. — assinalei.

— Eu sei. Posso sentir seu cheiro daqui.

Estava a meio caminho de discretamente cheirar meu quando percebi que ele apenas me gozando. — É tão engraçado.

— É fácil.

— Estava me dizendo sobre o ovo?

— Oh! — disse Luc, logo continuou de forma ausente. — Assim que, Peter conheceu essa duquesa russa, e formaram um laço. Completamente platônico, segundo entendi, mas ele lhe fez algum tipo de favor. Ela quis lhe corresponder, de forma que o presenteou com o ovo e o enfeitou com o rubi.

— Suponho que pagava para ter amigos. — concluí, logo olhei para Luc, deixando meu tom um pouco mais sério. — Falando de Peter, algum avanço com a substituição do nosso ex-colega? — Peter Spencer havia sido excomungado da Casa por nos trair por Celina, por ajudá-la em seus planos de chantagem, e seu complô para criar mais animosidade anti Metamorfos entre os vampiros, e anti Cadogan entre os humanos.

Luc se fez de ocupado pegando algo na caixa de vidro ao redor do ovo. — Não estou pronto para falar sobre isso, Sentinela.





Assenti e enfoquei meu olhar sobre o ovo, não totalmente surpresa pela reação de Luc. Ele havia golpeado um montão de parede do quarto de operações quando descobriu a traição de Peter. O oco havia sido rebocado, mas ainda não repintado. Era como uma mancha que marcava a traição. E não era surpreendente que Luc não estivesse ansioso em confiar em alguém mais.

Uma batida soou nas portas do corredor.

— Preparativos para nossa visita. — murmurou Luc, no mesmo tempo em que as portas eram abertas por um homem com jaqueta branca. Sorriu-nos educadamente a Luc e a mim, logo se moveu ao lado de uma maneira que um segundo Chef, desta vez uma mulher de branco, pudesse conduzir o carro dentro do quarto.

O carro estava repleto de bandejas e as bandejas estavam cobertas com tampas de prata.

Era o serviço de quarto.

— Que convidado? — perguntei no mesmo tempo que, com eficiência de um serviço de hotelaria, a mulher começava a remover as tampas de prata e empilhar uns sobre os outros.

Revelando uma propagação de comida. Biscoitos. Queijos. Um arco-íris de frutas, desde exuberantes fatias de manga a medalhões verdes de kiwis. Pequenas salsichas espetadas nos palitos. Senti remorso. Mallory amava essas coisas. Mas sendo que ainda estávamos distantes, pensar nela ainda doía. Agora, foquei minha atenção de volta no banquete móvel, e a bandeja de pequenos pastéis dispostos ao redor de algum tipo sementes rosa de papoula.

— O convidado é Gabriel Keene. — disse Luc. — Ele passará para falar com seu Liege e meu.

Dei um leve bufar. — Presumo que isso significa que estão me envolvendo nas falcatruas dos Metamorfos esta semana?

— Estou surpreso com você, Sentinela.

Olhei para trás. Ethan entrava novamente na habitação, logo fechou as portas de seu quarto. Estava em calças pretas e uma camisa branca, sem gravata. A parte de cima estava desabotoada, e havia deixado de usar jaqueta. Com Luc e eu ainda em trajes de treinamento, era quase praticamente algo casual de negócios de hoje.





— Tão raramente te envolvemos em falcatruas. — disse, logo assentiu a mulher que girou o carro. — Obrigado, Alicia. Meus agradecimentos ao Chef.

Alicia sorriu, logo recolheu sua pilha de tampas de prata. Voltou-se e deixou o quarto, e o homem que mantinha as portas abertas nos deu um sorriso final enquanto saía novamente, fechou as portas atrás de si.

— Você me envolve em falcatruas em cada oportunidade.

— Ela tem um ponto, Liege.

Ethan estalou a língua. — Capitão da minha Guarda e toma partido pela minha Sentinela? Oh, quão rápido se dão voltas.

— Você é o primeiro em meu coração, Liege. É o primeiro em meu coração.

Desta vez Ethan bufou. — Já veremos. Bom, a qualquer momento, veremos onde se situam as alianças de Gabriel Keene.

Ethan olhou sobre as bandejas antes de pegar uma garrafa de água, girar a tampa, e tomar um gole.

— Boa refeição. — lhe disse.

Assentiu. — Pensei que seria amável oferecer algo para comer, e assumi que teria uma melhor oportunidade de manter sua atenção se te alimentava antes.

Tinha que lhe conceder essa. Amava comer, e o incessante metabolismo vampírico não fazia muito para esgotar meu apetite. Pelo contrário. — Apenas recordemos Ethan, que te amo por suas carnes arrumadas e por suas carnes arrumadas somente.

Desatou a rir. — Touché, Sentinela.

Sorri-lhe, logo peguei um pedaço de queijo da bandeja e o coloquei em minha boca. Era saboroso e tenro, mas tinha esse estranho gosto de fundo que o queijo fino sempre parecia possuir. — Então. — comecei, quando mordisquei um pedaço mais para uma boa mesura. — Porque Gabriel está vindo a Casa?

— Lembra-se que ele queria falar sobre o regime de segurança para a convocação?

Assenti. Gabriel o havia mencionado quando passou pela Casa fazia uma semana.

— Bom o resultado é, que você é o regime de segurança.





Fiquei em branco. — Eu sou o regime de segurança? O que significa isso?

Ethan pegou uma azeitona do palito com seus dentes. — Significa; Sentinela, que a atiraremos aos lobos.





Capítulo 3



As Escondidas.

— Te emprestei para o Gabriel. — anunciou como forma de explicação.

Apenas podia piscar. — Sinto muito, soou como se dissesse que me emprestou para Gabriel?

— Bom. Bom. — disse uma voz no umbral. — Não estou com sorte, por conseguir uma Sentinela emprestada? — sem sequer um som, Gabriel Keene, líder da Manada Central da América do Norte de Metamorfos, fez sua entrada aos aposentos de Ethan. Ficou de pé na porta, mãos nos bolsos, a luz do corredor derramando-se na habitação.

Gabe caminhou para dentro, logo fechou as portas atrás dele. — Teu segundo no mando me fez passas. Disse-lhe que as apresentações não eram necessárias.

— Gabriel. — disse Ethan, estendendo uma mão e caminhando para ele. Gabriel a sacudiu, suas pesadas botas negras crepitando no piso de madeira dura enquanto se movia.

Eles eram um interessante contraste: Ethan – loiro; alto e delgado; vestido com uma impecável camisa e calças. Gabriel - cabelo castanho alvoroçado, ombros amplos, vestido com jeans e uma camiseta preta. Ethan não ficava atrás, mas Gabriel era tão masculino, e toda essa energia de Metamorfos praticamente pairava no ar da habitação. Considerei a sua muito grávida esposa, Tonya, uma garota com muita sorte.

Quando ele e Ethan haviam terminado seu varonil aperto de mãos, Gabriel levantou o olhar para mim. — Qual a tarifa habitual por um empréstimo de Sentinela nestes dias?





— Paciência. — disseram Luc e Ethan ao mesmo tempo.

Um indício de sorriso apareceu no rosto de Gabriel. Rolei os olhos.

— Lembra-se de Luc, Capitão dos meus Guardas? — Ethan disse, apontando Luc. — E a Merit, claro?

Gabriel assentiu para cada um de nós por vez.

— Sirva-se de comida. — Ethan disse, estendendo um braço para o carro.

Gabriel sacudiu sua cabeça, logo fez um gesto para um dos sofás atrás de Ethan. - Posso me sentar?

Ethan assentiu amavelmente, logo se uniu a Gabriel na área dos assentos. Luc os seguiu. Agarrei um biscoito e fiz o mesmo, mas me sentei no chão de pernas cruzadas.

— Acabamos de treinar. — disse a Gabriel com um sorriso de desculpa, logo assinalei uma cadeira vazia Luiz XIV ao lado de Luc. — Preferia não ter um sermão sobre arruinar antiguidades.

— Minha Sentinela é atualmente alta em uma mescla de queijo e carboidratos. — Ethan disse a Gabriel como comparsas. — Respeitosamente, eu a ignoraria se fosse você.

— Vou deixar esse trabalho para você. Talvez devêssemos começar a trabalhar.

— Sinta-se livre.

Gabriel franziu o cenho, cruzou o tornozelo direito por cima de seu joelho esquerdo. — Será melhor começar do principio. Os Metamorfos são um grupo independente. Não quero dizer que vivemos uma existência solitária, totalmente o oposto. Estamos organizados em Manadas, depois de tudo. Mas tendemos a viver as margens da sociedade humana. Os vampiros normalmente pensam como uma tenda de campanha e a gangue Jeep, um porco e sua gangue Harley, rockn'roll e a gangue de Jack Daniel.

Apesar de que havia ouvido essa descrição, os únicos Metamorfos que conhecia além de Gabe - era Jeff Christopher, um Metamorfo/gênio em computação e um dos empregados do meu avô, e a família Breckenridge de Chicago, que eram endinheirados - eram exatamente o oposto. Por outra parte, os





Brecks haviam tentado nos chantagear.

Gabriel encolheu os ombros, e sua voz se suavizou um pouco. — Essa descrição não é inteiramente falsa. E isso significa que desde o ponto de vista do temperamento, os membros das Manadas estão geralmente desinteressados nos humanos, em outros sobrenaturais. Não estão interessados na estratégia.

— E estão interessados em que? — Luc perguntou.

— Na família. — Gabriel disse. — Suas famílias, seus filhos, na união das Manadas. São leais, e como um, eles seguirão as decisões da Manada. Mas essa atitude, os pode fazer, digamos, uma ilha.

Ethan umedeceu os lábios, como se dispusesse abordar um tema incomodo. — Tem tido rumores sobre a Manada retornando para a casa Aurora.

Aurora era a casa ancestral que Ethan havia mencionado antes, um pólo remoto no selvagem norte do Alaska. Pelo que eu havia entendido, era aonde os Metamorfs se reuniam quando precisavam escapar das armadilhas humanas. Era também um lugar para se esconder - para desaparecer quando as coisas se complicavam... ou quando os vampiros se metiam em problemas. Era sua retirada coletiva quando a vida sobrenatural se colocava muito pegajosa.

Eu era um vampiro por menos de três meses. O drama era ocasionalmente avassalador, por isso entendia a vontade de retirar-se. Mas não estava emocionada pela idéia de ser deixada para trás.

Para seu crédito, Gabriel conseguiu se retorcer debaixo do olhar interrogativo de Ethan. Mas uma baixa onda de magia preencheu a habitação, como um silencioso grunhido, desagradavelmente áspero.

Lutei contra o impulso de rolar meus ombros contra o incômodo formigueiro. Também abri a conexão telepática entre eu e Ethan para oferecer uma advertência silenciosa.

— *Está ficando bravo. Movimente-se cuidadosamente.*

— *Estou deixando provar as águas.* — Ethan contestou em resposta. A resposta era surpreendente. Ethan era geralmente estrategicamente conservador.

Eu costumava pensar que somente ele poderia acionar a conexão entre nós. Aparentemente eu era simplesmente ignorada.





— Minha intenção é convocar as Manadas; a decisão final sobre isso será feita pelos líderes das Manadas. Mas assumindo que nossa conversa vá bem, convocaremos, e decidiremos se permaneceremos entre os humanos, ou regressaremos aos bosques. E se a Manada decidir que nós iremos. — Gabriel adicionou com gravidade. — Então nós iremos.

— Porque agora? — Ethan perguntou.

— Sabemos que os feiticeiros começaram a ver coisas, que as profecias estão começando a aparecer. Profecias de guerra. De batalhas que virão.

Ethan assentiu. Havia ouvido Catcher oferecer algo assim como uma profecia.

— Tem ouvido falar dos grupos subterrâneos?

Ethan se inclinou para frente. — Que grupos subterrâneos?

Gabriel fez a expressão de um homem a ponto de dar as más notícias. — Grupos anti presas. Humanos que acreditam que a aparição dos vampiros é o primeiro sinal do Apocalipse..., ou da segunda Guerra Civil Americana.

Ethan ficou imóvel.

— Não sabíamos. — Luc ofereceu. — Não ouvimos rumores.

— Como disse, o movimento é ainda subterrâneo. Temos ouvido sobre encontros no leste do Tennessee, mas soa como se ainda fosse rural, passado de boca em boca, panfletos escritos a mão, esse tipo de coisas. Mas cedo ou tarde, será algo eletrônico. Preferimos não estar aqui quando isso aconteça.

Ethan recostou em sua cadeira, mas não antes de compartilhar um significativo olhar com Luc. Assumi que estavam falando silenciosamente sobre alguma estratégia para obter informações sobre o grupo anti presas.

— Entende minha preocupação. — Ethan disse. — Sobre sua retirada. Se levarem seus números; suas habilidades; seu poder; se funde de novo com a natureza, então nos deixam aqui.

"Apenas" era a palavra que Ethan não disse - sozinhos contra uma marcha da opinião humana, se Gabriel tinha razão sobre os rumores subterrâneos, começando já a voltasse contra nós.





Gabriel sacudiu a cabeça. — Se ficarmos, o que será de nós? Entendo seu medo...

Ethan levantou uma mão, o detendo. — Com todo o devido respeito, Gabriel, você não entende nosso medo.

Isso causou outra faísca de adrenalina, desta vez emanando do lugar de Ethan. As tensões estavam subindo, a carga coletiva de anos de animosidade entre estes homens e as pessoas que tentavam proteger.

Gabriel se colocou de pé, logo passou para um canto da habitação. Encostou-se contra a parede mais distante, colocando espaço entre ele e o resto de nós, logo levantou seu olhar para nós novamente.

— Tem sorte, em certo sentido, de que os humanos acreditam entender os vampiros. Podem acreditar que era um mito, mas também acredita entender sua biologia. Os humanos alternativamente têm buscado unir-se a vocês ou exterminá-los. Mas nós? Seríamos vistos como animais. Sujeitos a experimentos.

Embora Catcher uma vez, me falou que Jeff poderia cuidar-se sozinho, tive um repentino impulso feroz de encontrá-lo e abraçá-lo, de me assegurar que estava a salvo de qualquer pessoa que tentasse lhe fazer mal.

— Se nós ficarmos. — Gabriel disse; seu olhar no piso. — Seremos marginalizados, é inevitável. E nada prazenteiro depois.

O peso de suas palavras pairava no silêncio que se seguiu.

— Então talvez. — Ethan disse depois de um momento. — Seja tempo de nos entendermos uns aos outros como somos, sem falsas expectativas entre nós.

— Não estou seguro de que possamos limpar o passado. — Gabriel disse. — Há muita história.

Eu também vi a minha chance, assim a peguei. Coloquei-me de pé, logo olhei entre ele, e usei um pouco dessa técnica para dar discursos em que Ethan era tão bom.

— Teremos uma grande oportunidade. — lhes disse, logo olhei Ethan. — A maioria dos humanos, ao menos no presente, pensa que os vampiros são geniais. A animosidade deve ser gerada novamente, mas por hoje estamos a salvo.





Logo me voltei para Gabriel. — Se essa convocação ocorrer será para falar, certo? Para decidir o que fazer? — com seu assentimento, continuei. — Logo terão tempo para tomar uma decisão. Tem o luxo de traçar um curso, em vez de somente reagir ante uma crise, quando a distancia para proteger sua gente seja a única opção real.

Detive-me por um momento, piscando enquanto pensava o que dizer na continuação. Quando nada floresceu em minha mente, simplesmente disse a verdade. — Não tenho inveja ou nenhuma decisão do que fazer em seguida. E não tenho sido um vampiro por tempo suficiente para ter o mesmo sentimento de história que vocês têm. Mas talvez é tempo de tentar algo diferente? — olhei para o Gabriel. — Convoca. Fale com sua gente sobre Aurora. Mas pensa sobre pedir algo mais para eles. Algo mais do que tenha dado antes.

Olhei para Ethan, cuja cabeça estava inclinada pensativamente e apreciativamente enquanto me olhava em resposta.

— Os vampiros estão bem conectados. — lembrei-lhe. — Se os Metamorfos ficam e são forçados a sair do armário, então o que podemos fazer nós sobre isso? Como podemos ajudar? Sacrificam-se por nós, como podemos assegurar que não vão fazer sozinhos?

Abri a boca para continuar, mas me dando conta de que havia dito tudo o que necessitava dizer, fechei novamente. Os seguintes passos teriam que ser seus.

Houve um longo momento de silêncio, quebrado quando Gabriel finalmente assentiu.

— Talvez pegue algo para comer. — disse, logo caminhou para o carro.

Com esse simples gesto a tensão se evaporou.

Não pude evitar compartilhar com Ethan um sorriso vitorioso que se levantou em um canto da minha boca. Rodou seus olhos mas se levantou de sua cadeira e caminhou para mim.

— Impressionante. — sussurrou quando me alcançou.

— Tudo em uma noite de trabalho.

Assentiu com a cabeça, em direção ao líder atualmente olhando a





variedade de queijos, carnes e biscoitos. — É um homem feito do seu coração.

— Ele não é o único que aprecia o meu amor por comida. Quero dizer, você pode considerar que eu tenho treinado bem.

Arqueou uma sobrancelha; duvidoso, e sua voz não poderia fazer um som mais sarcástico. — Desculpe?

Luc soltou uma risada de sua cadeira, com o queixo na mão, enquanto nos observava com óbvia diversão.

— Oh, captei essa, Sentinela. Liege, com todo respeito, que tenha feito esta reunião para dar comida e bebida.

A expressão de Ethan empalideceu um pouco.

Considerarei isso outra vitória.

No momento em que voltamos a nos reunir, Gabriel e eu havíamos comido nossa cota de lanches Cadogan. Estávamos reunidos na sala de estar novamente. Sentei-me de pernas cruzadas no chão; Ethan, Luc e Gabriel sentados nas cadeiras e sofá.

— Agora que temos discutido a filosofia. — Ethan começou. — Como podemos ajudar com os projetos?

Gabriel enfiou um pedaço de salsicha em sua boca. — Primeiro de tudo, nos reuniremos amanhã à noite com os líderes das Manadas Americanas. — me olhou, diversão brilhando em seus olhos. — Pontos bônus, Gatinha, se pode nomear os outros líderes das Manadas.

— Deve saber isso do Canon. — Ethan adicionou. Rodei meus olhos, mas interpretei o papel de aluna obediente..., e agradecia a Deus realmente ter lido o capítulo no guia de referência sobre as populações sobrenaturais. (Capítulo7: "Para cima os sobrenaturais!")

— Oh, uh, Jason Maguire, Atlântico Consolidação. Robin Swift, Ocidente. — apertei meus olhos fechados, tentando mentalmente retornar nas páginas do Canon para encontrar o nome final. — Grande Noroeste..., humm.

— Aqui tem uma pista. — Luc disse. — Seu nome a metade de um tigre de desenho animado, e meio jogador de futebol.





Iluminou-me a idéia. — Tony Marino, Grande Noroeste.

Gabe assentiu. — Bem feito. De todos os modos, o ponto deste encontro será nos assegurarmos que todos os alfas estão a bordo. As Manadas seguirão as instruções de seus algozes. Não preciso que Robin, Jason e Tony tomem a decisão de ficar, mas necessito que estejam de acordo de levar a pergunta a Manada é o curso correto de ação. — inclinou-se para frente, cotovelos em seus joelhos, mãos cruzadas a sua frente. — Preciso que aceitem a possibilidade de que o Status Quo vai sofrer uma profunda mudança no final de semana, de uma forma ou de outra.

— Espera que rechacem a convocação? — Luc perguntou.

Gabriel franziu o cenho. Seu olhar no pequeno prato em sua mão enquanto recolhia seu conteúdo. — Não espero muito drama da parte de Jason ou Robin. — disse. — Mas Tony é outra história. O grande Noroeste tem sua sede em Aurora, e ele é rápido em apertar o botão de pânico. Ele gosta de jogar de rei do castelo. E se pensa que há algum argumenta que deveríamos voltar para casa, tentará nos mandar para lá antes de uma convocação. — deu de ombros.

— Alfas não emitem ordens do alo, nem tampouco no limitamos a seguir nossa própria agenda. Tomamos as melhores decisões para a Manada; encarnar a voz coletiva, em uma maneira de falar. Bom, vamos saber quando aprendermos. Darei-lhes a direção para a reunião. Quando chegarem lá, encontrarão a Berna. Dificilmente não a verão.

Ethan assentiu em acordo. — E depois da reunião?

— Assumindo que tudo irá bem, nós os convocaremos na sexta-feira.

Hoje era terça-feira. — São três dias tempo suficiente. — perguntei em voz alta. — Para que se reúnam todos os membros da Manada em Chicago?

— Não serão todos os membros da Manada, somente os ativistas. Alguns já estão aqui, alguns estão esperando ordens. Vocês conhecem os Breckenridge, o tipo de vida que levam. Eles estão atados a este território. A maioria de nós é nômade.

— Aonde será a reunião? — Ethan perguntou.

— Temos encontrado um lugar no povo Ucrâniano, alguns de nossos membros têm conexões no bairro da Pátria Mãe. — deu de ombros. — É um perfil mais baixo do que alugar o salão de festa no Hyatt.





Ethan assentiu. — E onde entramos nós? Disse que queria falar sobre o regime de segurança. Era isso em referência a convocação ou a reunião, ou ambos?

Gabe fez um gesto com um biscoito. — Ambos. E atualmente tenho a ambos, você e Merit em mente. Ambos são habilidosos, capazes. Oferece algo extra a mesa.

— *Algo comestível?* Silenciosamente perguntei. *Ou algo relacionado com o aço e as características samurais?*

— Vocês se lembram do porque estamos nos reunindo. — Gabriel disse; em resposta a minha pergunta silenciosa. — Se recordam o que está em jogo, e por isso que pedi que viagem de Aurora ou de Charleston ou do Bronx para Chicago. Lembram as consequências da decisão a tomar, de deixar os assuntos entre os humanos e vampiros para trás. E além do mais. — adicionou, olhando para mim com humor. — Tem a atenção de um dos meus membros favoritos da Manada. Entendo que você e Jeff Christopher são amigos?

Minhas bochechas incendiaram com um quente rubor. Jeff era um amigo; ele também sentia uma grande atração por mim. Mas mais importante, havia feito aos vampiros alguns sérios favores, ajudando-os a descobrir que Peter era o traidor que ajudava a Celina dentro das salas da Casa Cadogan.

— Jeff é um amigo fabuloso. — estive de acordo.

— Ele foi uma parte fundamental na resolução da ameaça dos Breckenridge. — Ethan adicionou.

Gabriel assentiu. — Jeff é boa gente, e seu avô, Merit, tem feito bem com ele. Jeff está em boa situação, e não está tomando as políticas do conflito Vampiros/Metamorfos. Mas não estou certo de que está com a maioria. Vou ser honesto Ethan. Acredito que as probabilidades de que eles decidam dirigir-se para casa são bem grandes – sessenta; setenta por cento talvez. E se isso for o que decidirem, vou acatar essa decisão. Minhas responsabilidades é dar voz ao debate, deixar que alcancem a melhor decisão para as Manadas, a forma como é definido.

— Entendo. — disse Ethan em voz baixa. — Aprecio sua sinceridade, e que leve a questão a Manada. — mas não era fácil dizer que isso não era o que eu quis dizer, e que tinha mais palavras escolhidas para a possibilidade de que os Metamorfos não tomaram, por uma vez, a decisão correta.

Gabriel olhou Ethan. — Sei que tem pessoal de segurança, e que eles são provavelmente capazes de fazer isto por conta própria. Mas consideraria um





favor pessoal se pudesse estar ali. Que um Mestre participe, mostra a Manada que os vampiros estão preparados para escutar, não apenas julgar. Isso é importante.

Ethan deixou que o peso dessas palavras pairasse no ar por um momento. — Neste ponto, antecipando violência?

Entendi que o perguntava por que os Metamorfo; como os feiticeiros, pareciam ter alguma chave para o futuro.

— Lhe serei honesto, não me surpreenderia. Estamos falando de pessoas com muitas emoções contidas e algumas idéias muito específicas sobre se deveriam pegar umas longas férias a sofrer um verão em Chicago porque os vampiros não estão jogando limpo. Estou parafraseando nisso, claro. — o tom de Gabe não poderia ter sido mais seco.

— Não tenho nenhuma objeção em participar. — disse. — Mas já que efetivamente nós estamos pedindo a ela que se arrisque pelo bem daqueles que, em última instância, poderiam abandoná-la, acredito que o melhor é que se permita a Merit decidir por si mesma se assistirá. — olhou-me, provavelmente viu o choque em meu rosto, e levanto uma sobrancelha em forma de interrogação. — Merit?

Levou-me um momento para me recompor, não pela pergunta, estava obrigada por juramento e honra a ajudar a proteger a Casa Cadogan, e isto claramente contava entre esses deveres, mas porque ele confia em mim o suficiente para me perguntar isso.

— Claro. — disse, deslizando meu olhar até Gabriel e assentindo para deixá-lo saber que o trato estava feito.

Soltou uma lenta respiração, logo se inclinou para frente e colocou seu prato de petiscos na bandeja em cima da mesa de centro colocada entre ele e Ethan. — Uma coisa mais. — disse. — Nos términos das regras de combate, preciso lhe pedir que não tomem ação a menos que sejam requeridos. Penso que os benefícios de que estejam ali compensam o risco, mas se fazem um movimento não solicitado sobre um Metamorfo em frente a quatro Manadas, já não estaremos falando hipoteticamente sobre uma guerra. Estaremos malditamente no meio de uma.

— Entendido. — Ethan disse depois de um momento.

Com isso, Gabriel se colocou de pé, logo olhou entre Ethan e eu. — Sei que





está não é o tipo de coisas em que normalmente participam. Aprecio sua ajuda, incluindo se estamos jogando os de vampiros simbólicos. — olhou para Luc. — Presumo que quer o material adiantado?

Luc assentiu; cachos loiros saltando ao redor de seu rosto. — Isso seria apreciado.

— Bem. Uma vez que estamos certos de que isto é um fato, enviarei as instruções sobre o local, algum mapa interior no caso de que queiram pensar sobre os protocolos, saídas, o que seja. E faça-me um favor, sem Armani. Não funcionará com essa multidão.

— Sem Armani. — Ethan concordou.

— Então eu vou lhe enviar o endereço em breve, e os verei amanhã à noite. — deslizou seus olhos castanhos em minha direção. — Couro, talvez, Gatinha?

— Estou certo que encontrará algo apropriado. — Ethan interveio sombriamente, levantando uma mão. — Tem minha informação de contato. Estaremos esperando os detalhes.

Caminharam para a porta, o líder dos vampiros e o líder dos Metamorfos, o destino de milhares em suas mãos. Saudaram-se, e quando Ethan abriu as portas, Helen - a mãe recepcionista da Casa - estava esperando ali, provavelmente para acompanhar Gabriel até abaixo. Ethan devia ter usado sua coisa telepática para lhe dar instruções.

Quando teve as portas fechadas outra vez, Ethan se encaminhou direto para o carro e abriu uma caixa de Blood4you.

— E dizem que os vampiros é que são dramáticos. — Luc entooou.

Ethan terminou a caixa em um só trago, logo amassou o recipiente em sua mão. Quando nos olhou novamente, seus olhos normalmente verdes agitaram com traços de prata. Havia se colocado um pouco vampiresco, e não tinha certeza se era por causa do sangue, ou porque o sangue o havia trazido novamente ao modo completo de vampiro.

Luc pegou sua própria caixa de sangue do carro e colocou um canudo descartável dentro. — Lindo pequeno discurso o que disse ali, Sentinela.

Dei de ombros. — Sou uma Merit. Podemos dar uma boa palestra quando





surge a necessidade.

— Bem feito. — Ethan esteve de acordo.

Cruzei meus braços e inclinei minha cabeça para Ethan. — Se eles se vão, é realmente uma perda? Quero dizer, temos sobrevivido, e eles nunca tem se colocado do nosso lado antes, então porque importa? Incluindo se ocorre o pior, se Celina começa algum tipo de guerra interna entre os vampiros ou os humanos se voltem contra nós, o que importaria se eles já não estão?

— Os vampiros são predadores. — Ethan disse. — Os humanos caminham sobre a linha entre predadores e presas. Mas os Metamorfos são parentes e amigos da mesma terra. Eles têm poderes que poriam em vergonha as habilidades de Catcher. Nós carecemos de magia. Os feiticeiros podem usar essa magia, conduzi-la, moldá-la conforme seus desejos. Mas os Metamorfos são magia. São parte de tudo o que os rodeiam. Se eles se retiram, nós perderemos essa conexão com o mundo, com a terra, com Chicago, e todos seremos menos por isso. Perderemos sua força. Perderemos também seus números. Perderemos potenciais aliados que poderiam nos defender, e como assinalou; quem pode confiar em nós para defender a eles.

— Se nos abandonam de novo. — Luc disse em voz baixa. — O dano pode ser muito pior não estaríamos apenas lutando contra um exército de camponeses franceses com mosquetes e alguma baioneta ocasional.

— Bem, não continuemos a martelar ferro frio. — Ethan disse depois de um momento. — A pré-reunião é amanhã à noite. Apareceremos, empunharemos nosso aço, e provavelmente aprenderemos muito mais sobre os Metamorfos. Isso é tudo o que podemos fazer por agora. — me olhou. — Estou um pouco preocupado sobre se suas habilidades de combate serão necessárias. E ainda não pode me superar um mano a mano.

— Mas ela maneja as katas como um Mestre. — Luc disse, levando sua caixa de bebida para o lixo. — Ao menos é meio habilidosa.

— Preferia ser boa nos dois. — disse, entre umas mordidas na salsicha. Estava boa, carnuda e saborosa, com a quantidade certa de molho.

— Já chegará. — Ethan disse; seu tom confiante. — Dada a natureza fragmentada de sua mudança, sejamos pacientes. Bom, ao menos até que treinamos amanhã à noite.

— Talvez amanhã seja o grande dia. — disse, desejando que não tenhamos que esperar muito mais. E falando de problemas que esperam ser solucionados...





— Já que estamos aqui, o que me podem dizer sobre a Guarda Vermelha?

As cabeças de Ethan e Luc se ergueram tão rápido, e com tanto alarme em suas expressões que haveria pensado que tinha sugerido vampiricídio.

Ethan se sentou no sofá, logo rodou seus ombros como se a tensão de repente houvesse voltado insuportável. — Aonde escutou sobre a Guarda Vermelha?

Peguei a ponta de um quadrado de cheddar e o enfiei na minha boca, com o objetivo de parecer indiferente. — Havia algumas referências em um par de livros da história vampírica que encontrei na biblioteca.

Quando Ethan arqueou uma sobrancelha para Luc, gaguejou uma resposta.

— Oh, bom, você está na necessidade de saber, Sentinela. — Luc disse, logo levantou as suas sobrancelhas para Ethan como aguardando o visto para continuar. — E justamente agora não precisa saber.

Eu levei o axioma², assumindo que Luc estava citando um filme que eu não havia ouvido falar, e olhei para Ethan. Eu estava olhando, sua expressão plana. Imaginei que ele não iria discutir o GV. Eu sabia que estaria contra a organização e seus propósitos, mas esperava ácido, não o silêncio. Dado seu grande amor por discursos, isto era toda uma conquista.

— Bem. — disse, me colocando de pé. — Se nesse caso, temos terminado por hoje, parto. — olhei para Ethan. — O verei na primeira hora no Salão de Combate.

Ethan assentiu. — Você pode ir.

— A acompanho até as escadas. — Luc disse, saltando do sofá. Voltou seu olhar para Ethan. — Preciso ver uma garota..., sobre uma garota.

— E falando de coisas que não preciso saber. — Ethan disse rapidamente, e o despediu com uma mão. — Vá vê-la.

² Na lógica tradicional, um axioma ou postulado é uma sentença ou proposição que não é provada ou demonstrada e é considerada como óbvia ou como um consenso inicial necessário para a construção ou aceitação de uma teoria. Por essa razão, é aceito como verdade e serve como ponto inicial para dedução e inferências de outras verdades (dependentes de teoria).





Luc pegou um palito de salsicha e queijo antes de me acompanhar até a porta. Quando estávamos no corredor, as portas fechadas atrás de nós, Luc começou a soltar.

— A GV é a versão vampira da aplicação da lei no departamento de assuntos internos. Foram criados para proteger os membros originais do conselho francês, mas seguem ao redor. Agora são mais uma organização de cães vigilantes. Isso os faz problemáticos.

Dirigimo-nos para as escadas, logo descemos para o segundo andar. — É por isso que Ethan não gosta de falar sobre eles?

— Sentinela, te parece que Ethan Sullivan seja o tipo que gosta que sua autoridade seja desafiada?

— Não é realmente o seu lugar. — concordei. Foi exatamente por isso que me contive ao dar uma resposta a Noah. Não é que pensasse que manter um olho no Mestre fosse uma má idéia, por exemplo, no caso de Celina, mas poderia apreciar a sensibilidade de Ethan.

Detivemo-nos em frente à porta do meu local favorito na Casa Cadogan, a biblioteca.

Luc olhou a porta, logo para mim. — Está procurando mais informações inapropriadas?

— Se não nos mantermos alertas, Luc, que diversão teria?

Sacudiu a cabeça; divertido, mas logo se voltou e se dirigiu direto para as escadas..., e para o quarto de Lindsey. — Tem que ver uma garota sobre uma garota?

Gritei-lhe.

Respondeu com um gesto de mão. Isso era o que obtinha, supus, por contestar a um vampiro.

O luto era um sentimento miserável. Um amigo me disse uma vez que a dor vinha com o fim de uma relação era doloroso porque a morte de um sonho - o futuro que havia imaginado com um amante, com um amado, um filho, ou um amigo. Essa perda era sua própria dor, quase uma coisa tangível. Tinha que





reimaginar seu futuro, talvez em um lugar diferente, com pessoas diferentes, fazendo diferentes coisas das que havia imaginado no começo.

No meu caso, era imaginar um futuro sem minha melhor amiga - sem Mallory. Nós havíamos dito muitas coisas prejudiciais, coisas que se interporiam entre nós. Havíamos falado desde então, mas essa brecha continuava ali, uma barreira que parecia inquebrável, ao menos por agora.

Era talvez o tipo mais frustrante de ruptura - quando a pessoa que ama vive passando em uma rua, no mesmo edifício, ou cruzando a cidade, mas de qualquer jeito é inacessível para você.

Não me atrevia a chamá-la. Não pareceria correto - como uma chamada que violaria o silêncio que havíamos acordado.

Isso foi o que me levou até meu carro duas horas antes do amanhecer - duas horas antes que o sol me mandasse ao profundo da inconsciência (pior, sim não era cuidadosa) me dirigindo ao norte de Hyde Park ao Wicker Park, ao bairro de Mallory.

Prometi-me que não conduziria passando no edifício de ladrilhos que havíamos compartilhado; parecia um pouco estranho inclusive para mim. Além do mais - ver as luzes acesas, o brilho da televisão, a sombra de pessoas em frente à janela - me faria muito mais miserável. Sua vida não se suponha que devia continuar. Sabia que soava mesquinho, mas se suponha que também deveria ser difícil para ela. Que deveria estar de luto, como eu.

Em vez disso fui ao lago Shore Drive. Conduzi mais além de sua saída, o lago a minha direita, logo desliguei o rádio e desci a janela. Conduzi até terminar a rua. E logo parei.

Estacionei e saí do carro, me recostei contra este e olhei fixamente a água. Com um grande espaço entre o Wicker Park e a Casa Cadogan, eu deixei cair às defesas que havia levantado, e deixei que os sons e cheiros de três milhões de pessoas, sem mencionar os vampiros e os Metamorfos e Fadas, me dominarem.

E nesse som e sensação do oceano, me perdi por um tempo, encontrando o vazio, o anonimato que precisava.

Fiquei ali, meu olhar na água, até que estive pronta para retorna para casa novamente.





A Casa estava ainda iluminada quando retornei; os vampiros dentro ainda estavam se preparando para o amanhecer. As Fadas mercenárias que cuidavam do portão estavam de pé tranquilas e imóveis. Uma delas assentiu quando passei. Depois que atravessei o portão e dentro dos vastos terrenos da Casa, parei e levantei meu olhar para o céu. Era ainda de um negro como tinta. Faltava pouco tempo para o amanhecer.

Minha alma estava mais tranquila do que estava quando fui, mas não estava tranquila suficiente para retornar para dentro. Em vez disso, pisei no gramado e caminhei sobre ele, ao redor da Casa. O pátio traseiro de Cadogan era como o pátio de recreio para uns vampiros atados a noite - churrasqueira, piscina e uma fonte dentro de um jardim bem cuidado. Estava vazio agora, os vampiros, mas dormindo, já dentro.

Caminhei até a piscina em forma de rim, me ajoelhei próxima a ela e percorri com os dedos a superfície da água.

Não levantei o olhar quando ouvi suaves passos.

— É uma noite agradável. — disse.

— Sim, é. — sacudi a água com meus dedos, logo me coloquei de pé novamente. Ethan estava no outro lado da água em suas calças e camisa, com suas mãos nos bolsos da calça, seu cabelo atrás de seus ouvidos, a medalha de ouro Cadogan aparecendo no triângulo de pelo no oco de seu pescoço.

— Você deixou?

Assenti. — Por pouco tempo. Somente para clarear minha cabeça.

Inclinou sua cabeça para mim. — Metamorfos?

Presumi que ele estava perguntando se eles eram a razão que eu precisava de espaço. — Feiticeiros. — o corrigi.

— Ah! — disse, logo baixou seu olhar até a água. — Mallory?

— Sim. Mallory. — sabia que tínhamos brigado. Não acreditava que suporia que ele era a razão por que havíamos brigado, da parte dela, de todas as formas.

Ethan cruzou os braços sobre o peito. — A transição pode ser um saco para





os amigos. Para nossos entes queridos.

— Sim, definitivamente pode ser. — estive de acordo, logo optei por trocar de assunto. — O que está fazendo aqui fora? Metamorfos?

— Sim. — repetiu, um indicio de sorriso em seu rosto. — Metamorfos.

— Talvez os Metamorfos tenham razão. — disse. — Quero dizer, partir para o bosque, mantendo-se por eles mesmos.

— Sua teoria é que se não tem contato com ninguém, não pode ser ferido por eles?

Essa era uma esperta conclusão para um vampiro de quatrocentos anos de idade que parecia usualmente desorientado sobre as emoções humanas. — Essa seria a idéia, sim.

Desta vez quando me olhou, havia tristeza em seus olhos. — Não quero que se torne fria, Merit.

— Não querer ser ferida não é o mesmo que se tornar fria.

— Não no começo. — disse. Aproximou-se de uma parede de azulejos que rodeava a piscina e encostou-se a ela, com os tornozelos cruzados a sua frente, os braços ainda cruzados. E logo me olhou, as luzes da piscina fazendo que seus olhos brilhassem como os de um gato.

— Agora que você finalmente concluiu a mudança, cuidado com a influência da insensibilidade. Os seres humanos aceitam o conceito de morte; pode não desejá-lo, mas deve reconhecer que a decadência do corpo humano é inevitável. Vampiros, por outro lado, tem a possibilidade de imortalidade. Eles gritam estratégias para proteger e, muitas vezes esquecem os detalhes entre a mudança e a estaca de madeira. — sacudiu a cabeça. — É uma maravilha de força vampírica, e apesar disso entesoura sua humanidade e cuida gratamente daqueles que estavam em sua vida antes da troca. Mantenha-se desse modo. — disse. — Mantenha-se da forma que é.

— Para paquerar comigo, Sullivan. — disse secamente, mas não estava brincando. Ethan era o suficientemente sedutor quando estava sendo sarcástico; mas não estava preparada para o Ethan cortês.

— Estou sendo completamente sincero. — Ethan disse, levantando uma mão e sustentando dois dedos no ar. — Palavra de escoteiro.





Fiz um som de dúvida, logo levantei meu olhar para o céu. À medida que a terra girava sobre seu eixo, o anil da noite começava a trocar e clarear.

— Deveríamos entrar. — sugeri. — A menos que queira provar suas defesas contra a alergia pela luz solar?

— Passaria no teste. — Ethan disse de pé e estendendo uma mão, passei junto a ele, através do pátio até o pátio de azulejos que nos conduzia de volta para Casa, até a porta traseira. Quando alcançamos a porta, se esticou para agarrar a manga, mas se deteve.

Levantei meu olhar para ele.

— Não sou seu pai, já sabe.

Levou-me um momento para encontrar a fala. — Desculpe?

— Sou capaz de lhe dar um elogio e ser completamente sincero sobre ele.

Abri a boca para contestas, mas me dei conta que tinha um bom ponto.

Oferecer um elogio para animar alguém para fazer algo era justamente o tipo de coisa que meu pai faria. Dei crédito a Ethan por reconhecer a diferença.

— Nesse caso, obrigada. — lhe disse, com o início de um sorriso em meus lábios.

Assentiu de boa vontade. — De nada. Eu a vejo de noite.

— Boa noite, Sullivan.

— Boa noite, Sentinela.





Capítulo 4



O que acontece em Chicago... Fica em Chicago.

Despertei de repente, ajeitando-me para cima em minha cama no quarto da Casa Cadogan, em meio a um monte de livros sobre Metamorfose americanos. Tirei a longa franja do rosto, percebendo que eu havia dormido de novo no meio da minha sessão de estudos. Isso era o difícil de viver durante a descida e subida do sol, tratava-se de uma profunda, vertiginosa diminuição na inconsciência quando o sol começava a surgir, e um disparo quando o crepúsculo caía novamente.

— Bem vinda à vida dos vampiros. — murmurei em voz alta, uma saudação que um ex-amigo - um ex-namorado - havia me dito uma vez. Organizei os livros em pilhas em minha cama, me coloquei de pé e me estiquei. Pelo menos tinha pensado em vestir o pijama antes de cair na inconsciência, minha blusa de – LICENSA PARA FERIR – ergueu-se quando levantei meus braços sobre a cabeça enquanto me espreguiçava. A blusa laranja não combinava exatamente com os shorts azuis que eu vesti, mas quem ia vê-lo? No que me diz respeito, dormir com feios e desconfortáveis trapos era uma das principais vantagens de estar solteira.

E eu estava definitivamente solteira.

Havia estado realmente sozinha por um tempo, se não contasse as poucas semanas que passei quase saindo com Morgan. Havia “ganhado” o direito a sair comigo ao desafiar Ethan diante da metade da Casa Cadogan, Noah e Scott Grey.

Tínhamos tido uma série de meios encontros então. Infelizmente, enquanto o “meio” era final da minha parte, Morgan parecia ser o – todo dentro – desde o primeiro momento. Eu não sentia o mesmo e ele estava convencido que minha reticência tinha algo a ver com minha relação, física e vice versa, com Ethan. Podia admitir que Ethan estivesse em minha mente, mas do que me fazia sentir confortável, mas chamar a nossas interações de uma “relação” era como chamar a uma equipe de Softball de escritório de filhotes. Os morcegos se balançavam do mesmo jeito, mas simplesmente, não era o mesmo.





Tendo-me esticado, olhei para o relógio com alarme. Estávamos em meados de Junho, por isso os dias eram cada vez mais longos e minhas horas de consciência diminuía um pouco a cada dia até que o solstício de verão³ fizesse click no relógio até a outra direção. Calculando que poderia atrasar minha inevitável sessão de treinamento com Ethan apenas por um tempo, coloquei as pilhas de livros no chão e em seguida os meus pés.

Não me preocupei em tomar banho já que ia treinar com Ethan, mas troquei meu sutiã para um esportivo e calças de yoga, e depois vesti uma camiseta justa de Cadogan. Eu estava com fome, então me dirigi ao café da manhã antes do treinamento porque não queria parecer em minha mínima capacidade para o treinamento.

Quando estava vestida, calçada e com minha Katana em mãos, peguei as escadas para o quarto de Lindsey no terceiro andar. Ela havia se tornado minha companheira de comida. Seu quarto também era onde eu passava o tempo depois do trabalho. O valor da má televisão depois de uma noite de drama sobrenatural não deveria subestimar-se. O “indiscutível” tinha seu papel na vida de um vampiro.

Lindsey estava parada diante de sua porta aberta e com o celular na mão quando cheguei. Já que ela era a residente psíquica do corpo de Guarda, supus que tinha adivinhado que eu me dirigia até ela. Ao contrário de mim, ela estava vestida com seu traje preto Cadogan, com o cabelo longo e loiro preso em um rabo de cavalo elegante e baixo na base de seu pescoço. Dobrou um dedo para mim, então se dirigiu para dentro novamente.

— Bebê, eu tenho que ir. Minha companhia de café da manhã está aqui. Conversamos mais tarde. E não se esqueça dessas calças que eu adoro. Não. As de látex. Ok. Abraços. Adeus. — fechou o celular e depois me olhou, sorrindo ao que tenho certeza, era a expressão de horror em meu rosto.

Realmente eu não conseguia pensar em uma só coisa para dizer. Mas tinha mudado meu parecer, fora da cabana de amor Carmichael/Bell para a Casa de látex. Quero dizer, eu sabia que Lindsey tinha estado flertando com Connor. Era, assim como eu, um vampiro novato de Cadogan.

Mas “látex” não era uma palavra que precisava ouvir tão cedo da noite.

— Não posso acreditar que você não esteja me apoiando. — disse ela, com seus olhos em branco. Colocou os chinelos pretos enquanto deslizava seu telefone no bolso de uma jaqueta.

³ Solstício de verão: Ocorre em 21 ou 22 de Junho e continua o verão no hemisfério norte e inverno no sul.





— Eu..., eu te apoio. Yep, Lindsey. — meu tom era calmo, mas dei-lhe um meio pedaço de ondulação.

Uma vez que estava calçada, colocou suas mãos na cintura, uma sobrancelha levantada. — Encontrei o amor da minha muito longa e imortal vida, e tudo o que consigo é “Yep Lindsey”? Que amiga você é?

— O amor da sua vida? Connor? Tem certeza? — desta vez minha voz realmente arranhou.

Mordeu o canto de seu lábio como uma adolescente apaixonada, e depois colocou uma mão sobre o coração. — Eu tenho certeza.

Nós ficamos em silêncio durante um minuto. — Yep, Lindsey. — eu disse mais uma vez, quando as palavras me faltaram.

Ela suspirou e colocou os olhos em branco. — Bem, bem. Não vou ter um luxurioso caso amoroso com um quente, inocente novato. Essa era minha tinturaria ao telefone.

Resisti a tentação de lhe perguntar como iria ela explicar “látex” da próxima vez que falasse com sua tinturaria... Por outro lado, na verdade isso funcionaria.

— Graças a Deus. — eu disse. — Eu estava tendo uma volta ao passado sobre Mallory e Catcher.

Ela me empurrou pela porta, depois a fechou atrás de nós. Começamos a caminhada até o primeiro andar e ao Buffet de Cadogan. — É realmente tão ruim? Quero dizer, Bell é quente. K-E-N-T-E, quente.

— Tão quente que você perdeu a noção sobre a ortografia?

— Yeap. Quente como a superfície do sol.

— Você sabe quem mais está quente? — eu perguntei.

— Não me diga. Luc.

— Oh! Meu Deus. — eu disse, colocando minha mão contra o peito com fingida surpresa. — Você é psíquica.

Resmungou como fazia cada vez que dizia o nome do garoto que ela deveria ter perseguido. Não é que eu fosse intrometida..., mas eles ficariam muito bem juntos.

E então ela atirou a artilharia pesada.





— Estarei pronta para discutir sobre Luc com você. — disse enquanto corria pelos dois lances de escadas até o andar principal. — Quando você estiver pronta para falar de seu plano para prender o segundo loiro mais bonito na Casa.

— Luc é o primeiro em sua eleição?

Lindsey bufou e depois tirou seu próprio rabo de cavalo. — Alô?

— Bom, não importa como você o ache, não tenho planos para prender a ninguém.

Pegamos o longo e principal corredor até a parte posterior da Casa, onde a velha cafeteria-escola estava localizada. Mesas de madeira e cadeiras com encosto de couro estavam colocadas diante de um Buffet de aço inoxidável onde os vampiros podem se servir por si mesmo. Não havia um pedaço de queijo fundido ou um pastel envolto em celofane a vista.

— Uh-huh. — disse Lindsey, liderando o caminho até o Buffet. Colocou-se na fila atrás de uma dúzia de vampiros Cadogan, todos vestidos de preto. A sala estava cheia deles, vampiros se preparando para uma noite de trabalho na Casa ou uma noite na Cidade do Vento. A Casa Cadogan se assemelha a uma companhia da cidade, alguns dos vampiros eram empregados da Casa, como os Guardas, enquanto que outros trabalhavam na área metropolitana de Chicago e contribuíam com uma parte de suas admissões a Casa (Os vampiros da Casa Cadogan ganhavam uma remuneração por serem membros da Casa, portanto o trabalho não era tecnicamente necessário, mas os vampiros gostam de ser produtivos.)

De trezentos e dezoito vampiros da Casa (tendo perdido a Peter e a Amber), apenas em torno de um terço deles realmente vivem na Casa. O restante vive em outras partes, mas mantêm sua afiliação, tendo jurado seus Juramentos a Ethan e a sua fraternidade dentuça.

Lindsey e eu nos movemos lentamente através da fila, empurrando as bandejas de plástico ao longo do balcão de aço e pegando comida e bebida enquanto passávamos. Como eu já tinha lutado ontem e estaria lutando de novo em alguns minutos: um pouco de sangue tipo O, e proteína (satisfeita pelas salsichas e hambúrgueres) e uma dose de carboidratos sólidos. Peguei um par de bolinhos de uma travessa quente e os coloquei em minha bandeja antes de agarrar um guardanapo e talheres e seguir Lindsey até uma mesa.

Sentou-se junto a Katherine e Margot, duas vampiras que havia conhecido da primeira vez no quarto de Lindsey, em uma noite de pizza e reality show na TV.





Elas sorriram a medida que nos aproximamos, e arrumaram suas bandejas para se assegurar que tínhamos espaço para nos sentar.

— Sentinela. — disse Margot, empurrando uma mecha de seu brilhante cabelo curto, para trás da orelha. Ela era absolutamente linda, com cabelo castanho escuro que se dobrava em um ponto sobre sua testa, e longos olhos cálidos, cor uísque que teriam sido igualmente adequados em um tigre sedutor. — Treinando está noite?

— Efetivamente. — eu disse, deslizando em uma cadeira e fazendo estalar um pedaço de biscoito em minha boca. — Depois de tudo, o que seria um dia na Casa Cadogan se Sullivan não pudesse me humilhar?

Lindsey assentiu com a cabeça. — Ultimamente isso seria muito incomum.

— Triste, mas certo. — concordei.

— Você falava sério sobre a churrasqueira? — Katherine perguntou, seu cabelo longo e castanho caindo sobre seus ombros, uma mecha na parte superior caía para trás com um pequeno elástico. Kat é bonita de uma forma antiga – com seus grandes olhos e o rosto fresco de uma garota de alguma outra época. Ela tinha nascido em Kansas City, quando a cidade estava cheia de currais e gado. Seu irmão, Thomas, também era um membro da Casa.

— Mortalmente sério. As pessoas têm pedido uma mistura. — eu disse, empurrando Lindsey com um cotovelo.

Ela soltou uma bufada e então tomou um gole de suco de laranja do copo. — Não estou certa se você está consciente. — disse ela. — Mas não estou procurando mistura.

Todas nós paramos e a olhamos.

Margot curvou a cabeça. — Isso é porque você se livrou de Connor, ou porque é um assunto oficial?

— Por favor, “se livrou”. — murmurei. — “Se livrou”.

Desta vez, ela quem me deu uma cotovelada. — Já não somos um assunto. É só que ele é muito...

— Jovem? — as três perguntaram ao mesmo tempo.





— Às vezes. — ela disse. — Eu me pergunto como seria a vida como vampiro sem todos esses vampiros ao redor.

Margot mostrou a língua para Lindsey.

— Sentiria muita saudade de nós. — eu lhe lembrei. — E sentiria saudade de Luc. — ela ficou em silêncio.

— Não vou responder a isso. — ela disse finalmente.

Margot, Katherine e eu sorrimos uma para a outra, pensando que essa era uma resposta suficiente.

Ethan já estava na Sala de Luta, já em suas calças Gi e uma jaqueta branca com cinturão e com faixa de cor púrpura. Estava descalço no meio do Tatame, e com a Katana desembainhada em sua mão, lutando com um oponente invisível. Levou a espada para trás dele, se virou e jogou a espada para trás, levou-a para cima, e a fez girar ao redor de sua cabeça. Quando a espada estava para baixo outra vez, ele executou um golpe de mariposa, pernas voando paralelas ao chão, a ponta da espada seguindo uma mortal pontuação de movimento. Foi o suficientemente rápido para que a velocidade de seus movimentos fosse nebulosos, fazendo dele uma neblina de cor branca e brilhante em meio as armas de aço e antiguidades de madeira da sala.

Era uma coisa para se contemplar, era Ethan Sullivan.

Lutou sozinho durante mais dois ou três minutos, então parou de joelhos, com a espada prateada diante dele.

Tirei minha camiseta Cadogan, e depois me situei na beira do tatame.

Levantou seu olhar para mim e nós ficamos por um minuto apenas nos olhando.

Ethan sacudiu a cabeça. Colocou-se de pé e se moveu para mim. — Você tem plateia, Sentinela. — ele disse em modo de advertência, como se tivesse havido um risco de que o agarrasse bem aqui no meio do chão da Sala de Luta. Resmunguei. Já havia lhe dito “NÃO”, antes. Poderia fazê-lo de novo.

Mas isso não significava que estivesse emocionada em estar exposta de novo. Levantei os olhos para o mezanino. Não era tão ruim como uma “platéia”, apenas uma dúzia de vampiros nos assentos, mas isso era uma dúzia a mais do





que o necessário. — Maravilhoso. — murmurei. Comecei a deslizar a espada de sua bainha, mas ele negou com a cabeça.

— Não há necessidade de desembainhar. Você não precisará de sua espada.

Deslizei a espada de volta e o olhei confusa. Imaginava-se que íamos continuar de onde Catcher e eu havíamos parado. Já que claramente eu precisava trabalhar em minha técnica com a espada, tinha imaginado que era de onde tínhamos que começássemos. Agora estava simplesmente confusa.

Ethan voltou a embainhar sua espada e a colocou sobre o tatame, então estendeu sua mão. Quando eu lhe entreguei minha bainha, fez o mesmo com ela. Parou de novo e curvou a cabeça, sinalizando para alguém atrás de mim. — Luc, por favor.

Eu não tinha percebido que Luc estava na Sala, então virei para cumprimentá-lo. Mas antes que eu pudesse encontrá-lo, as luzes se apagaram, literalmente. A Sala estava de repente as escuras.

— Ethan?

— Estamos trabalhando a sua habilidade diferente hoje. — disse sua voz se afastando.

Apertei os olhos fechados, esperando que isso me ajudasse a me adaptar a escuridão, voltei a abri-los quando ouvi seus passos me cercando. Devido a eu ser um Predador, minha visão era melhor do que normalmente poderia ter sido na escuridão, mas eu ainda não podia ver muito.

Assim foi como me surpreendi com um chute rasteiro que me enviou através da extensão do colchonete.

— Sullivan! Que demônios? — do meu novo ponto no chão, tirei o rabo de cavalo do meu rosto e me impulsionei de pé com as mãos. Coloquei-me de pé, mantendo meu corpo inclinado, minhas mãos a minha frente, meus joelhos flexionados, no caso de se precipitar de novo.

— Deve aprender Sentinela, a antecipar.

Coloquei meus olhos em branco. A primeira vez que o havia enfrentado, ele havia empregado todos os movimentos de Matrix. Agora estava usando Star Wars para as técnicas. Ele realmente não tinha algum método original em sua cabeça?





— E como posso antecipar? — perguntei.

— Temos discutido o melhoramento dos seus sentidos depois de ter completado a mudança.

Não respondi. Não sabia bem qual era sua visão, mas não ia delatar minha posição e lhe dar outro golpe fácil. Sem demora, podia ouvi-lo se mover ao meu redor, esgueirando em círculo como um gato grande preparando para atacar.

— Tem trabalhado durante a semana passada em isolar o ruído do ambiente. Para manejar o aumento da sensibilidade da sua audição, visão, e olfato. Certamente, tanto conhecimento pode ser uma grande distração. Mas é um vampiro. Deve aprender a utilizar todos os seus sentidos, para usar esse ruído, essa informação, ao seu favor.

Ouvi o chicote de sua calça ao arrancar. Agachei-me quando o algodão sibilava por cima da minha cabeça.

Então ouvi o suave golpe de seus pés quando aterrissou.

— Bem. — disse. — Mas não apenas se defenda. Ataque.

O ouvi se afastar. Levantei-me de novo e assumi a posição defensiva básica de novo. Se me convertia em membro da Guarda Vermelha, seria assim como Ethan e eu nos encontraríamos? Lutando no amparo da escuridão? Não inimigos de tudo, mas não amigos de tudo? Tenho adiado minha decisão sobre a Guarda Vermelha. Provavelmente era tempo de me dar um momento para pensar...

Mas não antes de ter aproveitado esta oportunidade para lhe chutar o traseiro.

O ouvi caminhar ao meu redor, girando de novo, esperando seu momento para atacar. Podia ouvir tão bem como eu podia? As luzes estavam acessas para ele, metaforicamente, por isso podia detectar meus movimentos?

Bom, se podia ou não. Não importava, era meu turno. Dei a volta para esquerda, dois ou três pés atrás de mim. Esperei até que ele estivesse a seis em ponto, desviei meu peso, levantei o joelho esquerdo, e dei um chute de revés feroz.

Poderia tê-lo golpeado se não houvesse antecipado meu movimento por completo e se houvesse deixado cair por debaixo do meu chute. No momento em que dei a volta e levei meu chute para baixo, se virou para cima e fora com um chute baixo. Não tive tempo para reagir, e assim como ele havia feito na primeira vez que o desafiei, tirou meus pés debaixo de mim. Golpeei a esteira de novo.





— Outra vez. — disse na escuridão.

Silenciosamente murmurei uma maldição, mas me levantei de novo. Desta vez, sem esperar que se preparasse. Quando o ouvi a minha frente, girei meus quadris e lancei um chute circular em sua cabeça. Falhei, mas o ouvi cambaleando para trás, seus pés tropeçando através do tapete enquanto se esquivava do movimento.

— Tão perto. — murmurei.

— Muito perto. — disse. — Mas assim é melhor. Está escutando os movimentos, o qual é bom. Mas isso não é tudo o que pode fazer. Luc. — disse de novo, meu coração batendo mais forte, me perguntando o que mais tinha reservado. Amarrar minhas mãos? Encher a habitação com água?

Luc respondeu um segundo mais tarde, desta vez com um som. Uma cacofonia de ruídos, pessoas falando, gritando, assobiando, tocando coisas, chiados - começaram a chegar à sala. Foi muito ensurdecedor, o baixo foi forte o suficiente para sentir a vibração nos ossos, fazendo eco das batidas do meu coração.

Ethan nem sequer me deu um momento para me acostumar. Ele golpeou, mas havia subestimado minha localização, e seu punho rebateu em meu ombro, claro, ele continuava sendo um vampiro Mestre; e ele golpeou de toda forma. Se houvesse estado mais próxima dele, teria quebrado um osso. Perguntava-me se o som era uma distração pra ele, também.

Um segundo depois, estava em minha cabeça.

— *Não pode confiar apenas no som.* — disse. — *Deve silenciar os ruídos, ser capaz de sentir ao inimigo ao seu lado, ser capaz de combater, inclusive na mais absoluta escuridão.*

— *Como se supõe que aprenda isso?* — perguntei em resposta, trocando meu peso da frente para trás enquanto esperava que atacasse de novo.

— *É uma predadora noturna.* — disse. — *Não precisa aprender a fazê-lo. Apenas precisa aprender a confiar em si mesma.*

Estava nesse caminho, esperava.

Tomei um momento e fechei os olhos. Tecnicamente, isso não tinha sentido, devido a profundidade da escuridão na sala, mas ajudava psicologicamente, como se estivesse trabalhando ativamente para deixar fora o ruído. Meus olhos fechados; concentrei-me no ruído e trabalhei para construir meu bloqueio mental.





Mas não tinha tempo para fazê-lo. Ele estava em mim outra vez. Desta vez, pegou, mas não com o objetivo de me machucar, era uma piada. Seu punho golpeou meu ombro esquerdo, mas antes que pudesse me sacudir, havia ido. Logo seu calcanhar pegou minhas costas, não com força suficiente para me derrubar, mas com força suficiente para me empurrar. Tropecei para frente, agitando os braços enquanto tentava não tropeçar com meus próprios pés.

Graças a Deus, as luzes estavam apagadas. O Mestre Vampiro caçoando do Novato teria sido um bonito espetáculo cômico.

— *Não está se concentrando.* — disse em silêncio, sua voz soando a uma buzina de caminhão. Minha pele estava começando a picar de irritação. O som era muito forte, e estava escuro, e estava sendo empurrada por um Vampiro Mestre que se baseava em filmes de ação para me ensinar a lutar.

— *Estou fazendo o melhor que posso.* — lhe assegurei.

Chutou outra vez, a parte posterior de seu pé golpeando meu lado. Parei sua perna com meu antebraço, mas havia se afastado sem contato efetivo. Havia me esquecido de sua velocidade.. o fato que pode se mover com eficácia sobrenatural. Era rápida em Katas, claro, mas esses eram movimentos praticados. Como obviamente nós sabíamos combater era completamente um tipo de instinto animal.

— *Eu já vi você fazer melhor.* — respondeu.

Uma cosquinha de magia se levantou no ar, talvez relacionado com o tom brincalhão de suas palavras. Senti o formigamento - como uma brisa no ar - através do meu rosto.

Estava de pé diante de mim.

Levou-me um segundo para me dar conta do que havia feito - havia determinado o lugar onde estava parado não com minha audição, nem com a vista..., sim com a magia. Deveria tomar vantagem.

Lancei um punho, mas me bloqueou com seu antebraço. Antes que pudesse protestar se voltou, e tinha suas costas contra a minha, sua mão estava em meu braço e usou como alavanca para me tirar do chão.

E ali estava eu, plana sobre minhas costas de novo.

A caída não havia sido especialmente dura, mas era o suficientemente dura para tirar o ar fora de mim. Quando pude voltar a respirar, ladrei uma maldição.

— *Você está apenas tentando.* — foi sua resposta. Desta vez, não havia





veneno em sua voz.

Levantei-me do chão. — *Não sei o que você quer que eu faça.*

Então ele estava diante de mim outra vez. Eu bati nele, mas ele segurou meu braço e me puxou para perto novamente. — *Lute; porra.*

Muito irritada para considerar a possibilidade de que ele havia me derrotado, fiz exatamente isso. Girei meus pulsos para pegar sua mão e logo empurrei seu braço na altura do cotovelo. Voltei e logo usei meu peso corporal para empurrá-lo fora da balança e fazê-lo cair. Terminei o movimento, ele em um joelho.

— *Melhor.* — afirmou, do solo, mas não houve muito tempo para comemoração.

Antes que tivesse tempo de reagir, estava de pé novamente, me pegou em uma volta e terminei no solo sobre minhas costas.

Coloquei meus olhos em branco na escuridão.

— *Pronta para se render?* — ele perguntou.

Não fiz caso de sua vantagem física e respondi com ação, levantando a perna esquerda em um chute de tigresa e usando a inércia para inverter nossas posições. Consegui ficar por cima, mas não fiquei ali por muito tempo. Deu-me a volta outra vez, e logo o dei a volta novamente, e ali estávamos, dois vampiros, rodando pelo chão, como crianças. Fiquei grata de novo que as luzes estivessem apagadas e estar fora da vista do resto da Casa (ou ao menos isso eu imaginei. Eram eles melhor que eu em ver na escuridão? Senão, estavam obtendo um espetáculo bastante mal.)

Finalmente consegui me livrar dele, logo me coloquei de pé e senti a ligeira vibração na esteira quando ele se colocou de pé. Nós nos rodeamos entre nós por um momento, mas quando levantei a mão para bloquear um golpe, que estava certa que se dirigia para minha cara, me agarrou o pulso, e logo me puxou para ele até que meu corpo estava ajustado contra a larga linha do seu.

Meu coração disparou.

Nós ficamos na escuridão, minha mente absorvida pela sensação de sua mão ao redor do meu pulso e a outra apoiada em minhas costas.

Ethan era alto o suficiente para que a parte superior da minha cabeça, estava debaixo de seu queixo. Mantive meu olhar na altura de sua clavícula - com medo de que se olhasse para cima, ele utilizaria o movimento como desculpa para olhar para baixo. Nossos lábios se alinharem e seria o final para mim.





Lentamente - pouco a pouco – ele baixou a cabeça, seus lábios contra meu cabelo. Calafrios subindo por meus braços, meus olhos fechados; minha pele formigava com uma embriagadora combinação de luxúria e poder. Estávamos liberando magia outra vez, o nítido, brilhante cócegas dela enchendo o espaço ocupado entre Ethan e eu.

Foi então que meus olhos se abriram; ao me dar conta do que havia estado tentando me ensinar.

Deixou me libertar as mãos e apertei uma palma contra seu peito para empurrá-lo para trás alguns passos. Moveu-se de boa vontade e me deu espaço para aprender.

Não poderia ver na escuridão, e desde que não podia ouvir com o estridente ruído que nos rodeava..., mas justo como havia feito fazia um momento, pude sentir a magia no ar.

Esse golpe não havia sido um golpe de sorte. Detectar magia era uma forma distinta de visão, mas era uma visão de todas as formas.

Ali, na escuridão, alguns passos diante dele, levantei uma mão e arrastei meus dedos sobre as correntes elétricas que nos rodeavam, sentindo os golpes e os picos de magia que se filtrava de nossos corpos. Podia sentir a mistura de nossa magia nodosa no espaço entre nós, e o lento desaparecimento da sensação causada pelos dedos esticados.

Deixei que meus dedos subissem e descessem enquanto a pressão mudava, não muito diferente de tirar uma mão fora da janela de um automóvel em movimento.

O mais importante, a corrente mudava a medida que ele se movia, criando uma cosquinha debaixo dos meus dedos. O senti se mover para minha direita, seu corpo reto enquanto me olhava e então direcionou um chute para meu rosto.

Era sua jogada favorita, e o havia levado a perfeição.

Deixei-me cair, e quando se aproximou de mim, ofereci meu próprio chute circular, um chute rasteiro que levou sua outra perna por debaixo dele.

Bateu no chão.

Como por sua ordem silenciosa, a música se apagou, e as luzes se acenderam.

Pestanejei o vazio repentino do ruído e o brilho das luzes do teto.

A sala, o público, estava completamente em silêncio, provavelmente





absorvida pela imagem da Sentinela em seus pés - e seu Mestre no chão.

Eu não o chamaria de uma vitória. Depois de tudo, o único que realmente fiz foi deixá-lo sem equilíbrio.

Mas isso era algo. Não era tudo, mas era um passo adiante.

Ethan pôs suas mãos atrás dele, levantou suas pernas, trocou seu peso e saltou sobre seus pés. Deslizou-me um olhar.

Traguei a saliva, não de tudo cômoda com ter posto ao meu Mestre no chão de novo, inclusive embora houvesse finalmente aprendido a lição que estava tentando me ensinar.

Logo sua expressão se suavizou.

— Melhor. — disse.

Inclinei-me respeitosamente, a estudante agradecendo ao professor por uma lição bem ensinada. Essa lição feita, já era hora de passar para a próxima crise. — Quando nós vamos para a pré-convocação?

— Dentro de uma hora. Troque-se e me encontre no porão.

Assenti com a cabeça, logo me dirigi de novo a borda da esteira, agarrei a camiseta, os sapatos, e o mais importante, minha katana. Supus que ia necessitá-la.





Capítulo 5



Noite de Garotos.

— O que você usar se vai bancar a segurança de Metamorfos alfas?

Eu estava na frente da porta aberta do meu armário, em um roupão, mas olhei de volta para Lindsey, que estava sentada de pernas cruzada na minha cama, um saco de alcaçuz de morango no seu colo.

— Nada? — ela disse com um sorriso.

— Eu vou usar roupas.

— Esportivas. Mas se você vai bancar a puritana, pode muito bem bancar a puritana sexy. Você não disse que Gabriel mencionou couro?

Colocando a piadinha de lado, ela tinha um ponto. Apesar de tudo, eu tinha couro preto que tinha sido um presente de Mallory e Catcher pelo meu vigésimo oitavo aniversário – calças justas, um corpete curto, e uma jaqueta de motoqueiro em bom estado. Era uma roupa fabulosa, mas era muito capa de livro de fantasia urbana.

— Vampiros em couro é tão clichê. — eu disse.

— Eu não estou discordando de você, mas Metamorfos apreciariam. Eles gostam de couro.

— É, eu entendi. — mas aquela quantidade de couro, e com tanta pouca cobertura no torso, não era meu vestuário de luta favorito, então eu folheei através de algumas blusas regatas, procurando por algo que pudesse substituir o sutiã de couro. Por outro lado, calças de couro e uma regata pareciam um pouquinho Linda Hamilton demais.





— Quem sabe um acordo. — eu murmurei, puxando a jaqueta de couro do seu cabide de madeira. Eu coloquei-a na cama, juntamente com a minha calça Cadogan social e uma regata preta simples, então me afastei para dar uma olhada.

A jaqueta adicionava um elemento definitivo de chuta - traseiro para as calças justas e a regata. O conjunto ainda era para negócios, mas o tipo de negócios que prometia repercussões se o acordo não fosse fechado. Com uma katana vermelha na minha cintura, e um pingente dourado de Cadogan ao redor do meu pescoço, eu posso até ser capaz de passar por isso.

— Bem. — Lindsey disse. — Essa é uma Merit que eu posso acompanhar. Experimente.

Quando eu estava vestida, eu peguei um elástico preto de cima da minha escrivaninha e puxei meu cabelo em um rabo de cavalo. Já que eu estaria com Ethan, eu não preendi meu bip de Cadogan, mas deslizei meu celular dentro de um bolso da minha jaqueta, e peguei minha katana.

Vestuário montado, eu me virei para que Lindsey pudesse dar uma olhada. Ela assentiu e se levantou. — Só uma pergunta: você pode trabalhar essa roupa? Você pode possuí-la?

Eu olhei de volta para o espelho, absorvi o couro e a espada, e sorri. — Porque, sim. Eu acredito que posso.

Eu encontrei Ethan no porão, do lado da porta que levava ao estacionamento subterrâneo. Eu literalmente rebolei descendo as escadas, pronta para levar o Sr. Elogio ao silêncio.

Como uma deixa, eu que fiquei surpresa, porque eu não tinha sido a única que reconsiderou minhas roupas: Ethan aparentemente seguiu a instrução de “sem Armani” de Gabriel até o coração. Ele desceu as escadas em jeans. Jeans perfeitamente ajustados que serviam em seus quadris, então caíam até botas pretas. Ele tinha combinado-os com uma camiseta cinza justa que praticamente modelavam seu peito. Seu cabelo dourado estava solto, emoldurando maçãs do rosto altas e olhos verdes de matar. Eu sou forte o bastante para admitir. Eu encarei.

Ethan me deu um escrutínio lento, com uma sobrancelha levantada, apreciação masculina em seus olhos. Quando ele finalmente assentiu, eu assumi que tinha passado no teste.

— Você está vestindo jeans.

Ele olhou para mim com diversão, então teclou no teclado do lado da porta da garagem. A Mercedes preta conversível de Ethan, e alguns outros veículos de





vampiros de alto escalão (i.e., não são novatos como eu.) estavam estacionados lá dentro.

— Eu sou capaz de me vestir de acordo com o que a ocasião exige.

— Aparentemente. — eu murmurei; irritação na minha voz. Era uma emoção infantil, claro, mas o homem não era para parecer melhor que eu. Ele deveria ficar surpreso pelo meu novo estilo maneiro.

Não que eu me importasse com o que ele pensasse, eu menti para mim mesma.

Ethan destrancou seu sistema de segurança, então abriu a porta do passageiro para mim.

— Que graça. — eu disse enquanto entrava no carro, arrumando minha katana dentro do espaço confinado.

— Eu tenho meus momentos. — ele disse; seu olhar na garagem ao redor dele, então fechou a porta atrás de mim.

Quando ele estava igualmente abrigado, nós dirigimos pela rampa até a porta de segurança, que se levantou com a nossa aproximação, então saímos na noite escura de verão, passando pelos paparazzi que estavam em um canto do estacionamento, câmeras prontas. Já que éramos um grupo cativo – quase um terço dos vampiros na Casa, voltavam para o poleiro antes de cada nascer do Sol – eles ainda não tinham se incomodado em nos seguir quando deixávamos o Hyde Park.

— Onde exatamente estamos indo?

— Um bar chamado Little Red. — Ethan disse. — Em algum lugar no meio da Aldeia Ucraniana. — ele assentiu em direção à tela do GPS, no painel do carro. Já estava apontando nosso caminho pela vizinhança, que era em um pedaço de Chicago conhecido como Cidade do Oeste.

— Little Red. — repeti. — O que isso significa?

— É uma referência à Chapeuzinho Vermelho, eu acredito.

— Então os Metamorfos estão envolvidos? Jeff disse que suas formas têm alguma coisa a ver com seu poder.

— Eles não são todos lobos. Cada Metamorfo se transforma em um animal, e o animal corre na família.

— Então se um dos Brecks fosse um texugo, todos os Brecks seriam texugos?





Ethan riu entre dentes. — E dado nossas experiências com Nick Breckenridge até agora, eu ficaria feliz em aprender que ele é um texugo.

Nick tinha sido um participante de má vontade no esquema de chantagem de Peter. E no processo, ele tinha se transformado de um ex-namorado a um sério pé no saco. “Texugo” parecia inteiramente adequado. — Concordo.

— Infelizmente. — Ethan disse. — As famílias geralmente não anunciam seus respectivos animais. Então se você não estiver muito, muito relacionado com um Metamorfo, o único jeito de um estrangeiro saber que animal você é, é ver sua transformação. Isso significa, eu presumiria, que os membros mais poderosos do Bando – Ápice e Parecidos – são predadores. Maiores, piores, mais violentos que o resto.

— Então, lobos ou ursos ou alguma coisa, melhor que comadrinhas.

— Comadrinhas?

— Eles são reais. — confirmei. — Eu vi um deles em um centro natural, uma vez. Carinhas pequenos. Então Gabriel, o que sabemos sobre ele?

— A família Keene, o pai de Gabriel, tio-avô, avô, e mais adiante, tem liderado o Bando Central da América do Norte por séculos. Nós temos confirmação independente de que eles são lobos.

— Independente? Isso veio da sua fonte vampírica secreta? — meu avô tinha representantes de três grupos sobrenaturais à sua disposição, Catcher para os feiticeiros, Jeff para os Metamorfos, e uma terceira fonte secreta vampírica, que mantinha seu perfil oculto para não deixar seu Mestre puto. Anonimato à parte, meu avô, algumas vezes, compartilhava a informação que recebia com Ethan.

Ocorreu-me que Malik, o segundo no comando de Ethan, poderia ser o vampiro anônimo. Malik sabia tudo que ocorria na Casa, mas geralmente mantinha em segredo. Ele era intenso, mas parecia estar no lado da verdade e justiça. Providenciando segredos, mas cruciais, para o escritório de Ombud, informação ultimamente usada para manter a paz sobrenatural em Chicago, parecia bem o seu feito.

— Independente. — Ethan disse. — Como em não vir de um vampiro. Eu acredito que estamos te jogando aos lobos. — ele adicionou depois de um momento. — Embora você não seja exatamente o tipo que vai caminhando pela floresta, cesta na mão, para a casa da vovó.

— Não. — eu concordei. — Eu não sou. Mas sou o tipo que pega o Volvo até o escritório do meu avô, com um balde de frango na mão.





— Parece uma boa viagem.

— Foi. Você sabe que eu amo comida. E o meu avô. Mas não necessariamente nessa ordem.

O trânsito não estava ruim quando fomos para o norte, mas ainda levou vinte minutos para alcançar a Cidade do Oeste. Ethan ficou confortável para a viagem – um braço pendendo na porta, um no volante, às três horas.

Eventualmente, nós saímos da I-95 e entramos em uma vizinhança, então fizemos mais algumas voltas em uma rua comercial, cheia de prédios de tijolos que provavelmente tiveram seu ápice nos anos 60. Agora eles estavam largamente vazios, exceto por algumas lavanderias industriais e padarias internacionais. Nessa hora da noite a rua estava vazia de pedestres...

...Mas cheia de motocicletas.

As bicicletas, eu pensei, era um marcador para os Bandos. Nesse caso, era uma fileira de tanques de guerra antigos – motocicletas baixa e curvas com um monte de cromo e couro vermelho – estacionados uma ao lado da outra, uma dúzia mais ou menos. Elas estavam todas alinhadas em frente a um edifício de tijolos que estava em um canto. Uma placa branca, brilhante e redonda – como uma lua cheia no meio do Wicker Park – comportava as palavras LITTLE RED, escrito em letras vermelhas simples.

— Deve ser isso. — eu disse enquanto Ethan manobrava a Mercedes em uma vaga paralela ao quarteirão. Nós emergimos do carro e entramos na batida da música rock’n roll, que se espalhou na rua quando a porta abriu. Um homem vestido de couro com barba curta e um rabo de cavalo louro escuro montou em uma das motocicletas, deu partida e dirigiu para longe.

— Um Metamorfo a menos que vamos ser capazes de conhecer. — eu sussurrei para Ethan, que fez um “humph” em resposta.

Nós prendemos nossas katanas nos cintos, então descemos o quarteirão, em direção à porta, para dentro do bar.

As motocicletas não eram a única indicação de que alguma coisa diferente estava acontecendo na Aldeia Ucrâniana. Quando nós alcançamos a esquina, onde a porta da frente estava no cruzamento da rua, eu avistei um trio de ranhuras na parede de tijolos. Eu parei e observei mais atentamente, então levantei meus dedos até os tijolos. Eles eram marcas claras, longas, levemente separadas, e profundas nos tijolos e argamassa.

Eles não eram ranhuras, eu percebi. Eles eram marcas de garras.





— Ethan. — Eu disse, e gesticulei em direção aos arranhões.

— É um sinal. — ele explicou. — De que esse é um lugar do Bando.

E aqui estávamos nós, vampiros entrando na toca deles.

Mas já que estávamos aqui, e não tinha mais nada para fazer, eu tomei a liderança e abri a porta. O bar era um quarto apertado – algumas mesas em frente a uma janela de vídeo larga, um bar de madeira do outro lado. A música estava alta o bastante para machucar meus tímpanos, e eu recuei da sua batida. O som explodia de jukebox em um canto, aquela máquina a única decoração que não envolvia propagandas sobre cerveja, uísque, ou Malort, a versão estranhamente forte de absinto de Chicago.

Homens em jaquetas com CAM em letras gigantes e embromadas nas costas, sentados nas mesas, de algum jeito conseguindo conversar, mesmo com o barulho do jukebox. Eu assumi que CAM era em relação a “Bando Central da América do Norte”.

Os pelos na minha nuca se levantaram. Havia algo inquietante sobre o lugar, sobre a agitação de magia que preenchia o quarto, como se o próprio ar estivesse eletrificado.

Os Metamorfos olharam para cima quando entramos, suas expressões não eram exatamente de boas-vindas. Aparentemente nenhuns deles muito excitado sobre os vampiros perto deles, se levantaram e empurraram as cadeiras de volta. Meu coração disparou; minha mão se movendo até o cabo da minha katana, mas os Metamorfos se direcionaram a porta da frente. Em questão de segundos, eles se foram, nos deixando no meio do bar, rock’n roll ainda fluindo ao nosso redor.

Ethan e eu trocamos um olhar.

— Talvez a comida seja ruim? — pensei em voz alta, mas esse não poderia ser o caso. Tirando a vibração ruim, os cheiros no bar eram fabulosos. Debaixo da fumaça de cigarro, havia algo delicioso, repolho e carne cozida, como se rolinhos de repolho estivessem fumegando nos fundos. Meu estômago roncou.

— Posso ajudar?

Nós nos viramos para olhar o bar. Atrás dele estava uma mulher pesada, usando uma camiseta com LITTLE RED e uma garota de desenho animado em uma anágua e capuz na frente. O cabelo louro-pálido e curto da mulher cortado bem abaixo da cabeça, e havia suspeita em seus olhos. Deve ter sido Berna.





— Gabriel. — Ethan, indo para o meu lado, disse sobre a música. — Nos pediu para encontrar com ele aqui.

Uma mão no bar, uma no seu quadril, a mulher indicou uma porta vermelha de couro perto do fim do bar. — Lá atrás. — ela meio que gritou, então arqueou uma sobrancelha enquanto me olhava de cima a baixo. — Muito magra. Precisa comer.

Eu só tive uma chance de abrir minha boca para responder – que dado o cheiro de carne e vegetal do lugar, teria envolvido um “sim” ressoante – quando Ethan sorriu educadamente para ela.

— Não, obrigado. — ele respondeu.

Ela torceu o nariz com a resposta de Ethan, mas se voltou para o seu bar bem engomado, e começou a limpá-lo com um pano molhado. Ethan foi até a porta vermelha.

Os rolinhos de repolho já eram, eu pensei, mas o segui.

Antes de abri-la, sua mão no couro estufado, ele iniciou a conexão telepática entre nós. — *Sentinela?* — ele silenciosamente perguntou, checando antes de fazermos o mergulho final. Eu empurrei para longe a vertigem repentina, porém refrescantemente breve. Talvez eu esteja ficando acostumada à sensação.

— *Eu estou pronta.* — eu disse a ele, e nós entramos.

Eu estava grata pelo quarto estar mais quieto do que o resto do bar, mas o ar estava espesso com magia velha. Eu não tenho certeza se normalmente poderia ser capaz de separar velho de novo, mas isso parecia diferente da magia que eu sentia ao redor de vampiros ou feiticeiros. Era a diferença entre o sol e a lua. Isso era magia antiga; magia da terra; a magia de solo úmido e raio cortante, de planícies gramíneas expostas ao vento em dias nublados; a magia de pó e pelo e tocas de animais e folhagem úmida. Não era desagradável, mas a diferença clara entre esse formigamento e a magia que estava acostumada me inquietou. Também era exponencialmente mais poderoso do que a agitação que eu sentia ao redor dos poucos feiticeiros que conhecia.

Quatro homens – quatro Metamorfos – estavam sentados ao redor de uma mesa velha de vinil com pernas de alumínio. Quatro cabeças se ergueram quando entramos pela porta, incluindo a de Gabriel Keene. Ele me olhou de cima a baixo, e ofereceu um sorriso lento que levantou os cantos da sua boca. Eu supus que ele gostou do couro.





Depois de me avaliar, Gabe moveu seu olhar até Ethan; sua expressão se tornou; todo-negócios.

Eu tentei manter meus olhos em Gabriel, para dar ao resto dos alfas tempo para avaliar os vampiros que entraram no seu território. Mas meus olhares ocasionais me deram detalhes básicos – todos os três tinham cabelo preto e ombros tensos de pessoas não animadas por estarem no quarto dos fundos de um bar na Aldeia Ucraniana, com vampiros no meio deles.

Finalmente, Gabriel assentiu e gesticulou em direção a uma parede que estava vazia, exceto por um par de pôsteres de filmes baratos, pequenos e emoldurados. Eu segui Ethan até lá e fiquei ao lado dele. Eu não estava esperando problema imediato, mas segurei o cabo da minha katana com a minha mão esquerda, esfregando meus dedos pela corda de couro, a fricção de algum modo confortante.

Eu não tive que esperar muito tempo pela ação.

— O nome do jogo. — Gabriel disse, pegando uma pilha de cartas do centro da mesa. — É sacada de cinco cartas. — ele embaralhou as cartas duas vezes, e colocou a pilha de volta na mesa. O alfa à sua direita, que tinha cabelo preto curto e maxilar quadrado, o resto do seu rosto escondido por sombras de aviador, se inclinou para frente e bateu suas juntas contra a pilha.

Com movimentos tão suaves que você teria pensado que ele era um profissional, Gabriel começou a distribuir cartas para os outros.

— Nós estamos aqui. — ele disse. — Porque, tirando as objeções, nós estaremos nos reunindo daqui a dois dias. Nós estamos aqui para discutir ConPack.

O alfa à direita de Gabriel, que estava com má postura em sua cadeira, tinha barba de alguns dias no seu rosto, olhos castanhos estreitos, e cabelo negro na altura do ombro que tinha sido colocado atrás de suas orelhas. Ele lançou um olhar suspeito em nossa direção.

— Na frente desses dois? — ele perguntou. Ele deu a Ethan um olhar derrisório de alguns segundos, então me deu uma avaliação de cima a baixo maliciosa. Alguns meses atrás, eu teria corado um pouco, talvez parecido bem desconfortável. Dado que ele era um Metamorfo e, pelo jeito, um valentão, eu provavelmente deveria ter corado. Mas mesmo minhas habilidades de batalha precisando de melhoras, eu ainda era uma vampira, e blefar era uma das primeiras lições que Catcher tinha me ensinado. Eu sabia como devolver a arrogância que outras pessoas infligiam a mim.





Lentamente, serenamente, eu arqueei uma sobrancelha negra para ele e ergui os cantos da minha boca em um quase sorriso. O visual, eu esperava, era igualmente de determinação vampírica, e perspicácia feminina. Se ele estava intimidado, eu não sabia, mas ele finalmente olhou para longe. Isso era bom o bastante para mim. Gabriel, sua expressão completamente indiferente, pegou sua pilha de cartas e balançou-a na sua mão. — Você concordou com esses arranjos, Tony, lembre-se disso.

Então o valentão era Tony, líder do Grande Bando do Noroeste, e o homem que liderou a retirada de Metamorfo na Aurora.

— Besteira. — Tony cuspiu em resposta. Ele poderia ter sido lindo, mas a postura nos seus ombros endurecia suas feições de um modo não lisonjeiro.

— Meu tenente-coronel. — Tony continuou. — Concordou com os arranjos porque era o único modo de nós podermos conversar por detrás dos panos. Você chamou a reunião, Keene. Não eu, não Robin, não Jason. Você. Falando por mim mesmo, nós não a queremos. — ele suspirou. — O mar Bering estava bonito e azul quando o deixamos. As coisas estão bem em Aurora, e nós estamos felizes em mantê-las desse jeito.

— É o seu trabalho mantê-las desse jeito. — disse o terceiro homem.

— *Esse é Jason.* — Ethan silenciosamente me disse.

Jason era brutalmente lindo; olhos verdes, cabelo negro levemente ondulado, maçãs do rosto de matar, lábios curvos, um arrasto sulista mínimo naquela voz melada. No geral, era uma combinação perigosa. — Você é o protetor do Refúgio.

— E esse é exatamente o meu ponto. — Tony murmurou, jogando algumas cartas na mesa com um giro de seu pulso. — Eu sou o protetor do Refúgio. E quando chega a hora de ir até o dito Refúgio, nós vamos. Nós não nos reunimos para “discutir”. Isso é besteira política e estratégica. — ele olhou para Ethan. — Besteira de vampiros. Com todo o respeito, vampiro.

— Igualmente. — Ethan disse, uma quantidade surpreendente de veneno na sua voz. Eu segurei um sorriso orgulhoso; ele parecia estar adotando um pouquinho do meu sarcasmo.

— As coisas em Chicago... — Gabriel começou, mas foi interrompido por Tony, que levantou uma mão.





— As coisas em Chicago não nos preocupam. — Tony disse. — Não existe nenhum Bando em Chicago, e tem uma razão malditamente boa para isso. Chicago não é uma cidade de Metamorfofos.

A animosidade de Tony mudou o ar no quarto, aquele formigamento de magia agora forte o bastante para erguer os pelos nos meus braços. Eu me mexi desconfortavelmente, meus pulmões apertados enquanto a pressão no quarto mudava; um efeito colateral mágico do crescimento da tensão de Metamorfo.

— Chicago é uma cidade de poder. — Gabriel disse quietamente, jogando uma carta na mesa, pegando uma nova carta da pilha restante, e adicionando aquela para o leque de cartas em sua mão.

Pelo menos, foi o que eu o vi fazer, mas aqueles movimentos simples cortaram através da magia no ar. Eu tomei uma respiração, o peso saindo do meu peito. Ápice, mesmo.

— E nós não somos uma presença oficial aqui. — Gabe continuou. — Não significa que não seremos afetados. Os vamps estão lá fora. Eles estão nos olhos do público, para melhor ou pior, e nós não podemos esperar os humanos ficando satisfeitos com a noção dos sangrentos sendo os únicos seres sobrenaturais no mundo.

— Então essa é a sua posição? — perguntou Jason. — Você nos trouxe aqui para, o que, concordarmos em nos anunciar? — ele balançou sua cabeça. — Eu não vou fazer isso. Os vamps saíram do armário, e conseguiram piadas e audiências Congressionais. Nós saímos, e o que ganhamos?

— Nós ganharemos experiências científicas. — disse o quarto e final Metamorfo, que deve ter sido Robin, líder do Bando do Nordeste. Ele era o Metamorfo com os óculos de sol escuros.

— Nós seremos encarcerados em instalações militares, transportados para Deus sabe aonde, onde oficiais militares possam descobrir como nos usar como armas. — ele ergueu uma mão e levantou seus óculos; Eu quase recuei à visão dos seus olhos, azul leitoso, olhando inexpressivamente na nossa direção. Ele era cego?

— Não, obrigado. — ele disse quietamente. — Não conte comigo, e não conte com o resto do Bando do Nordeste. Nós não estamos interessados.

— Eu aprecio o fato de você ter adivinhado meus planos e estar pronto para votar. — Gabriel disse secamente. — Mas não essa é a reunião, e eu não ofereci uma resolução, então vamos manter a adivinhação para nós mesmos, que tal?





Houve alguns “humphs” da mesa, mas nenhuma objeção direta.

— O que eu quero. — Gabriel continuou. — É estabelecer uma pergunta e fazê-la aos Bandos. Esse é o meu plano. Nós ficamos e encaramos a maré que está vindo? — ele olhou para cima e ergueu seu olhar até Ethan. Os dois se encararam, medo, poder e raiva combinada na expressão de Gabriel. A “maré que está vindo”, aparentemente relacionada aos vampiros. — Ou nós partimos agora?

— Qual dessas decisões é mais segura? — Tony perguntou.

— E qual. — Jason colocou. — É mais irresponsável?

— Instabilidade. — disse Robin. — Morte. Guerra. E não entre Metamorfos. E não entre os Bandos. Assuntos de vampiros não são nossos assuntos. Nunca foram.

— E esse é o atrito. — Ethan silenciosamente me disse. — Sua relutância em ir em frente.

Não, a relutância deles de se sacrificarem, sacrificarem suas famílias, em nosso nome, eu corriji, mas mantive o pensamento para mim mesmo. Era uma decisão que eles tinham feito antes, durante a Segunda Limpeza. E mesmo simpatizando com os vampiros que tinham sido perdidos, eu entendi o desejo dos Metamorfos de proteger a si mesmo do caos. Eu deixaria os filósofos decidirem se o que eles haviam feito tinha sido moralmente repugnante.

— A viabilidade desse mundo é assunto nosso. — Gabriel disse. — Os Bandos são grandes. Redes sociais. Empresas. Interesses financeiros não era um assunto há duzentos anos. Mas eles são agora.

Tony colocou uma carta na mesa com um tapa decisivo, então puxou uma nova da pilha. — E quanto da sua nova atitude amigável tem a ver com os nossos camaradas de espadas, ali? — ele olhou para mim, com o lábio retraído, ódio e um tipo estranho de desejo em seus olhos. — Especialmente a garota?

Gabriel ofereceu um rosnado baixo que fez os pelos no meu cabelo se arrepiarem. Eu segurei minha katana mais forte e olhei de volta com uma ameaça que não precisava fingir.

— Porque você é um visitante nessa cidade. — Gabriel disse. — Eu vou oferecer a você uma oportunidade de se desculpar com Merit, comigo, e com Tonya.

— Minhas desculpas. — Tony cuspiu.





Gabriel revirou seus olhos, mas talvez em consideração à situação de Tony, deixou passar. Ele olhou para Robin. — Infantilidade de lado, eu entendo seu ponto, irmão. Eu somente trago o assunto para os Bandos. Eles decidirão como desejarem.

O quarto ficou silencioso. Depois de um tempo, Robin assentiu. Jason seguiu o gesto.

Passou um tempo longo e quieto antes de Tony falar novamente. — Quando nós nos reunimos em Tucson. — ele disse. — Nós juramos aderir à regra dos Bandos. Deixar a maioria decidir o destino dos outros. — baixou o olhar para a mesa, balançando sua cabeça rudemente. — Que droga, se tivéssemos pensado na possibilidade daquela decisão resultar em nossos filhos e filhas sendo mandados para a guerra.

Quando ele olhou para cima novamente, seus olhos giraram com algo profundo e insondável. Era a mesma revelação mística que eu tinha visto nos olhos de Gabriel quando nos conhecemos, bem antes de ele fazer uma observação críptica sobre nossos futuros interligados. De algum modo, era uma expressão visual de uma conexão às coisas que ele havia visto, os lugares que ele havia estado, as vidas que ele havia conhecido..., e perdido.

Eu não sabia o que ele tinha visto, ou porque sua reação foi tão forte. Eu sabia o que estávamos pedindo para os Metamorfs – Gabriel tinha explicado bem o bastante na noite anterior. E Gabriel tinha mencionado as reclamações dos humanos infelizes sobre as sanguessugas entre eles. Mas havia uma fenda bem grande entre reclamações e violência, e nós ainda não tínhamos chegando a esse ponto.

Independentemente da profundidade da sua emoção, ou o quanto não autorizado seu medo parecia hoje, ele também parecia entender que os números estavam contra ele. Finalmente, ele cedeu com um aceno.

— Nós nos reuniremos daqui a duas noites. — Gabriel concluiu. — Nós vamos oferecer uma solução, ficar ou retornar, e vamos deixar as cartas caírem onde devem.

ConPack estava decido, então o jogo recomeçou.

Eles jogaram cartas por quase duas horas, duas horas quase silenciosas, na qual suas decisões de convocar ou dobrar ou erguer foram às únicas palavras ditas. Ethan e eu ficamos atrás deles, um Mestre vampiro e um guarda novato, assistindo quatro Metamorfs jogando em um quarto dos fundos surrado de um bar cheio de repolho.





— Como havíamos concordado para a reunião. — Gabriel disse; seu olhar nas suas cartas quando ele interrompeu o silêncio. — Se a decisão tomada é ficar em Chicago, pode ser hora de considerar uma aliança com uma das Casas.

Eu senti o puxão afiado de magia ao redor do quarto, e ela não era completamente de Metamorfos. Quando eu olhei para Ethan, seus olhos estavam arregalados, seus lábios separados. Havia esperança na sua expressão.

— Nunca houve uma aliança entre Bando e Casa. — Jason disse.

— Não formalmente. — Gabriel concordou. — Mas como uma colega recentemente apontou; as Casas não tiveram os tipos de poder político e econômico que elas têm agora.

Eu fiquei um pouco mais ereta, percebendo que eu havia sido a colega a quem ele estava se referindo.

Jason inclinou sua cabeça para o lado. — Você está sugerindo uma aliança que realmente nos beneficiaria, e não somente os vampiros?

— Eu estou sugerindo que se nós ficarmos; amigos serão inestimáveis. Eu imagino que as Casas estariam dispostas a considerar esse tipo de ideia. — Gabriel olhou para Ethan, que estava tentando muito, eu podia dizer, não parecer muito impaciente.

— Não, você está sugerindo que nós façamos algum tipo de arranjo permanente com vampiros. — Tony literalmente jogou as palavras, a magia ao redor dele se tornando apimentada, vigorosa, como se sua fúria mudasse seu sabor.

— O mundo está mudando. — Gabriel contrapôs. — Se nós não acompanharmos, nós arriscamos acabar como os Duendes; criaturas de sonhos e fantasias e contos de Fadas. Ninguém pensou que eles teriam tal fim, pensaram? E no fim, correr de volta para a floresta não os salvou.

— Não somos fodidos Duendes. — Tony murmurou. Aparentemente cheio de pôquer e políticas de vampiros, ele jogou suas cartas na mesa, e se levantou. Eu segurei minha katana mais forte, mas Ethan gesticulou para eu recuar.

— Reunião é uma coisa. — ele disse, pressionando um dedo na superfície da mesa para dar ênfase. Raiva passou em seus olhos como um fogo recém-aceso. — Mas eu não vou bancar o legalzinho com os vampiros, eu não vou perder família, porque você sente culpa por algo que aconteceu há duzentos anos, algo que nenhum de nós estava envolvido. Foda-se isso.





Tony juntou suas mãos e as jogou para cima como um comerciante, deixando a mesa. Então ele desapareceu pela porta de couro vermelho, deixando-a balançando raivosamente atrás dele.





Capítulo 6



O Inimigo do meu amigo é meu... Inimigo?

Tony pode ter saído fora, mas ele deixou um rastro grosso de tensão atrás dele. Nós todos olhamos para o Gabriel, esperando pela sua direção.

— Deixe-o ir. — ele disse, e então começou a empilhar as cartas que o Jason e o Robin haviam deixado em cima da mesa. — Ele vai se acalmar.

— Ele normalmente se acalma. — Jason murmurou, e eu presumi que esta não era a primeira vez que o Tony havia dado um chilique. Suas preocupações eram compreensíveis, os riscos eram reais. Mas o drama todo não estava ajudando.

— Eu não sei. — Robin disse, seus olhos sombrios na porta. — Mas isso parece diferente.

A porta se abriu novamente, e um homem que possuía o mesmo cabelo com mechas do sol e os olhos dourados olhavam para dentro, uma divertida sobrancelha arqueada. Ele usava uma confortável camiseta preta e jeans, seu corpo longo e magro. Seu cabelo era na altura dos ombros e era um tom mais loiro que o do Gabe, mas o seu pelo facial de uma semana era um tom mais escuro. Deixando essa diferença de lado, não havia como negar a semelhança. Ambos tinham olhos profundos e rostos brutalmente bonitos, e ele exalava a mesma aura de poder e de masculinidade não adulterado. Este era um Keene mais novo, eu supus.

— Confusão, mano? — ele perguntou.

— Drama. — Gabriel respondeu, e então olhou para nós. — Ethan, Merit, este é o Adam. Adam, Ethan e Merit. Adam é o mais novo dos irmãos Keene.

— O mais novo e de longe o mais suave. — Adam disse, conferindo o Ethan e depois eu. Quando ele chegou em mim, eu vi um lampejo de interesse em seus olhos, a apreciação pelo couro elegante e o aço desembainhado. Seu olhar se levantou, encontrando o meu, e eu senti o mesmo soco de poder e história que eu





tive quando conheci o Gabriel. Mas o soco do Adam, talvez porque ele fosse mais jovem, possuía um toque mais verde, cru.

De qualquer forma, levei um momento para arrastar o meu olhar do Adam Keene e daqueles hipnóticos olhos, e eu obtive um olhar de repreensão de olhos verdes quando eu finalmente os olhei.

Bem, repreensão e ciúmes.

Eu arqueei uma sobrancelha de volta para o Ethan, e então me virei para o Gabriel. — Irmãos?

— Eu sou o mais velho. A mamãe queria uma família grande, e ela pensou que seria engraçado se nós fôssemos nomeados alfabeticamente. Ela foi até o bebê Adam, aqui, antes que ela aprendesse.

— Olá, bebê Adam. — eu disse.

Ele sorriu; uma covinha profunda se formando do canto esquerdo de sua boca. Meu estômago hesitou um pouco.

Ah, sim. Este aqui era perigoso.

— Se acalme garoto. — Gabe disse. — Se ela tiver que ser conquistada por um Keene, não vai ser você. Ele olhou de volta para mim e piscou. Se eu não tivesse visto ele com a sua esposa e futuro filho e não soubesse que ele era felizmente casado, eu teria pensado que ele estava flertando comigo. Mas, eu presumi que ele estava só se mostrando para o irmão menor.

Sem avisar, Gabriel empurrou a sua cadeira e ficou de pé, e então andou até a porta de couro vermelha. Sua expressão era severa. Confusa, eu olhei para o Ethan. *O que está acontecendo?* Eu silenciosamente perguntei para ele. Ele olhou para a porta por um momento e, pela primeira vez desde que eu o conheci, parecia incerto sobre o protocolo.

Mas então outros Metamorfos seguiram o Gabriel de volta para o bar, Ethan seguiu. Eu segui em fila atrás dele. Nós encontramos os alfas e o irmão menor na janela da frente do bar, seus ombros largos de costas para nós, os olhares deles na rua escura do lado de fora. O bar estava silencioso – a música agora desligada – e a linguagem do corpo deles era tensa, a magia no ar pinicava e se debatia como se eles estivessem esperando que algo fosse acontecer.

— Robin? — Gabriel perguntou, sem se virar para encará-lo.

Robin balançou a cabeça. — Eu não o sinto. Eu não sinto ninguém.





— Eu não gosto disso. — Gabriel disse. — Algo está estranho. E está muito quieto aqui.

— Sentinela. — Ethan disse. — Você está sentindo alguma coisa?

— Que tipo de coisa? — eu perguntei.

— O Metamorfo que saiu. — Gabriel disse. — Você o sente..., esperando?

Eu fechei os meus olhos, e com alguma trepidação eu baixei minha guarda contra os sons e cheiros do mundo. Eu mergulhei em uma grossa e quente coberta de sensações, de magia latente, do calor e do cheiro dos corpos próximos.

Mas não havia nada de anormal. Nada fora do comum – presumindo que um bar cheio de Metamorfos cheios de magia muito intensa vazando deles fosse comum.

— Nada. — eu disse, abrindo os meus olhos novamente. — Não há nada anormal lá fora.

Eu falei muito cedo. Foi então que eu ouvi – o murmúrio de canos de escape. O cabelo na base do meu pescoço ficou de pé, algo no ar do lado de fora de repente aticando meus instintos vampíricos, algo que vibrava o ar de uma maneira que não dava para explicar pelo ronco do porco. Um cheiro enchia o ar - o forte, adstringente queimar dos gases de escape e mais alguma coisa..., pólvora?

Talvez por causa daquela última dose de treinamento, minha boca e corpo estavam se movendo antes que o meu cérebro tivesse uma chance de acompanhar.

— Se abaixem! — ordenei, dando os passos necessários para frente, minhas mãos nos ombros deles, empurrando-os para baixo, e quando eles não se moveram, eu gritei novamente. Eles atingiram o chão na mesma hora que o martelo bateu lá fora, milissegundos antes das balas arrebentarem o vidro da janela panorâmica. Adam havia caído em cima do Gabriel, seus braços em um casulo protetor em cima da cabeça do Gabriel. Ethan havia feito a mesma coisa comigo. Seu corpo sobre o meu, seus braços em cima da minha cabeça, seus lábios em minha orelha. O contato me fez tremer com desejo, até o caos se espalhar ao nosso redor. E eu não estava contente pela inversão de papéis; eu era a segurança dele, afinal de contas. Eu tinha que proteger ele. Mas a minha posição como Sentinela não o impediu de me envolver com o seu corpo e gritar, - Fique parada! - mesmo eu lutando embaixo dele, tentando reverter nossas posições para mantê-lo fora de qualquer perigo.

— *Fique quieta.* Ele silenciosamente repetiu, enquanto eu me acotovelava no chão, encoberta pela sensação e o calor e o perfume dele.





— Que porra é essa? — Gabe gritou, sua voz grossa com fúria, magia salpicando o ar cheio de fumaça e vidro.

— Todo mundo atrás do bar! — Jason disse, olhando para cima, a mesma ameaça nos olhos. Eu havia apenas visto dois Metamorfoz bravos: Nick Breckenridge e seu pai, Michael. Naquela época, eles estavam putos comigo e o Ethan, pensando que nós oferecíamos uma ameaça contra eles. Eles estavam protegendo a família, instinto de Metamorfo. Agora eu via a mesma ferocidade nos olhos do Jason – a raiva ao ser ameaçado, a necessidade de proteger a família.

Eu acenei para o Jason, puxando uma das mãos do Ethan comigo, e dei um empurrão instrutivo no corpo dele. — Bar. — eu gritei para ele enquanto as balas continuavam a chover ao nosso redor, uma tempestade de aço. A proximidade delas me formigando os meus instintos ainda mais, fazendo-me querer lutar e caçar – e não só porque o meu Mestre, aquele que me fez, estava na linha de fogo.

Não, eu queria lutar porque eu era um predador, dois meses desde a primeira vez eu sentia o sujeito do voe-ou-lute. Eu temperei a minha espada com o meu próprio sangue..., e eu estava pronta para alimentar aquele aço com o sangue de outro.

Ethan manobrou o seu corpo para longe do meu, e então me deixou puxá-lo para ficar de pé. Nós meio que corremos, meio que nos arrastamos para o bar, e então caímos atrás dele, nos movendo para o final para dar espaço aos Metamorfoz para se juntar a nós. Eles se arrastaram atrás, e então colocaram suas costas no bar, sacando armas para responder a cavalcada de balas.

— Guardem as armas! — Gabriel disse no meio da escuridão. — Isso vai ser o suficiente para chamar a atenção da porra da polícia. Nós não precisamos que as nossas balas sejam analisadas também.

Armas foram devidamente abaixadas, mas os celulares rapidamente o substituíram; ligações foram feitas, eu presumi, para as matilhas dos respectivos alfas. Eu me virei para o Ethan, dando uma olhada em seu corpo. — *Você está bem?* Eu silenciosamente perguntei para ele, e então levantei o meu olhar para os seus olhos. Eles tinham ficado pratas.

Meu estômago se afundou, meu primeiro pensamento era que um dos Metamorfoz havia sido atingido e o Ethan estava se transformando. Não havia uma hora pior para uma mordida. Mas então ele levantou uma mão para a minha bochecha, suas pupilas prateadas verificando o meu rosto, como se ele estivesse se assegurando que eu estava bem. — *Eu estou bem, eu disse para ele.*





Foi aí que o Gabriel, do meu outro lado, soltou uma linha de palavrões. Eu imediatamente olhei para a esquerda oferecendo meu próprio julgamento – Berna havia surgido de uma porta do outro lado do bar, choque na sua expressão.

— Que infern...

Alguém gritou. — Berna. — abaixe-se! Volte!

Ela olhou na nossa direção, mas ela estava muito surpresa para processar a ordem, mesmo enquanto as balas voavam pelo ar. Alguém tinha que alcançá-la.

Alguém com velocidade.

Eu estava de pé e me movendo antes que o Ethan pudesse me parar, pulando por cima dos alfas no meu trajeto para o lado dela. Balas ainda se apressavam entre nós – o atirador bem armado e aparentemente preparado para um ataque prolongado, mas eu os ignorei.

Afinal de contas, eu era imortal.

Ela não era.

Eu senti o rasgar das balas enquanto eu corria em direção a ela, dor igual a uma faca quente rasgando a pele e o músculo. Havia pânico nos olhos dela quando eu a alcancei, uma nuvem de um medo extremo marcando a sua localização no bar. Tenho certeza que os meus olhos ficaram pratas, não de fome, mas da adrenalina – e a visão disso deve ter assustado ela. Mas nós precisávamos nos mover, e eu não tinha tempo para acalmar ninguém.

Eu também tinha menos de um segundo para decidir se eu movia ela de volta para o local de onde ela tinha saído ou levava ela para o bar. Eu não tinha ideia para onde – ou para quem – aquela porta levava. Para a cozinha? Para a saída traseira? Se fosse, haveria um ataque secundário ao prédio?

Não, obrigada. Eu optei pelo bar e os demônios que já conhecia. Eu me coloquei entre o corpo da Berna e a janela, e então usei a velocidade e a força que eu havia sido dada para meio correr, e meio levá-la de volta para o bar.

Quando nós nos enfiámos atrás da barricada, eu a coloquei no canto, que eu pensei oferecer mais proteção das balas que ainda voavam. Ela olhou para mim, seu rosto pálido, mas a sua expressão só parecia irritada. Sangue floresceu de seu ombro. — Tiros! — ela disse, repuxando o seu queixo em direção ao machucado. — Em mim!

Eu ignorei a picada interna de interesse, a angústia repentina de fome que apertou o meu estômago. Não era só o sangue, era o sangue de Metamorfo. Como





a diferença entre o suco de tomate e um Bloody Mary⁴, o cheiro carregando um cheiro penetrante extra de algo, algo animalesco. Algo inebriante.

Eu balancei minha cabeça para limpar os pensamentos. Agora definitivamente não era a hora...

Concentrando-me no que eu estava fazendo, eu puxei a camiseta de seu ombro e encontrei um corte na beirada de sua clavícula. Ela estava sangrando e sua pele estava rasgada, mas não parecia na verdade que a bala tivesse penetrado.

— Eu acho que só foi um arranhão no seu ombro. — eu disse para ela.

— Meh. — ela disse. — Ferimento leve.

Eu olhei em volta para as prateleiras embaixo do bar, e então agarrei uma pilha de papéis toalha. Eu puxei uma toalha do maço, ergui o braço dela (e consegui um silvo de dor pelo meu esforço) e pressionou o resto da pilha para o corte. Eu usei a toalha solta para segurar o dito curativo em torno de seu braço, puxando-o apertado o suficiente para manter a pressão sobre a ferida, mas não tão apertado que pudesse cortar sua circulação. Ela era uma garçonete, afinal, ela vai, provavelmente, precisar daquele braço.

— Eu já vi pior. — ela disse petulante, mas sentava dura enquanto eu prendia as pontas.

— Eu não ligo. — eu disse para ela, e então apontei um dedo no seu rosto quando ela abriu a boca para responder. — Você está sangrando, e eu tenho presas. Não me pressione.

Ela fechou sua boca rapidamente com um clique audível.

Eu me sentei de novo, a picada dos tiros que eu havia levado agora começando a ecoar pelo meu corpo enquanto o mundo começava a ficar lento novamente. Antes que eu pudesse piscar, Ethan estava na minha frente, verificando meu corpo em busca de machucados. Eu escutei o tilintar do metal no chão na minha frente e olhou para baixo. Uma bala rolou pelo chão, a sua ponta reta. Havia um buraco correspondente na coxa das minhas calças, a pele embaixo da calça manchada com sangue, mas saudável e rosa. Um ponto para a recuperação de velocidade rápida vampírica.

⁴ Bloody Mary (em inglês "Maria, a sanguinária", em referência à rainha Maria I de Inglaterra) é um coquetel feito com vodca, suco de tomate, suco de limão, sal, molho inglês, tabasco e pimenta.





Eu olhei para cima de novo e encontrei os olhos do Ethan em mim, outra bala em sua mão aberta. Da dor na minha omoplata, eu presumi que foi lá que eu havia tomado o segundo tiro.

— *Você poderia ter sido morta.*

— *Duvido. Mas ela poderia.*

Ele me olhou por um momento, preocupação em seus olhos. E então, sua expressão mudou. Ao invés de medo, havia orgulho. Minha decisão de ajudar Berna pode ter o assustado, mas ele estava orgulhoso que eu havia feito.

Claro, ele havia bancado o herói também. — *Obrigada por ter me dado cobertura na janela.* — eu disse para ele.

Ele acenou; suas bochechas perfeitamente esculpidas ficando vermelhas. Eu mordi a beira do meu lábio, o protecionismo em seus olhos desenrolando algo profundo no meu abdômen. Ele não falou, mas ele acenou como se estivesse admitindo a emoção em seus olhos.

E eu não tinha ideia do que fazer sobre isso.

Pesados segundos passaram antes que eu me virasse para os Metamorfos. Adam e Robin ainda estavam com armas nas mãos, mas eles obedeceram a ordem do Gabriel de não atirar. Jason, de quatro, estava se rastejando em direção a porta mais afastada, talvez para descobrir se nos oferecia uma saída. Adrenalina estava dando espaço para o medo, aquela ideia de repente era muito atraente. Claro, o atirador estava do lado de fora e nós estávamos enfiados atrás de um bar de carvalho sólido. Mas o que ia pará-lo de decidir que ele queria um pouco de contato mano a mano, e correr para o bar? Sim, eu havia provado que eu podia interpretar a Sentinela forte quando necessário, mas o pensamento de ser resgatada parecia muito mais atraente nesse momento.

Eu pensei sobre a oferta do Noah e o fato que eu tinha um parceiro no Jonah se eu aceitasse me juntar a Guarda Vermelha. Ter ajuda certamente viria a calhar, apesar de eu duvidar que os Metamorfos fossem gostar de um exército vampírico clandestino sendo chamado para lidar com os problemas deles. Com sorte, eu estava a salvo de precisar pensar muito na oferta do Noah – o tiroteio de repente parou, e o grunhido baixo da moto nos informou que o atirador estava se retirando.

Silêncio caiu..., pelo menos até os xingamentos começarem.

Adam começou com o primeiro, seu olhar investigando a frente do bar e a rua lá fora. — Limpo. — ele disse, e o resto de nós seguiu. Eu ajudei Berna a se levantar, preparando-a para a viagem na ambulância que estava começando a





buzinar seu caminho pela rua, sem dúvida chamada por alguém na vizinhança que havia escutado a barragem de fogos.

Eu estava quase com vergonha de olhar para o Ethan, o negócio que se passou entre nós no meio do ataque era muito pessoal para admitir na frente de estranhos. Apesar de nossas posições, ele havia jogado o seu corpo sobre o meu sem hesitar, inserindo-se entre eu e o perigo. E então havia aquele olhar em seus olhos. Era difícil eu ser o alvo de um ataque aleatório, mas isso não fazia o seu esforço menos significativo do que a última vez que ele havia me resgatado – a noite que eu havia sido atacada e sido transformada em vampira.

Seu bravo gesto, não obstante, agora as coisas só pareciam estranhas, como se nós fôssemos adolescentes que de repente se tornaram conscientes da atração de um pelo outro.

Ethan finalmente olhou de volta para mim, seu olhar sem emoção, sua expressão vazia. Ele havia ligado o botão de desligar a emoção, então eu adotei o mesmo olhar de vampiro Mestre e acenei de volta para ele, um gesto rápido e eficiente que não dizia nada sobre o que havia entre nós. Negação sempre parecia a resposta mais fácil.

— Estou presumindo. — Ethan disse alto, virando novamente para os Metamorfos. — Que um de vocês era o alvo desse atentado?

— Todos os sinais apontam para o Gabriel. — Jason disse, braços sobre o peito enquanto ele olhava a destruição no bar. — Esta reunião de matilhas foi idéia dele.

Eu entendi o pesar na sua voz. O bar estava esvaado. Não havia nada sobrando da janela panorâmica, mas as sucatas irregulares de vidro que sobraram na moldura; o resto dela estava empilhado sobre o azulejo marcado, espalhado entre os restos das placas de neon do bar e pôsteres em retalhos. Uma brisa passou pelo buraco na frente do bar, levando os aromas de metal quente e pólvora e os sons de sirenes enquanto elas corriam em nossa direção.

— Há três líderes de matilha aqui. — Adam apontou. — Não só o líder da Central Norte Americana. O alvo poderia ser qualquer um de vocês.

— Ponto válido. — Gabriel disse.

Jeff surgiu do banco de trás. Ele estava vestido em seu conjunto de sempre – uma camisa de manga comprida de botões com as mangas enroladas até o meio do braço e calças caquis. Jeff tinha vinte e um e, para os desconhecidos, parecia um doce e inocente menino com um grande coração..., mas sem experiência do mundo.





Essa presunção seria enormemente incorreta. Jeff era um Metamorfo que tinha um jeito com as mulheres, e diziam os rumores, pelo menos o Catcher dizia, de ser mais do que capaz de cuidar de si mesmo. Eu acreditei na palavra do Catcher.

Jeff andou lentamente para mais perto. Ele sorriu para mim, e então me deu um empurrãozinho com o ombro. — Como está a minha vampira favorita?

— Ela gosta de ser a favorita de alguém, principalmente nos dias que ela leva um tiro.

— Você levou um tiro? Como? Você está bem? — ele colocou suas mãos nos meus braços e começou a me verificar. Seus olhos arregalados no buraco na minha jaqueta onde a bala havia penetrado. — Você tem que ter mais cuidado.

Aconteceu de eu olhar para cima e pegar o sorriso no rosto de Ethan, ele estava claramente se divertindo com isso. Eu dei-lhe um olhar arqueado, mas retirei as mãos do Jeff, e em seguida, apertei um beijo leve em sua bochecha. — Estou bem. Vamos nos preocupar sobre o seu povo hoje. Que diabo aconteceu aqui? Eu pensei que as Matilhas deveriam ser uma grande família feliz?

Sua expressão ficou estranhamente séria. — É exatamente isso que eu vou descobrir. — sem outra palavra, ele se virou e andou em direção à porta da frente do bar. Os dois Metamorfos que estavam de pé do lado de fora saíram do caminho para deixá-lo entrar, os dois acenando respeitosamente enquanto ele passava.

O garoto definitivamente era uma maravilha.

— Que gosto encontrar você aqui. — meu avô disse, me oferecendo um sorriso antes de ofereceu uma mão ao Ethan, que a pegou, e então a balançou.

— Sr. Merit. — Ethan disse.

— Chuck, por favor, Ethan. — meu avô disse. — Sr. Merit era o meu pai. — ele olhou para mim novamente, e sua expressão era de preocupação.

— Você levou um tiro?

— Umas duas vezes, ao que parece. Eles não estão mentindo sobre o negócio de imortalidade.

Ele soltou uma respiração de alívio, e então se inclinou para frente e apertou seus lábios na minha testa. — Eu me preocupo com você.





— Eu sei. Eu me cuido. — o tanto que é possível, eu silenciosamente adicionei. Eu lancei um olhar astuto ao Ethan. E mesmo quando eu não cuidava o suficiente, eu tinha um vampiro do meu lado, pronto para atirar em meu nome.

Eu não tinha certeza se esse pensamento era reconfortante ou não.

— É bom mesmo. — meu avô disse, e então se afastou.

— Todos estão bem com exceção da garçonete. — Ethan explicou. — Ela levou um tiro no ombro, mas parece que atravessou sem problemas. Merit bancou o técnico de emergências médicas. Ela foi bem.

Meu avô bufou um suspiro. — Claro que ela foi bem. Ela é a minha neta. — ele deu um passo a frente e baixou a voz. — Parece que vocês se meteram em outra confusão envolvendo Metamorfos. Dizem por aí, que você está fazendo um favor ao Gabriel?

Ethan concordou. — Ele pediu a nossa presença nessa reunião e na convocação.

A sobrançelha de centopéia do meu avô levantou surpresa. — Então eles vão se reunir?

— Eles conseguiram alcançar um acordo. — Ethan disse. — Pelo menos antes do caos se instalar.

— Não que o caos surpreenda alguém. — disse uma voz atrás de nós. Eu me virei e encontrei o Catcher franzindo as sobrançelhas para o bar e guardando um celular em seu bolso. Eu acho que ele terminou a ligação. Além de sua personalidade sarcástica, Catcher era um expert em camisetas sarcásticas. De acordo com seu estilo, hoje ele usava jeans e uma camiseta preta onde se lia NÃO SOU EU, É VOCÊ.

— Ethan. Merit. — ele disse, sem olhar para nós. — Atentado?

— É o que parece agora. — Ethan disse, e então inclinou a cabeça para o meu avô. — Dado que a cidade não está ciente sobre a biologia do Gabriel ou da Matilha, eu presumo que você está aqui porque nós estamos aqui?

— A administração sabe sobre os Metamorfos. — meu avô explicou. — Mas não há necessidade de aumentar a publicidade mais do que é confortável para eles. Vampiros estão envolvidos. Isso significa que eu estou envolvido. Nós faremos o que for preciso para assegurar que o DPC⁵ tenha a informação necessária, sem revelar informações que o Prefeito Tate não acredite serem

⁵ Departamento de Polícia de Chicago.





necessárias para eles saberem. Apesar de Tate saber que nós existíamos, vampiros e Metamorfs, ele estava em um impasse quando se tratava de realmente lidar com as Casas.

— Ele está mantendo a biologia em segredo? — eu perguntei.

Meu avô acenou filosoficamente. — Ele está mantendo os homens e mulheres dessa cidade em segurança em suas casas, e não nas ruas fazendo protestos porque eles descobriram mais estranhos em seu meio. — já que o anúncio da Celina sobre a existência de vampiros ter inicialmente levado a protestos e caos, eu entendi a razão.

Catcher virou a cabeça em direção ao bar. — Por que o atentado?

— Rivalidade política. — Ethan ofereceu. — Parece haver alguma tensão entre os líderes Americanos sobre ficar em Chicago...

— Ou sair fora. — eu terminei por ele.

— Os alfas não parecem contentes sobre a perspectiva de ficar, ou de não voltar para o Alasca. Eu sei que vocês não são investigadores. — Ethan adicionou. — Mas há uma possibilidade de Tony Marino, líder do Grande Nordeste, ser a fonte da violência. Ele saiu nervoso, e os tiros foram disparados por alguém numa moto minutos depois. Não é uma grande prova, mas talvez seja algo que possamos investigar.

Meu avô concordou. — Nós vamos investigar. Eu não tenho certeza também do que vamos encontrar, mas veremos.

Eu me perguntei se o Noah ou a GV tinha informações que o meu avô não tinha. Valeria a pena me juntar a GV, aumentar meu acesso à informação sobre as Casas em uma escala nacional?

— O Keene te deu algum detalhe sobre o trabalho de segurança que ele queria falar com você sobre? — Catcher perguntou.

— Merit e eu somos os arranjos sobre a segurança, pelo jeito. Ele nos queria aqui essa noite, obviamente, e ele nos queria na convocação na sexta-feira. — Ethan fez uma careta. — Mas se os Metamorfs estão dispostos a atirar nele com a escuridão servindo de esconderijo, eu não estou certo que há muito que possamos fazer a não ser minimizar os danos colaterais.

— Eu presumo que a garçonete era algum tipo de dano colateral? — meu avô perguntou.





— Eu acho que é uma presunção segura que as balas não eram para ela. — Ethan confirmou.

Com o interrogatório finalizado, meu avô foi em direção ao bar. Eu mudei o meu olhar para o Catcher. Nós tínhamos coisas para discutir, então antes de ele ir embora, eu toquei o seu braço. Ele olhou de volta, suas sobrancelhas questionadoras levantadas.

— Como a *Mal* está? — eu perguntei para ele, mas as minhas perguntas silenciosas eram bem diferentes: “Ela falou algo sobre mim? Falou de mim? Ela sente a minha falta?”

— Por que você não liga para ela e pergunta você mesmo?

Eu dei a ele um olhar vazio. — O telefone funciona dos dois lados. — eu apontei. — Além disso, ela é a única que me pressionou sobre o Ethan, e que jogou o meu ‘problemas paternais’ na minha cara. Eu posso ser imatura para evitar fazer a ligação, mas ela tem muito mais para falar do que eu.

Catcher revirou os olhos, abatido. — Ela sente sua falta, tudo bem? Minha vida será muito; muito mais simples quando vocês fizerem as pazes.

Deus o abençoe por estar confiante que isso aconteceria.

— Como está o treinamento dela? — Ethan perguntou.

Apesar do desagradável relacionamento do Catcher com a Ordem, o corpo governista que lidava com os feiticeiros e feiticeiras e com os novos chefes da Mallory, seu rosto se abriu em um sorriso orgulhoso. — Excelente. Ela está arrebatando.

— Claro que ela está. — eu disse, e quando o meu avô olhou de volta da porta para o bar, eu dei um pequeno cutucão no braço do Catcher. — Vá brincar com o Chuck.

— Indo. — ele disse. — E lembre-se do que eu disse. Faça a coisa certa, Merit. Ligue para ela, mesmo que seja estranho.

Eu não tinha dúvidas de que isso precisava ser feito. Infelizmente, eu também não tinha dúvidas que seria estranho. Eu nunca fui ótimo ao telefone, e por mais que eu sentisse falta da minha garota e não queria que as minhas presas e a magia dela ficassem entre nós, ainda não era uma ligação que eu estivesse pronta para fazer.

Alguns dias não valiam a pena ser adulto. Demorou mais trinta minutos para que as viaturas policiais extras comesçassem a se afastar do meio-fio, e mais





dez para que o Jeff, Catcher, e o meu avô saíssem do bar, deixando os Metamorfos para trás.

— Qual é o veredito? — perguntei quando eles se aproximaram.

Meu avô balançou a cabeça. — Gabriel não acha que o Tony seja capaz disso.

— Ele está sendo objetivo? — Ethan perguntou.

Catcher deu de ombros. — Difícil de dizer, mas ele conhece o Tony melhor do que todos nós.

— Não parece como uma tentativa de assassinato do Gabriel. — Jeff disse; suas delicadas feições contorcidas em uma séria concentração. — Os tiros foram no bar, não em algum Metamorfo em particular. O atirador pode ter tentado forçar a sua entrada, usado um rifle, tentando uma aproximação como um atirador de elite. — ele fez uma careta. — Isso parece mais como uma mensagem, um ataque contra as Matilhas ou a reunião, não ao Gabriel especificamente.

— A equipe forense vai processar as balas. — meu avô disse. — Talvez eles encontrem algum vestígio, descobrir o alvo e o perpetrador.

— Eu, por exemplo, me sentiria muito melhor em saber que um Metamorfo atirador louco está fora das ruas. — Jeff disse, colocando suas mãos nos bolsos. Mas então ele olhou para mim, um brilho em seus olhos. — A menos que alguém estivesse disposto a oferecer uma proteção mais personalizada?

— Continue sonhando. — eu disse, mas dei um tapinha cordial em seu ombro.

— Vamos, Casanova. — Catcher disse, o guiando em direção ao carro. — Vamos usar aquele disco rígido que você reformou.

— Formatei.

— Tanto faz.

Nós nos despedimos, e o meu avô seguiu o Catcher e um tímido Jeff de volta para o carro e em direção ao escritório deles na Zona Sul. Os Metamorfos que sobraram: Gabriel, Adam, Jason, Robin e uma mão cheia de homens loiros que eu presumi ser mais parentes Keene nomeados alfabeticamente – saíram para fora e se reuniram perto da porta. Um caminhão de entrega estava parado na esquina, e dois homens mais pularam, e em seguida, começaram a erguer pequenos painéis planos sobre a janela quebrada. Enquanto os outros irmãos começaram a mandar e direcionar os reparadores, Gabriel, Adam, e os outros líderes da Matilha foram para fora onde nós estávamos.





— Nós agradecemos a discrição de vocês esta noite, — Gabriel disse.

— É a melhor parte da bravura. — eu apontei.

Ethan revirou seus olhos. — Vampiros não possuem mais o luxo da discrição, mas eu entendo a necessidade. Nós seremos capazes de manter a convocação em segredo depois disso?

— Eu não estou preocupado com isso. Nós vamos entrar, vamos nos reunir, vamos sair, e nós vamos nos dispersar de volta para os nossos respectivos territórios.

— E de quem é o território de Chicago? — Ethan perguntou; sua cabeça inclinada para o lado. — Você disse que Chicago era uma cidade de poder. Poder de quem?

Gabriel balançou a cabeça. — Você não quer saber a resposta para esta pergunta, vampiro. Enquanto nós esperamos pela conferência, nós focaremos a investigação aqui.

— E até lá? — Ethan perguntou, e então olhou ao redor para os outros homens. — Você tem toda a segurança para ficar confortável?

Gabriel concordou. — Eu não estou preocupado com o dia-a-dia; é a reunião em massa com os membros da Matilha que me deixam, preocupado. Vocês ainda estão dispostos a trabalhar na convocação, dado o drama?

Ethan considerou a ideia. — Quais são as chances de eu estar me colocando e a minha Sentinela bem no meio da linha de fogo?

Gabriel soltou uma risada. — Dado o que nós vimos até agora, eu acho que cem por cento. — ele se inclinou em minha direção. — Se arme com todo as espadas que você possa achar, Gatinha. Você provavelmente vai precisar do arsenal.

— Você tem uma localização final? — Ethan perguntou.

— O mesmo bairro, mas nós estamos finalizando os detalhes. — sua voz achatada enquanto ele olhava para o que restava do bar. Ele verificou seu relógio. — É duas e meia, agora. Deixe-me limpar as coisas aqui, e eu ligarei para você antes do amanhecer.

Ethan acenou, e então estendeu uma mão para o Gabriel. — Nós esperaremos a sua ligação, e nós estaremos preparados para o pior na sexta-feira.





Gabe soltou uma risada enquanto eles balançavam as mãos. — Você sempre é tão vampiro, Sullivan. Sempre tão vampiro.

— O que mais eu poderia ser? — Ethan ponderou em voz alta.

Com o acordo fechado, nós nos viramos para voltar ao carro do Ethan.

— A propósito. — Ethan disse quando o motor do carro estava zumbindo. — Eu gostei da jaqueta.

A estranheza que parecia existir entre nós mais cedo desapareceu no apertado confinamento do carro. Talvez porque ele gostara da jaqueta, talvez porque eu teria que perder o repolho da Berna, ele me deixou ligar para o Saul's, minha parada favorita em Wicker Park para pizza, para pedir um Estilo-de-Chicago para levar. Ele parou em uma esquina, e eu saí quinze minutos depois com uma extragrande. O melhor do Saul – seis centímetros de crosta, queijo, carne, e molho (nessa ordem). Ethan, claro, iria virar a cara para a gordura, mas era tão perfeita para satisfazer a fome no meio da noite, depois de um tiroteio. Ou então eu imaginei este sendo o meu primeiro tiroteio. Quando eu voltei para o carro, Ethan estava no telefone. O telefone estava no alto-falante, então eu escutei enquanto ele inteirava o Luc e o Malik sobre os eventos dessa noite, as próximas ligações com o Gabe, e dos nossos planos para sexta-feira à noite.

Eu ganhei uma sobrelance arqueada quando eu entrei, a caixa de pizza no meu colo, provavelmente do tamanho de um monstro. Esquentava os joelhos da minha calça, sem dúvida deixando um círculo de gordura no processo. Boa coisa que eu tinha um par extra de calças. Eu não achei que o Ethan aprovaria a Sentinela manchada de gordura, então nós começamos a voltar para Hyde Park.

— Foi uma longa noite. — ele disse. — Presumindo que você está disposta a deixar um pedaço ou dois disso aí para mim, nós acamparemos no meu quarto e esperamos pela ligação do Gabriel.

Uma vez que eu estava em seu quarto no dia anterior, e uma vez que eu tinha dois ou três quilos do Melhor do Saul no meu colo – eu não pensei muito no convite da maneira que merecia. E fazia sentido pensar que nós iríamos relaxar no quarto do Ethan comendo pizza enquanto esperávamos pela ligação do Gabriel, ponderando os eventos da noite e considerando a estratégia para a convocação e a pré-reunião.

Bem.

Eu estava meio certa.





Capítulo 7



Ame as pessoas com as quais você está.

— Primeira parada. — Ethan disse quando tínhamos voltado para a Casa e andamos até o piso principal. Caminhamos através do salão até a cafeteria, mas paramos diante de uma porta na parede direita. Ethan empurrou-a, e eu o segui para dentro de uma brilhante cozinha de aço inoxidável. Um grupo de vampiros com claras jaquetas brancas e com essas calças comuns de Chef picavam e mexiam em várias bancadas.

— Agora, este é o tipo de cozinha que um Novato vampiro merece. — disse com aprovação, pegando os olhares, sons e aromas.

— Margot? — Ethan perguntou em voz alta. Uma das Chefs lhe sorriu em resposta, disse algo em Frances e apontou mais para dentro da cozinha. Ethan assentiu com a cabeça para ela, pegou a caixa de pizza de minhas mãos, e começou a avançar pelo corredor entre as bancadas dos Chefs. Saudou aos homens e mulheres ao longo do caminho, já que não conhecia nenhum deles, ofereci sorrisos amáveis enquanto passava.

Nem sabia que Ethan falava Francês.

Mas, é claro, conhecia Margot. Estava sentada em um banquinho ao lado de uma gigante mesa de mármore, observando como um jovem homem com cabelo escuro jogava a massa sobre a bancada cheia de farinha.

— Cuidado com a pressão. — disse antes de levantar seu olhar e sorrir para Ethan.

— Liege. — disse saltando de seu banquinho. — O que o traz aqui e a... — deslizou seu olhar em minha direção, medindo a quem Ethan havia trazido em seu refugio, então me ofereceu um sorriso manhoso. — Merit no meu lado da mansão?





Ethan colocou a caixa de pizza em um lado do balcão. — Merit e eu estaremos esperando uma chamada em meus apartamentos. Poderia arrumar isto e levá-lo até encima com alguns pratos e talheres?

Arqueou uma sobrancelha, curiosa, depois levantou a caixa de pizza, seus lábios transformando-se em um sorriso. — O Especial de Saul. — disse afetuosamente, uma mão sobre seu coração. — Teve-me através da escola de culinária. E dada nossa historia culinária até a data, assumo, Liege, que nossa Sentinela teve a ver com esta escolha?

— Não é minha comida habitual. — concordou.

Margot piscou-me. — Neste caso, excelente escolha Merit.

Sorri em resposta.

Margot fechou a caixa novamente, depois fechou suas mãos juntas. — Bom, vamos ao trabalho. Algo para beber, Liege? Ainda não foi aberta a garrafa de Chateau Mouton Rothschild⁶ que comprou em Paris.

Sendo uma Merit e tendo sido criada por meu pai para apreciar a diferença entre Caberner e um Riresling, eu sabia que estava falando de um vinho caro..., e combiná-lo com comida pobre. — Você quer beber um Mounton Rothschild com pizza?

Ethan parecia entretido. — Você me surpreende Sentinela. Dada a sua dieta, teria pensado que apreciaria a combinação. E estamos em Chicago, além de tudo. O que melhor do que beber com o melhor de Chicago, algo agradável da França?

Uma garota não podia discutir com uma lógica como essa.

— O Rothschild está bom. — Ethan disse, colocando sua mão em minhas costas para levar-me para a porta outra vez. — Merit está faminta, então toda pressa será apreciada.

Desde que estava tudo certo, evitei uma resposta sarcástica, mas não pude evitar voltar os olhos para checar a expressão de Margot. Não parecia bem: sobrancelha levantada, braços cruzados e um olhar muito curioso.

Eu ia ouviu *muito* sobre isso mais tarde.

⁶ Vinho.





As luzes já estavam acesas em seus aposentos; suave musica soando e apesar da estação, um brilho dourado emanando da lareira em um canto. Parecia como se seu quarto tivesse sido preparado por membros do pessoal para sua volta. Aparentemente os Mestres vampiros tinham um serviço de preparação para o amanhecer.

Coloquei minha bacia cuidadosamente em uma mesa lateral.

— Sinta-se em casa. — Ethan disse. — Já que é mesmo. — tirou sua jaqueta, girou-a como uma capa de toureiro, e a colocou cuidadosamente nas costas de uma cadeira de escritório.

Quando pegou seu Blackberry⁷ da mesa de escritório e começou a teclar através dele, peguei a oportunidade para dar ao aposento outra estudada. Era, além de tudo, um registro dos quatrocentos anos da existência de Ethan. Se as coisas não me dessem alguma pista do quebra cabeças que é Ethan Sullivan, não poderia dizer que eu o faria.

Com as mãos atrás das costas, caminhei até a parede oposta do ovo Fabergé, onde um brasão heráldico⁸ bordado estava montado em uma estrutura de madeira. O brasão tinha um carvalho com bolas vermelhas, um símbolo que tinha visto antes.

Sinalizei-o, depois voltei os olhos para Ethan. Ele estava de pé, com uma mão no encosto da cadeira, a outra em seu Blackberry.

— Este é o mesmo brasão que está no escudo do Salão de Treinamento?

Levantou os olhos, assentiu e voltou ao seu Blackberry. — É o escudo de minha família. Da Suécia.

— Qual era o seu nome? — perguntei. Morgan havia me dito uma vez que os vampiros mudavam suas identidades a cada sessenta anos ou mais, com a finalidade de evitar levantar muitas suspeitas humanas, quando eles não pareciam da mesma idade que seus amigos e familiares. “Ethan Sullivan” era seu nome atual, mas imaginava que não havia nascido com esse nome, não na Suécia quase quatrocentos anos atrás.

⁷ O **BlackBerry** é um aparelho telemóvel (Portugal) ou celular (Brasil).

⁸ A **heráldica** refere-se simultaneamente à ciência e à arte de descrever os **brasões** de armas ou escudos.





— Meu sobrenome era Andresen. — disse; polegares batendo nas teclas. — Fui nomeado de Jakob Andresen.

— Irmãos?

Sorriu melancolicamente. — Três irmãs: Elisa, Annika e Berit, mesmo que estive sempre longe delas. Eu estava no exercito e um homem de armas antes que nosso tenente me pedisse para levar um recado. Quando voltei, com informações sobre a posição dos nossos inimigos em mão, ele me promoveu.

Aparentemente tendo terminado com suas mensagens, Ethan colocou seu Blackberry na mesa de escritório, deslizou suas mãos nos bolsos e levantou seus olhos para mim. — Eu era capitão de artilharia quando meu tempo chegou.

Ethan não era no geral, tão falante sobre seu passado, portanto cruzei os braços sobre meu peito e lhe dei minha completa atenção. — Quando você foi assassinado?

— Quando fui *transformado*. — corrigiu.

Fez um gesto para o lugar da cruz em seu ombro esquerdo e seu pescoço. — Uma flecha ao anoitecer. A noite caiu, e os vampiros apareceram, enchendo o campo de sangue, incluindo o meu. Era fácil se meter em um campo de batalha, é claro, não é que foram pessoais. Os vampiros eram diferentes até então, mas próximo de animais do que humanos. Eram bandos de recoletores bebendo o sangue que podiam encontrar. Neste bando, esse primeiro bando, havia um líder. Balthasar. Ele tinha observado o campo, sabia a minha posição, decidiu que eu sabia o suficiente sobre guerra, sobre estratégia, para ser de valor para eles. Então de certo modo, nossas mudanças tinham sido similares.

Ethan, transformado no meio de uma guerra, vitima de um ataque. A mudança, mesmo que lhe dando vida depois de uma morte certa, transformado sem seu consentimento.

Levado para um grupo de vampiros para ser um guerreiro, para oferecer seus serviços estratégicos. Eu, transformada no meio da batalha de Celina para chamar a atenção, a vitima de seu ataque planejado. Transformada por Ethan para salvar a minha vida, sem meu consentimento. Trazida para a Casa Cadogan para ser uma guerreira, um soldado protegendo a Casa.





Quando comecei a mudança genética de humana para vampira, ele tinha me drogado. Disse que não queria que eu experimentasse a dor da transição, já que não era uma transição que eu tivesse pedido.

Talvez agora eu saiba por que.

Ethan parou; seu olhar no chão, seus olhos passeando enquanto me lembrava de alguma coisa antiga. — Quando me levantei, depois da transformação, imaginei-me como um monstro, algo profanado. Não podia ir para casa, não podia levar isso para a minha família. Não como eu era. Não deste modo. Então me uni a Balthazar e ao seu bando, e viajamos por uma década.

— O que aconteceu depois disso?

— Um jovem empreendedor vampiro, um vampiro que Balthazar tinha feito, decidiu que o bando estaria melhor sob sua autoridade. E esse foi o fim de minha relação com esses vampiros em particular. Depois disso, viajei. As guerras eram comuns nesses tempos, e eu tinha conhecimento sobre estratégia e habilidades. Eu me uni a um batalhão aqui e ali, viajei para o sul, até que encontrei uma pacífica porção de terra para reclamar como minha. Vivi da terra. Apreendi a ler e escrever. Tentei construir uma nova vida e não atrair muita atenção humana.

Minha voz suavizou-se, perguntei. — Alguma vez se casou?

— Não. — disse sacudindo a cabeça. — Não. Como soldado, eu não senti que tinha o luxo de manter uma família em casa. — sorriu melancólico. — Minhas irmãs eram crianças o suficiente para mim. Fui um covarde, acho, por não voltar para elas, não lhes dei uma chance de aceitar no que eu havia me transformado. Mas aquele era um tempo muito diferente, e eu estaria voltando para casa como um demônio. Um verdadeiro monstro. Eu não me atrevia a fazê-lo.

— Quando você se uniu a Casa Cadogan?

— Muitos; muitos anos depois de deixar a Suécia, conheci Peter. Fundou a Casa Cadogan e eu me uni a ele em Walesa. E quando ele já não estava; eu me converti em Mestre. Movi a Casa para Chicago. — estendeu seus braços, abrangendo a mansão ao seu redor. — E aqui estamos.

— E aqui estamos. — concordei. Sabia que essa não era toda história. Mas sábio o bastante sobre as mais escandalosas partes recentes, seu romance com Amber; sua relação com Lacey Sheridan, uma ex-guardiã Cadogan transformada





em Mestre da Casa Sheridan, não perguntaria mais do que provavelmente eu quisesse saber.

— Uma sugestão Sentinela. — ele disse. — Escreva as coisas que deseje lembrar e mantenha esses registros por perto. Seguros. É surpreendente quanto esquecemos quando os anos passam e passam. — com este conselho, afastou-se da escrivaninha e caminhou para mim. Parou bem em frente a mim, nossos dedos perto o suficiente para tocarem-se, e simplesmente..., ficou ali. Meu coração começou a palpitar enquanto esperava a ação, um toque ou beijo, algum final a antecipação que provocava arrepios em meus braços.

Optei por terminar a tensão eu mesma. — Você não deveria ter me protegido quando os disparos começaram.

Ele me deu um olhar imperioso.

— Ethan, é meu trabalho. Imagina-se que devo te proteger, não ao contrario. Luc teria colocado minha cabeça em uma lança se você tivesse recebido um tiro.

— Como você sabe que não o fiz?

Abri minha boca, mas logo a fechei de novo. — Você recebeu algum?

Seus olhos se transformaram em sensuais fendas. — Quer procurar e ver?

— Não especificamente. — mentira; mentirona, se segura nas calças.

Ethan levantou uma sobrancelha e começou a se inclinar para frente... Então se esticou para agarrar algo da mesa atrás de mim. Quando retrocedeu, pasta em mãos, coloquei os olhos em branco por minha reação. O homem simplesmente me desequilibrava.

Abriu o arquivo e começou a ler cuidadosamente, caminhando enquanto considerava o conteúdo. Soltei um suspiro, relaxando incrivelmente ao perceber que mesmo que ele pudesse flertar, nós estávamos aqui a negócios. Qualquer que seja a atração entre nós, ele era antes de tudo o líder dos vampiros.

Uma batida soou na porta.

— Entre. — Ethan disse sem levantar os olhos.





As portas se abriram, mas com muito menos barulho e pratos que da última vez que a comida havia sido entregue. Depois de me dar um olhar diabólico, Margot entrou com um carrinho de rodas, coberto com uma tampa de aço. A pizza tinha sido colocada: pimenta vermelha, queijo parmesão ralado, pequenas garrafas de vidro com água, guardanapos, talheres, copos de vinho e é claro, o vinho.

Ethan levantou os olhos. — Você fez um trabalho respeitável com o jantar desta vez Sentinela.

Coloquei as mãos na cintura e olhei para a bandeja e para a travessa com a pizza.

— Bem. — eu disse. — Até mesmo uma garota nascida e criada em Chicago precisa de um descanso das salsichas e hambúrgueres de queijo às vezes.

— É uma pena. — Margot bufou, e eu sorri. Tinha o pressentimento de que ia gostar dessa garota. E então, fui distraída pelo chocolate.

Sinalizei para as duas pilhas de três andares de vários tons de marrom. — Pastéis de chocolate?

— Pastéis de mousse de chocolate. — Margot corrigiu. — Uma parte inferior de chocolate Genovês, coberta por partes de mousse de chocolate com leite e ganache. Estamos treinando um novo Chef pasteleiro, e eu queria praticar suas habilidades para fazer mousse. — olhou para Ethan com expectativa. — Algo mais que eu possa fazer por você, Liege?

— Creio que você já fez a nossa Sentinela suficientemente feliz por nós dois.

— Muito bem. *Bon Appetit*. — disse, então fez uma pequena reverência antes de dirigir-se para as portas.

— Obrigado Margot. — Ethan disse, e ela desapareceu pelo batente, as portas fechando-se atrás dela, mas a recompensa deixada para trás.

Nós nos enchemos de pizza e do ridiculamente fabuloso vinho. Ethan tinha razão, caro ou não, combinava incrivelmente bem com a picante pizza de queijo.

No momento em que Gabriel ligou, nós tínhamos ido para a sala de estar, um telefone fixo para conferências e nossas taças de vinho, no sofá entre nós. Sentei-me de pernas cruzadas no chão, minhas botas deixadas de um lado. Ethan sentou-se no sofá, uma perna cruzada sobre a outra.





Gabriel jogou a bola fora de campo em seu primeiro lance. — *Gatinha*. — perguntou. — *Por acaso Sullivan te deu um aumento?*

Cruzei minhas mãos sobre a mesa e me inclinei sobre o telefone. — Infelizmente Gabriel, ele não o fez. Acho que minhas habilidades estão sendo severamente menosprezadas.

— *Me custa acreditar que isso seja verdade, Gatinha. Mas vampiros são vampiros*

Tinha o pressentimento que os Metamorfos usavam bastante essa frase, e não lisonjeiramente. Mas quando olhei para Ethan, ele tinha uma expressão de divertimento. Tinha um cotovelo sobre o encosto da poltrona, seu queixo entre o polegar e o dedo indicador. Sua cabeça estava inclinada, seu sorriso torcido, como se estivesse na verdade..., relaxado.

— Algum avanço na investigação? — ele perguntou.

— Nada que queira saber. A moto de Tony foi encontrada a meio quilometro do bar. A equipe forense a tem agora. O Ombud esta agindo de intermediário. Ele nos deixou saber que a policia a esta analisando em busca de resíduos de pólvora, esse tipo de coisas.

Ethan enrugou o cenho. — Lamento ouvir isso.

— Ambos lamentamos. — Gabriel disse. — Esta reunião, acredita-se, seja para traçar um novo rumo para os Metamorfos, e não velhas e cansativas atitudes. — suspirou audivelmente. — Ah! Bom. A merda é o que é; certo?

— Isso é o que temos ouvido. — Ethan disse. — Portanto, suponho que isso significa que Tony tenha subido na lista de suspeito?

— Isso pareceria ser o caso. Complica as coisas, é claro. Colocar os Alfas em perigo não parece ser realmente conveniente, como imaginaram. Não quero trazer as Manadas juntas com este tipo de espada sobre nossas cabeças, mas talvez não tenhamos opção.

— Você determinou a localização da convocação?

— Sim, o fiz. Estaremos na Catedral San Bridger. Esta aqui no bairro.





Não pude evitar as palavras que saíram de minha boca. — San Bridget? Irão se reunir em uma igreja?

— O faremos, certamente, Sentinela. Você pensou que nós, os Metamorfos estávamos fora de todas as coisas sagradas?

Um rubor esquentou minhas bochechas pela recriminação. — É lógico que não. É que..., bem, é uma igreja. Não é o primeiro lugar que me viria à mente.

Especialmente não como a localização de uma reunião de, como Gabriel havia sinalizado; motoristas bêbados.

— Menos olhares indiscretos e menos efeito colateral. — Gabriel disse. — Sullivan, não sei o que você gostaria de ver de antes, posso fazer com que minha gente envie a Luc, planos de construção, e esse tipo de coisas.

— Esta bem, por mim. — Ethan concordou. — Acredito que isso seja tudo o que precisa de nós esta noite?

— Na verdade não é. — Gabriel parou por um momento, suficientemente longo para que Ethan me desse uma olhada de curiosidade. Eu encolhi os ombros.

— Aprecio o que fizeram esta noite, os dois. Aceitaram entrar no conflito que não é seu, e não posso agradecer-lhe Merit, o suficiente pelo que fez por Berna. Pegou um risco, pegou uma chance para protegê-la. Você fez bem, Gatinha. Fez realmente bem.

— Obrigada senhor.

— De qualquer modo, teremos um jantar social da Manada amanhã à noite. Jeff sugeriu que vocês dois deveriam vir, conhecer alguns quantos Keenes, ter uma ideia de quem somos como grupo. Em parte é um agradecimento. E não acho que tenhamos os mesmos tipos de problemas de segurança para nos preocuparmos.

Levantei os olhos do telefone para Ethan, para medir sua reação. Seus olhos estavam arregalados pela surpresa, seus lábios curvados em um muito satisfeito sorriso. — Seria uma honra Gabriel. Obrigado pelo convite.

— Bom, bem. Um pequeno problema; será nos Brecks. Eles têm uma casa enorme, como vocês sabem, então ali há um salão no qual cabem todos.

Houve uma pausa incômoda. — E como estão às coisas entre você e os Brecks? — perguntei.





Isso levou a uma pausa ainda mais longa. — Eles se ofereceram para organizar a comida, para ajudar a reparar o buraco. — disse. — Mas, isso é entre os Brecks e a Manada. A localização lhes causará algum incômodo?

Com minha concordância tranquilizadora, Ethan ofereceu. — Estaremos bem.

— É bom ouvi-lo. Dez horas da noite, amanhã. Desligando.

Com isso, ele desligou.

Ethan esticou-se para frente e apertou o botão do telefone, depois me olhou.

— De volta ao posto, suponho?

— Parece desse modo. Pergunto-me se esta será nossa chance de reparar o buraco com os Brecks...

— Ou se os irritaremos ainda mais por irmos a uma festa de Metamorfos?

— Eu tinha pensado o mesmo. — concordei.

— De qualquer maneira, só há uma coisa a fazer a respeito agora. — descruzei minhas pernas e me coloquei de pé.

Ethan sorriu ligeiramente. — Dois ou três séculos de paz?

— Bem, isso com certeza. Mas eu estava pensando em mousse de chocolate.

De algum modo, eu havia me transformado na guia culinária de Chicago de Ethan. Havia conseguido que ele comesse um prato de pizza, que provasse os cachorros quentes de Chicago, e mergulhasse em um hambúrguer de queijo com tocinho duplo. Não estava certa que pudesse levar o crédito pelo chocolate, já que Margot é quem havia arrumado a bandeja, mas imaginei que meu enorme entusiasmo contava em alguma coisa.

Enquanto Ethan chamava Luc para avisar-lhe que Gabriel lhe enviaria matérias para a convocação, cortei os pastéis de chocolate. Quando as colunas de chocolate - da camada de mousse do paste até o profundo chocolate de cima - estiveram no meio de um branco prato de sobremesa, peguei dois talheres. Virei-me do carrinho de volta as poltronas, mas ele já estava de pé atrás de mim.





Levantei o prato e talher, e cutuquei a parte superior da sobremesa, atravessando as camadas.

Ocorreu-me olhá-lo enquanto me preparava para morder, e encontrei seu olhar em mim, sua cabeça inclinada, suavidade em seus olhos.

— O que?

Um canto de sua boca se ergueu. — Provavelmente você não queira saber.

— Ah! — eu disse, imaginando que seus pensamentos eram obsenos, então levantei o chocolate aveludado aos meus lábios. Fechei os olhos enquanto me deleitava com ele.

Era sem dúvida o paraíso do chocolate, e Margot era uma deusa.

— Bom? — perguntou; sua voz baixa e lenta, não estava certa se estava perguntando sobre a sobremesa. Disse a mim mesma que me concentrasse no denso sabor de chocolate, e não na pergunta e seu tom.

Quando levantei os olhos de novo, ele estava ainda me olhando, seus olhos eram como piscinas, cristalinas e verdes.

— O que. — perguntei.

Levantou uma sobrancelha sarcasticamente.

Sacudi minha cabeça. — Com chocolate ou sem chocolate, não faremos isso.

Ethan grunhiu, depois deu um passo para frente. — Escorreu um pouquinho. — disse; levantando uma mão para meu rosto. Seus dedos em meu queixo, passou o polegar através dos meus lábios.

E enquanto estivemos ali, nos olhando, levantou seu polegar para sua própria e linda boca e chupou o chocolate

Minha boca caiu aberta. Mesmo que minha própria pele estivesse em chamas e meus lábios pareciam inchados por seu toque, consegui sussurrar. — Você não está jogando limpo.

— Não estou jogando Sentinela.





Por um momento, ficamos em silêncio, nenhum dos dois respondendo ao obvio convite. Ethan pegou o prato e talher de minhas mãos e os colocou no carrinho.

Então pegou minha mão e a pressionou contra seu peito, contra o algodão almiscarado de sua camisa. Seu coração batia sob minhas mãos, seu sangue correndo debaixo de minhas palmas. Tive uma repentina lembrança de sangue que nós tínhamos compartilhado, eu em minha velha cama na casa de Mallory, Ethan ajoelhado diante de mim, me oferecendo seu pulso para atravessar o resto da transformação. Mas mesmo meio enlouquecida pela sede de sangue, o tinha recusado. Não podia beber, não estava pronta para dar esse passo, especialmente com alguém com que eu já me sentia em conflito. Mas depois, ele havia cuidadosamente mordido seu próprio pulso e havia me oferecido novamente.

E enquanto seu controle era geralmente fundamental, havia se rendido e havia me permitido ver o prateado em seus olhos. Havia me permitido ver seu desejo.

Isso tinha sido suficiente para mim. Tinha agarrado seu braço e levado seu pulso aos meus lábios. Bebi, pela primeira vez, realmente bebi, e enquanto alimentava minha enfurecida necessidade, ficamos juntos sob um circulo de fome, desejo e luxúria, suficientemente forte para eletrizar o ar.

A lembrança me golpeou como um trem de carga, e puxei minha mão para trás, chocada por sua intensidade.

Quando o olhei agora, vi o entendimento em seus olhos. Ele sabia o que eu tinha recordado, mas também sabia que eu não ia mudar de opinião. — Você é tão teimosa.

Dei-lhe um olhar significativo. — Você sempre soube disso. Soube quem sou desde o começo.

— Sei que você não é igual ao resto deles.

— Eu não fui feita como o resto deles. — sinalizei. — Não pedi para me transformar em um de seus vampiros. Transformei-me em um vampiro porque você escolheu me fazer um deles.

— E o que eu te fiz Sentinela?





O aposento ficou em silêncio, até que ergui meus olhos para os seus. Perguntei-me o que veria nos meus enquanto me olhava fixamente. Veria ele o mesmo forte desejo ofuscado por minhas dúvidas?

— Eu te fiz mais forte? — perguntou. — Te fiz competente?

Um canto de meus lábios elevou-se. — Eu sou quem eu sou. Você apenas me fez vampiro.

Enquanto ainda tinha força para fazê-lo, dei uns poucos passos para trás.

— Não estamos longe do amanhecer. Provavelmente eu deveria ir para meu quarto. Precisa de mim para algo mais?

— Preciso de você para tantas coisas.

Oh! Mas era tão fácil se presa pelo pensamento de que um homem tão intensamente arrojado me queria tão ferozmente.

Com certeza, esse era exatamente o problema. — Você me quer para satisfação física.

Quando não obtive resposta, levantei os olhos de novo, pensando que minha esperteza o havia irritado. Mas não tinha raiva em seus olhos, simplesmente uma líquida e rica prata, a cor da fome. Minha espinha formigou, não apenas de excitação, e sim por algo mais básico, um tipo de apreciação vampírica, um interesse em qualquer tipo de jogo que estávamos começando a jogar. A pergunta era; eu estava pronta para perder?

Ele se moveu para frente e pegou minha mão, depois juntou nossos dedos, levantando nossas mãos unidas entre nós. — Você valeria qualquer preço.

— Se sou valiosa não é a pergunta. — minha voz era luxuriosa e baixa, e me surpreendeu sua profundidade. Ao que parece, a valentia que tinha fingido com Lindsey não tinha sido todo um show, como vampiro, tinha um montão de confiança em minhas armas femininas. E, o mais importante, eu seria a única a decidir se ele valia minhas atenções.

— Porque você duvida de mim?

— Porque já tivemos esta conversa antes. Na casa de Mallory. Na biblioteca.





— Estou começando a lembrar. — parou, sacudiu a cabeça, depois começou de novo. — Estou começando a me lembrar; o que significa precisar de coisas. Risadas. Companheirismo. Amor. — inclinou-se e pressionou sua testa na minha. — E eu preciso de você Merit.

Respirei. Essas eram palavras que eu não tinha esperado ouvir, não estava preparada para ouvir. Eu te “quero”, é claro; eu te “desejo”, talvez. Mas não; eu “preciso”, não a admissão disso, da debilidade que isso sinalizava. Assim, simples, uma palavra de sete letras me deixou nua, destruindo as defesas que eu tinha construído com tanto cuidado.

— Ethan. — minha voz era apenas um sussurro, apenas o suficiente para atravessar o grosso silêncio, mas ainda tinha um aviso em meu tom.

Um aviso que ele ignorou.

Foi então quando ele se moveu, quando avançou, agarrou meu rosto em suas mãos e pressionou seus lábios nos meus. Ficou ali, sua boca na minha, por um longo tempo, antes de se afastar. Mas manteve suas mãos nas minhas bochechas e manteve seus brilhantes olhos em meu rosto.

— Você me desconcerta Merit. Total e completamente. Não me leva a sério. Você me desafia em cada oportunidade. E isso significa que quando estou com você, sou menos que a cabeça desta Casa..., e sou mais que a cabeça desta Casa. Sou um homem. — acariciou minhas bochechas com suas palavras. — Em minha muito, muito longa vida, eu preciso de mais do que jamais precisei algo.

Desta vez, não esperei que ele se movesse.





Capítulo 8



Olhos Famintos.

Eu o beijei. Deslizei minhas mãos em torno de sua cintura quando ele deslizou a dele em torno do meu pescoço, enroscando seus dedos em meu cabelo, enquanto me puxava mais perto. Beijou-me com avidez, com ansiedade, como se estivesse com fome de mim.

Meu corpo se incendiou, cada célula estava em chamas, e eu lhe devolvi o beijo como se não pudesse me aproximar o suficiente. Mordisquei seus lábios e enredei minha língua com a dele, a mágica começou a dispersar-se através do quarto ao mesmo tempo em que a paixão inflamou entre nós.

— A camiseta, tire-a. — eu disse, me colocando para trás, seus olhos ampliando-se ante minha audácia.

Eu ri secretamente. Supondo que trabalhar em minha bravata tenha valido a pena.

Ethan deu um passo para trás e lambeu seus lábios. — Eu esperei muito tempo por você.

Meus dedos, se agitaram com nervoso e antecipação, puxando a parte inferior da sua camiseta cinza, e muito lentamente levantaram-na para revelar uma faixa cada vez maior da pele perfeita acima de sua cintura.

— Eu não quero apresar-te. — disse em voz baixa. — Mas ainda tenho planejado coisas para antes que saia sol.

— A paciência é uma virtude. — eu disse a ele. Eu deslizei para cima as minhas mãos, pela superfície plana de seu estômago, levantando a camiseta por um bloco de músculo de uma vez. Quando cheguei tão longe quanto era possível, levantou seus braços e tirou ela por cima de sua cabeça.





— Eu apreciarei somente a provocação por um momento. — disse, mas fechou seus olhos e suspirou, seus músculos tencionando sob minhas mãos enquanto descia um dedo pelo centro de seu estômago. Sentia que me cortava a inspiração e vi o doloroso prazer em seu rosto quando puxava a cinta de sua correia. Com os dedos ágeis pela prática das espadas, desfiz do fecho e eu o joguei através dos prendedores, logo a deixei cair no chão.

Seus olhos foram abertos de impacto, e relampejaram em prata. — Merit. — ele grunhiu.

Eu elevei vista para ele através da minha franja, eu retirei minha jaqueta de couro, e tirei o elástico do meu cabelo, deixando cair em torno de meus ombros.

Ethan deu um passo para frente, deslizando suas mãos em meu cabelo e pressionando sua boca de encontro a minha.

Depois que um longo e ardente beijo, Ethan finalmente foi para trás, arfando, os lábios entre abertos. Ficou me olhando fixamente, suas pupilas completamente dilatadas, e deixado a suas presas descer.

Meu coração batia com força, ser humano nervoso com antecipação, vampira ansioso para a ação.

— Mérit. — disse, logo inclinando sua cabeça para meu pescoço, deixando suas presas roçaram a pele por cima do sangue que pulsava em minha artéria. — Sabe como seria. — o sussurro, sua respiração morna em minha garganta, seduzindo a mim para uma outra memória do sangue que nós compartilhamos. — Você sabe como se sentiria, se toma o que eu lhe ofereço.

Estremeci-me pela lembrança, o sabor do vinho morno de seu sangue em meus lábios, um sabor que florescesse com calor, vida e mágica. Foi como beber um bom vinho impregnado de pura eletricidade.

E agora ofereceu-o outra vez... Ele seria mordido duas vezes.

Eu abri minha boca para responder, ainda não muito segura de que palavras seriam derramadas de minha boca.

— As primeiras coisas primeiro. — disse, logo segurou minha mão e conduziu-me para as portas duplas do seu quarto.





Eu parei na soleira, nossos braços estendidos entre nós, a hesitação repentinamente apoderando-se de mim. Ele tinha feito isto antes com uma mulher que o havia traído, uma mulher atribuída para fornecer-lhe prazer.

Eu era simplesmente o segundo round?

Ethan jogou um olhar para trás, e eu prestei-lhe atenção, a relutância em meus olhos. Sorri com suavidade, e puxou-me para frente. Quando nossos corpos foram alinhados outra vez, desceu seus lábios na minha orelha. — Mais do que alguma vez eu tenho querido qualquer coisa. — ele repetiu, continuando dando outra vez um passo para trás, sobranceiras levantadas. — E você esta com roupa demais.

Estava a ponto de jogar de tímida, mas encontrou-me além da necessidade. O desejo nos olhos de Ethan fez do pudor desnecessário. Eu entrei no quarto e fechei a porta atrás de nós. Logo eu tirei o top sobre minha cabeça e abri o zíper das calças do terno, deixando as caídas no chão.

Isso me deixou no meio do apartamento de Ethan Sullivan, não vestindo nada mais que a extensão de meu cabelo escuro e um par das meias de seda preta.

E então eu retirei a seda.

Muito dificilmente poderia ter planejado um sedução melhor.

Deixou sair um entre cortado suspiro, e o olhar prateado caindo sobre meus peitos nus. Ethan umedeceu seu lábio inferior, elevando logo o Vista, observando-me sob os cílios com de uma milha de comprimento com as pálpebras entrecerradas. Era uma olhada de tal fome e desejo que minhas próprias presas desceram.

Com velocidade vampírica, ele retirou a calças jeans e o boxers. E então estive despido antes de mim, este homem que tinha visto os impérios desmoronar e tinha um depósito de conhecimento que nenhum ser humano será capaz de se igualar. A mera visão deste homem despido, este vampiro que foi meu maior inimigo, meu desejo mais feroz, expulsava todo o pensamento racional da minha cabeça. Os primeiros segundos logo depois que me converti em uma vampira, o mundo tinha se deslocado em uma linha central, tornando-se mais ruidoso, mas brilhante, más.

Mas a totalidade desse mundo novo não era nada comparada a visão diante de mim, sua considerável ereção que demonstra a ferocidade de seu desejo, seus





olhos com fome em mim. Cada músculo esculpido, desde suas largas, alongadas pernas, das linhas dos músculos em seu quadril, e os tendões dos seus braços.

Sem esperar, como o predador que era, perseguiu-me, um pé de cada vez.

Instintivamente, apesar de minhas próprias necessidades, eu me afastei, a presa escapando do predador.

Isso só o seduziu mais.

Retrocedi até que bati na porta. . . até que não tive para onde correr.

Cabelo dourado que caia em torno de seu rosto, ele me deu um meio sorriso, a vitória em sua expressão. Pegou meus pulsos em suas mãos, elevou as sobre minha cabeça, e pressionou de encontro à madeira atrás de nós.

— Você foi capturada, sentinela. — sua voz era áspera.

Eu o olhei através de meus próprios olhos semi cerrados. — Não estava tentando escapar, Sullivan.

Incluindo na luxuria, éramos desafiantes, nossos corpos os marcadores em nossa batalha pessoal de encontro à outra.

Beijou-me, seus lábios jogavam com os meus, ao calor, à fricção e à pele despida entre nós. E então avançou outro centímetro e pressionou seu corpo de encontro ao meu, unindo sua coxa entre as minhas, sua ereção visível entre ambos.

Soltou minhas mãos, e eu cerquei meus braços ao seu redor, cercando meus dedos a pele de seu ombro. Suas mãos moveram-se para meu rosto, seus dedos em meu maxilar enquanto me debilitava com seus beijos, com os provocativos beliscões de seus dentes, com suas presas e as possibilidades que representaram.

Sem aviso prévio, Ethan se deixou cair de joelhos, suas mãos deslizando enquanto se movia, e logo seus longos dedos estavam em torno de meus peitos. Meus olhos se cerraram, meu corpo se arqueou para frente em suas mãos.

— Bonito. — sussurrou, e sua boca seguindo em meu estômago, dando beijos em meu umbigo, suas mãos em meus peitos, seus dedos ocupados construindo uma voraz e furiosa necessidade.





Gemi ante a sensação, encantadora e incitante e completamente insatisfatória ao mesmo tempo. Dei uma respiração entre costada e eu senti como se minha pele estivesse queimando.

Ethan deu uma risadinha. — Você parece estar desfrutando, Sentinela.

Lentamente, eu abri meus olhos. — Nada de Sentinela. Nada de Sullivan. Ethan. — e então me detive, insegura se estava disposta a dar esse passo, para oferecer meu primeiro nome, dar esse direito a ele.

Ele sorriu delicadamente. — E Merit. — decidiu por mim, com esse irritável tom ausente. Soou não como um professor entre vampiros, mas como um deus entre homens. Pressionou sua bochecha de encontro a meu estômago.

— Eu sou esgotado. — disse suavemente.

Eu derreti, excitando o ritmo do meu coração. Minhas mãos encontraram seu cabelo, e eu acariciei as mechas de seda douradas até que separou uma mão e pressionou seus lábios de encontro a minha palma.

Em seguida estava de pé outra vez. - A cama. - sussurrou com a voz rouca e, com a mão rodeando meu pulso, guiado-me para lá. Quando nós chegamos, mudou nossas posições e abaixou-me. Observei, com os olhos completamente abertos, em quanto se movia em cima de mim, arrastando-se ao longo do meu corpo. E então o peso de seu corpo delgado estava sobre o meu e seus lábios e dentes estavam em minha boca, e seus beijos transformaram-se empurrar freneticamente, lábios e língua e dentes e mãos empurrando, puxando, mordendo, beliscando, tentando furiosamente estar mais perto.

Apoiou um cotovelo na cama e usou sua outra mão para me torturar, com as pontas dos dedos deslizando contra minhas costelas, a provocação quase me levando para fora do colchão, e logo de encontro a meu estômago e à parte superior de minhas coxas.

E então seus dedos alcançaram o centro de meu corpo, e eu me archei para cima, mesmo o mais ligeiro fricção como flamas lambendo por minha pele.

— Ethan.

Riu desinibidamente. — Apenas comecei Merit. — advertiu, e logo começou sério.





Alguns minutos ou horas ou dias mais tarde, enquanto jazia languida e bem satisfeita, Ethan levantou seu olhar para mim outra vez. Seus olhos estavam prateados, suas presas desceram.

— Não há como voltar a trás. — disse. — Não depois disto.

Porem já tinha tomado a decisão para seguir adiante. Não tinha nenhum interesse em voltar a trás.

— Te desejo. — disse a ele, inclinando-me para pressionar um beijo em sua mandíbula.

Essa foi prova suficiente para ele. Se móvel para frente novamente, e quando nossos corpos estavam alinhados, seguiu adiante..., e expulsou o ar de meus pulmões.

Arqueei minhas costas, minha mão se estenderam para a cabeceira atrás de mim, saboreando o fogo em meu estômago, o calor de seu corpo, o aroma de sua colônia, mais intenso agora que nós estávamos junto.

Em todas as formas possíveis.

Minhas pálpebras voltaram a fechar. Com um braço na cama para suportar seu corpo, colocou sua outra mão em meu rosto.

— Merit. — suspirou contra meus lábios. Tinha dito que não havia retorno, mas estava perguntando-me outra vez sem palavras: estava segura? Estava pronta? Para o ato, para o fato, e tudo o que lhe seguiria? As mudanças que se derivariam?

Respondi da mesma forma que pediu - com meu corpo. Arqueei meus quadris para cima, pressionei minhas unhas contra a sua pele, puxando-o mais forte de encontro a mim.

— Ethan.

Ele gemeu, logo deixou cair sua testa na minha e começou a mover seu quadril, para encher meu corpo, investido o seu contra o meu. Moveu-se perigosamente lento ao princípio, seus lábios nos meus, o movimento um provocação, um incitação, uma promessa do que poderia ser.

Uma promessa do que viria.





— Ethan. — eu disse, mordiscando seus lábios.

— Sim, Merit? — havia diversão em sua voz.

— Eu apreciarei somente a provocação por um momento. — ele riu do fundo de sua garganta. — Alguém uma vez me disse que a paciência é uma virtude.

Envolvi meus pés em torno de sua cintura. — Alguém que não tinha pressa nesse momento.

Ele avançou com tal força que na verdade ofegou, meus olhos se abriram de repente, como se meu corpo estivesse chocado pela sensação primitiva dele mesmo. — Alguém teria que aprender não apressar. — disse ele, lábios em minha orelha logo mordiscaram em minha garganta.

— Ethan. — disse, minhas pálpebras tremulando. Ele tomou como uma ordem, e começou a mover-se violentamente, seus lábios animavam os meus com beijos ao tempo que trabalhou seu quadril de encontro ao meu. Meu corpo queimando por dentro, queimando-se quanto ele intensificou o fogo ainda mais.

— Eu quero seus dentes em mim. — sussurrou com a voz rouca. — Agora.

As partes de meu corpo que não estavam em chamas instantaneamente se incendiaram.

Com o quadril empurrando ainda, abaixou sua cabeça, colocando-a ao alcance das presas. Eu deslizei minhas mãos em seu cabelo e beijei a pele sobre a sua jugular, sentindo seu pulso sob meus lábios.

Minhas presas estavam alongando outra vez.

— Agora. — disse, e sem pensar duas vezes, me inclinei, e mordi. Saboreei o vinho o fogo e a Ethan, a essência de sua vida, sua força vital. A bebida de toda as bebidas. O apetite de todos os vampiros.

Seu sangue.

Minha garganta se moveu ao compasso dos seus ataques ferozes. Em cima de mim, gemendo, um som grosso e o som gutural, como se estivesse dando som ao êxtase.





Arrepios em meus braços, a mágica que desliza no ar enquanto tomávamos o nosso prazer.

E logo seu corpo se arqueou, e pôs uma mão em minha mandíbula para assim poder olhar em meus olhos. Para assim poder observar a expressão do meu rosto.

— Merit. — disse.

O olhar em seus olhos, primitivos e possessivos, colocou-me ao limite. Tomei fôlego e gritei seu nome, o fogo que se derramando por meu corpo, meus olhos se fechando com a força dele mesmo, cada músculo tensionado, sendo contraído, e, ao mesmo tempo que a chama e a energia alcançava entre nós..., a liberação.

Segundos ou minutos ou horas mais tarde, me grudei a suas costas, seus lábios em minha orelha, sua respiração ofegante, mesmo quando os tremores sacudiram meu corpo, minha respiração entrecortada.

Depois de um momento, Ethan se apoiou nos cotovelos, ele me beijou com rudeza e apertou os lábios contra a minha testa. Então ele caiu de volta para a cama, posicionando-se ao meu lado, e puxou meu corpo contra o dele. Eu aninhada contra ele, seu braço debaixo da minha cabeça, o calor de seu corpo fazendo o meu casulo novamente

Ficamos ali juntos em silêncio, mesmo quando o sol batalhava no horizonte por trás das janelas de seu quarto, os amantes saboreando a fugaz cobertura da escuridão.

— Qual é a sua coisa favorita? — sussurrou, seus lábios em meu ouvido.

— A minha coisa favorita? — tracei com as pontas dos dedos sobre seus longos dedos, através das veias em suas mãos.

— Diga-me algo que você não tenha contado para outro vampiro.

A pergunta era tão triste como doce. Ele queria conhecer o que ela entesourava..., sempre e quando fosse um segredo para manter protegido dos outros. Algo que não havia trazido para o mundo sobrenatural para qual ele me trouxe.

— Você sabe que eu sou um fã de Os Cachorros?





— Sim, mas por que permanece um mistério.

Joguei uma olhada para ele. — Você não é fã White Sox, certo?

— Com certeza que não. — rosnou. — A duras penas sigo o baseball.

— Mas se você fizesse?

Houve silêncio por um momento. — Se eu tivesse que fazê-lo, torceria pelos ianques.

Deixei escapar um gemido. — Eu não posso crer do que eu acabo de fazer com um fanático do Yankees. Na verdade você deveria ter-me dado um pequeno aviso. Incluindo um reembolso.

— É somente baseball.

— Dito por um fanático dos Yankees. Em todo o caso, você perguntou qual era minha coisa favorita. Bom, um ano, eu fiz a promessa de obter uma bola de baseball assinada por cada um dos Los Cachorro. Ia doá-lo a esta coisa de caridade em que minha mãe estava metida. Tinha dez, e eu passei um longo tempo desse verão em Wrigley, na prática, tentando fazer que os meninos o assinassem. Tomou-me quatro meses completos para obter que todos eles o assinassem. Houve um motim.

— Para uma Merit? Disse que não é certo.

— Eu sei, verdade? Joe Mitchell era o lançador nessa época, e seguiu negando-me. Soube o que estava tentando fazer, mas eu também estava ciente de quem eu era. Eu consegui encurralá-lo uma vez, mas não assinou até que obtive as assinaturas de cada um dos outros jogadores por minha conta. Era um prova, eu acho. Um exercício da formação do caráter, vejamos se Merit pode fazer algo por conta própria, sem depender do seu pai.

— Assim que, ele assinou?

— Ele o fez me concedeu “um bom trabalho, menina”, e tudo bom a mim, apenas como no comercial. Mas por esse tempo, já era quase setembro, e tinha seguido os meninos dessa maneira durante meses. Tinha obtido o que me tinha proposto, essa bola foi difícil deixá-la ir.

— Você não a deixou, certo?





— Oh, Não. Eu a doei, mas matou-me. Essa bola de baseball era como uma relíquia. Não porque fosse colecionável, ainda que tivessem feito uma grandiosa temporada esse ano.

— Acima dos Os Cachorro.

Eu sorri.

— Esse é meu menino. Era mais como se a bola fosse um álbum de recortes, um álbum de como eu passei esse verão. Uma lembrança dos jogos, jogadores, o calor, o cachorro quente, a experiência completa. — fiquei em silencio por um momento. — Desejaria que ainda a tivesse. A fim de recordar os dias do verão, a luz do sol. O calor.

— Ajuda ter essas relíquias. — disse. — Memórias tangíveis dos povos, dos lugares e das coisas que você desejaria recordar quando não tem.

— É por isso que você tem assim muitos artigos da coleção?

— Bom, parte disso e simplesmente para passar o tempo. Eu vivi a extensão na vida de diversos homens. Eu vi coisas, e eu trouxe ao presente minhas próprias relíquias, como você disse. Mas, sim você está certa. Aquelas coisas recordam-nos quem éramos. Ser imortal não significa que seja menos importante.

— Isso tem sentido. — eu disse, mas me tomou um tempo para responder, para forçar as palavras em meus lábios. O sol tinha saído, e estava arrastando-me ao sonho.

— Durma. — disse-me Ethan, e como se ele tivesse emitido um comando que não fosse capaz de desobedecer, e eu o fiz.

Em algum lugar durante o dia, quando estava grogue e mal desperta, eu tornei consciência de suas mãos em meu abdômen. Eu emiti um som da interrogação. Pressionou um beijo em meu ombro. — Te necessito.

Com meu corpo lerdo e lento e como se estivesse me movendo na água, eu girei minha cabeça e eu olhei de esguelha ao relógio que estava em sua mesa de cabeceira. — São duas da tarde. — resmunguei, e eu me envolvi para afastar-me dele, trazendo meus joelhos para cima e de enroscando minhas mãos em cima dos meus peitos. — Volte a dormir. Você poderá me ter mais tarde.





Havia sorrisos retumbando atrás de mim antes que seus dedos se estendessem e afundar entre minhas coxas. Beijou minha garganta, logo estalou sua língua de encontro ao lóbulo de minha orelha. — Merit, por favor?

Com meus olhos ainda cerrados, sorri com um sorriso de puro deleite feminino. Eu estou completamente seguro que esse foi à primeira vez em que Ethan me disse por favor. Como se supunha que eu ia dizer não a isso?

Mas então sua voz tornou-se mais urgente. — Agora. — ele grunhiu, sua ereção contra minhas costas.

Em resposta, eu deslizei minha mão atrás de mim, em torno da parte baixa do seu traseiro, pressionando para aproximar mais seu corpo.

— Se nós seguirmos neste ritmo. — eu disse em voz baixa. — Nós vamos matar um ao outro.

Moveu-se para levar seu corpo sobre o meu, seus olhos de cor prata observando-me. — Nós somos imortais. Esse seria uma grande batalha.

Tirei uma mecha de cabelo dos seus olhos. — Uma batalha histórica.

— Uma batalha das épicas. Você poderia escrever sobre ela.

Eu atribui a hora, o fato que o sol estava alto sobre nós, mas isso parecia o mais gracioso que eu havia escutado. Eu ri e reforcei minhas mãos pelos músculos esculpido de suas costas. — Longe de mim rechaçar um projeto de investigação .

Algumas horas e duas interrupções extra mais tarde, o sol se pôs outra vez. Eu acordei, meu estômago fisingando nervosamente. Tínhamos finalmente cruzado a beira entre nós.

Agora o que?

Eu bocejei e me estiquei, ainda enterrado nas pilhas de lençóis frescas de algodão, logo abri meus olhos. Ethan estava de pé ao lado de seu escritório, já tomado banho e vestiu-se de calças pretas ainda desabotoadas. Havia começado a abotoar sua camisa que ainda estava aberta de encontro a seu torso. Ele olhou, sorriu cortesmente, e terminou de abotoar sua camisa. — Boa noite.





— Boa noite? — não foi minha intenção que soasse como uma pergunta, mas inclusive eu pude escutar a mudança do tom no fim da frase.

Ethan sorriu, continuou movendo-se para a cama, ele se inclinando para mim, e plantou um beijo na minha testa. Deve de ter visto a surpresa em meus olhos. — Já te disse que eu não era seu pai.

— Claramente não estava te dando suficiente crédito.

— Eu estou certo que essa não é a primeira vez. — sentando na borda da cama, foi colocado as meias, e logo pôs os sapatos gordinhos de designer preto.

Sentei-me, levando a colcha ao redor de mim. — Nem provavelmente vá ser última vez.

Ethan bufou e, quando estava calçado, retornou ao escritório e colocou bugigangas e algo de mudança em seus bolsos. — São oito e trinta. Nós precisamos ir para a propriedade dos Breck em breve, assim se você quiser estar bonita antes que nós partirmos, agora seria um bom momento para fazê-lo.

Olhei para baixo no acolchoado. — Provavelmente o edredom seja um pouco extremamente casual.

— Provavelmente. — ele concordou.

— Vai de encontro a tudo o que eu acredito perguntar isso mas, o que você quer que eu vista?

Descansou um cotovelo na mesa, logo cruzou seus dedos. — Querem que nós os vejamos em seu ambiente natural, assim por se falar. Presumo que vão querer o mesmo de nós.

— Armani para você?

Fiz um gesto a sua calça social e a camisa. — E calças jeans, eu suponho, para você?

— Mas com certeza. As oportunidades de usar jeans no escritório não aparecem freqüentemente na casa Cadogan.

Ethan riu, logo separou da mesa e tirou um paletó preto da estante.





— Tenho ouvido que o professor pode chegar a ser uma tremenda dor na bunda.

Ele definitivamente teve seus momentos.





Capítulo 9



Voluntariamente Dentro da Guarda.

Eu estava de volta em meu caminho ao quarto, banhada e vestida de jeans e uma camisa de manga curta preta com um elegante decote mandarim, katana e medalhão Cadogan completando meu conjunto, quando meu celular tocou. Imediatamente o peguei, esperando que fosse uma mensagem de texto da Mallory.

Era uma mensagem, mas não de um velho amigo -, mas um novo em potencial. Noah enviou uma simples pergunta: "ainda decidindo"?

Desde que ainda definitivamente estava fazendo, apaguei a mensagem, e a evidência.

— Boa noite, solzinho.

Olhei atrás de mim, para a escada, enquanto deslizava o telefone de volta ao meu bolso. Lindsey estava pulando escada abaixo, seu loiro rabo de cavalo pulando enquanto se movia. Hoje estava de serviço e claramente preparada para um dia no Quartel de Operações da Casa, vestida toda de preto Cadogan, com sua katana pendurada de um lado.

Ela chegou ao salão, logo caminhou para mim e apoiou suas mãos sobre seus quadris. — Não parece nem remotamente tão cansada como esperava que estivesse. Talvez ele era a cura para o que lhe afligia.

Fiquei olhando. — Perrrrdão?

Rolou seus olhos. — Ih, vamos Mer. Todos nós escutamos vocês dois à noite, e parte de hoje, na realidade. Mas graças a Deus. Já era hora de vocês concretizarem o fato.

Apesar de sua aprovação, um rubor, impelido pela profunda mortificação, ascendeu por meu rosto. — Nos escutou?





Sorriu. — Sacudirão as estruturas. Jogaram um montão de magia no ar.

Estava muito aturdida para falar. Havia me ocorrido que poderia ter sido escutado por Margot ou algum outro, que estava no apartamento de Ethan. Não havia me ocorrido que as pessoas pudessem nos ouvir ou sentir a magia que derramamos.

— Santo céu. — murmurei.

Lindsey me deu uns tapinhas no braço. — Não fique envergonhada. Já era hora de vocês dois fizessem a besta de costa dupla.

Tive que trabalhar para formar as palavras. — Há tantas coisas más com essa declaração, que não sei por onde começar.

— Começa pelos detalhes, Sister Sledge⁹. Como esteve? Como esteve ele? Era tão fenomenal como todas nós pensaríamos que fosse? A sério. Não me esconda detalhes, anatômicos ou outros.

— Não te darei nenhum detalhe. Anatômico ou de outros. — adicione, antes que pudesse modificar seu pedido.

Havia desgosto em sua expressão. — Não posso acreditar. O fez com o Mestre e pensa em ficar com os lábios cerrados ao respeito? — estalou sua língua. — Isso é uma pena. Ao menos, me de os pormenores do bate-papo posterior. Já estão oficialmente juntos agora? Estão saindo? Em uma relação? O que?

— Bom, na verdade não nos aprofundamos nos detalhes, mas ele ainda estava ali quando despertei esta noite. Nenhum arrependimento noturno posterior, até onde tenho entendido. E ele sabe que não estou interessada em romance. Eu deixei isso claro. — sorri um pouco.

Devolveu-me o sorriso. — Essa é minha garota. Que maneira de lhe demonstrar que é o chefe.

— De fato, estamos debatendo quem é o chefe nesta Casa?

Voltamos-nos em simultâneo. Ethan estava parado ao pé das escadas, cabelo dourado ao redor de seu rosto, mãos nos bolsos, o jornal debaixo do braço.

⁹ Sister Sledge: Grupo Americano de música. Um quarteto de irmãs fundado na Filadelfia.





— Boa noite, meu querido Liege. Como está seu dia?

Ethan levantou uma sobrancelha para Lindsey, logo me olhou. — Linda camisa. Temos que fazer um breve desvio antes de pegar o caminho para os Metamorfos.

— Oh! — entoou à sabichona Lindsey. — Vão a Casa Navarre?

— Vamos a Casa Navarre. — confirmou Ethan.

Pestanejei. Quando mencionou “desvio”, imediatamente imaginei ir por um presente para os anfitriões; uma viagem a Casa Navarre não figurava nesta lista. Nunca havia estado ali antes, e a ideia de ir agora não me emocionava. E porque não, se perguntam? Breve resenha: estaria enfrentando a um ex-namorado pela primeira vez desde nossa separação oficial, nos braços do homem com que ele pensou que eu o havia estado enganando, e apenas horas de realmente ter tido sexo com ele.

Fabuloso.

— Ela sabe? — perguntou Lindsey, apontando sua cabeça para mim.

— Estou aqui parada. Se eu sei o que?

— Vou lhe contar. — disse Ethan. — Mas estamos curtos de tempo. Eu me esqueci de chamar Luc, por favor, avise que quero lhe falar antes do amanhecer para revisar os planos para a convocatória.

— Sim, sim Sr. — mas se inclinou para mim antes de partir. — De fato, bem feito. E o digo a sério.

Sorri-lhe e lancei um olhar inquisitivo para Ethan. — O que é que preciso saber? E porque vamos a Navarre?

Gesticulou para que eu o seguisse. logo se dirigiu para as escadas do sótão. Quando me alinhei com ele, tirou o jornal debaixo de seu braço. Era uma cópia do dia do Chicago Sun Times. Abriu, continuando se virou para mim.

— Oh meu Deus. — murmurei, pegando o jornal de suas mãos.

A manchete na primeira página, a primeira página dizia, VINGADORA COM RABO DE CAVALO SALVA BENFEITORES EM UM TIROTEIO. Uma foto minha





observando Berna na ambulância estava estampada embaixo do título. E havia uma surpresa mais, a segunda linha. Nick Breckenridge estava descrito como o autor do artigo.

Ao mesmo tempo em que cuidadosamente descia as escadas atrás dele, lia a primeira parte da história, a qual falava do tiroteio e meu trabalho de emergência. Até aqui tudo bem, mas não tinha ideia do porque Nick Breckenridge, entre todas as pessoas, o havia escrito. Não era que ele escrever um artigo de primeira página não fosse a sua; ele era um repórter investigativo com uma reputação impecável. Simplesmente eu não o agradava muito.

— Como? Por quê?

— Talvez tenha virado a maré Breckenridge, de animosidade para reportagem de primeira página.

Nós paramos próximo a porta do porão. — Isto não pode ser uma homenagem ao herói. Já sabe como Nick se sente sobre mim.

Escutou a vacilação de Gabriel quando mencionou a casa dos Breckenridge. Talvez, como Nick e Gabriel estavam ainda em dúvida. Depois de tudo, Gabriel se desculpou. Não estava exatamente emocionado que Nick estivesse molestando aos vampiros.

— Bem, mas convencer a um repórter ganhador do Prêmio Pulitzer a escrever uma história glorificando um vampiro; vampiro o qual ele não está particularmente feliz, requer muita pressão. Não estou certa de que Gabriel quis desperdiçar capitais políticos em mim. Além do mais, não posso imaginar que ele tenha posto pressão sobre Nick para nos colocar na primeira página do Sun Times. Gabe não deseja esse tipo de atenção. Levantariam muitas perguntas sobre o porquê de vampiros armados estarem no bar, ou o risco de que os paparazzi pensem que há um novo ponto de encontro vampírico da última moda. Ele definitivamente não desejaria isso. Tem que existir outra razão.

E essa misteriosa razão fazia me perguntar o preço que teria que pagar a Nick. Eu não tinha certeza se era melhor ou pior que ele houvesse escrito essa nota porque teve um empurrãozinho nada sutil de seu chefe. — Provavelmente da mesma maneira em que me sentiria se recebesse o empurrão de um Mestre. — murmurei.

— O que foi isso?





— Nada. O que tem isso a ver com ir a Casa Navarre?

— A história se torna consideravelmente mais desagradável a medida que avança.

— Quanto desagradável?

— Ele lembra ao leitor que os vampiros da Casa Navarre não foram nem de longe tão, digamos filantrópicos, como os vampiros Cadogan.

— Fala dos assassinatos no parque? — aqueles foram o resultado da cruzada assassina de Celina através dos parques de Chicago..., e o campus da UC (Universidade de Chicago). Supunha-se que eu fosse a segunda vítima, ao menos antes que Ethan me encontrasse.

Ele assentiu. — Por isso é que Morgan deseja nos ver. Dado que está em destaque no artigo e era amiga de Nick, provavelmente assuma que tivemos algo a ver com esta criação.

Chamar de amizade minha relação com Nicholas Breckenridge era muito mais crédito do que merecia.

Ethan inseriu seu código, logo abriu a porta do porão.

— E como se sente sobre o que disse o artigo? — perguntei, o seguindo até a garagem.

— Bom, evidentemente estou saindo com a Vingadora com rabo de cavalo, assim que fico bastante feliz por isso.

Parei para lhe dar um olhar mordaz. Quando continuou seu caminho até o carro, com um sorriso presunçoso em seu rosto, pus meus olhos em branco. Mas as duras penas o sentia. Depois de tudo, ele havia dito “saindo”.

Alguns minutos mais tarde, estávamos a caminho, o silêncio reinava no Mercedes enquanto terminava de ler a história. O artigo se lia como uma cartilha sobre Cadogan e Navarre, desde as posições de liderança até suas histórias. Também mencionava que uma mulher chamada Nádia era a Segunda ao Mando de Morgan. Não sabia que ele havia promovido alguém. Por outro lado, não havia pensado realmente em perguntar a respeito.

Essa omissão provavelmente diria muito sobre a nossa falta de potencial





como casal.

— De onde saiu à informação? — perguntei, levantando o olhar e me dando conta que havíamos passado de Hyde Park a Lake Shore Drive. Navarre estava localizada na Costa Dourada de Chicago, uma área de casas bregas do centro da cidade, condomínios, e mansões próximas ao Lago e ao norte do centro de Chicago.

— Essa foi minha segunda pergunta. — respondeu Ethan de forma sombria. — Logo depois de me perguntar que atos políticos nosso jovem Mestre Navarre poderia ter tomado depois de vê-lo. — olhei de volta. — Tem falado com ele recentemente?

— Não desde a luta.

Houve um momento de silêncio no carro, a tensão evidenciada pelo tênue zumbido de magia. — Já vejo. — disse.

Havia desaprovação em sua voz. Tencionei-me, antecipando uma discussão. — Tem algo que quer dizer sobre isso?

Quando me olhou, sua expressão era suave. Não pude distinguir se era forçada ou não.

— De forma alguma. — disse. — Mas pode ser que aumente a sua irritação ao ter visto o artigo.

Pensei nas coisas que Morgan havia dito em nossas últimas conversas, as acusações que havia jogado a condescendência de seu tom. — Sim, ele provavelmente não vai estar no melhor dos ânimos.

— Alguma sugestão?

— Além da completa mudança de atitude, lhe ocorreu casualmente trazer contigo alguns pedaços de mouse de chocolate?





A Casa Navarre, por outro lado, era grande, vistosamente branca e coberta de umas peças caras de imóveis na cidade. Eram quatro andares e era caracterizada por uma grande torre na esquina, a fachada inteira envolvida no mesmo tipo de mármore branco.

— Acredito que sua torre é maior que a nossa torre. — disse enquanto Ethan estacionava na calçada.

— Celina sempre teve predileção pelo drama. — estive de acordo.

Coloquei uma mão em seu braço enquanto caminhávamos para a porta principal, a qual estava oculta, por enormes e frondosas árvores. Ele parou e olhou para minha mão, então para mim.

— Um dos nossos desacordos, entre Morgan e eu... — escolhi minhas palavras tentando encontrar uma maneira de explicar sem ser muito, para usar os termos de Lindsey, anatômica.

— Morgan pensou que você e eu estávamos envolvidos. Anteriormente, quero dizer. — parei ali, com a esperança de que Ethan tenha entendido o ponto de forma que não tivesse que detalhar exatamente do que Morgan havia me acusado de estar fazendo com Ethan.

— Ah! — disse. — Já vejo.

— Nós não estávamos é claro, mas não se convencia. Assim que, somando as outras razões pelas que não estava feliz de me ver, pode ser que não vá estar muito emocionado em me ver com você.

Ethan lançou um semi bufar, logo subiu as escadas. Sem sequer chamar, abriu a porta da frente e me chamou para entrar.

— O que é tão engraçado? — perguntei quando o alcancei.

— A ironia. Por lhe acusar de semelhantes atos lascivos, ele conseguiu a mesma coisa que tentava evitar.

— Não estou certa de que se chamaria “lascivo”.

Ethan se inclinou; seus lábios em meu ouvido. — Eu, Merit, definitivamente diria “lascivos”.





Não pude parar o sorriso que apareceu no canto da minha boca, ou o rubor que esquentou minhas bochechas.

— Além. — sussurrou Ethan, seguindo para dentro da Casa. — Decidi que se o artigo do Sun Times não encabeça sua lista de acusações para nós hoje, há menos esperanças em suas habilidades como Mestre, do que poderia ter imaginado.

Não havia tido segurança fora da Casa Navarre, nenhum portão de três metros, nenhuma fada mercenária mantendo um olho vigilante sobre o perímetro. Os vampiros de Navarre guardam essa diversão para o salão..., mas os guardas não eram do tipo musculoso que havia esperado.

Três mulheres estavam sentadas atrás de um balcão semicircular feito de cristal e aço que estava logo atrás da entrada. Cada mulher estava posicionada em frente a um elegante monitor de computador. Todas tinham o cabelo escuro e grandes olhos marrons, e todas vestiam apertadas jaquetas brancas. Cada uma usava seu cabelo recolhido, mas com um estilo diferente, da esquerda para a direita, extravagantemente cúpula, rabo de cavalo, e coque arrumado.

Levantaram o olhar no momento em que entramos, logo começaram a murmurar e digitar em seus respectivos teclados.

— *Suponho que essas são as Guardiãs?* — silenciosamente perguntei.

— *Bem que poderiam ser o Destino dos Gregos.* — respondeu.

— Nome? — disse a que estava no meio, levantando o olhar do monitor para nos observar com desconfiança.

— Ethan Sullivan, Mestre, Casa Cadogan. — disse Ethan. — Merit, Sentinela, Casa Cadogan.

As outras mulheres deixaram de digitar e me olharam. Suas expressões mostravam uma gama de emoções, desgosto, curiosidade, pura apreciação feminina. Todas as emoções, assumi; motivadas pelas idas e voltas que havia tido com seu ex Mestre, Celina, e seu atual, Morgan. Ia de zero a dois sobre Mestres Navarre.

— Identificação. — disse a mulher mais próxima a Ethan. Colocou sua mão dentro de sua jaqueta e pegou um cartão do bolso interno da mesma, logo com dois dedos passou para a mulher. Ela olhou para ele, então começou a digitar avidamente.





Pensando que íamos ficar aqui por um tempo, aproveitei para coçar a fundo..., e me surpreendi.

A habitação frontal que estava aberta era enorme, duas escadas encontrando-se em um balcão no segundo piso. O átrio estava aberto até o teto, o salão coberto por um tipo de gaiola claraboia ao estilo conservatório vitoriano. Embora essas coisas pareciam muito europeias para mim, a decoração parecia como se houvesse sido pega de um museu de arte moderna. Não havia muito na forma de móveis ou adornos, e as poucas coisas que havia tinham uma qualidade escultural. Havia um sofá estofado em couro branco, uma mesa de café que consistia em um gigantesco, curvilíneo núcleo de madeira laqueada, e luzes embutidas em imponentes telas de arte pop e fotografias em preto e branco. Tudo isso estava disposto em reluzentes pisos de mármore branco e paredes igualmente brancas.

— Isto é... — comecei, meu olhar sobre um quadro que parecia representar as borrachas que encaixam nos lápis número dois, mas não encontrei palavras para descrevê-lo.

— Sim. — disse Ethan. — Ele definitivamente é. — se moveu ao meu lado, provavelmente não acostumado a ter que esperar por um serviço, logo olhou novamente as garotas. — Nos aguardam.

Sem olhar para cima, a garota no centro apontou um dedo com sua comprida unha para trás de nós. Ambos nos viramos. Um banco situado em um canto próximo a porta principal, três aparentemente aborrecidos e sobrenaturalmente atrativos vampiros o enchiam - duas mulheres e um homem no meio. Todos vestiam ternos e tinham maletas em seus colos. Todos perfeitamente puros, mas havia fadiga em seus olhos e no caimento de seus ombros. Parecia como se houvesse estado aqui há um bom tempo.

— Fabuloso. — resmunguei.

Ethan soltou um suspiro, mas seu sorriso retornou quando se voltou para enfrentar a Destinos outra vez. — A sua conveniência. — disse com grandiloquência.





No final resultou ser que, sua conveniência foi sete minutos mais tarde. — Merit. — a garota da direita finalmente disse. Olhei para sua mão estendida, a qual continha uma identificação de plástico transparente do tamanho de um cartão de crédito. Tinha a palavra VISITANTE estampada de um lado, e portava um holograma de uma abelha de asas amplas - um símbolo das raízes francesas da casa, pensei, mas traduzido para a tecnologia do século XXI.

— Sofisticado. — disse, logo preguei o cartão sobre a bainha inferior da minha camisa.

— Nós também temos passes de visitas. — Ethan murmurou, como se o ofendesse a possibilidade de que a Casa Navarre fosse mais organizada. Aceitou o broche e incorporou ao seu traje, logo olhou expectativa a mulher.

Silêncio.

Ele apontou para as escadas. — Deveríamos simplesmente...

— Nádia descera para acompanhá-los. — disse a do meio.

— Estamos agradecidos por sua ajuda. — disse Ethan, logo se moveu para o centro da habitação.

— Precisamos de um átrio de quatro andares. — lhe disse.

— A Casa Cadogan é perfeita tal como está. Não a mudaremos para que se ajuste aos desejos de uma Sentinela arquitetonicamente invejosa. — Ah! — adicionou alegremente. — Aqui está ela.

Olhei para cima.

Uma mulher estava descendo aos pulos pelas escadas, uma delicada mão sobre o corrimão de mármore no momento em que deslizava para nós.

Não; não apenas uma mulher. Uma supermodelo. Era uma beleza completa sem nenhum esforço. Seus olhos amplos e verdes, seu nariz reto e fino suas bochechas altas. Seu corpo era alongado, e estava vestindo leggings, com botas na altura dos joelhos, e uma blusa larga presa com uma faixa. Era o tipo de conjunto que poderia ter usado quanto vagava pelas ruas de Manhattan em meus dias de universitária. Seu cabelo era comprido e castanho médio, e se derramava por seus ombros como seda. Inclinei-me para Ethan.





— Poderia ter me avisado do fato de que a nova Segunda ao Mando de Morgan era praticamente uma garota da capa.

— Com ciúmes outra vez?

— Nem um pouco. — respondi secamente, em seguida lhe dei uma cotovelada nas costelas. — Mas você está arfando, Sullivan.

Ofereceu um uff simulado para a cotovelada, e depois com uma mão estendida caminhou para Nádia.

— Ethan. — disse Nádia com um sorriso beatífico, pegando sua mão. Trocaram beijos na bochecha e sussurros que fizeram algo se revolver dentro do meu estômago. Esses seriam o ciúme entrando em ação, silenciosamente pensei.

— Nádia, esta é Merit, minha Sentinela. — disse, gesticulando para mim. Nádia me olhou resplandecente, logo estendeu ambas as mãos.

— Merit. — cantou, se inclinando para beijar minha bochecha também.

— É um prazer te conhecer. — sua voz mostrava o mais leve indicio de sotaque Frances, e seu perfume era exótico. Igualmente complexo e ultrapassado, algo como se escolhesse em uma butique em algum bairro perdido Parisiense. Uma harmonia de flores, limões, especiarias poderosas e luz solar, tudo misturado.

— Meu Liege está em seu escritório, gostariam de me seguir?

Ethan assentiu e me alinhei atrás de Nádia, quem trotou novamente escadas acima, seu cabelo balançando sobre seus ombros enquanto se movia. De verdade, era como estar vendo um comercial de Xampu. No final das escadas, viramos a esquerda, logo pegamos um amplo corredor de mármore outros nove ou dez metros. A porta estava aberta. Soltei um suspiro e me preparei para o drama.





Capítulo 10



A volta do meu (ex) namorado.

O escritório de Morgan era uma ampla sala retangular que tinha vista para o pátio traseiro da Casa Navarre, um pequeno, mas bem cuidado espaço espremido entre os edifícios do quarteirão. A parede inteira do fundo era uma placa de vidro, o jardim atrás, bem iluminado para facilitar ao Mestre, uma visão do espaço, e para facilitar a qualquer vampiro Navarre do lugar, uma vista de seu Mestre. Era, definitivamente, o tipo de arquitetura de Celina, seu escritório, um cenário para o público de vampiros no jardim traseiro.

Altos tecidos de seda vermelha caíam de cada extremo da janela, provavelmente para ser fechada nas horas de luz. O resto do escritório era elegante e moderno, e muito menos feminino. No fundo da sala havia uma mesa de vidro, sobre a qual se encontrava um computador branco e uma grande variedade de acessórios de escritório também brancos. Duas cadeiras pretas ultramodernas de aço estavam apontadas frente a ele, e uma área de estar com modernos móveis, que meus pais, provavelmente teriam apreciado - boa linha, mas não parecendo muito confortáveis - estavam dispostas no outro extremo da sala. O escritório estava praticamente vazio de enfeites, livros e objetos de coleção. Não estava certa se era devido ao moderno desenho, ou simplesmente porque Morgan, quem apenas tinha setenta anos, não tinha tido tempo para colecionar muito.

O Mestre vampiro estava em pé com suas costas para a porta, de frente ao vidro. Nadia disse suavemente, respeitosamente. — Liege. A comitiva da Casa Cadogan.

Ele olhou por sobre os ombros.

Seu cabelo escuro parecia ter crescido polegadas desde a última vez que o tinha visto, apesar de que, isso tinha sido só uma semana atrás. Agitavam-se ao redor de seus profundos, escuros olhos azuis e longas sobrancelhas negras sobre eles. Tinha um monte de homens bonitos no mundo, e um monte de homens com lindos olhos. Mas os de Morgan eram diferentes.





Sonhadores, eu os tinha chamado, porque seu olhar parecia fundir-se em você, te convidando, te provocando, com sua profundidade.

Esse olhar tocou em Nadia, então escureceu quando viu Ethan e se ofuscou completamente quando me viu. Morgan tinha uma personalidade dramática, mas apagou as emoções em seu rosto, raiva, traição, tristeza, suficientemente rápido.

Talvez estivesse mudando para o modo Mestre depois de tudo.

Virou-se. — Obrigado Nadia. — disse; e Nadia assentiu e abandonou a sala. Desde suas reações diferentes, estava tendo a sensação que o Mestre vampiro de Navarre, ocupava um diferente tipo de posição que o Mestre de Cadogan. Ou quem sabe, a diferença era apenas parte de ser o segundo de um Mestre vampiro – ser tolerante até que a coroa fosse entregue a você. Malik, depois de tudo, geralmente parecia evitar Ethan.

E falando de Ethan, coroa firmemente na mão, ofereceu sua tática de abertura. — Merit não teve contato com Nicholas Breckenridge no que se refere a história. Nenhum contato em absoluto, de fato, desde o incidente.

Morgan me olhou. — É verdade?

Assenti.

Caminhou até sua mesa, depois sentou. Ethan fez um gesto para as janelas. — Posso?

— Seja meu convidado. — Morgan disse secamente. Eles mudaram de lugar, o que ainda me deixava de pé entre eles.

Poético, pensei.

— Você sabe que Gabriel nos visitou depois que a chantagem foi esclarecida? — Ethan perguntou; seu olhar para o pátio detrás.

— Eu sei agora. Também sei, graças ao Sun Times, que você e Merit aparentemente realizaram uma visita a um bar no bairro Ucraniano. Você se importaria em esclarecer-me?

Ethan virou; braços cruzados sobre o peito. Imaginei que não tinha inteirado tanto a Morgan, sobre nossas interações com os Metamorfos. Não é que isso me surpreenda: ele tinha a tendência de manter os detalhes para si mesmo.





— Gabriel nos pediu para que estivéssemos presentes em uma pré-reunião dos Alfas. Fizemos-lhe um favor.

Morgan recostou-se em sua cadeira e cruzou suas mãos atrás da cabeça. — Porque ele os queria lá?

— Por segurança, fundamentalmente. Também queria que vampiros estivessem presentes, indivíduos que lembraram aos Metamorfos o propósito da convocação.

— Mmm-hmm. — Morgan disse, então levantou uma cópia do Sun Times.

— Parece que não conseguiram a melhor segurança.

A mandíbula de Ethan tencionou. — O ataque foi externo. Um dos líderes da Manada se foi. Disparos alcançaram o bar, uns poucos minutos depois disso. É possível que essas duas coisas estejam ligadas, mas Gabriel parece ter suas dúvidas. Eles estão investigando. — Ethan parou e baixou os olhos, como se estivesse pensando no quanto dizer a Morgan.

Ethan, eu sabia, tinha suas dúvidas sobre o temperamento de Morgan, sobre sua habilidade para manter a calma e tomar o tipo de decisões políticas difíceis que precisavam ser tomadas.

Levantei os olhos para Morgan e encontrei seu olhar preso em mim, sua cabeça inclinada para um lado. Poderia ter falado silenciosamente comigo; mesmo que apenas um Novato e o Mestre que o fez, supõe-se, tem a capacidade de falar telepaticamente. Morgan e eu tínhamos estabelecido essa conexão quando ele tinha desafiado Ethan por uma ofensa imaginária contra Celina. Talvez não queira falar...

Ele simplesmente tinha seus próprios quebra cabeças para montar.

O olhar de Morgan pulou repentinamente de volta a Ethan. — Portanto, os Lobos convidaram as ovelhas para dentro de sua toca. — agitou o jornal no ar. — Eu te pouparei do discurso sobre a necessidade de manter todos os Mestres de Chicago informados Ethan, já que duvido que isso faça alguma diferença.

Um ponto para o Mestre novato; pensei. Mesmo que tivesse razão – e um tanto sem sorte. Um discurso de Morgan não iria deter Ethan de esconder informação devido a suas estratégias.





— Sim, os ajudamos. — Ethan disse; cansaço em sua voz, provavelmente porque que não estava acostumado que suas decisões fossem questionadas por aqueles da mesma categoria que ele. — E é o que faremos; mostraremos-lhes nossa disposição a agir como uma comunidade sobrenatural unificada. Fazemos-lhes um favor, e nós, talvez, tenhamos um favor em troca.

— Sim, eles realmente precisam de segurança. — Morgan disse. — Poderia ter razão. Mas os Metamorfos podem se cuidar. Dois vampiros com espadas não mudará isso, inclusive se a virem em pele de prostituta.

Tive que me esforçar para manter a raiva longe de meu rosto. Ethan podia certamente, ser frio, mas Morgan podia ser francamente, detestável.

— Sua opinião está anotada. — Ethan disse planamente. — E nós agiremos como considerarmos o melhor interesse para nossa Casa.

— Oh! Somos conscientes disso. — Morgan respondeu; então jogou o jornal através da sala. Com a ajuda da força vampirica de Morgan, voou através do ar, apertado com um Frisbee, finalmente descansando nos pés de Ethan.

Ethan baixou os olhos até o jornal, depois levantou seu olhar para o Mestre Navarre novamente. — Nada neste artigo foi nosso feito. — disse. — Não tínhamos ideia do que estava sendo escrito, e não tivemos comunicação com o autor. — deu um passo ameaçador para frente, seus olhos frios e brilhantes. — Mas, o mais importante. — disse; sua voz um tom mais baixo. — Nada desta informação no artigo é errada. É possível que você queira se esconder atrás de sua posição como Mestre, mas lembre de que Casa da qual você surgiu. Celina é responsável pela morte de humanos; mortes não relacionadas com sua necessidade de sangue. Mortes, que ao que parece, ela provocou porque os humanos eram peões convenientes em sua busca de poder. Você pode achar que a negação seja conveniente, mas ela era o Mestre desta Casa, e esta Casa levará o peso das decisões que ela tomou, por mais horríveis que sejam essas decisões; por mais pesadas que seja esse peso. Se você quer mudar a percepção pública da Casa, então mude a Casa. Faça-a Sua Casa de honra, uma Casa que se expande a outras comunidades, uma Casa que defende a todos os vampiros em vez de levantar as armas para essa que não tem dado prejuízo a todos com seus atos. Um profundo prejuízo. — acrescentou.

Morgan sentou-se em sua cadeira por um momento, depois engoliu em seco.





A sala ficou em silêncio, pelo menos até que o celular de Ethan tocasse. Abriu os bolsos de sua jaqueta até que o encontro, depois o pegou e olhou o visor. Levantou os olhos para Morgan.

— Eu poderia me retirar para atender esta ligação?

Morgan ficou quieto por um momento. A porta do escritório abriu-se e Nadia entrou.

— Liege? — perguntou.

Ele deve tê-la chamada telepaticamente.

— Ethan precisa atender uma ligação. O levaria até seu escritório?

— É claro. — disse. Sorriu e fez um gesto para a porta.

Ethan caminhou para fora e ela fez o mesmo, então fechou a porta, deixando a mim e a Morgan sozinhos no escritório.

Juntos.

Mantive meus olhos para o chão, tentando me fazer invisível.

Sem mais preâmbulos, Morgan falou. — Como estão as coisas entre vocês dois?

Tendo em conta o rubor de minhas bochechas, me alegrei de ter me virado para a janela, mas ignorei o nó em sua garganta. — Acho que temos um bom relacionamento de trabalho.

— Isso não é ao que eu me referia.

— Não. — corriji; não disposta a responder respeitosamente, quando ele não conseguia ter uma conversa civilizada comigo. — Isso não era o que você queria ouvir, mas isso responde a sua pergunta.

— Ouvi que você o atacou. Isso foi provocado por nossa conversa?

— Foi provocado por Celina me atacando na rua. — não dei detalhes, pensando que Ethan, pelo menos, o tinha colocado a par da volta de sua ex Mestre para Chicago.





Houve silêncio por um momento, suficientemente longo, que olhei para Morgan.

Tinha arrependimento em sua expressão.

— Você sabia. — adivinhei, virando-me para ele. — Você sabia que ela estava de volta, e não disse para ninguém. — e então, eu lembrei o que tinha visto quando Celina me atacou. — Ela estava usando uma nova medalha Navarre. Ela passou por aqui. — eu disse com repentina compreensão. — Ela veio na Casa e você a viu. Foi assim que ela obteve a medalha.

Morgan baixou os olhos para o chão, seu olhar mudando da direita para a esquerda enquanto preparava sua explicação. — Ela construiu esta Casa. — ele disse tranquilamente. — Ela é minha Mestra, e ela construiu minha Casa. Pediu-me uma medalha para substituir a que haviam lhe tirado.

Quando levantou seu olhar até o meu, pude ver o conflito em seus olhos. Ele realmente queria honrar o vampiro que havia lhe dado a imortalidade, fazer o certo para ela. Mas não estava certa que, dar refugio para uma criminosa – Mestre ou não – era o modo certo de fazê-lo.

E com pensamentos como esses, talvez eu estivesse pronta para pensar sobre a filiação na Guarda Vermelha...

— Ela ainda está em Chicago?

— Não sei.

Agi como Ethan, levantando uma sobrancelha em resposta a Morgan.

— Honestamente. — disse; as duas mãos levantadas. — Disse-lhe que não podia ficar aqui. Disse-lhe que não contaria ao PG, mas que não podia ficar aqui. — e então, algo interessante aconteceu – houve um repentino brilho em seus olhos, um sinal de digna estratégia de Mestre. — Mas não prometi não dizer a você.

Amável de sua parte colocar essa carga sobre mim, mas não tinha nada o que fazer sobre isso agora.

— Alguma ideia de onde ela possa estar?





Morgan recostou-se em sua cadeira. — Nada específico. Mas é Celina, ela ama moda, elegância. — sinalizou o escritório ao seu redor. — Um exemplo, este lugar é praticamente um museu.

— Uma homenagem em seu nome?

Morgan me olhou, humor em seus olhos, e por um momento vi a coisa que tinha me atraído em Morgan em primeiro lugar. Mesmo que Ethan se queixasse sobre Morgan sendo “muito humano”, era a humanidade que despertava seu precoce sentido de humor e que alimentava sua compaixão por sua ex Mestre, ainda que ela não tivesse merecido.

— Algo como isso, sim. — disse. — Se ela decidiu acampar em Chicago, você tem que esperar que seja em um lugar agradável. Não dividiria um fourplex¹⁰. Você tem que procurá-la em Hyde Park, Gold Coast, Streererville. Algum lugar com porteiro, um ascensorista, vista. Um penthouse. Um condomínio no Lago. Uma mansão dos anos dourados. Algo como isso. Mas não acho que tenha ficado aqui. Seu rosto esteve por toda televisão, e há simplesmente muitos olhos na terra.

Não estava certa de acreditar no argumento, de que tinha viajado de volta ao Estado para me ferir e logo depois saído para Europa novamente. Mas então, Celina não estava exatamente agindo sob as mesmas regras que o resto de nós. — Então aonde você acha que ela está?

Morgan deixou escapar uma respiração. — Honestamente? Apostaria na França. Lá é de onde ela vem, e permanecendo na Europa, mantêm a Polícia e ao PG fora de seu caminho.

Deixando minhas dúvidas de lado, ele tinha razão. — Bom, aprecio a inteligência.

Encolheu os ombros. — O que você fará agora?

— Eu direi ao Ethan. — não estava certa do que Ethan iria querer fazer, mesmo que o fato de que havia uma chance, não importando quão pequena, de que Celina estivesse ainda em Chicago era algo que provavelmente ele iria querer investigar depois da convocação. Mas por hoje, teríamos o suficiente em nosso prato.

¹⁰ O mesmo que Duplex, mas para mais pessoas.





— É claro que o fará. — Morgan disse. E ali estava o inconveniente de sua humanidade, essa sarcástica petulância de adolescente.

— Você deveria lembrar que ele é meu Mestre. Portanto todo esse respeito que você mostra a Celina, eu mostro a ele.

Morgan sentou-se reto novamente, então virou sua cadeira de frente aos papéis esparramados em sua mesa. — E estou certo que sua relação é completamente profissional, já que sempre se coloca ao seu lado.

— Me coloco do lado de Cadogan. Esse é o ponto de ser Sentinela.

— Que seja. — disse. — Você atacou Ethan.

— Sim, o fiz.

— E sem dúvida, você está aqui. — olhou-me de cima abaixo, o olhar que uma vez havia achado inegavelmente atraente assumindo uma inclinação incomodamente, sensual. — Não houve castigo para a mascote do professor?

— Fui castigada. — assegurei-lhe, inclusive estava de acordo em que ser nomeada a Presidente Social da Casa, até para um introvertido, era leviano. Por outra parte, Celina estava livre depois de um ataque violento. Quem sabe as normas de castigo vampírico eram simplesmente baixas.

— Mmm-hmm. — ele disse

— Entendo que você não esteja feliz, mas podemos tentar trabalhar juntos sem os ataques?

Morgan abriu a boca para retrucar, mas antes que saíssem as palavras, a porta do escritório se abriu. Ethan entrou, colocando o celular no bolso.

— Temos algumas coisas do que nos encarregar. — disse; olhando entre nós. — Terminamos aqui?

Morgan me olhou por um momento antes de finalmente vira-se para Ethan. — Aprecio que tenham passado por aqui.

— Talvez todos nós precisemos nos lembrar de que há três Casas em Chicago. — Ethan disse. — E que essas Casas não são inimigas. — com isto se virou para mim, me segurou e fizemos nossa saída.





Capítulo 11



Todos em Família.

A fazenda Breckenridge - e era a fazenda - estava localizada nos arredores de Illinois em Chicago, assim tivemos que conduzir para chegar. Sabendo que teríamos tempo de sobra para falar, esperei até que estivessemos na estrada antes de soltar as notícias sobre Celina.

— Morgan viu Celina antes que viesse em Cadogan. — lhe disse. — E lhe deu uma nova medalha Navarro. Ela estava usando quando me atacou.

— Triste de dizer, mas isso não me surpreende inteiramente. Alguma outra informação?

— Morgan não acredita que está na cidade ainda. Aposta que partiu para a Europa. Mas que se está aqui pensa que provavelmente está em um lugar luxuoso.

— Isso encaixaria com o modo de ser de Celina.

— Por muito que odeie admitir, uma vez que a convocação tenha terminado, provavelmente precisamos começar a tomar alguns passos ativos para, não sei, minimizar o dano que ela poderia causar?

— Não há muito que possamos fazer nesse sentido, dada à inutilidade do PG. Escolheram libertá-la, depois de tudo.

— Eu sei. Mas se o PG não vai evitar essa aberração nas Casas e a Manada, isso é precisamente porque precisamos ter alguma ideia criativa.

— Talvez. — disse logo se deteve. — Ocorre-me que foi um erro incentivá-la a sair com Morgan.

Contive uma risada. — Está admitindo que errou?





— Apenas uma maneira de falar. Há tensão entre vocês dois que nos teria poupado se não houvessem saído. Apenas pode suportar estar na mesma sala juntos.

Meu estômago se revolveu um pouco por sua conclusão, e me perguntei se a próxima oração que sairia de sua boca seria algo parecido a, E falando de relações pouco aconselháveis... Mas se tinha alguma preocupação sobre nós, não disse nada.

— Bom, é água debaixo da ponte agora. — disse.

— Sabe uma vez me disse que ele era muito humano. Não estive de acordo nesse momento, sendo recentemente humana eu mesma, mas agora o entendo. Ele é inteligente, capaz, divertido...

— Talvez vocês deversem estar saindo.

— Ha. Mas pode ser realmente infantil. Tem sido vampiro por quarenta anos. Deveria ter passado da adolescência e a crise da meia idade.

— Sentinela, há homens que tem sido humanos por quarenta anos, que não tenham passado a adolescência e a crise da meia idade.

Dei-lhe um ponto por isso. Também me ocorreu que na realidade não havia escutado o telefone de Ethan tocar. — Fingiu uma chamada telefônica para deixar Morgan e a mim a sós?

— Não o fiz. Embora pensasse que seria bom aos dois clarear os ares.

— Já vejo. Quem chamou?

— Catcher, infelizmente. A unidade forense comprovou a moto de Tony. Encontraram pólvora no tanque, e no acento.

— Humm. Isso não o une ao tiroteio totalmente; não parece bem, dadas às circunstâncias. Tony ou sua Manada levar crédito pelo ataque?

— Não que eu saiba. — Ethan disse. — Planejo perguntar a Gabriel esta noite.

Ethan ligou o rádio, e escutamos uma estação publica sobre o ocorrido. Os edifícios e estacionamentos cederam passo eventualmente às arvores e terrenos, e o Château francês localizado no meio da estância Breckenridge cheia de acres.





Ethan entrou no longo caminho, rodeado hoje, por dezenas de motos dispostas em duas filas. Estas eram um interessante contraste com a mansão de luxo, com suas chaminés, teto inclinado e pedra pálida.

Ethan estacionou o carro no final de uma das filas de motos. Hesitei, me perguntando se devia levar a katana comigo. Defendi o caso, a pergunta em minha expressão.

— Traga-a. — Ethan disse, pegando sua própria espada. — Se o ataque ao bar estava dirigido a Gabriel, não podemos estar certos de que um membro da Manada não esteja envolvido.

— Suficientemente justo. — disse e peguei a minha, também.

Caminhamos o resto do caminho até a porta principal. A última vez que havíamos estado aqui, um assistente de luvas brancas havia nos ajudado a sair do carro, e a Sra. Breckenridge, a mamãe de Nick, havia nos esperado dentro.

Hoje nossas boas vindas foi um pouco diferente.

Ela abriu a porta com força, logo apoiou uma mão em seu quadril. — Eu os tenho Sra. B. — gritou; expectativa nos olhou. Era alta e em forma, usava uma camiseta apertada. Botas negras até os joelhos, cobrindo seus apertados jeans, e suas curtas unhas estavam reparadas e pintadas com um preto brilhante. Uma dúzia de aros furados em cada orelha, e seus pulsos; estavam tatuados com tribais parecendo braceletes. Tinha traços delicados e os mesmos olhos dourados de Gabriel, seu cabelo era uma massa de cachos banhados pelo sol, que caíam até seus ombros.

Outro Keene, supus.

Deu-me uma olhada rápida, e logo trocou seu olhar para Ethan. — Sullivan?

Ethan inclinou sua cabeça. — E Merit.

— Estão no lugar certo. — ela disse. - A Sra. B disse que já haviam passado a parte de convite vampírico, assim que estendeu o convite por esta noite ou o que seja.

Entrou, sustentando a porta aberta para nos permitir entrar. — Vamos, entrem.





Ethan entrou; eu o segui, captando uma nuvem de perfume cítrico e espécies enquanto passava pela garota.

— Não escutei seu nome. — Ethan disse.

Ela estendeu uma mão. — Fallon Keene.

— Ethan Sullivan. — disse ele, sacudindo sua mão.

Voltou-se para mim.

— Merit. — eu disse, fazendo o mesmo.

— Direi para Gabe que estão aqui. — disse; logo nos olhou torto. — Vampiros numa festa da Manada. Esta é definitivamente uma nova era. — seu tom foi o suficientemente sincero, que não estava certa se aprovava ou desaprovava esta nova era.

A resposta de Ethan não foi tão equivocada. — Esperemos que sim. Esperemos que sim.

A casa cheia de gente, felicidade e mágica, mágica picante. Homens e mulheres comiam e bebiam, falavam enquanto crianças corriam de lá pra cá entre eles, que em suas expressões, jogavam com as mãos. As portas do elegante salão de baile estavam abertas, e um grande Buffet cheio de comida estava encostado contra uma parede. Parecia mais uma reunião de vizinhança que uma última (pré-convocação) cena.

— Merit!!!!

Antes que pudesse raciocinar, Jeff estava na minha frente; braços ao meu redor, seus lábios pressionados em minha bochecha. — Estamos tão contentes, de que esteja aqui.

Sorri e o abracei em resposta. Presumi que seu jubilo tinha a ver com sua paixão por mim, ao menos até que chegou Ethan e lhe deu o mesmo esmagador abraço. Ethan, impotência em seu rosto, me olhou. Pisquei-lhe em resposta.

— Isto é grande, vocês estando aqui. — Jeff disse, liberando Ethan e retrocedendo um passo. — Grande. Nunca temos tido vampiros em uma cena antes.





— Isto é absolutamente uma cena. — Ethan disse; seu olhar observando a multidão.

— Isto é fabuloso. Vocês dois deveriam obter algo para comer. Conheceram Fallon?

Assenti. — Nos encontrou na porta. É a irmã de Gabriel?

— Sua única irmã. A segunda na linha de sucessão ao trono, por assim dizer. — Jeff confirmou.

— A maioria do resto deles está aqui esta noite. — apontou através da multidão a vários homens com juba de leão, todos eles compartilhando o cabelo leonino dos Keene. Adam levantou a vista e saudou; covinhas iluminando o canto de sua boca. Duas jovens crianças, com carros de plásticos em mão, correram repentinamente entre nós, deixando sons de vroom em seu caminho.

— É uma grande ocasião. — Ethan observou.

— Estamos juntos. — Jeff disse. — Uma família, reunida. Essa é uma boa razão para celebrar, inclusive se a ConManada significa que deveríamos deixar vocês. — me olhou com preocupação em seus olhos. — Não gostaria de ir. Não gostaria ter que te abandonar.

— Eu sei. — o confortei, logo apertei sua mão. — Não gostaria que você se fosse.

Seus olhos se alargaram, um rubor carmesim subindo repentinamente por suas bochechas.

— Em um modo platônico, Jeff. Em um modo de amigo querido.

— Menos mal. — disse; seus ombros se balançando de alívio. — Na realidade gostaria de falar sobre isso.

Pelo rubor em suas bochechas, fiz uma suposição. — Jeff, há alguém mais?

Ofereceu alguns incertos Humms e uhhs, mas quando seu olhar percorreu pela multidão, e seguiu o cabelo cacheado de Fallon Keene através do salão, obtive minha resposta.

— Ela sabe?





Voltou seu olhar para mim, e o rubor juvenil havia se convertido em algo muito mais adulto. — Claro que sabe. Tenho um jogo muito sério, Merit.

Inclinei-me e pressionei um beijo em sua bochecha. — Sei que o faz, Jeff. Agora, além do seu affair com Fallon Keene, o que há na agenda esta noite?

Jeff se encolheu. — Isto é quase tudo. Lembrar-se. Desfrutar da companhia um dos outros. Gabe dirá algumas palavras depois. E comida, claro. — ele ergueu suas sobrancelhas. — Já viu o Buffet?

— Apenas deste lado do salão.

Jeff estalou sua língua para Ethan. — Se quiser fazer o correto com ela, melhor lhe conseguir um prato.

Com isso, desapareceu entre a multidão. Ethan e eu ficamos de pé ali em silêncio por um momento. — Deveria supor que ele é minha concorrência?

— Então estaria no caminho certo. — lhe deslizei um olhar. — Tem alguma estratégia para me atrair melhor?

Sorriu lentamente, maliciosamente. — Acredito que tenho demonstrado meu valor atraindo-te, Sentinela.

Grunhi, mas por dentro sorri, pela réplica inesperada, e muito mais divertida. Estávamos realmente juntos? Estava isto realmente acontecendo?

— Bom; adivinho que poderia seguir seu conselho. Está faminta?

— O suficiente surpreendentemente, não neste momento.

— Os milagres nunca acabam?

— Vai. — disse; logo escaneei a massa de Metamorfos. Pais carregando crianças, pratos eram passados entre os membros da família, e namorados abraçados. — Esta não é uma típica festa Breckenridge.

— Meus pais fazem todo o tipo de festas. — disse uma voz atrás de mim.

Ambos olhamos para trás, Nick Breckenridge, alto, sombrio, e lindo, estava de pé atrás de nós, mãos em seus bolsos. Usava uma camisa escura abotoada, as mangas enroladas, e jeans escuros. Seu cabelo tinha um corte César, seus olhos





eram azuis. Tinham um nariz romano e uma frente pesada, e era lindo num modo que era um soldado espartano, estoicamente formoso.

Por um momento, estava mantendo um aferro estoico de suas emoções. Já veríamos quanto durava isso...

— Vingadora de rabo de cavalo? — perguntei em voz alta.

— Não foi minha ideia.

— Presumo que a história não foi tampouco?

Nick assentiu com sua cabeça. — O editor originalmente a passou a alguém mais. Os convenci de que a história seria uma carga para escrever e deixei de mão. Não precisamos de um jornalista se metendo ao redor do bar, perguntando sobre os caras com jaquetas da NAC.

— Foi horivelmente pró- Casa Cadogan. E pró- Sentinela.

— É possível que tenha me apressado ao julgar. — Nick disse. — Sou capaz de admitir quando me equivoco. Mas, mais importante, mantém o foco nos vampiros.

— E fora dos Metamorfos? — terminei.

Assentiu.

— Compreensível. Não sabia que estava trabalhando para o diário.

— Apenas por conta própria por agora. — Nick olhou entre Ethan e eu. — É uma grande coisa, vocês estarem aqui. Gabriel avaliando vocês.

— É o que temos ouvido. — Ethan disse. — E apreciamos a oportunidade.

Ficaram em silêncio por um momento, medindo-se um ao outro, presumi, e debatendo se fariam a paz ou a guerra.

— Falando em Gabriel. — disse, fazendo gesto para o salão. — É isto uma forma de reparar as cercas?

— Como você sabe, fui à principal força motriz por trás de algumas ondulações que ele não ficou feliz sobre isso. — Nick esteve escuramente de





acordo. — Mas espero que eventualmente possa recuperar sua confiança. Este é um passo nessa direção. E sobre a ConManada, não acredito que a Manada vote por ficar.

— É uma possibilidade que se vão. — Ethan disse. — E se esse é o voto que eles fazem, suponho que descobriremos como nos adaptar.

Perguntei-me se os Breck teriam que se adaptar também. Pelo que havia visto, eles não parecem os típicos Metamorfos - sem Harley e sem couro. Em troca, eles eram uma família com forte laço com Chicago e com laços mais fortes com sua terra.

— Se eles votam por ir. — lhe perguntei. — Vocês iriam? Pegar ao Michael, Fin e Jamie, com seus pais e se dirigir ao norte?

— Não posso contar isso.

Inclinei minha cabeça para ele. — Porque é um segredo?

— Porque não o sei.

Havia derrota e culpa em sua voz. Era a culpa de um homem que queria acreditar, mas que não havia decidido realmente em atuar como seguidor do líder.

Inclusive considerando o drama que Nick havia criado aos vampiros, meu coração se apertou em simpatia. A dúvida era uma coisa cruel, assustadora.

Nick se liberou de futuras predições ao separar-se na multidão. Pude ver algumas pessoas se voltando em nossa direção, e logo Berna estava a nossa frente, tendo aberto caminho entre os Metamorfos, com um prato recheado de comida nas mãos. Desdobravam-se por uma variedade de carnes, verduras e um rolo de repolho cozido colocado em cima como uma cereja em um bolo.

Os Metamorfos ao nosso redor ficaram em silêncio e voltaram seus olhares para as duas mulheres de pé, enfrentando-se: eu: alta e delgada vampira com um escuro rabo de cavalo e brilhante processo de corar, e Berna, a baixa, mulher redonda, cabelo grisalho e dedos grosso, seus braços esticados com a oferenda.

Empurrou o prato para mim. — Come.

Comecei a responder, mas o veneno em seus olhos me fez pensar duas vezes. — Obrigado Berna. Foi muita consideração da sua parte me trazer um





prato.

— Humph. — disse, logo tirou um garfo do bolso no peito da sua camisa de algodão. Entregou-me, também. Dei um olhar para Ethan, e com seu assentimento, e para a diversão dos Metamorfos que observavam o intercâmbio, afundei o garfo na caçarola de batatas, e deu uma mordida.

Meus olhos se fecharam enquanto saboreava a misturas de batatas, manteiga, páprica e mais creme do que deveria ser permitido em um único prato.

— Oh Berna. Isso está incrível.

— Mmm-hmm. — ela disse; auto satisfação em sua voz. Abri meus olhos para vê-la girar em seus calcanhares e afastar-se, a multidão a tragando novamente.

Engoli outro pedaço da caçarola, logo apontei o garfo para Ethan. O olhou por um momento, mas, com meu próprio olhar ameaçador, se inclinou.

Meio segundo depois, seus olhos se fecharam para desfrutar o pedaço.

— Eu te disse. — lhe disse, logo peguei de volta o garfo.

— Tem um dom.

— Eu sei; certo? — disse ausente, mas já estava longe outra vez, a deriva em um mar de carboidratos.

Depois de um momento, Nick se fundiu de volta na multidão, e Ethan se afastou para fazer uma ligação, me deixando no meio da Manada. Aí foi quando Adam fez sua aproximação. Ele estava vestido de forma casual, uma camisa fina de algodão sobre seus jeans, grossas botas, e uma larga corrente com um pendente celta ao redor do seu pescoço.

— Vocês dois parecem estar impactando. — disse. — Berna não cozinha para muitos. Sei que apreciou o que fez por ela.

— Estou simplesmente contente de ter podido chegar a tempo. — disse, logo assenti para a multidão ao redor de nós. — Parece que todos estão passando por um grande momento.

— Usualmente o fazemos. Este é o tipo de coisas que fazemos em casa.





Grandes reuniões, churrascos, esses tipos de coisa.

— Soube que Gabriel vive em Memphis. É ali aonde você vive também?

Adam sorriu com malícia, lábios curvados, com suas profundas e impertinentes covinhas. Supondo que poderia ter chamado seu sorriso de lupino, já que havia algo definitivamente predador nele. — Vivo aonde quero.

— É um nômade, ou apenas teme os compromissos?

Desta vez sorriu com dentes. — Quer me provar?

Bufei. — Já tenho problemas suficientes manejando aos vampiros em minha vida.

— Como sabe que os Metamorfos não seriam mais fáceis de manejar?

— Não se trata de quão fáceis ou difíceis são de maneja. É sobre controlar as pessoas que precisam que as controlem. Prefiro uma existência livre de drama.

— Provavelmente não deveria ter se transformado em vampiro.

— Não tive exatamente escolha.

Isso o parou. Seu sorriso caiu, mudando para uma expressão de leve curiosidade mórbida. — Não teve opção? Pensei que os vampiros tinham que dar juramentos? Consentir a transformação ou algo assim?

Afastei o olhar e umedeci os lábios nervosamente. Ainda que a cidade inteira soubesse que havia sido convertida em vampiro, os detalhes da minha troca, o detalhe que não havia consentido particularmente. era apenas conhecidos por poucos. Havia feito essa declaração sem pensar..., mas não estava certa de estar preparada para dizer a este garoto a verdade, com ou sem covinhas.

— Havia mais considerações do que o drama. — lhe disse, esperando que isso respondesse sua pergunta o suficiente para evitar me perguntar mais. — Não era sobre me converter em vampiro. — era sobre me manter com vida. — Essa é a realidade para alguns de nós.

Quando olhei para ele novamente, havia algo surpreendente em seus olhos, respeito.





— É uma lutadora. — concluiu. — Uma guerreira de algum tipo.

— Sou a Sentinela da Casa. — disse. — Uma guardiã, no modo de falar.

— Um cavaleiro entre reis?

Sorri. — Algo assim. E como passa suas horas de vigília, Sr. Keene? Além de cortejar garotas com essas covinhas?

Baixou o olhar timidamente, mas não o comprei, definitivamente não quando levantou seu olhar novamente, sorrindo com malícia. — Sou um homem de prazeres simples, Sra. Sentinela.

— E quais são esses?

Encolheu os ombros negligentemente, logo balançou uma mão a um homem que passava com copos plásticos em uma bandeja. Para uma família, supus. Adam pegou dois, logo me entregou um.

— A próxima vez que bebermos uma bebida, o farei de forma mais elegante. Quais são as minhas oportunidades?

Tomei um gole do quente suco de maçã. — De zero a nenhuma.

Sorriu de boa vontade. — Reclamada?

— E sem interesse.

— Ouch, — disse, soltando a palavra. — É do tipo atrevida. Gosto disso.

Apesar de eu mesma sorrir. Não estava tentada por sua oferta - e de fato, ao que parece, estava reclamada - mas isso não o fazia menos encantador. Adam Keene era uma combinação letal de boa aparência, encanto e um fundo de maldade.

— Também sou do tipo curioso. — admiti. - E em poucos minutos que temos estado aqui, tem evitado cada pergunta pessoal que fiz.

Afirmou sua mão livre no ar. — Sinto muito, sinto. Não pretendia ser evasivo. É um vampiro; e eu sou um Metamorfo. E embora me encante a vibração Romeo e Julieta entre nós tendemos a ser um pouco cautelosos quando trata-se de responder aos vampiros.





— Posso entender isso. — assenti. — Mas isso não me faz menos curiosa.

— É obstinada, não é verdade?

Estava escutando isso muito ultimamente. — Eu sou. — admiti. — Tentaremos novamente. O que desfrutava fazer, um Metamorfo como você em seu tempo livre?

— Bom. — disse, baixando o olhar ao chão e piscando enquanto o considerava. — Vou a churrascos. Um pouco de levantamento. Jogo bem a guitarra.

Levantei minhas sobrancelhas.

— Toca guitarra? Ou seja, joga? — fiquei imaginando a dois homens em um intercâmbio de artes marciais mistas, tirando a merda do outro com guitarras acústicas, madeira e cordas voando.

Soltou uma risadinha. — Jogar é tocar. Eu perturbo com uma sequência de doze cordas. Nada formal. Algo apenas para relaxar, talvez de volta ao campo com uma cerveja, olhando as estrelas.

— Isso soa como uma boa maneira de passar a noite. — me perguntei onde estava localizado esse terreno. — Aonde é? — perguntei outra vez.

Fez uma pausa, brincando com a borda do copo de plástico, logo levantou o olhar para mim. — Tem razão sobre Memphis. — disse finalmente. — Temos um covil no lado leste, fora da cidade, assim o brilho não cruza o caminho das estrelas. — franziu o cenho. — É raro estar aqui na cidade grande, um montão de coisas para ver, e gosto da água, mas não há estrelas.

— Não muitas. — estive de acordo. — Mas não tenho visto realmente muitas delas de todos os modos. Eu vivi em Nova York e na Califórnia.

— Parece que te agrada o concreto.

— Parece ser desse modo. Embora a ideia de estar ao ar livre no campo com uma cerveja na mão soa bastante bem agora, também.

— Esse é exatamente o ponto, não é?

Inclinei minha cabeça para ele. — O que quer dizer?





Adam fez um gesto para o salão. — Isto. Tudo isto. Todos nós poderíamos estar no campo com uma cerveja na mão. Ao invés de estar fazendo isso, estando em uma elegante casa em Chicago, esperando discutir sobre o futuro. — deu de ombros. — Farei o que Gabe me peça para fazer, mas entendo a urgência de voltar para casa.

— Falando do drama, tem tido alguma notícia de Tony? Aceitou a responsabiliza pelo ataque? De desafiar Gabriel?

Adam sacudiu a cabeça. — Não até aonde eu sei. Mas essa é uma pergunta para Gabriel.

— Você sabe, acredito que acabamos de ter uma verdadeira conversa. Isso não esteve tão mal, não é mesmo?

Levantou uma mão até seu pescoço. — Minha carótida parece estar intacta, então, não, não foi tão duro.

— Nem todos nos jogamos de cabeça para abrir uma veia, sabe.

Bom, ao menos que me coloquem em uma sala com Ethan Sullivan.





Capítulo 12



Pacotes da Lua.

Até que Gabriel sentou-se em uma poltrona no meio do living dos Breck, parecia, como Adam disse como se fôssemos convidados de uma reunião familiar.

Até esse momento.

Gabriel chamou a atenção da multidão com um profundo apito que quase fez estalar meus tímpanos. Esse som foi seguido por uma cacofonia de toques, centenas de garfos de prata ao longo de centenas de copos, que só parou quando ele saltou da poltrona e levantou as mãos no ar.

— Manada. — gritou, e a sala explodiu com o som de cem vozes, gritos, assobios, uivos. E junto com os sons detonou uma súbita carga de magia. O ar crepitava com o elétrico zumbido da mesma, tudo em uma, reafirmam-te e ameaçadora. Afinal, esta era uma energia predatória que não era minha.

Incitava-me a necessidade de me mover, e praticamente saltar fora da minha pele até que Ethan se aproximou o suficiente para alinhar a lateral dos nossos corpos. Não estava certa de se ele estava se movendo para mim ou se afastando dos membros da Manada ao nosso redor, mas sabia algo inatamente reconfortante sobre a sensação de tê-lo ao meu lado. Era tranquilizador, algo familiar em meio de sensações que meus instintos vampíricos não estavam muito interessados em sentir.

— *Fique quieta.* — disse silenciosamente, expressando as palavras não de um amante e sim a ordem de um Mestre a um Novato vampiro para se acalmar. E como se o ordenasse, meu pulso começou a desacelerar.

Jeff no seu caminho para frente do salão parou ao nosso lado. — Está chamando a Manada. — explicou. — Até aonde sei, vocês são os primeiros vampiros a presenciar.





— Em Chicago? — perguntei.

— Na história. — disse, e continuou avançando.

— Somos a Manada! — Gabriel anunciou, e os Metamorfos começaram a se juntar, agrupar-se em frente a ele. No momento em que o salão se esvaziava vi Nick, de pé apenas no limite da multidão, uma posição que presumi que ele tomou por estar distante de Gabriel, supus, era como estar se distanciando da Manada.

O restante deles abraçados, os braços entrelaçados bem apertados em um laço ao estilo rúgbi. Mas desta vez a magia não fluiu para fora. Se condensou à medida que se reuniam, apenas o limite tangível desde nossa posição a borda da multidão. Entrelaçaram os braços em anéis ao redor de Gabriel, e então os uivos começaram novamente. Alguns eram constantes, como uma harmonia em quatro tempos de sons animais; outros eram gritos ao azar. Os sons se elevaram ao uníssono em um frenesi crescente, as várias linhas de Metamorfos se balançando em bandos alternados enquanto cantavam.

A realidade bateu: estas não eram simples vocalizações; eram comunicações, reafirmações entre os membros da Manada de que estavam juntos, de que suas famílias estavam a salvo e que a Manada estava segura.

— *É formoso.* — disse a Ethan, e me considerei afortunada de ser testemunha de algo que nenhum vampiro tenha visto antes.

O chamado continuou por outros dez ou quinze minutos, os Metamorfos lentamente se desintegrando, um anel por vez, até que estiveram separados novamente.

Gabriel ainda estava parado sobre a poltrona, mãos no ar, com sua apertada camiseta escura empapada de suor. Convocar a Manada, talvez reunir toda essa magia, deve ter sido um trabalho duro.

— Bem vindos a Chicago. — disse, sorrindo esgotado e recebendo outros uivos da audiência. — Logo convergiremos. Tomaremos nosso destino coletivo para a Manada, e decidiremos se nós ficamos ou iremos.

A multidão tranquilizou.

— Chegará o momento de realizar essa decisão. — disse. — Mas esse momento não é essa noite. — se agachou, e quando se ergueu novamente, sustentava um pequeno de bochechas rosada em seus braços. Pressionou um





beijo na testa do menino.

— Nosso futuro é incerto. Mas perseveremos, sem importar o resultado. A Manada é eterna, inextinguível. — se agachou e entregou o menino novamente aos braços estendidos de sua mãe, e se levantou para enfrentar outra vez a multidão, mãos sobre seus quadris.

— Esta noite, damos as boas vindas a estranhos a nosso seio. Os chamamos vampiros, mas os conhecemos como amigos. Eles têm cuidado de um dos nossos, por isso os convidamos aqui esta noite em nome da amizade.

Gabriel gesticulou para nós, e em resposta os membros da Manada se voltaram para enfrentar Ethan e a mim. Alguns levavam um sorriso. Outros levavam expressões de absoluta desconfiança e desprezo. Mas inclusive aqueles homens mulheres assentiram, aceitando de má vontade aos vampiros no meio deles, vampiros que haviam salvado um dos seus.

— *Graças a Deus por Berna.* — silenciosamente disse a Ethan.

— *Graças a Deus que você foi veloz o suficiente para avançar.* — respondeu.

— Todas as nossas vidas estão entrelaçadas. — disse Gabriel. — Vampiro ou Metamorfo, homem ou mulher, nossos latidos são o eco do mesmo pulso da terra. E os nossos não são os únicos corações que estão interligados. — olhou para Ethan e logo olhou para mim. Alguém lhe passou uma taça, e Gabriel a levantou para nós. — Lhes oferecemos nossa amizade.

Os olhos de Ethan se ampliaram instantaneamente, mas encobriu a emoção e ofereceu uma humilde reverência aos Metamorfos ao nosso redor enquanto faziam os brindes.

— Mas não convocaremos esta noite. — disse Gabriel. — Esta noite, vivemos e respiramos, amamos e desfrutamos da companhia dos nossos amigos e familiares. Esta noite... — disse piscando um olho. — Comemos.





Outros dez ou quinze minutos se passaram antes que Gabriel atravessasse a multidão oferecendo amáveis palmadas nos ombros até chegar a nós, sua expressão um amontoado de expressões. Inclusive a magia ao seu redor parecia em conflito.

— Obrigado por nos permitir a oportunidade de estar aqui. — disse Ethan.
— Foi algo grandioso de se presenciar.

Gabriel assentiu. — Vocês tomaram um risco que nem todos haveriam tomado.

— Era o mínimo que poderíamos fazer. — disse Ethan.

Gabriel me olhou. — Foi por ela. Arriscou a si mesma para tira-la do perigo, para salvá-la.

— Fiz o que qualquer um haveria feito.

— Salvou uma vida. — as palavras eram entusiasmadas, mas ainda assim havia algo afiado em seu tom, algo muito feliz em sua expressão.

— *Ele parece muito conflituoso por isso.* — disse para Ethan

— Está..., preocupado por algo? — perguntou para Ethan.

Sacudiu sua cabeça. — Estarei em dívida com Merit. — disse. — Eu tenho pago a parte dela, lidando com os Breckenridge e sua infundada animosidade.

Já conhecíamos essa parte. — Gabriel havia confessado quando visitou a Casa Cadogan. Não tinha ideia de que dívida ele estava fazendo referencia, mas devia ser algo, pensei relacionado com a família. Já seja a minha ou a sua, Manada ou vampiros, eu não sabia.

E supus que não havia dano perguntar. — Qual a sua dívida?

— Não posso revelar isso, Sentinela. O futuro é fluído. Posse ver as ondas ao longe na água, mas isso não significa que o futuro seja imutável, que os eventos não podem ser alterados. Os Metamorfos eram diferentes dos feiticeiros nesse aspecto; os feiticeiros profetizavam cada vez que podiam, ainda que as profecias em si fossem, usualmente, difíceis de compreender.

— Pode me dar uma pista? Você mencionou algo sobre a família. A sua ou a





minha?

Gabriel passou o olhar pelo salão. Segui seu olhar até a mulher que estava de pé na borda do mesmo, amigos ou conhecidos ao seu lado. Sua escura cabeleira estava solta ao redor do seu rosto, suas bochechas rosadas, suas mãos dando suporte ao grande ventre. Esta era Tonya, sua mulher, e Connor, seu filho, o futuro membro do clã Keene e da Manada Central Norte-Americana. Um futuro líder?

— Não estarei revelando muito. — disse. — Ao sugerir que a segurança da minha família fica em sua esfera de influência.

Estivemos todos em silêncio por um momento, o peso dessa afirmação entre nós. Não tinha certeza se deveria ficar lisonjeada de que Gabriel me considerava capaz de proteger sua família ou preocupada pela responsabilidade que jazia em meus ombros.

— Por outro lado, as Manadas não deveria carregar o peso das minhas dividas com os outros. — engoliu com dificuldade. — Não posso oferecer nenhuma garantia sobre as alianças. Tudo o que posso dizer é que não descartarei por completo a ideia. Isso é tudo que posso oferecer.

E com essa simples sugestão, a ideia de que poderia estar disposto a considerar uma aliança com os vampiros. — Gabriel Keene fez história.

— Antes de sair. — disse, retornando as preocupações atuais. — Tem ouvido sobre a motocicleta de Tony? Dos resultados da pericia?

Assentiu. — Sei que acharam resíduos de pólvora.

— Soube algo dele? — Ethan perguntou.

— Nem uma palavra. Por quê?

— Nos perguntávamos se ele é de fato o responsável pelo ocorrido no bar. — disse Ethan. — Talvez tente adotar uma oposição aberta contra você ou na convocatória. Se ele esteve envolvido, e realmente está tentando dar a volta na balança do poder, esse seria o caminho lógico a seguir.

Gabriel franziu o cenho, logo sacudiu a cabeça. — Não sabemos dele, e o tenente de Tony tampouco tem sabido dele. Presumo que tem ido para debaixo da terra para salvar seu traseiro.





— É uma possibilidade. — concordou Ethan.

O olhar de Gabriel virou no momento em que Fallon lhe fazia sinais do outro lado do salão. —Tenho que ir. Nós nos veremos amanhã à noite.

Sem outra meia palavra, se virou e caminhou de volta ao salão, deixando eu e Ethan o olhando.

Ethan não esperou antes de chegar a melhor parte. — Pode ser que ele não tenha oferecido uma aliança formal, mas isso de longe, é o mais próximo que temos de chegar a uma.

— Somos uma boa equipe. — disse com um sorriso atrevido.

Ele bufou, mas havia um sorriso em seu rosto.

— Agora que chegamos a uma refeição da Manada e talvez eu tenha jogado em seu colo uma aliança, vou dar uma olhada no Buffet.

— Acabou de comer!

Dei um olhar sarcástico. — Sou um vampiro com um metabolismo mais rápido do que uma bala. Além disso, esse prato era pura carne e salada. Não recebi a sobremesa.

— Vai. — disse me despachando com uma mão. — Vai buscar o chocolate.

Sorri amplamente, logo caminhei para o enorme Buffet.

Era ainda mais impressionante de perto do que tinha sido à distância. A comida era caseira, desde fumegantes caçarolas com guisado e vegetais cozidos as tortas com glacê rosado e cobertas de coco. Eu apontei direto para as sobremesas, pegando um prato pequeno e um garfo no caminho para armazenar minha recompensa.

Os problemas chegaram tão rápido quanto coloquei um biscoito caseiro sobre meu prato.

— Vampiro, eh?

Dei um olhar ao Metamorfo que havia falado. Era alto e de ombros amplos, seu grosso cabelo escuro recolhido em um rabo de cavalo baixo. A maior parte de





seu rosto estava coberta por uma densa barba.

— Sip. — disse gentilmente, oferecendo um sorriso. — Vampiro.

Grunhiu logo se inclinou sobre mim, o aroma de couro, uísque barato, e cigarro movendo-se com ele. — Acredita que é grande coisa, verdade? Pequeno Vampiro?

A predisposição de Gabriel de estender sua amizade aos vampiros era claramente uma moção, mas nada unanime. Mas essa amizade estava em jogo, de modo que mantive minha crescente ira para mim mesma e me afastei alguns passos pela mesa.

— Simplesmente estou pegando alguma sobremesa. — disse rapidamente. — Parece delicioso.

Ele fez um par de bufos ao estilo de um javali, como se estivesse espantado que eu tivesse a audácia de ignorar suas tentativas de me deixar louca. — Eu estava falando. — disse finalmente, sua voz baixa e ameaçadora.

— E eu cortesmente lhe ignorando. — fiz minha bravata e lhe dei um olhar de advertência. — Sou uma convidada nesta casa, e planejo atuar como uma. Talvez você devesse fazer o mesmo também.

Essa foi o final da discussão, porque seu seguinte passo foi físico. Aproximou-se e pegou meu braço, então me puxou para frente, lançando maldições à medida que se movia. Joguei-me para trás tentando liberar meu braço, tirando o prato da minha mão. Ele caiu no chão e quebrou as migalhas de porcelana esparramadas pelo piso.

Mas antes que pudesse reagir, ele havia ido.

Porque antes que pudesse reagir, Ethan tinha o homem pelo colarinho de sua camisa e o estava empurrando contra a parede.

— Mantenha suas mãos longe dela. — disse entre dentes apertados.

Com um rápido giro de suas mãos, o Metamorfo afastou bruscamente os braços de Ethan, logo lhe deu um poderoso empurrão para medi-lo. — Quem caralho acredita que é?

Ethan cambaleou para trás alguns passos, mas avançou para frente





rapidamente outra vez, aparentemente na tentativa de ir por uma segunda rodada com o tipo. — Se chegar próximo novamente, responderá para mim, ao diabo com a Manada.

Assombrada por ter semelhante consciência política, eu me aproximei e peguei seu braço, logo o arrastei de forma que ele e o Metamorfo já não ficassem frente a frente. — Ethan. — sussurrei ferozmente. — Acalme-se.

Gabriel se apressou para nós, Fallon e Adam atrás dele.

— Que diabos esta acontecendo aqui?

O salão de baile ficou completamente em silêncio, todos os olhos sobre os vampiros criando o caos no meio de sua festa.

O Metamorfo fez rodar seus ombros, como se descartando o insulto, logo assinalou Ethan. — Estava tendo uma conversa com esse vampiro, e logo esse imbecil me empurrou, e agora vou empurra-lo eu.

Graças a Deus que eu era um vampiro, como se essa doze de força extra, fosse o único que me permitisse para conter Ethan. Ele fez outro ataque, o suficientemente forte para me arrastar alguns passos antes que pudesse detê-lo outra vez.

Ada e Fallon saltaram entre os dois, prontos para intervir se tentasse de novo.

— *Ethan.* — disse mentalmente. — *Chega. Já é o suficiente!*

— Ele a agarrou. — disse Ethan cerrando os dentes, logo sacudiu bruscamente do meu aperto. — Estou bem. — passou suas mãos sobre seu cabelo. — Estou bem, e você precisa colocar seus Metamorfos sobre controle.

Gabriel olhou Ethan, sua expressão feroz, com suas mãos apertadas em punhos. A magia aumentou novamente, uma nuvem sufocante, como se estivesse decidindo nosso destino.

Amaldiçoei mentalmente, assumindo que este era o fim da nossa distensão com os Metamorfos.

Mas então, Tonya parou atrás dele. Com uma mão sobre seu estomago, esticou a outra para tocar as costas de Gabriel. Como se respondesse as suas





preocupações, Gabriel olhou para Ethan e eu. E logo em um momento, observei o entendimento suavizar a fúria em seu rosto.

Ele havia se dado conta de que Ethan quase havia jogado um de seus membros da Manada porque esse membro da Manada quase havia ido sobre mim.

Logo por um momento de silêncio, Gabriel deu um passo para Ethan, e se inclinou como se oferece um conselho a um colega. — Se quer que esta amizade funcione então se manterá a raia. Entendo suas razões. — disse pausadamente para dar ênfase. — Mas este tipo de merda não ocorrerá. Não com a minha Manada. Não com minha gente.

Ethan assentiu; seu olhar fixo no piso.

A voz de Gabriel se suavizou. — Vai estar pronto para trabalhar na convocatória amanhã?

— Claro.

Após um momento, assentiu. — Então tomarei sua palavra, e isso é o suficiente para mim. — endireitou-se novamente. — Temos terminado por aqui. — anunciou ao salão. — Terminou, e tudo está bem, assim voltemos à comemoração, querem? — a seguir pegou a mão de Tonya e se aproximou do meu agressor, sujeitando com uma grande mão seu ombro. — Vamos por um trago e conversaremos sobre os bons modos.

À medida que se moveu entre multidão, o ruído ensurdecedor e as conversas começaram a nos envolver novamente.

— Deveríamos ir. — disse Ethan.

Assenti e o deixei me guiar para fora.





Ficou em silêncio no seu caminho para o carro. Esse silêncio e a consequente tensão engrossou o ar no carro até que estivemos bem longe da propriedade dos Breckenridge e em nosso caminho de volta a Hyde Park.

Havia visto seu protecionismo duas vezes já. Seus gestos haviam sido poderosos, mas também havia posto inquietação entre nós, como se os gestos fosse muito poderosos para uma relação tão nova e verde como a nossa.

— Minha reação esteve fora de lugar. — disse finalmente.

— Pensei que ia se lastimar.

Ethan sacudiu a cabeça. — Tenho criticado ao Morgan. Eu reclamei que ele exagera. De que permite que suas emoções se intrometam no caminho das necessidades de sua Casa.

Meu estômago se revolveu, e tive a doentia sensação de que sabia para onde ia esta conversa. — Ethan. — disse, mas ele sacudiu a cabeça.

— Se Morgan houvesse feito semelhante cena, o haveria jogado. O haveria jogado arrastado pela porta principal e o teria lembrado suas obrigações. Seus deveres para sua Casa e o resto dos seus. Francamente me surpreende que Gabriel não tenha tomado essa ação por conta própria.

Gabriel não havia feito, pensei, porque com um toque Tonya havia lembrado a Gabriela à razão, Ethan havia agido assim - por mim.

— Se intrometeu para me proteger. É compreensível.

— É inaceitável. — contestou.

Essa palavra golpeou como um punho, e virei meu rosto para a janela de acompanhante para que ele não pudesse ver as lágrimas que começavam a encher meus olhos. Sem importar seu grande gesto na casa dos Breck, Ethan estava preparando sua desculpa.

— Poderia ter posto em perigo todas as propostas de Gabriel, destruído toda a boa harmonia que ele tem construído entre os Metamorfs e vampiros, por causa da minha reação. Só assim. — adicionou estalando os dedos.

Em seguida se calou por um momento.





— Passou muito tempo desde que me importei com alguém. Desde que permiti ao instinto tomar o controle. — sua voz se suavizou, como se houvesse se esquecido de que eu estava no carro. — Deveria ter visto isso. Deveria ter considerado a possibilidade de que reagiria dessa forma.

Supunha-se que gostaria da admissão de que se importava quando estava afogando em arrependimento por isso?

— E se Gabriel ofereceu uma aliança, amizade, por causa do que fez com Berta? Se continuarmos nossa relação, e nossas emoções se interpuserem no caminho, se entrelaçarem e derivarem no mesmo resultado entre você e Morgan, o que acontecerá então? Toda a amargura? Os maus sentimentos.

O que se supõe que deveria dizer? Supôs que discutiria com ele? Que o lembraria do êxtase físico? Que afirmaria que ele não era Morgan, e que nossa relação era diferente?

— Se formarmos uma aliança com a Manada, teremos feito história. Teremos feito uma aliança que é única na história. E agora minha reação tem posto essa aliança em risco. Se assim é como vou reagir, então não estou pronto para isto, talvez não seja capaz disto. Não quando o bem estar e a segurança da Casa está em risco. — ele ficou em silêncio por um momento. — Há trezentos vampiros de Cadogan, Merit.

E eu sou uma desses trezentos, pensei, e me forcei a realizar a seguinte pergunta. — Então, o que está dizendo?

— Estou dizendo que não posso fazer isto. Não agora. As coisas estão muito frágeis.

Esperei para falar até que estive segura que minha voz não vacilaria. — Não quero simplesmente fingir que não aconteceu.

— Não tenho o luxo de lembrar. Uma garota não é razão suficiente para jogar de lado minha Casa.

Engoli o nó em minha garganta e, com lágrimas secando sobre minhas bochechas, tomei minha decisão. Havia esnobado os avanços de Ethan quando ele havia oferecido apenas sexo. Mas havia cedido quando disse que me necessitava.

De fato, havia decidido que eu era desejável.





Senti-me estúpida, ingênua. Mas não poderia deixar que visse, assim fechei meu coração e soube que poderia falar com esse mesmo tom frio que ele usava. - Tem mudado de parecer antes. Se terminar agora e troca de parecer novamente, não voltarei. Ficarei como Sentinela, apenas como sua empregada. Não como sua amante.

Ele levou um momento ao responder..., e quebrar meu coração.

— Então é um risco que tomarei.



Dirigimo-nos para a Casa em silêncio, interrompido apenas pelo lembrete de Ethan que nos encontraríamos com Luc antes do amanhecer para discutir a convocatória. Consegui não me atirar no console e acelerar por ele, mas logo que estacionamos na garagem, saltei fora do carro e me dirigi para as escadas do porão e saí pela porta principal novamente.

Faltavam horas ainda para o amanhecer, e não poderia passa-las na Casa.

Estava muito envergonhada para ficar ali, muito humilhada de ter sido tão informalmente abandonada pela florescente amizade de Ethan com Gabriel. Havia me abandonado porque ele sair comigo colocava em risco se laço com a Manada.

Um laço, que ironicamente, eu havia ajudado a criar.

Enfiei-me no meu carro e me dirigi ao norte atravessando o rio, com a esperança de que a distância ajudasse aliviar a dor. Ao menos não teria que chorar dentro do raio de audição dos vampiros Cadogan.

Devia ter sabido. Deveria ter sabido que ele não seria capaz de se adaptar, que sempre escolheria a estratégia sobre o amor, que sem importar as palavras que usasse, ele seria o mesmo frio chupa-sangue.

Considerarei chamar Noah e aceitar me unir a Guarda Vermelha nesse exato momento, aceitar ser companheira de Jonah para vigiar aos Mestres, para julga-





los, para tomar ações quando caírem para baixo em seu potencial. Mas essa era uma traição que ainda não podia fazer. Ethan tinha suas razões para dizer que uma relação entre nós não funcionaria. Embora quando não estava de acordo com elas, as entendia.

Nada disso, infelizmente, aliviou a vergonha, a sensação de que havia me oferecido e havia sido considerada deficiente, a sensação de ser posta de lado era completamente minha culpa.

E o mais importante, a sensação de ter me posto ao lado de Ethan, havia enfrentado a uma das pessoas que me amava incondicionalmente.

Esse arrependimento me enviou para Wicker Park, sequer certa se ela estaria ali, mas sem uma ideia melhor. Estacionei fora de sua estreita casa de pedras vermelhas, subi as escadas, e chamei à porta.

Ela abriu um segundo depois. Sua cabeleira azul estava mais comprida e agora chegava aos ombros. Ela usava uma saia simples e uma camiseta de manga curta, os pés descalços, as unhas pintadas em um arco-íris de cores, do índigo ao vermelho.

Seu sorriso se desfez quase no mesmo instante. — Mer? O que aconteceu?

Apesar do discurso que havia planejado pelo caminho, um 'sinto muito' repleto de arrependimento foi tudo o que pude colocar para fora. — Eu sinto tanto, tanto.

Mallory me observou de cima a baixo antes de encontrar meu olhar novamente. — Oh, Merit. Diga-me que não o fez.





Capítulo 13



Você é a minha melhor amiga.

Mallory me conhecia bem demais. Eu dei a ela um sorriso lamentável.

Ela deu um passo para o lado e segurou a porta aberta. Entrando na sala de estar, eu fui imediatamente confortada pelos sons e cheiros de casa – lustra móvel de limão, canela e açúcar, o cheiro levemente estagnado de uma casa mais velha, o murmúrio baixo da televisão.

— Sofá. — ela direcionou. — Sente-se.

Eu sentei na almofada do meio.

Mallory pegou alguns lencinhos de papel de uma caixa na mesinha de cabeceira, então se sentou ao meu lado, me deu os lencinhos, e tirou o cabelo do meu rosto. — Me conte.

Eu contei. Eu contei a ela sobre o bar Metamorfo, a pizza, o chocolate. Eu contei a ela sobre a festa, a amizade de Gabriel, e o valentão, sobre a reação de Ethan e o “risco” que ele estava disposto a correr. No final, eu estava em seus braços, chorando no seu ombro. Chorando como uma garota cujo coração havia sido quebrado em pedacinhos, mesmo sendo minha culpa por ter me apaixonado em primeiro lugar.

— Eu dei a ele o benefício da dúvida. — eu disse, passando um lenço no meu rosto. — A princípio eu pensei, Oh, ele só está com medo. Ele não pode dar mais porque ele não é capaz disso no momento. — balancei minha cabeça. — Não é porque ele não é capaz. É porque ele quer algo diferente.

Aquele sentimento doentio rolou pelo meu estômago novamente, aquela reviravolta horrível que somente rejeição podia provocar. Mallory se sentou de volta no sofá, mãos no seu colo, e suspirou longo e duramente.

— Nesse caso, Merit, e eu não quero torná-lo um mártir, porque ele está bem longe da nossa consideração no momento, é provavelmente um pouquinho





dos dois. Eu o vi com você. Eu vi o jeito que ele olha para você. Eu sei que sou dura com ele.

Sua voz suavizou-se. — Eu sei que fui dura com você. Mas tem mais do que mero desejo nos olhos dele quando ele olha para você. Não é só o lance físico. Tem mais alguma coisa, algum tipo de afeição, talvez. Algum tipo de apreciação que não é só sobre hormônios e partes íntimas. O problema é que ele é um vampiro de quatrocentos anos de idade. Ele não é humano, e não tem sido há um longo tempo. Nós nem sabemos se ele pensa ou quer as mesmas coisas.

— Não culpe o vampiro. — disse a ela. — Isso não tira a culpa dele.

— Oh, confie em mim. — ela disse. — Me dê dez minutos a sós com Darth Sullivan, e ele vai sentir minha ira. — uma agitação de magia ergueu o ar e mandou uma pontada de augúrio pela minha espinha. Poderosa, era a minha amiga feiticeira.

— Tudo que estou dizendo, é isso soa como se ele não achasse que tem uma escolha. Não é uma desculpa, mas é uma explicação.

Eu soltei uma respiração lenta e tirei lágrimas debaixo dos meus olhos com as juntas dos dedos. — Não é como se eu não soubesse essas coisas. Eu sei que ele não é humano, não de verdade, mesmo ele tendo esses momentos incrivelmente vulneráveis que apertam meu coração. Você devia ter visto-o quando ele pulou no Metamorfo, Mallory. Ele ficou louco de raiva. Jogou o cara contra uma parede.

— Exatamente como eu teria feito. Mas com vodu de feiticeiro ao invés de vodu de vampiro.

Eu assenti. — Mas você não teria se arrependido disso. Ele se arrependeu. Gabriel entendeu por que ele o fez, eu sei que ele entendeu. Mas isso não foi bom o bastante. Quero dizer, é como se eu estivesse punida porque a pepita negra que Ethan chama de seu coração começou a bater de novo.

— É definitivamente injusto, querida. E eu gostaria de ter alguma coisa mágica para dizer que consertaria tudo, mas eu não tenho.

— É só..., eu sei que ele não é perfeito. Ele pode ser frio e controlado. Mas eu vi aquela paixão, a afeição que ele escondeu. Eu vi do que ele é capaz. Ele é só..., ele também é; eu não sei...

— Ele é Ethan.

Eu olhei para ela e funguei.





— Ele é Ethan. Por alguma razão bizarra, ele parece ser o seu Ethan. E para melhor ou pior, você parece ser a Merit dele. Isso me irrita diariamente.

— Eu sou tão estúpida.

— Não estúpida. Só humana demais para o seu próprio bem.

Eu não mencionei que nós dois havíamos criticado Morgan exatamente pela mesma coisa. — Às vezes muito humano, às vezes não humano o bastante. E de qualquer jeito, às vezes um idiota de sangue frio.

— Agora, nisso. — Mallory disse. — Eu posso concordar.

— Ele se apaixonou você sabe.

Mallory olhou para mim. — Apaixonado? Ethan?

Eu assenti e relatei a informação que Lindsey uma vez tinha me passado. — O nome dela era Lacey Sheridan. Ela foi uma guarda por algumas décadas, eu acho. Lindsey acha que ele estava apaixonado por ela, embora eles tenham terminado anos atrás, quando ela começou sua própria Casa.

— Ela é um Mestre?

— Um dos doze.

— Seria apropriado que se você fosse à próxima Mestra, você seria a décima terceira Casa?

— Dado a minha sorte, muito apropriado.

Ela se levantou do sofá, e andou em direção ao corredor. — Venha, gênio. Vamos pegar alguma coisa para você comer.

Eu coloquei minhas mãos ao redor do meu estômago, que estava começando a se aquietar. — Eu não estou com fome.

Ela olhou de volta e me ofereceu um olhar murcho.

— Bem, não estou com tanta fome assim. — eu disse, mas a segui até a cozinha, de qualquer maneira. Eu tinha perdido a sobremesa, afinal. — Santo Deus. — disse, entrando na cozinha. O que tinha sido uma cozinha caseira pequena tinha se tornado uma, bem, não tinha certeza do que chamar. A sala de poções de Hogwarts, talvez?





Eu andei até o balcão da cozinha e passei meus dedos sobre as pilhas de livros, um baralho de cartas de tarô, caixas de sal, jarros de vidro com penas, vinhas, garrafas velhas de olhos, fósforos, e pétalas de rosas secas.

Eu tirei uma carta do baralho de tarô, o ás de espadas. Apropriado, eu pensei, devolvendo a carta cuidadosamente em cima do resto da pilha. — O que é tudo isso?

— Dever de casa. — ela murmurou.

— Ah, meu Deus, é Hogwarts, mesmo.

Ela me deu um olhar sarcástico e começou a limpar uma parte do balcão. — Eu estou brincando de acompanhar bruxas que vem fazendo isso por anos.

Eu puxei um banquinho e me sentei. — Eu pensei que você estava treinando sozinha?

— Eu estou. Mas eu não sou a primeira aluna do meu professor. Antes de mim, ele foi mandado para a Sibéria da feitiçaria.

— Schaumburg¹¹?

— Schaumburg. — ela confirmou. — Antes disso, ele lecionou muitas e muitas crianças. Crianças que receberam sua magia quando eram bem mais novos que eu. Acabou que, avançar na minha mágica aos vinte e sete anos me colocou bem atrás do resto do bando.

— Mas eu aposto que você recompensa com insolência e charme.

Ela estreitou seu olhar. — Eu recompenso sendo duas vezes mais poderosa que todo mundo.

— Sério?

— Completamente sério.

Eu observei a difusão na mesa. — Então por que o dever de casa? Eu me lembro distintamente de um sermão de Catcher sobre como vocês não tem que usar feitiços ou poções ou o que seja. — abaixei uma oitava na minha voz e ajeitei meus ombros no que eu tinha certeza que era uma imitação à altura do Oscar de Catcher Bell. – mas podem canalizar poder diretamente através dos seus corpos.

¹¹Schaumburg é uma cidade localizada no nordeste de Illinois, com 75.936 habitantes, de acordo com o Censo de 2007.





— Isso era para ser Catcher?

— Meio. É.

— Huh. Soou mais como John Goodman¹².

— Eu não sou uma artista. Eu só apareci uma vez na TV. Vá direto ao ponto.

— Isso vai te chocar. — Mallory disse, puxando um banquinho ao meu lado e despencando nele. — Mas acabou que, Catcher é um pouquinho pretensioso sobre o lance da magia.

Eu bufei. — Eu me sinto mal por você só descobrir isso agora.

— Como se eu não pudesse notar. Considere tudo que sai da boca dele sobre magia, exceto as Chaves; ele acertou isso, uma questão de opinião. Ele acha que o único modo legítimo de fazer magia é desejar que as coisas acontecessem. Isso não é verdade. — ela disse ombros baixos enquanto observava as pilhas de materiais. — Feiticeiros são como artesãos de magia.

— Como assim, artesãos?

— Bem, as quatro Chaves parecem pinturas. Você tem pessoas que pintam com óleos, com tintas acrílicas, com aquarelas. No final, você ainda obtém a arte. Você só usou ferramentas diferentes para chegar até ela. Você pode usar qualquer uma das quatro Chaves para fazer magia. — levantou uma jarra de vidro com uma tampa de rolha, cheia de pó branco, para a luz e a girou como um perito rodopiaria uma taça de vinho antes de provar. Seu brilho perolado o fez parecer extraordinariamente branco; densamente branco.

— Chifre de unicórnio moído? — ponderei.

— Purpurina daquela loja artesanal na Rua Division.

— Foi perto. — eu disse. Toquei o pingente de Cadogan no meu pescoço, me preparando para soltar o assunto sobre o qual ainda não tínhamos falado; o discurso que eu ainda não tinha feito. — Eu senti sua falta.

Ela engoliu, mas não olhou para mim. — Eu também senti sua falta.

— Eu não estava lá por você. Não do jeito que você estava por mim.

¹² Ator americano, célebre por sua participação na série de televisão Roseanne.





Mallory soltou uma respiração lenta. — Não, Merit, você não estava. Mas eu fui injusta sobre o lance de Morgan. Não foi a minha intenção te pressionar. Eu só não queria que você se machucasse. E aquilo que eu disse...

— Sobre meus problemas paternais? — aquele ainda doía.

— Completamente desnecessário. Eu sinto muito mesmo.

Eu assenti, mas o silêncio retornou, como se ainda não tivéssemos quebrado a barreira de desconforto entre nós.

— Acabou que eu estava completamente certa sobre o lance do Ethan.

Eu revirei meus olhos. — E é tão modesta sobre isso, também. Ótimo, sim, você estava certa. Ele era, é perigoso, e eu caí bem em cima da armadilha dele.

Ela abriu sua boca para falar, então a fechou de novo. Ela balançou, como se não conseguisse se decidir se falava ou não as palavras em sua cabeça. Quando ela decidiu, as palavras saíram de uma vez só. — Okay, eu sinto muito, mas tenho que perguntar. Como foi? Quero dizer, sério. Idiota nota 10 ou não, o homem é lindo.

Um canto da minha boca se ergueu em um sorriso. — O trauma emocional quase valeu à pena.

— Quanto valeu à pena?

— Um monte de vezes.

— Huh. — ela disse. — Isso excita, porque ele é muito lindo, e irrita. Você meio que espera que um cara que fez o que ele fez essa noite tem habilidades de cama muito boas. E seu desempenho?

— Mallory.

Ela fez o sinal da cruz sobre o seu peito. — Eu tenho um ponto, eu juro.

Eu revirei meus olhos, mas sorri um pouco. — Eu fui impressionante.

— Tão impressionante que na próxima vez que ele te ver naquele couro, vai lamentar ter te deixado?

Eu sorri para ela. — Agora eu me lembro de porque me tornei sua melhor amiga.

— Você tem uma péssima memória. Eu me tornei a sua melhor amiga.

Nós nos encaramos por um minuto, sorrisos idiotas de garotas-na-escola nos nossos rostos.





Nós tínhamos voltado.

Alguns minutos e a repetição de alguns detalhes merecedores de Sex and The City, Mallory saiu do seu banco e foi até a geladeira.

— Eu tenho pizza fria se você quiser. — ela disse. — Mas eu estou avisando, é uma pouco... Diferente.

Eu levantei uma pena preta do tamanho de um pé e a virei na minha mão. — Quão diferente?

— Diferente tipo Catcher Bell. — ela abriu a geladeira, tirou uma caixa de pizza grande e plana, e fechou a porta novamente com um “bump”. Eu me inclinei e usei as duas mãos para empurrar o recipiente para fora do caminho, deixando um lugar vazio grande o bastante para a caixa de pizza. Essa era outra, de um associado do Wicker Parck, o tipo que fazia pizza artesanal com queijo de cabra e ervas orgânicas. Não era a minha favorita, mas definitivamente tinha lugar no meu repertório. Cobertura colocada à mão, tempero caseiro, e rodela de mussarela fresca.

— Quão diferente pode ser? — perguntei.

E então ela colocou a caixa no balcão e abriu-a.

Eu encarei, inclinei minha cabeça, tentando desvendar o que, exatamente, ele havia feito à pizza. — Isso é aipo? E cenouras?

— E batata amassada.

Era como ser chutada de novo, mas dessa vez por algo que eu nunca pensei que pudesse me machucar. Eu olhei para Mallory, desespero nos meus olhos, e apontei para a pizza de novo. — Isso é uma ervilha? Na pizza?

— É algum lance de uma torta do pastor. A mãe dele experimentou e resolveu fazer, e é a única coisa boa da sua infância, ou coisa assim, e ele pagou uma pilha de dinheiro ao restaurante para fazer.

Meus ombros desmoronaram, e minha voz soou petulante. — Mas... É pizza.

— Se faz você se sentir melhor, eles protestaram muito. — Mallory disse. — Eles tentaram nos vender um creme de queijo e bacon duplo...

— A pizza oficial das saídas Merit/Carmichael. — notei

— Mas Catcher pode implorar tanto quanto eles. — Mal sorriu conscientemente. — Não que eu saiba alguma coisa sobre isso.





Eu gemi, mas sorri. Se Mallory tinha voltado a discutir sobre fazer com Catcher, nossa amizade tinha se concertado. Mas ainda assim, eu não precisava saber de nada disso.

— Isso é nojento. Ele era o meu treinador.

— Assim como Ethan. — ela apontou. — E olhe como isso acabou. Pelo menos você arrasou sua cama com um Mestre vampiro e pode finalmente seguir em frente. — ela ficou muito parada, então olhou para mim. — Você está seguindo em frente, certo?

Algo em meu estômago revirou e se apertou. Levou um minuto até eu poder responder. — É. Eu disse a ele que era sua única chance. Que se ele fosse embora, o risco era só dele. — suspirei. — Ele escolheu o risco.

— Perda dele, Mer. Perda dele.

— Fácil dizer isso, mas eu me sentiria melhor se ele ficasse em depressão profunda, ou algo assim.

— Eu aposto que ele está fazendo isso agora mesmo. Provavelmente se chicoteando enquanto conversamos.

— Não precisa ser dramática. Assim como não precisamos desperdiçar essa, não vamos chamar de pizza, mistura de cenoura.

E então eu deixei ela me entupir com as sobras da pizza de torta do pastor. E quando eu terminei, eu dei a ela a coisa que anteriormente não estava disposta a dar/tempo, porque ela me deu a coisa que anteriormente não estava disposta a dar – entendimento sobre Ethan.

— Posso-te falar sobre a magia agora? — ela embaraçadamente perguntou.

— A deixe fluir, como batata frita¹³. — disse a ela, e dei-a minha total atenção.

Ela se sentou de pernas cruzadas no banco da cozinha, mãos no ar como se preparasse para me contar coisas que eu não tinha tido tempo de ouvir. Ela começou com o básico.

— Okay. — ela começou. — Então você sabe sobre as quatro Chaves principais.

¹³ Tater chip: Batata frita, não achamos tradução melhor se alguém tiver sugestões só avisar.





Eu assenti. — As divisões da magia. Armas. Seres. Poder. Textos. — Catcher tinha me ensinado essa lição.

— Certo. Bem, como estava dizendo antes, elas parecem suas tintas, suas ferramentas para fazer as coisas acontecerem.

Eu franzi a testa, coloquei um cotovelo no balcão, e meu queixo na minha mão. — E que tipo de coisas você pode fazer acontecer, exatamente?

— Tudo. — ela disse. — De Merlin a Marie Laveau¹⁴. E você usa uma ou mais Chaves para fazê-lo. Poder, essa é a Primeira Chave. É a força Elemental, a pura expressão de vontade.

— O único modo legítimo de fazer magia, pelos olhos de Catcher.

Mallory assentiu. — E a ironia é ele é um mestre da Segunda Chave.

— Armas. — ofereci, e ela assentiu novamente.

— Certo. Mas muitas coisas podem ser armas. — ela esticou seus braços sobre as pilhas de materiais. — Tudo isso, poções, runas, fetiches. E não o fetiche sexual. — adicionou como se estivesse adivinhando que eu faria um comentário sarcástico. Justo o bastante, porque eu faria.

— Nenhuma dessas coisas é inerentemente mágica, mas quando você os junta nas combinações certas, você cria um catalisador de magia.

Eu franzi o cenho. — E a minha espada?

— Lembra quando Catcher alfinetou a sua palma? Temperou a lâmina com sangue?

Eu assenti. Ele tinha feito isso no jardim do meu avô, na noite do meu vigésimo oitavo aniversário. Eu tinha a habilidade de sentir aço desde aquela noite.

— Sim. — eu disse. — Esfregando minha palma solidariamente.

— Sua lâmina tem potencial. Quando você temperou a lâmina, você trouxe esse potencial, tornando-o real. Agora, as duas últimas Chaves principais são óbvias. Seres – criaturas que são inerentemente mágicas. Feiticeiros podem fazê-la. Vampiros meio que “derramam-na”. Metamorfos estão completamente cheios

¹⁴ Marie Laveau era uma praticante de vudu muito conhecida nos EUA.





delas. E textos – livros, feitiços, nomes escritos. Palavras que operam como o sangue que você derramou na sua lâmina.

— Catalisadores de magia?

— Exatamente. É por isso que feitiços e encantamentos funcionam. As palavras juntas, na ordem certa, com o poder certo por trás delas.

— Então você aprendeu tudo isso. — eu disse, me sentando de novo. — Você pode realmente usar?

— Er, talvez. — ela descruzou suas pernas e se virou para o balcão, olhou sobre a difusão das coisas, e puxou uma pequena vasilha de vidro que parecia com lascas de bétula de coleção. — Você pode pegar uma coisa para mim? Tem um caderninho preto na mesa de café na sala de estar. Têm escritas em dourado na lombada.

— Você vai fazer algum feitiço?

— Se você tirar o traseiro do banco antes de eu te transformar em um sapo, sim.

Eu trotei para fora do meu banquinho. — Se você me transformar em um sapo, já teria treinado seus feitiços.

— Você é muito esperta para o seu próprio bem. — ela chamou, mas eu já estava descendo o corredor. A casa parecia à mesma desde a última vez que tinha visitado, há algumas semanas, embora houvesse mais evidência de um garoto na residência, recipientes aqui e ali; um par de tênis de corrida detonados; uma cópia de *Men's Health*¹⁵ na mesa da sala de jantar; um equipamento de áudio em um canto.

Então enquanto voltava à sala de estar, eu estava preparada para ver coisas de homem. Bolas de meias suadas, talvez, ou uma meia lata de Pabst¹⁶ ou uma garrafa de 312, ou o que quer que Catcher bebesse.

Eu não estava preparada para um quarto vazio..., que estava cheio de mobília há pouco tempo.

— Puta merda. — eu xinguei; mãos nos meus quadris enquanto inspecionava o quarto. — *Mal.* — chamei. — Venha aqui! Eu acho que você foi roubada!

¹⁵ Revista masculina. <http://menshealth.abril.com.br/>

¹⁶ Cerveja muito consumida nos EUA. <http://tinyurl.com/28hmk3z>





Mas como eles poderiam ter movido um monte de mobílias e bugigangas – e sem que nós soubéssemos?

— Olhe para cima!

— Sério, venha aqui! Eu não estou brincando!

— Merit! — ela gritou de volta. — Só olhe para cima, droga!

Eu olhei.

Minha boca abriu.

— Puta merda.

O quarto tinha se tornado completamente Poltergeist. Toda a mobília, do sofá até a mesa de diversão e painel de controle estava no teto. Tudo estava no lugar, mas tudo estava de cabeça de baixo. Era como ficar em baixo de um vidro de observação, uma imagem espelhada do que tinha estado aqui antes. Também era como se a gravidade tivesse tirado férias. Eu vi o livrinho preto que Mallory queria, mas estava em cima (em baixo?) da mesa de café que agora estava empoleirado alguns centímetros acima da minha cabeça.

— Eu acho que posso acreditar. — murmurei com um pequeno sorriso, então instintivamente olhei de volta em direção à porta. Ela estava no batente, braços sobre seu peito, um tornozelo cruzado sobre o outro, um sorriso supremamente convencido no seu rosto.

— Você sabe você parece muito com Catcher quando fica desse jeito.

Mallory, essa garota que bateu na gravidade, mostrou a língua para mim.

— Eu acho que você aprendeu algumas coisas.

Ela suspirou, e se afastou da porta.

— Como você fez isso? — perguntei, andando ao redor, cabeça levantada enquanto me movia pelo quarto, para inspecionar o que ela tinha feito.

— Primeira Chave. — ela disse. — Poder. Existem energias no universo que agem em todos nós. Eu movi as energias, girei um pouquinho as correntes e o universo se modificou.

Bem, eu acho que Ethan estava parcialmente certo. — Então é como a Força?

— Essa não é uma analogia ruim, na verdade.





Minha melhor amiga podia fazer o universo se modificar. Eu ser foda; já era. — Isso é simplesmente..., esplêndido.

Ela riu, mas então fez uma careta. — O problema é, eu não sou muito boa em trazer as coisas de volta de novo.

— Então o que você vai fazer? Deixar para Catcher?

— Santo Deus, não. Ele já arrumou três vezes essa semana. Eu só vou fazer uma velha tentativa da faculdade. — ela limpou sua garganta e levantou seus braços, então olhou de volta para mim. — É melhor você sair do caminho. Pode se tornar uma bagunça.

Eu levei o aviso até o coração, então fui até o batente entre a sala de estar e a sala de jantar, aonde eu me virei de volta para assistir. Mallory fechou seus olhos, e seu cabelo ergue-se como se ela tivesse colocado uma mão em uma bobina de Tesla¹⁷. Eu senti meu próprio rabo de cavalo se erguer enquanto a energia passava pelo ar, tão forte quando as correntes e redemoinhos em um rio.

— É só uma questão. — Mallory disse. — De alterar as correntes.

Eu olhei para cima. A mobília começou a vibrar, então a pular nas bases, a vibração de todos aqueles pedaços de mobília marchantes enviando uma chuva de emboço.

— Essa é a parte difícil. — ela disse.

— Você pode fazer isso.

Como uma banda marchando, os pedaços começaram a marchar em filas pequenas ao redor do teto. Eu assisti com admiração enquanto a poltrona seguia o sofá, que seguiu uma mesinha de cabeceira formando um círculo e então, depois de uma pequena inclinação, pela parede. A gravidade não tinha mais efeito ali do que tinha no teto, e a mobília começou a se mover, como uma fantasia, pelas paredes e em direção aos rodapés.

— Difícil; difícil. — ela disse quando a mobília foi até o chão novamente.

Eu olhei de volta para Mallory. Seus braços estendidos, tremendo com o esforço, brilhavam com suor. Eu já tinha visto-a assim antes, uma das primeiras vezes que a tinha visto trabalhando com magia. Nós estávamos em uma rave na

¹⁷ A Bobina de Tesla é um transformador ressonante capaz de gerar uma tensão altíssima com grande simplicidade de construção, inventado por Nikola Tesla por volta de 1890.





época, e ela havia oferecido uma profecia. Mas havia tomado muito dela e ela havia adormecido no carro no caminho de volta.

Isso parecia muito aquilo, com consequências muito piores.

— *Mal?* Você precisa de ajuda?

— Eu consigo. — ela murmurou, e a mobília continuou sua dança, o chão agora vibrando debaixo de nós enquanto tudo voltava ao lugar.

— Uh-oh. — ela disse.

— Uh-oh? — repeti, e dei um passo à frente. — Eu não gosto de “uh-oh”.

— Eu acho que estou respirando pó.

Eu consegui murmurar uma maldição antes dela espirrar, e o resto das coisas no teto despencarem para o chão. Afortunadamente, os eletrodomésticos já tinham sido abaixados. Mas o resto das coisas que eu podia ver, depois de ela ter erguido uma mão e abanado o pó que tinha espirrado, estava uma bagunça.

— *Mal?*

— Eu estou bem. — ela disse, e desapareceu dentro do nevoeiro de emboço e pó que tinha se acumulado nos vinte anos que sua tia tinha vivido em uma casa feita de arenito vermelho. Ela ficou do meu lado e se virou, e nós inspecionamos o dano. Havia uma cachoeira de bugigangas no chão – gatinhos e rosas de porcelana e outros itens adquiridos pela tia de Mal em um dos mercados da televisão descontrolados. O sofá tinha terminado a jornada com o lado direito para cima, mas a poltrona jazia precariamente de lado. A estante de livros estava tombada de frente, mas os livros estavam empilhados em pilhas pequenas do lado.

— Ei, os livros parecem bons.

— Cuidado, espertinha.

Eu segurei um sorriso sarcástico que ameaçava emergir, e tinha que pressionar meus lábios para não rir.

— Eu ainda estou aprendendo. — ela disse.

— Até vampiros precisam de prática. — adicionei solidariamente.

— Não me diga, já que Celina te golpeou de um lado para o outro como se você fosse o Tom para o Jerry dela.

Eu deslizei a ela um olhar de lado – e não muito amigável.





— O que? — ela perguntou com um suspiro. — Então, Celina gosta de brincar com sua comida.

— Pelo menos Celina não destruiu a Casa Cadogan no processo.

— Ah, é? Olha isso. — ela pisoteou, literalmente, pisoteou, de volta à cozinha, rodeou o balcão, e abriu uma gaveta longa que tinha meu estoque de chocolate.

Ela estendeu o braço e, com seus olhos ainda em mim, moveu uma mão através da minha coleção valiosa até puxar uma barra de chocolate preto embrulhado em papel. Sorrindo maldosamente para o seu prêmio, ela segurou perante si mesma com duas mãos, então rasgou uma ponta do pacote.

— É um dos meus favoritos. — eu avisei-a.

— Ah, é? — perguntou, e usou seus dentes para arrancar um pedaço gigante da barra.

— Mallory! Isso é odioso!

— Às vezes, uma mulher precisa odiar. — foi o que eu pensei que ela disse sobre um monte de 73% de chocolate preto que eu só conseguira achar em um mercado pequeno perto da Universidade de Chicago. Por outro lado, eu tinha sobrevivido sem ela por tanto tempo...

— Ótimo. — eu disse, cruzando meus braços sobre meu peito. Se íamos brigar como irmãs adolescentes, poderíamos muito bem ir até o fim. — Coma. Coma a coisa toda enquanto estou aqui.

— Talvez eu... — ela interrompeu, erguendo as costas da sua mão livre e mastigando um pedaço de chocolate. — Talvez eu coma. — finalmente disse. Como se estivesse lançando um desafio, ela ergueu uma sobrancelha, e deu outra mordida – embora seja uma pequena – do fim da barra.

— Não esfregue meu chocolate na minha cara.

— Eu vou esfregar na sua cara o que eu quiser, e quando quiser. É minha casa.

— É meu chocolate.

— Então você provavelmente não devia ter deixado aqui. — disse uma voz masculina no corredor. Nós duas nos viramos para olhar para a porta. Catcher estava no corredor; mãos nos seus quadris. — Alguma de vocês quer me explicar que diabo aconteceu com a minha casa?





— Nós estamos nos acertando. — Mallory disse, ainda tentando mastigar o monte de chocolate.

— Destruindo minha sala de estar e indo a estado de choque por tanto açúcar?

Ela suspirou e engoliu. — Pareceu uma boa ideia na época. — como se tivesse subitamente percebido que o garoto rude que ela amava tinha vindo para casa, ela sorriu. Seu rosto se iluminou com o sorriso. — Ei, bebê.

Ele balançou sua cabeça em divertimento, então saiu de perto da porta e foi até ela.

Eu revirei meus olhos. — Podemos manter isso em Classificação Livre, por favor? Pense nas crianças.

Catcher parou quando ele alcançou-a e segurou seu queixo entre seu dedão e punho. — Só por causa disso, nós vamos ter uma sessão de amasso sensual.

Eu revirei meus olhos e olhei para longe, mas não antes de avistá-lo abaixando sua cabeça para um beijo. Eu dei a eles alguns segundos antes de começar a pigarrear, o sinal universal de amigos e colegas de quartos desconfortáveis.

— Então. — Catcher disse, me rodeando para pegar o ultimo pedaço de pizza estilo-ensopado da caixa quando finalmente destrancou seus lábios. — Como estão às coisas na Casa Cadogan?

— Merit e Ethan transaram.

Ele parou no meio da mordida, e se virou para olhar para mim.

Minhas bochechas ficaram coradas.

— Se você está aqui ao invés de estar se banhando em fulgor, eu assumo que ele fez alguma coisa incrivelmente estúpida.

— Esse é o meu garoto. — Mallory disse, então bateu no traseiro dele e foi até a geladeira. Ela abriu-a, pegou duas latas de soda diet, deu uma para mim, então abriu a outra.

— Que idiota. — Catcher disse, e colocou o resto do pedaço de volta na caixa. Ele colocou suas mãos nos seus quadris, sua expressão mistificada. — Você sabe que eu conheço Sullivan por um longo tempo, certo?





Quando ele olhou para mim, sobrancelhas levantadas, eu assenti. Eu não sabia como eles se conheciam, mas sabia que a história deles era “bem antiga”, ou então Catcher tinha dito.

— Isso pode não ser um grande conforto depois que o feito está feito, digamos, mas ele vai se arrepender, e provavelmente mais cedo do que tarde. Mas você tirou algum proveito disso, pelo menos.

Às minhas sobrancelhas levantadas, ele apontou para Mallory. — Você duas estão se falando de novo.

Mallory olhou para mim, do outro lado do balcão. — Engraçado, não é, que precisou do Darth Sullivan para nós voltarmos?

— Bem, ele teve a honra de nos separar, a princípio.

Ela levantou suas mãos e estalou seus dedos. — Venha. Vamos acabar com isso.

E assim nós fizemos.

Quando Catcher recuperou seu apetite, ele trabalhou na última fatia enquanto Mallory e eu inspecionávamos através da minha coleção de chocolate. Como um ato de boa fé, eu doeie a maioria para a casa Carmichael/Bell, mas isso não me impediu de enfiar barras de chocolate cheias de amêndoas e cerejas nos meus bolsos antes de sair. Eu também peguei um saco de nozes pecã cobertas com chocolate e me sentei para bater um papo com o namorado de Mallory. Ele não tinha nenhuma informação extra sobre a investigação do tiroteio no bar, ainda, mas eu o atualizei com os detalhes básicos do encontro do Bando na casa dos Brecks. Eventualmente, eu pensei em checar meu relógio. O amanhecer estava se aproximando, e eu ainda tinha que me encontrar com Ethan e Luc para discutir a convocação. — Eu preciso voltar para a Casa.

— Talvez Ethan tenha voltado a si mesmo desde que você se fora. — Mallory disse. — Talvez ele esteja plantado do lado de fora da sua porta.

Nós duas contemplamos aquilo por um segundo antes de sorrirmos simultaneamente.

— E Duendes podem jogar arco-íris no seu travesseiro. — ela disse.

— O que eu faço, *Mal*? Eu argumento com ele? Digo a ele que ele está errado e podemos resolver isso? Ignorá-lo? Gritar? Como eu devo trabalhar com ele?





— Eu acho que esse é exatamente o ponto dele, Mer. E falando sobre argumentar, pense por esse ponto: você quer estar com um homem que precisa ser convencido a ficar com você?

— Não, quando você coloca desse jeito.

Ela assentiu, e tocou minha bochecha. — Você está pronta. Vá para casa.

Eu sabia quando obedecer a uma ordem.





Capítulo 14



Casa da Dor.

Eu encontrei o Luc empoleirado na beirada da mesa de conferência que tomava o meio da Sala de Operações. Lindsey estava na baia do computador do lado oposto ao Luc, onde ela podia monitorar as câmeras de segurança de dentro e em volta da Casa ou pesquisar qualquer drama sobrenatural que estivesse ameaçando estourar em Hyde Park.

Os dois olharam para cima quando eu entrei.

— O quão ruim foi? — Luc perguntou. Eu acho que ele e o Ethan haviam falado sobre o que tinha acontecido nos Brecks.

— Não foi maravilhoso.

Lindsey se virou na cadeira. — Há algo mais sobre o que você queira conversar? — sua voz soava levemente preocupada.

— Na verdade não.

— Ethan parecia estranho. — ela disse. — Ele não nos contou nada sobre você e ele, mas ele parecia realmente estranho. — eu quase dei uma resposta cínica, mas quando eu vi a preocupação na expressão dela, e escutei a inquietação em seu tom, eu dei uma chance.

— Eu fui largada, e eu gostaria de pensar um pouco sobre outra coisa por um tempinho. — apontei para os documentos espalhados na mesa de conferência. — O que é tudo isso?

— Eu..., ele fez o quê?

Eu apreciei o choque e a consternação na voz da Lindsey, mas balancei minha cabeça. — Negócios, por favor.





— Seu show, Sentinela. — Luc disse, e então pulou para fora da mesa e se virou para encará-la. — Este é o trabalho preparatório para a sua viagem para a convocação, os mapas da Catedral de St. Bridget.

A porta atrás de nós se abriu, e Ethan entrou. Ele me deu um pequeno aceno de reconhecimento antes de colocar o seu olhar sob a mesa.

Eu lembrei a mim mesma que eu havia conseguido manter um relacionamento profissional com o Ethan todas as noites exceto uma desde que nós nos conhecemos. Se ele iria me rejeitar por medo de misturar o pessoal e o profissional, eu podia interpretar a vampira só negócios também.

— Planos? — Ethan perguntou.

Luc acenou. — Pergunte e deverá receber.

— Tecnicamente. — Lindsey disse, se virando para o seu monitor. — Cheque o seu e-mail e deverá recebê-los do Vértice da Central Norte Americana.

— Detalhe. — Luc disse. — Eles estão aqui agora.

Ethan andou ao redor da mesa de conferência para parar perto do Luc. Eu o segui e tomei posição do outro lado do Luc.

— Sua análise? — Ethan perguntou.

Luc colocou sua máscara de jogo. — Eu tenho dois objetivos principais. Um: identificar os pontos problemáticos. Áreas que atiradores poderiam se espreitar buracos dos párocos, esse tipo de coisa. Dois: identificar as saídas.

— E o que você descobriu? — Ethan perguntou.

Luc começou a folhear as plantas-baixas. — Há duas partes principais na igreja. A primeira em cima, a estrutura original, construída no século dezanove. Construções religiosas antigas em Chicago significam anomalias arquitetônicas. Este arquiteto era aparentemente paranoico, então há bastante buracos para esconderijos.

— Metamorfos. — Ethan e eu adivinhamos simultaneamente.

— Possivelmente. — Luc disse. — Nós encontramos dois alçapões na parte principal do prédio. — ele os apontou nos mapas, um no próprio santuário, logo atrás do púlpito, e um nos bancos do coral atrás do púlpito.

— Que mais? — Ethan perguntou.

Luc folheou mais algumas folhas. — Nos anos 1970, eles remodelaram o prédio e acrescentaram uma ala com salas de aula. Naquela época, eles





adicionaram o que parece ser um quarto do pânico. — apontou para o quarto nas plantas. — É no porão. Parece que começou como um abrigo antibomba, mas na reforma eles o reforçaram com concreto e adicionaram cabos. Então estes são as suas interrogações.

Ethan acenou. — Saídas?

Luc folheou de volta para a planta do piso principal da igreja. — Portas da frente, obviamente. Há também uma saída dentro do santuário à esquerda. — apontou, e então traçou o seu dedo pelo longo e estreito santuário, e então pela porta à esquerda para outro conjunto de cômodos. — Estes são os escritórios e as salas de aula. — apontou a saída no final do corredor. — Ponto de saída é aqui, apesar de que termos janelas em todos os cômodos no caso das coisas saírem completamente erradas.

Eu me inclinei em direção a Lindsey, que estava de pé e havia se juntado a nós na mesa, ainda usando o fone fino e sem fio que mantinha ela em comunicação com a patrulha de guarda da noite (ou era a Kelley ou a Juliet, já que elas eram as únicas guardas que sobraram) e as Fadas do lado de fora do portão. — Ele parece estar se divertindo. — eu disse para ela.

— Ele está no paraíso dos porcos. — ela sussurrou de volta. — As coisas estão pacíficas há tanto tempo, que ele não precisava fazer este tipo de trabalho avançado. De repente, nós ganhamos uma Sentinela, e Metamorfs que querem que os vampiros saiam para brincar.

— Sim. — eu disse secamente. — Claramente esta ideia toda de convocação está focada em me conhecer melhor. É a festinha que você sempre sonhou.

— Mas com mais pelo. — ela disse. — Muito mais pelo.

Ethan esfregou uma mão na mandíbula. — Que mais nós precisamos saber?

— Sobre a arquitetura é isso somente. — Luc disse. Ele puxou uma cadeira e se sentou. Ethan e eu fizemos o mesmo. Lindsey retornou para a baia de seu computador.

— Mas se vai ser vocês dois contra trezentos e poucos Metamorfs, nós precisamos falar sobre contingências. Na pior das hipóteses.

Ethan cruzou uma perna em cima da outra, se acomodando para uma conferência estratégia. — Suas ideias?





— Três hipóteses vêm à mente. Primeiro, um ataque do lado de fora da conferência, algo similar com o que vocês viram no bar. Segundo, os Metamorfos estão putos que vocês estejam lá, e eles atacam vocês.

— Bons tempos. — Lindsey sussurrou. Eu acenei meu estômago fazendo um pequeno nó. Acorrendo-se atrás de um bar para evitar balas, ou até um pouco de mano a mano com um intimidador da Matilha, era uma coisa, enfrentar grupos de quatro Matilhas de Metamorfos era algo totalmente diferente.

— Terceiro, os Metamorfos não conseguem tomar uma decisão, eles ficam putos uns com os outros, e as coisas magicamente vão para o brejo.

Ethan olhou de relance para o Luc. — Brejo? Esta é a sua conclusão oficial?

— Assinado e selado. Eu presumo que você entendeu a ideia principal.

Ethan soltou o ar. — Eu entendi. Eu não estou contente com isso, mas entendi. Bem, o que nós podemos fazer para manter as coisas calmas?

— Quão proativos nós podemos ser nisso? — perguntei.

Cabeças se viraram para mim. — O que você está pensando, Sentinela? — Ethan perguntou.

— Vampiros possuem a habilidade do glamour. Eu acho que não consigo fazer. — virei meu olhar para o Ethan. — Mas eu aposto que você pode.

O cômodo ficou em silêncio por um momento.

— Você está pensando em enfeitiçar uma igreja cheia de Metamorfos para mantê-los calmos? Anestesiados?

— Pode ser feito?

Luc debruçou-se sobre a mesa, colocando um cotovelo em cima dela, e colocando o queixo na mão. — É teoricamente possível, mas nós nunca vimos nenhuma evidência que os Metamorfos são especificamente suscetíveis ao glamour. Eles são seres mágicos. Eu temo que eles possam sentir. E se eles suspeitarem que nós estejamos tentando manipulá-los...

— O inferno sobe a terra. — Ethan terminou. — Proposta interessante, Sentinela, mas vamos ficar com o blefe básico. Vamos ficar lá com as nossas espadas e sorrir educadamente, e alcanças as nossas bainhas se as coisas ficarem feias.

— Ah, e por falar nisso. — Luc disse, sentando-se novamente e empurrando sua cadeira para trás. Ele andou para a sua cadeira, onde ele pegou





uma pequena e cintilante caixa branca. — O final do ano fiscal está chegando, e nós temos umas moedinhas extras no nosso orçamento.

— Obrigado por retorná-lo a tesouraria da Casa. — Ethan murmurou, mas eu pude ver o brilho de prazer juvenil enquanto o Luc abria a caixa e tirava dois fones minúsculos.

— Os menores fones do mercado. — Luc disse, deixando os fones na mão dele e andando de volta para nós. Ele esticou sua mão e os colocou na mesa. — Receptor, microfone, transmissor sem fio. Há um para cada um de vocês. Nós ouviremos vocês pelos receptores. Se as coisas forem, de fato, para o brejo, só dê a palavra e nós teremos uma dúzia de guardas do lado de fora da igreja.

— Uma dúzia? — eu perguntei surpresa. — Nós estamos com menos um guarda, e mesmo se você, Lindsey, Juliet, e Kelley estiverem lá, isso nos deixa faltando ainda oito vampiros e ninguém guardando a Casa.

— Desde a sua ida até a Navarre. — Luc começou. — Nós falamos com os Capitães da Guarda da Navarre e da Grey. Eles nos emprestaram vampiros no caso de uma emergência.

Eu me sentei reta ao mencionarem o Jonah, meu futuro parceiro da Guarda Vermelha. Eu acho que ele não estava acima de oferecer uma ajudinha à Sentinela da Cadogan, mesmo se ele não botasse muita fé em suas habilidades.

Ethan virou sua cabeça para mim. — Você está bem, Sentinela? Você parece um pouco vermelha.

— Estou bem. — eu cobri, sorrindo fracamente. — Só surpresa sobre a cooperação interescritórios.

Ethan balançou a cabeça. — Nós ainda não liberamos guardas adicionais com o Gabriel. Eu não tenho certeza se eles gostariam de ter por perto uma dúzia a mais de vampiros na convocação deles.

Luc deu de ombros. — Pode ajudar. Pode ter certeza que eu não vou te mandar sem qualquer possibilidade de ajuda. Além disso, se isso ficar ruim o bastante para que nós precisemos mandar uma dúzia de amigáveis, eu aposto que o Gabriel não estará muito preocupado.

Ethan concordou.

— Nós não teríamos muito tempo para negociar os detalhes de um contrato completo, mas eu poderia fazer também uma ligação para as Fadas para





ver se elas estão interessadas em posicionar alguns sentinelas ou atiradores ao redor da igreja.

Franzindo as sobrancelhas contemplativamente, Ethan cruzou os braços. — Eu acho que o custo de recrutar e negociar com as Fadas nesse momento custa mais do que os benefícios, especialmente agora que não há garantia de que vamos precisar delas.

— O que você achar ser melhor, Liege. — Luc disse com um sorriso astuto.

— Eu tenho opiniões nessa área. — Ethan disse claramente, aprovação em sua voz. — E a nossa palavra de segurança?

— Wonderwall.

Lindsey se virou para dar ao Luc um olhar sarcástico. — Sua palavra de segurança é o nome de uma música do Oasis?

— Loirinha, eu sou o árbitro de todas as coisas estilosas nessa Casa. Por que não música?

Lindsey fungou, e então se virou novamente para o seu monitor e começou a digitar e passar pelas telas dos computadores. — Falou o homem que está usando as botas de caubói. Tipo, sério. Quem usa botas de caubói?

Ethan e eu olhamos os nossos sapatos. Ele estava, na verdade, usando botas bem usadas de pele de jacaré.

— Epítome da moda. — Luc disse. — Eu assisto a MTV. Eu sei o que os jovens estão usando.

— Os jovens são uns séculos mais novos que você, chefe.

— Crianças. — Ethan interferiu, apesar do divertimento claro em sua voz, — Vamos nos manter no assunto. Eu tenho assuntos para tratar.

Lindsey, exasperada, voltou para o seu monitor. Eu tinha a mesma urgência para ir embora, mas sem computador para ir. Eu estava acostumada aos flertes de brincadeira, e normalmente participava deles. Mas hoje me deixava sentindo vazia. Era muito casual, e eu ainda estava tentando me manter emocionalmente de pé. Ajudava-me um pouco que o Ethan parecia igualmente desconfortável; metade de suas perguntas haviam sido duas palavras, e ele mal poupava uma palavra sobre a preparação para a convocação. Isso era negócio, claro, mas até o Ethan tinha um senso de humor. Bem, de vez em quando.

— Nossos planos no caso de um imprevisto? — Ethan perguntou.





Luc se levantou novamente, moveu as plantas-baixas, e puxou um mapa da Vila Ucrariana. — Se as coisas forem para o brejo, saia do prédio da forma como vocês puderem. — ele disse. — E então se encontrem aqui. — apontou um local no mapa há duas quadras da igreja, e nós nos inclinamos para ver.

— Nós nos encontraremos no Joe's Chicken and Biscuits. — Luc disse.

— Como o nome sugere é uma das melhores fornecedoras da Cidade dos Ventos de frango e biscoitos. Este é o ponto de encontro de vocês. Se qualquer coisa acontecer, volte aqui. Nós pegaremos vocês. Eu só vou pedir para vocês pegarem um especial de lá para mim e para a senhorita aqui.

— Se as coisas derem errado, nós lutamos para nos defender?

Ethan olhou para mim.

— Alguns desse Metamorfos já suspeitam de nós. — eu disse, deixando a probabilidade sem palavras que eles estariam ainda mais suspeitosos depois dessa noite. — Eu não quero piorar as coisas.

Ethan fez careta e esfregou a sua testa. — A GV tem uma declaração de posição sobre os Metamorfos.

— Não atire até que atirem. — Luc ofereceu.

Ethan concordou solenemente. — Nós não usamos as armas a menos que nós sejamos ameaçados, ou a menos que eles estejam ameaçando ferir o Gabriel.

Nós ficamos em silêncio por um momento, talvez pensando se eu tivesse sido suficientemente ameaçada para justificar a reação do Ethan..., ou se a GV fosse querer algumas palavras com o nosso Mestre.

Nós todos pulamos um pouco quando o celular do Ethan tocou. Ele o puxou de seu casaco, checkou a tela, e então empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Você pode responder se necessário, mas nós estaremos lá para oferecer apoio, não para fazer inimigos sem provocação. Há alianças possíveis lá dentro com as Matilhas da mesma forma que há fora delas, e nós não queremos entrar em contato com todas as linhagens lá.

Eu havia nascido em uma das famílias mais ricas de Chicago. Eu fui treinado para interpretar indiferença.

— Eu tenho uma reunião. — Ethan disse, e então deslizou o telefone de volta para o seu casaco. — Vocês estão dispensados. Nós nos reuniremos aqui duas horas antes da meia noite amanhã.





— Liege. — eu respeitosamente disse, e peguei a revirada de olho da Lindsey para a minha Grande Condescendência – o termo vampírico extravagante para puxar saco. Quando o Ethan estava fora do cômodo, provavelmente no caminho para alguma importante reunião, e a porta foi fechada atrás dele, ela fungou.

— Eu não posso acreditar que você está se fazendo de educada depois de ele ter te abandonado

— Eu te avisei antes, sem comentários pessoais.

— Uma ou duas perguntas? Elas são bem específicas. Biologicamente específicas, quer dizer.

— Luc, sua empregada está sendo petulante.

— Bem vinda ao meu mundo, Sentinela. Bem vinda ao meu mundo.

Faltavam poucos minutos para o amanhecer, Lindsey e Luc haviam fechado os controles da Casa e oficialmente entregado a proteção da Casa para as Fadas mercenárias que guardavam a casa enquanto nós dormíamos. Ela ofereceu me levar para o andar de cima para um apoio moral; mais provavelmente, ela queria me encher de perguntas sobre a decisão do Ethan do por que não podemos namorar.

— Eu só preciso de um detalhe ou dois. — ela disse logo que nós fechamos a porta da Sala de Operação atrás de nós.

— Não há detalhes para oferecer. Nós tivemos um caso; ele decidiu que não podia lidar com namorar comigo, então agora eu estou trabalhando na minha vibração Eu Vou Sobreviver¹⁸

Nós pegamos as escadas para o primeiro andar, e logo quando estávamos virando a esquina para a base da escada quando nós fomos bloqueadas por um grupo de vampiros: Margot; Katherine, e uma vampira com uma cabeça raspada e uma pele morena que eu não conhecia ainda. Elas literalmente estavam paradas na nossa frente, um bloqueio para o restante do primeiro andar.

— Garotas. — Lindsey disse, colocando as mãos nos quadris. — E aí?

As garotas dividiram um olhar, e então olharam para mim, e então se viraram novamente para a Lindsey.

¹⁸ Música I Will Survive, da cantora Gloria Gaynor, grande hit dos anos 70.





— Eu odeio ser a portadora de más notícias. — Margot disse. — Mas nós temos um visitante.

Lindsey me olhou e fez uma careta. — Agora? É quase o amanhecer. E não há ninguém na programação. — a programação eram uma vez dossiês de notícias e eventos da Casa, convidados planejados, e viagens para fora planejadas por Ethan ou Malik. A de hoje havia sido dominada pela festa dos Metamorfos, então eu balancei minha cabeça. Margot, quem parecia incrivelmente desconfortável, mordiscou a beirada de seu lábio. — Eu não devo supostamente dizer nada.

Katherine a cutucou com o cotovelo. — Fale.

— É só..., ele me perguntou há algumas horas atrás para fazer um grande jantar ao por do sol. — Margot disse. — Steak au poivre, suflê, e tudo o mais. E eu pensei que algo estava estranho, porque ele não pedia steak au poivre em anos.

Meu primeiro pensamento, já que a comida era francesa e a chegada era secreta, era que o Ethan havia convidado a Celina para uma conversa. Já que ela havia tentado me matar, fazia sentido que eles queriam manter a reunião em segredo.

— E então nós escutamos que ele estava trazendo um convidado. — disse a nova garota. — E que ela está no caminho para cá do aeroporto.

— Ah, esta aqui é a Michelle. — Lindsey absentemente sussurrou, genticulando para a nova garota. Eu ofereci um sorriso para a Michelle e acenei.

— Se te importa alguma coisa. — Katherine disse. — Se faz alguma diferença, ele está sendo um grande idiota, e nós estamos totalmente torcendo por você. — havia pena na sua expressão.

Meu estômago deu nós de nervoso.

— Tudo bem, senhoritas. — Lindsey disse, segurando suas mãos para cima. — O amanhecer está se aproximando, então alguém comece do começo. Que diabos está acontecendo?

As três garotas olharam uma para outra antes que Michelle, com uma expressão de miséria, olhou de volta para a Lindsey.

— É a Rainha do Gelo.

— Ah, merda. — Lindsey murmurou.

Margot acenou. — Lacey Sheridan está a caminho para a Casa.

Meu coração quase parou.





A sensação doentia voltou, revirando o meu estômago e ameaçando expulsar a pizza que eu havia comido mais cedo. Não só o Ethan havia decidido que eu não valia a pena o incômodo, ele já estava fazendo arranjos para juntar as peças da nossa relação definhada com outra pessoa. Eu não sabia como não levar isso para o lado pessoal.

— Bom Deus. — Lindsey murmurou. — Gostoso ou não, o garoto tem problemas.

— Eu não acredito que ele a chamou de volta para cá. — Margot disse. — Especialmente agora.

Especialmente agora que ele havia dormido comigo, ou havia terminado comigo?

A pena na voz da Margot trouxe lágrimas quentes para as beiradas dos meus cílios, mas eu as pisquei e olhei para cima para o teto de gesso para impedir que elas descessem pelas minhas bochechas. Naquele momento de fraqueza, quando eu estava focada somente em não chorar na frente desses virtuais estranhos, algumas das paredes que mantinham o barulho e o som longe começaram a desmoronar. Os sussurros que eu não podia mais filtrar começaram a circular em volta de mim. Eu tardiamente percebi que nós não éramos os únicos vampiros se acumulando do foyer, esperando por algo acontecer.

Vampiros vestidos de preto ficaram em grupos de três ou quatro, alguns com cabeças juntas enquanto eles sussurravam alguns com os olhos em mim, alguns com olhares para fora das janelas frontais que ladeavam a porta da frente.

— Ela está a caminho para a Casa. — alguém disse.

— E a Merit? — perguntou outra pessoa.

Eu fechei com força os meus olhos. Meu nome estava sendo sussurrado ao redor do cômodo. Havia noventa testemunhas do ato e agora o pedido que a Lacey fosse para Chicago logo que fosse malditamente possível.

Eu abri meus olhos novamente. Eu podia sentir a minha pele começando a esquentar enquanto a humilhação e derrota davam espaço para aquela emoção muito mais satisfatória – raiva. Mágoa se transformou em fúria, e eu podia entender exatamente como o fora de algum cara britânico na Celina pôde ter puxado um gatilho emocional, transformando tristeza em um borriço de estilhaços de amargura. Eu tenho certeza que ela não foi à única mulher – ou homem – na história cuja rejeição havia se tornado combustível, aquele fogo na barriga que a movia para ação – para a violência, para a guerra, para a destruição.





O ego vampírico não era menos frágil que o humano.

As garotas haviam silenciado sua festa da pena, todas as cabeças se virando quando o Ethan passou pelo corredor principal e nos passou em direção à porta da frente.

— Ela deve estar aqui. — Margot murmurou, e nós viramos para assistir ele se mover.

Ela, eu percebi, deve ter sido a razão do telefone que ele recebeu quando ele saiu da Sala de Operação – a razão de ele ter nos dispensado. Ethan abriu a porta, e então se inclinou para dar um abraço em uma mulher. — Lacey. — ele disse. — obrigado por vir tão rápido.

Sua voz era cálida, a implicação em sua voz era clara, ele havia chamado ela aqui.

Ela deve ter sido o sorvete chique para o meu molho de alho, o limpador do palato que ele precisava depois de uma noite comigo. Eu engoli um ataque súbito de náusea. Quando ele soltou e deu um passo para trás, então começou a apertar a mão do restante de sua comitiva, eu tive o meu primeiro olhar. Ela era alta e esbelta, o corte de cabelo que terminava logo abaixo do queixo. Seu rosto era perfeito igual de modelo, nariz longo e reto, boca, olhos azuis, que emanavam um brilho gelado. Ela estava vestida com um terninho azul-claro que abraçava o corpo magro, em sua mão direita estava um único anel que carregava uma pérola de grande porte. Ela estava linda, inteira, elegante.

Ela era tudo o que ele queria.

E ela estava aqui, em Chicago, de San Diego, porque ele havia pedido para ela.

— A Casa está amável, Ethan. Eu gostei do que você fez.

Ele se virou para ela e sorriu. Mas enquanto ele virar a cabeça para olhar o cômodo, enquanto ele pegava a visão de grupos de vampiros no corredor, seu sorriso desapareceu. Ele nos olhou, o corpo ficando tenso, e finalmente encontrou os meus olhos.

Enquanto nós nos encarávamos, eu me perguntei por que ele havia chamado ela aqui, que socorro ele pensou que ela pudesse providenciar. Eu me perguntei por que me namorar havia sido um sacrifício, mas convidar sua antiga amante não era.





Eu não vi nada em seus olhos que explicaria isso, somente uma dose de surpresa que eu o peguei no ato. Eu não sei o que eu queria dizer para ele, mas eu dei um passo para frente, com vontade de dizer algo para ele.

— Epa, epa. — Lindsey disse, se movendo para ficar na minha frente. — Não vá esbravejar lá. Você não quer ser aquela garota.

Eu funguei, metade da atenção do cômodo estava em mim agora. — Que garota? A garota que foi substituída em questão de horas? — vorazmente sussurrei, e então olhei em volta do cômodo. — Eles podem não saber sobre o término, mas a prova está bem clara. Há alguém que não saiba disso agora?

Margot, Katherine, e a Michelle desviaram o olhar.

— Mer. — Lindsey disse, colocando suas mãos em meus braços. — Nós somos suas amigas, suas companheiras Noviciatas. Mas o Ethan é um Mestre, e a Lacey também. Se envergonhar na frente deles seria um nível de humilhação muito diferente.

Ela tinha um ponto.

Tudo bem, eu decidi. Eu não podia confrontá-lo, mas eu também não podia me machucar ainda mais assistindo a interação deles. Eu me virei e, sem outra palavra, peguei as escadas para o segundo andar. Eu fui para o meu quarto e fechei a porta atrás de mim. Eu não chorei, eu não ia chorar. Não de novo.

Eu também não dormi.

Faltavam minutos para o amanhecer, eu troquei para o pijama e subi na cama. Foi uma longa noite, mas eu enquanto eu estava deitada, um braço atrás do travesseiro, encarando o teto. O amanhecer estava vindo, a força da tentação para fechar os meus olhos, meu cérebro desligando. Mas a parte humana de mim continuava reprisando os momentos que nós havíamos compartilhado, apesar de serem poucos, e me perguntando se havia algo que eu podia fazer, podia ter falado nos ter dado uma chance. Eu fiquei vulnerável, e eu estava pagando o preço. Mas o verdadeiro insulto era que a Casa inteira sabia – ou saberia logo – sobre o meu fora sumário e substituído.

Admitidamente, eu dei uma chance para ele. Mas isso não significava que eu continuaria a tomar decisões ruins. Eu soltei o ar e jurei que nunca mais namoraria vampiros. Foi naquele momento, ironicamente, que o meu futuro parceiro da GV resolveu me ligar. Presumindo que ele estava entrando em contato porque ele havia escutado do Luc sobre a reunião das Matilhas, eu peguei o meu telefone e o abri. — Merit.





— É o Jonah. — ele disse. — Você está pronta para amanhã a noite? — eu agradei a preocupação na voz dele, mas eu não estava certa que estava dirigida para mim a um nível pessoal, ou porque eu era potencialmente um ativo da GV.

— Nós encontramos os líderes da Matilha, passamos algum tempo com o NAC, e vimos os mapas do prédio. Nós temos um plano de comunicação, e vocês são os nossos apoio. — dei de ombros. — É o mais preparado que podemos estar. — pulei os detalhes da interação que envergonharia o Ethan; não havia motivo para nós dois ficarmos miseráveis.

Jonah ofereceu um vago som de concordância. — Se me perguntarem depois, nós nunca tivemos essa conversa. Mas eu me pergunto se essa é a hora de pedir apoio para a GV? Para ter guardas de espera?

Eu não podia falar rápido o suficiente. — Essa definitivamente não é a hora. Eu aprecio a oferta de oferecer apoio, mas há Metamorfs suficientes lá que nos odeia. — eu já os vi em ação, de primeira mão. — Mandar uma operação especial e helicópteros não vai ajudar. Só vai alimentar o fogo. Acredite-me, nós estamos melhores sozinhos no lugar do que poderíamos estar se nós não estívéssemos no bar, mas nós não estamos “dentro” de qualquer maneira.

Ele ficou quieto por um momento. — E se acontecer alguma merda?

— Então o Luc te chamará. Você é da Guarda Vermelha, o que quer dizer que nessa hora você terá a autoridade para tomar decisões em benefício dele. Mas você não pode se movimentar cedo nisso. Eles acham que nós somos políticos demais. Que não somos confiáveis. Se nós aparecermos com vampiros extras no reboque – e sem uma crise para justificá-los – nós provaria-mos que eles estão certos. Vamos presumir que haverá confusão que nós possamos lidar. E se as coisas aumentarem para a sua jurisdição, você pode tomar a decisão.

Outro momento de consideração. — Nós ficaremos no aguardo por agora. Boa sorte.

Eu espero que nós não precisemos.





Capítulo 15



(COV) Consegue o Vampiro.

Quando o sol descia novamente, me estendi na cama uns bons quinze minutos. Você já notou que por mais desconfortável que esteja quando você vai para a cama - o quarto muito quente ou muito frio; os travesseiros não muito bons; o colchão cheio de gomos; os lençóis ásperos - no momento em que deve levantar, sua cama se transforma na cama platonicamente ideal? O quarto é frio, a cama é suave e o travesseiro poderia ter sido “o apoio de cabeça” de Deus. A inevitável transformação acontece, é claro, quando você é obrigada a se levantar e sair, quando nada parece melhor do que aninhar-se em um monte de algodão frio – especialmente quando tem que enfrentar sua recente aventura e seu antigo amante, é a outra opção. Mas mesmo as Sentinelas têm que agir como adultos, portanto, sentei-me e tirei os cobertores.

Tinha sido uma boa semana desde que fui correr. Já que eu tinha um par de horas antes de nos encontrarmos para assistir a convocação, vesti um top esportivo, uma camiseta e calças curtas de corrida, assim poderia aproveitar três quilômetros por Hyde Park. Treinando com Ethan ou os Guardas era exercício, certamente, mas não do tipo que relaxasse seus ossos e mente, tirando tudo exceto o martelar de aço, o ritmo de sua respiração é um bom suor antiquado.

Mas primeiro, eu precisava de algum combustível para o meu “tanque”. Não estava pronta para encontrar o restante dos vampiros da Casa, ou arriscar a possibilidade de um encontro Sheridan/Sullivan. Então, optei por escapar de qualquer drama que pudesse estar me esperando lá embaixo e procurei por um café da manhã no segundo andar. Encaminhei-me pelo corredor e através de uma porta vai e vem até a pequena cozinha retangular. Gabinetes revestidos de granito alinhados ao longo do cômodo, e uma geladeira e outros aparatos estavam integrados aos gabinetes na mesma madeira revestida.

Os balcões tinham uma cesta de guardanapos e outros aparelhos menores, A geladeira estava coberta de imãs e cardápios de locais Chineses, Gregos e casas de pizza em Hyde Park. Essa era a vantagem de viver perto de UC – os estudantes





mantinham o negocio de entrega de comida em todas as horas, e isso era bom para o resto de nós.

Fui à geladeira e a abri. Não era diferente de algo que possa ter visto em um edifício de escritórios – um monte de sobras preparadas, potes de yogurt e sobremesas meio comidas com as iniciais marcadas sobre elas. Era todo o resto de comidas e datas de vampiros antigos, etiquetados para manter longe dos outros dentões.

Mas ali também havia doces para a casa, incluindo montes e montes de sangue despejados em sacos de meio litro e caixas menores, para beber. Levei um segundo para avaliar minha necessidade e decidir que era hora de me abastecer. Agarrei duas caixas pequenas, as agitei enfiei o canudo que vinha junto; dei um gole..., e fiz uma careta. Morder Ethan foi como beber um estranho clássico – rico, complexo, intoxicante. Agora, beber de uma caixa de plástico era exatamente como isso – homogêneo, plástico, pobre. De alguma maneira era a morte, como se o sangue tivesse perdido a mistura de energia que você tem ao beber da fonte direta, por assim dizer.

Mas já que esse fornecimento havia sido cortado, a bebi, depois fiz o mesmo com a segunda caixa. Este não era o momento para deixar que a preferência pessoal fosse um obstáculo da necessidade biológica, especialmente devido aos desafios físicos e emocionais que eu poderia enfrentar em algumas horas.

Joguei as caixas vazias no lixo e por curiosidade abri alguns gabinetes superiores. Estavam cheios com lanches saudáveis – sacos de granola, frutas secas, cereais de alta proteína e pipoca natural.

— Eca. — murmurei, depois fechei as portas do gabinete novamente e atravessei a porta vai e vem. Quando enchessem os gabinetes com Twinkies¹⁹, eu voltaria. Fiz uma nota mental para falar com Helen, a governanta da casa, sobre isso.

Café da manhã na bolsa, eu me dirigi para fora, era uma típica e pesada noite de Junho. Não era muito tarde, mas as ruas ainda estavam tranquilas. Pensei que, se evitasse aos paparazzi por completo, arriscaria fazer-lhes mais interessados nas atividades vampíricas, então desci a rua pela direita e havia um grupo na esquina. Sorri e acenei, flashes estalavam enquanto eu me aproximava mais.

— Hey. — gritou um. — É a Vingadora de Rabo de Cavalo!

¹⁹ Bolinhos.





— Boa noite, cavalheiros.

— Algum comentário sobre o tiroteio no bar, Merit?

Sorri pensativamente ao repórter; um garoto bastante jovem usando jeans e camiseta, um crachá de imprensa ao redor do pescoço. — Só espero que os autores sejam capturados.

— Algum comentário sobre os estacadores em Alabama? — perguntou.

Meu sangue esfriou. — Que estacadores?

O homem ao seu lado – mais velho, gordo, com uma massa de cabelo branco crespo e parecido com um bigode – gesticulou com seu pequeno caderno estilo repórter. — Quatro vampiros foram atacados em um, bem, chamam-no de “Ninho de Vampiros”. Aparentemente é uma espécie de movimento clandestino antipresas.

Então a preocupação de Gabriel sobre os rumores, claramente tinham sido reais. Quem sabe fosse um incidente isolado. Quem sabe foi um horrível, mas azarado, ato de violência que não sinalizava a mudança de maré para o resto de nós.

Mas quem sabe não era.

— Não ouvi sobre isso. — eu disse tranquilamente. — Mas meus pensamentos e orações vão aos seus amigos e familiares. Esse tipo de violência, o tipo que cresce do preconceito, é intolerável.

Os repórteres ficaram calados por um momento enquanto escreviam meus comentários. — Eu devo ir. Obrigada pela notícia cavalheiros.

Eles gritaram meu nome, tentando fazer perguntas adicionais antes que eu corresse pela noite, mas fiz meu dever. Precisava da corrida. A oportunidade de limpar minha cabeça, antes de me dirigir de volta para a Casa Cadogan e o drama que sem dúvida me esperava lá – político ou o contrário.

O primeiro quilômetro foi desconfortável, especialmente como um vampiro, mas, doloroso no modo em que os primeiros quilômetros sempre eram. Mas finalmente encontrei um ritmo, minha respiração e as passadas alinhadas e dei uma volta pelo bairro. Rodeei a Universidade de Chicago, a ferida de já não estar matriculada na minha suposta mãe nutritiva, ela ainda estava aberta.





Uma brisa levantou-se no momento em que cheguei a Casa Cadogan, e assenti com a cabeça para os Guardas enquanto virava para entrar nos jardins, tentando diminuir minha respiração, com as mãos em meus quadris. Tive que correr mais rápido que um vampiro, para aumentar meu ritmo cardíaco. E não estava realmente certa de quão bom foi, mas me senti melhor por tê-lo feito. Era bom escapar por um tempo, do confinamento da Casa Cadogan, para focar-me apenas em minha velocidade, meu ritmo e chutar...

Compreendendo que a limpeza era o passo seguinte em minha lista por fazer, voltei ao meu quarto para tomar uma ducha.

Cheguei a minha porta.

Havia uma pequena tabela de anúncios em cada quarto da Casa Cadogan. Um folheto estava preso no meu – um grosso pedaço de cartolina portava um anúncio em letras trabalhadas.

**Saudações ao Mestre!
Junte-se a nós no Sábado as 22h00min
Para dar as Boas Vindas a Lacey Sheridan,
Mestre da Casa Sheridan,
Cocktéis e música.
Traje Casual.**

Girando meus olhos, tirei o convite da porta, depois retrocedi para olhar pelo corredor. O mesmo folheto preto e branco estava preso em cada porta que eu podia ver – um esforço CEV que não tinha nada a ver com votação ou democracia. Perguntei-me se isto tinha sido sua ideia – uma oportunidade para mostrar aos Novatos da Casa Cadogan em que equipe estava ele?

Quem sabe o mais importante, quão obrigatório era algo como isto? Era solicitada para fazer uma aparição? Brindar por Lacey Sheridan? Levar-lhe um presente?

Amassei o convite em minha mão, então abri minha porta e entrei, mas antes que pudesse fechá-la de novo, ouvi passos no corredor. Raramente havia vampiros passando por esta parte do prédio, portanto, de maneira intrometida dei uma espiada pela fresta..., e tive uma visão.

Ethan e Lacey caminhavam lado a lado pelo corredor. Ethan usava calças jeans e uma acolhedora camiseta de malga longa em verde pálido. Seu cabelo





estava para trás, a medalha Cadogan em seu pescoço. O conjunto era o suficientemente casual, que assumi que a usaria na convocação.

Lacey usava um vestido tweed cinza com um moderno decote e um par de sapatos de salto alto estampados. Cada mecha de cabelo loiro estava em seu lugar, e sua maquiagem era tão perfeita como qualquer modelo de revista.

— Deveria se preocupar. — dizia Lacey.

— Significado? — perguntou Ethan.

— Sentinela ou não, ela é comum Ethan. Um soldado comum. E tenho que dizer que realmente não entendo todo o alvoroço.

Meus lábios se abriram. Acaba de me chamar de comum?

— Não estou certo que “comum” seja uma palavra que descrevesse a Merit, Lacey. Não nego que é um soldado, mas não acho que “comum” lhe de o devido crédito.

— Ainda assim – a força não te faz um Mestre.

— Bom, ela terá a prova um dia, ou não.

Lacey riu entre dentes. — Você quer dizer, se a nomeará ou não.

Lacey era a única Mestre vampiro que Ethan havia nomeado em seus quase quatrocentos anos como vampiro. Nem sequer lhe havia dado uma Prova. Os Mestres como Ethan e Morgan, quem subiram de categoria quando seus próprios Mestres foram assassinados, lhes permitiu pular a Prova.

Ela soou irritantemente confiante de que Ethan não me nomearia.

— Na verdade, ela é jovem. — disse Ethan. — Ela tem muita coisa para aprender antes de estar pronta – muita imortalidade para compreender antes que esteja pronta. E apenas o tempo o confirmará. Mas, acho que provará ser capaz.

Ele encolheu esse momento para levantar os olhos e encontrar meus olhos através da fresta na porta. Tomei uma decisão de fração e segundos e abri a porta como se estivesse saindo.

Ethan levantou suas sobrancelhas em surpresa. — Mer... Sentinela?





Lacey se colocou atrás dele.

Fiz-me de inocente. — Oh! Olá. Eu estava saindo. — os dois olharam para meu conjunto de treinamento suado, e eu me senti como a heroína em um filme de John Hughes²⁰, toda desconfortável e com cara de cordeiro degolado.

— Saindo? — repetiu.

Pense! Exigi em silêncio, e quando a genialidade atacou, assenti, alcancei atrás de mim, e levantei meu pé direito, imitando um alongamento. — Estava apenas correndo, então estou me dirigindo às escadas para fazer uns alongamentos.

As sobrancelhas de Ethan se enrugaram, a preocupação repentina em seus olhos. Importava-lhe se eu tinha escutado? Importava-lhe se ela tinha me ferido?

— Vai nos apresentar? — perguntou Lacey.

Por uma fração de segundos, o suficiente para hesitar, mas não tanto para que ela notasse. Inclinei minha cabeça para ele, deixando ver a aborrecida pergunta em meus olhos: *Sim Ethan. Vai nos apresentar?*

— Lacey Sheridan. — disse ela, deixando Ethan sem escolha. Não estendeu a mão, apenas ficou ali, arrogante, como se a mera menção de seu nome fosse enfiar-me um par de estacas.

— Merit. Sentinela. — adicionei; no caso de que ela precisasse recordar-se de que agora estava na Casa de Ethan. Reprimi um sorriso ante o movimento nervoso de seu queixo.

— Eu também fui uma Guardiã. — disse ela, seu olhar inspecionando meu corpo enquanto me avaliava; um oponente preparando-se para a batalha. Estávamos lutando por Ethan? Por alguma espécie de superioridade na Casa? Qualquer que seja a razão, eu não ia jogar isso. Já estava cansadíssima, e perdi toda minha porção de batatas fritas neste negocio.

— Foi isso que eu deduzi. — eu disse cordialmente. — Sou amiga de Lindsey. Vocês duas estiveram juntas de guarda, entendo, antes que tivesse a Prova.

²⁰ Diretor, produtor e roteirista de cinema estadunidense.





— Sim, conheço Lindsey. É uma Guardiã solida. Particularmente boa descobrindo motivações. — ela proporcionou a avaliação de Lindsey como se, em vez de discutir de um amigo ou colega, tivessem lhe pedido uma referência profissional.

Mudei meu olhar de volta a Ethan. — Presumo que você soube de Alabama?

Sua expressão se nublou. — Sim, Os rumores de Gabriel?

Concordei. — Essa foi minha suposição.

Ele deixou escapar uma respiração, depois concordou. — É o que é. Eu gostaria de ir à igreja dentro do horário.

— Liege. — disse de novo, com obediência em minha voz.

Ele não grunhiu exatamente, mas a aquiescência claramente o irritou. Sorri enquanto me afastava.

Eu estava banhada e vestida, calças, botas e uma camiseta sob minha jaqueta de couro, e em meu caminho para o andar abaixo do escritório de Ethan, quando meu telefone soou. Tirei-o do meu bolso e chequei o visor. Era Mallory.

— Hey. — respondi.

— Sei para onde você está indo, mas estou prestes a estacionar em frente à Casa Cadogan. Catcher quer falar com Ethan, e eu tenho algo para você.

— Algo apetitoso?

— Me quer apenas pela minha comida de primeira?

— Bem, não, mas admitirei que é uma das razões.

— Sempre e quando as razões sejam muitas e variadas. Traz seu traseiro aqui.

Sabendo quando aceitar uma ordem, fechei e guardei meu telefone, então completei minha viagem até a porta principal. O vestíbulo estava livre do Mestre vampiro, assim, sai com uma agradável carência de drama.





Mallory estava de pé na entrada, usando calças cigarrete e uma camiseta longa, a mão em seus quadris. Ela parecia estar interrogando o Guarda. Esperei sob as escadas, então peguei a calçada até a entrada. Catcher se colocou ao seu lado justo quando eu me aproximava, provavelmente acabava de estacionar o carro, uma mistura de regozijo e derrota em sua expressão.

— E deduzi que seu povo era realmente genial na Terceira Chave. — dizia. — Você tem algum conselho para mim?

A Fada mercenária na entrada a olhou com maldade nos olhos. — Povo?

Mallory sorriu. — Sinto muito, é só que, suas tradições são tão interessantes. Tão naturais. Tão aldeãs. Você estaria disposto a sentar-se comigo e quem sabe compartilhar...

— Concordo. — interrompeu Catcher, colocando suas mãos sobre seus ombros e virando-a para a Casa. — Isso é o suficiente. Minhas desculpas. — ofereceu ao Guarda, então levou Mallory pela calçada.

— Fazendo novos amigos? — perguntei-lhe.

— São pessoas realmente fascinantes.

— Aposto que eles gostariam de ser chamados por seus nomes.

Mallory deslizou um olhar sonso para Catcher. — Você sabe seus nomes?

Ele me olhou.

Eu encolhi os ombros. — Apenas trabalho aqui.

— As espécies entre os sobrenaturais realmente são o ultimo bastão de prejuízo aceitável neste País. — disse *Mal*, depois pareceu perceber que estava vestida em couro e usando minha espada. — Parece pronta para perseguir alguns Metamorfos.

— Esperemos que não chegue a isso. Você não está em Schaumburg esta noite?

Ela negou com a cabeça. — Esta noite tenho estágio outra vez, o que significa que devo estar em casa fazendo posições e tudo isso.





— Boa sorte com isto.

— Boa sorte com seus Metamorfos. E isso é o porquê estou aqui. — enfiou os dedos no bolso costurado em sua cintura e vasculhou. — Estenda sua mão.

Levantei uma sobrancelha, cética, mas o fiz enquanto estava sendo abordada. Mallory tirou algo, então o depositou em minha mão.

Era um bracelete antigo, uma corrente de ouro, preto pelo uso, que carregava um medalhão particular. O segurei. A imagem de um pássaro estava gravada na superfície.

— É um apotrope. — disse orgulhosamente.

— É um o quê?

— Apotrope. É um amuleto da sorte, para prevenir a magia negra. — ela se inclinou para frente e apontou a inscrição. — Isso é um corvo. É um símbolo de proteção. Encontrei o bracelete em uma barraca no Distrito Escandinavo.

Franzi a testa, confusa. — Chicago tem um Distrito Escandinavo?

— Nop. — disse Catcher. — Mas a barraca estava ao lado de um restaurante que vendia arenque em escabeche. Ela decidiu que era um Distrito Escandinavo.

— Primeiro você troca de moveis, em seguida troca de comunidade.

— Sou promissora. — disse ela. — De qualquer forma, trabalhei um pouco na ação da Segunda Chave por minha conta, e aí está.

— Bem, isso foi muita consideração, mesmo que sem o injustificado plano urbano. Obrigada *Mal*.

Ela encolheu os ombros. — Queria te dar uma tintura de acônito²¹, mas o desmancha-prazeres aqui disse que não.

— Acônito? — perguntei olhando para ambos.

²¹ **Tintura Acônito** Raiz. Tintura Alcachofra. Tintura Alcatrão. Tintura Alteia. Tintura Aperta Ruão. Tintura Arnica Flores. Tintura Bálsamo, Etc.





— É venenoso para os Metamorfos. — disse Catcher, quase rodando os olhos.

Concordei. — Pode ser ruim levar veneno de acônito para uma Convocação de Metamorfos.

— Apenas teria colocado um pouco lá. — disse Mallory. — Não o suficiente para dar uma dor de estomago em qualquer um, muito menos matar alguém. E ninguém tem que saber.

— Melhor eu ficar com o corvo. Obrigada por trazê-lo. — estendi meu pulso direito, assim ela pode colocar o bracelete, mas levantei o olhar quando Catcher fez um ruído baixo de advertência.

— Companhia. — disse ele, e já que seu olhar estava na porta, supus quem podia ser.

— Ooh, é linda. — sussurrou *Mal*, levantando os olhos uma vez que já tinha colocado o bracelete.

— Quem é?

— Está é Lacey Sheridan.

Mallory piscou. — Lacey Sheridan? A vampira que Ethan...

Eu a interrompi com um aceno de concordância.

— Você ia me deixar saber que a antiga namorada estava na cidade?

— Pensei que você já havia tido uma boa dose de humilhação na semana Merit

Deu-me palmadas no braço. — Não seja tonta. A humilhação vampirica é como um vinho fino. Deveria ser compartilhada entre amigos.

Mostrei-lhe a língua, mas Catcher negou com a cabeça. — Ela esta vindo. — advertiu. — Coloque sua cara feliz.

Emoldurei um sorriso falso para saudá-los. Katana em uma mão usei a outra para gesticular para Lacey,





— Mallory Carmichael, Catcher Bell. — eu disse. — Catcher, eu acho que você e Lacey se conheceram quando ela estava na Casa.

— Sim. — isso foi tudo o que Catcher disse. Não se incomodou em esticar a mão.

— É bom te ver novamente Catcher.

Ele apenas reconheceu a saudação, e meu coração se aqueceu. Catcher era brusco, claro, mas isso normalmente não incluía ignorar redondamente as pessoas, pelo menos em minha experiência. Posso ter dado e ele e a Mallory um monte de merda sobre suas travessuras nuas, mas ele sabia em que equipe estava.

— Mallory é a antiga companheira de casa de Merit. — disse Ethan para Lacey. — E uma nova feiticeira identificada. Atualmente está treinando com uma Ordem representante em Schaumburg.

Lacey inclinou sua cabeça. — Pensei que a Ordem não tinha representantes na área de Chicago.

Mallory colocou uma mão sobre o braço de Catcher antes que ele pudesse grunhir para Lacey, mas podia ver a gana de dar um passo adiante, por sua expressão. Catcher havia sido expulso da Ordem sob circunstâncias que não estavam totalmente claro para mim, mas a falta de um escritório da Ordem em Chicago tinha algo a ver com ele.

— É uma longa história. — disse Mallory. — E é um prazer te conhecer. — olhou para Ethan. — Você vai cuidar da minha menina está noite?

— Sempre cuido dos meus vampiros.

Mallory sorriu ternamente. — Toda evidencia mostra o contrario. — Catcher colocou uma mão sobre o ombro de Mallory e olhou para Ethan com severidade.

— De fato viemos por uma razão a mais além de te provocar, e não são boas notícias. Um corpo foi encontrado em um armazém há umas oito quadras do bar. Era Tony.

Ethan soltou uma respiração lenta. — Estou irritado por isso em um número de níveis, não sendo o menos deles o fato de que ele seja nosso principal suspeito.





— Inclusive, ele pode estar por trás do golpe. — indiquei. — Mas alguém mais pode não ter ficado feliz com ele, ou quis mantê-lo calado.

Catcher concordou. — Pelo menos, há mais de uma pessoa envolvida no que seja que esteja acontecendo no assunto dos Metamorfos.

— Gabriel sabe? — perguntou Ethan.

— Está não é o tipo de informação que eu goste de ter duas horas antes da Convocação.

— Não. — concordou Catcher. — Não é. E provavelmente não seja o ultimo dos seus problemas está noite.

— Eu esperava problemas. — disse Lacey, aparentemente unindo-se a conversa. — É muito pouco provável que o primeiro ataque fosse ao azar, e já que os criminosos não tentaram impedir a Reunião, eu presumo que um segundo ataque seja iminente.

— Temos conseguido apoio. — disse Ethan, mas seu olhar estava no gramado, sua expressão em branco, como se estivesse contemplando coisas desagradáveis. — Os guardas de Grey e Navarre. Teremos as comunicações abertas.

— É o melhor que podem fazer. — disse Catcher.

Nós ficamos ali por um momento, provavelmente todos se perguntando o que nos esperava está noite

— Vou levar Lacey para se instalar, assim pode trabalhar em meu escritório enquanto não estamos. — disse Ethan, me olhando. — Nós nos vemos nas escadas do primeiro andar às cinco horas.

— Liege. — eu disse, inclinando a cabeça com uma elegante e perfeita condescendência.

Seu lábio superior curvou-se com insatisfação, mas depois de uma saudação com a mão para Mallory e Catcher e alguma despedida desconfortável entre Lacey e Mallory, ele conduziu Lacey de volta pela calçada.

— Liege? — repetiu Catcher. — Aposto que posso contar com uma mão às vezes que te ouvi dizer isso.





— Estou optando pela aquiescência. — eu disse com meu olhar ainda nos Mestres.

Catcher sorriu, mas um pouco cínico. — Aposto que isso o deixa puto.

Dei-lhe um sorriso. — Acho que ele odeia. O que o torna mais agradável.

— E já que ele deseja Merit submissa desde o dia em ela colocou um pé na Casa Cadogan. — sinalizou Mallory. — Nem sequer é imaturo. Só está lhe dando o que pediu.

— Precisamente. — concordei com um assentimento, ainda que não estivesse completamente de acordo, era divertido, seguro e apropriado em sua maneira, mas ainda assim imaturo.

— Sabe. — disse Mallory, sua cabeça inclinada enquanto os víamos caminhar. — Ela é toda loira e antiquada..., como um advogado ou algo do estilo. E isso não é um requisito.

— Chupasangues de qualquer forma. — disse Catcher entre dentes.

Dei umas palmadas em seu braço. — Sabe, isso foi muito meigo, o que você fez. Ser rude com a Pequena Senhorita Brilho de Sol.

— Não se alegre tanto. Não é que eu esteja do seu lado. — disse Catcher, então assentiu para Mallory. — Mas, teria dormido no sofá por uma semana se não ficasse do seu lado.

— E meu lado é o seu lado. — concluiu Mallory. Então estendeu suas mãos.

— Precisamos correr. Preciso começar a cozinhar. Que você tenha uma boa noite, certo?

Dei um passo para frente e a abracei, então retrocedi novamente. — Serei tão boa como me seja possível, e pediria o mesmo para vocês. — dei-lhes meu melhor olhar materno.

Catcher bufou. — Se jogarmos Twister²² pelados, estaremos perdendo nossas horas acordados.

²² <http://lafora.com.br/2008/11/jogando-twister-para-a-paz-mundial-nas-estacoes-de-trem/>





— Sim. — disse Mallory enquanto o puxava pela calçada. — Este é o amor de minha vida. Ele é um romântico de coração.

Fiel a sua palavra, Ethan encontrou-se comigo no vestíbulo cinco minutos mais tarde, sem o Mestre da Casa Sheridan. Mas foi seguido por Luc e Malik. Luc estava vestido com jeans e uma camisa branca. Malik - alto, de pele escura e olhos verdes - usava calças pretas sociais, sapatos pretos de ponta quadrada e uma sóbria camisa branca abotoada, o botão superior de sua camisa aberta para revelar sua medalha Cadogan. Malik, o único vampiro casado que eu sabia, também era um dos mais atraentes, cabeça raspada, largo, olhos claros, maçãs do rosto marcadas. Mas tinha o semblante mais solene que eu já tinha visto em qualquer vampiro.

— Acho que estamos prontos. — disse Ethan, olhando entre nós. — Malik, a Casa é deixada sob seus cuidados e confiança. Luc registre-se com nossa equipe de terra. Se Deus quiser, não serão necessários. Mas apenas para o caso...

— Já está feito. — disse Luc. — Fizemos a junção antes e todos nós estamos em contato. Grey e Navarre estão na espera. Ambos têm seus fones?

Como estudantes obedientes, tiramos nossos fones, os quais nós tínhamos prendido em nossos bolsos, e os mostramos a Luc.

— Bem, crianças. — disse Luc com um sorriso entre dentes. — Não precisam colocar até que estejam no lugar. Podem querer fazer isso em um momento particular, e não com Metamorfo respirando sob seus pescoços, não que eles acreditem que somos até mesmo mais intrigantes do que já acham que somos. Quando os fizerem entrar, nós estaremos na outra saída.

— Você quer que eu tente de novo com Darius?

Todos nós nos viramos para Malik. Darius era a cabeça do Presídio Greenwich, o Consulado Europeu do Oeste.

Ethan negou com a cabeça. — Não agora. Temos tentado nos colocar em contato com ele, e ele não nos responde. Neste ponto, é melhor pedir desculpas depois do que permissão agora.

— Você acha que ele pode dizer que não? — perguntei. Ethan me fulminou com o olhar.





— Acho que GP é imprevisível em sua atual forma. Diremos-lhe que estávamos em contato com Metamorfos, que oferecemos apoio estratégico a centenas de Metamorfos, e que pressionamos o botão de pânico de GP.

— Convidamos uma calamidade. — traduziu Luc.

Assenti entendendo.

Ethan soltou um suspiro. — Se você está todo confortável com sua estação respectiva, nós sairemos.

— Boa sorte. — disse Luc, depois me deu uma palmada no ombro.

— Chute seus traseiros Sentinela.

— Realmente espero que não chegue a isso.

— Então somos dois. — disse Ethan. Ele e Malik sussurraram algo. O ato era provavelmente um dos rituais relacionados a Ethan deixando a Casa sob os cuidados de Malik. Em seguida tomou as escadas para o porão.





Capítulo 16



Os grandes e malvados Lobos.

Dirigimos em silêncio até o bairro Ucraniano. Quando chegamos, Ethan estacionou a Mercedes em um espaço na rua. Era cedo para a ConManada, mas ainda era tarde em uma noite de sexta-feira, para o restante do bairro, o qual estava tranquilo e enormemente vazio de tráfego. Saímos do carro, ajeitamos nossas Katanas e caminhamos até San Bridget, a qual estava bem iluminada pela lâmpada da rua e luz da fachada.

Parei por um momento e levantei os olhos para a Catedral.

“Catedral” era definitivamente um nome apropriado. San Bridget era um bonito edifício, com pedras cor pêssego e um punhado de torres coroadas por cúpulas cor turquesa, que pareciam toucas de esqui. Uma janela gigante de vidro pintado estava colocada em frente do edifício, seus três painéis retangulares mostrando uma cena pastoral com árvores e borboletas, um cervo deitado pacificamente no meio.

A igreja era uma joia arquitetônica no meio de um bairro de classe operária, como um resto perdido de um antigo conto de Fadas, uma página da história que não foi mexida, transportada da espessura do bosque da Europa do Leste até o lado oeste de Chicago. Era, sem dúvida, muito parecida com o bairro ao seu redor em um aspecto, estava muito, muito silenciosa. Não é que eu esperasse piquetes e protestos, mas pelo que tínhamos visto antes, os Metamorfofos não eram do tipo de ir com cuidado em uma noite boa.

— Afirmando que é estranho que se reúnam em uma igreja. — eu disse.

— É incomum. — Ethan disse atrás de mim. — Mas não era decisão nossa.

Ficamos ali de pé e em silêncio por um instante, o suficiente para me fazer virar e olhá-lo. Encontrei seus olhos nos meus.





— O que foi? — perguntei.

Deu-me um olhar inexpressivo.

— Estamos aqui a negócios.

— Quero que o ar esteja limpo.

— O ar está tão limpo como vai estar. Cometemos um erro. Nós dois o consertamos, portanto superemos; ok? — disse.

— Um erro. — ele realmente teve o descaramento de soar surpreso por minha resposta, mas eu não acreditei. Não havia usado a palavra “erro” em seu discurso de culpa depois da festa dos Breckenridge, mas isso era tudo o que ele havia dito.

— Um erro. — repeti. — Podemos ir trabalhar?

— Merit... — começou; arrependimento em sua voz, mas eu levantei uma mão para o alto.

Sua culpa não ia me fazer sentir melhor.

— Vamos trabalhar.

Subimos as escadas até as portas que se estendiam pela frente da igreja. Presumi que aqui era onde as pessoas se reuniam depois dos serviços, quem sabe para darem as mãos para o padre, quem sabe para fazer planos de jantar ou almoçar.

As portas estavam sem tranca e levavam a um pequeno salão de recepção, cujas paredes tinham sinais para a congregação, indicando-lhes o caminho para as salas de crianças e os cafés da manhã. Avançamos até um segundo par de portas e ofeguei perante a visão frente a nós, caminhei para dentro passando Ethan para ter uma visão completa. A vista externa da igreja era impressionante, mas isso não era nada comparado com o interior. O santuário era como um cofre de tesouro, com pisos de pedra brilhante, paredes de vidros coloridos, representações com molduras de ouro, nichos dourados e frescos. Brilhantes colunas e enfeites de bronze, marcando os corredores da igreja. Robin, Jason, Gabriel e Adam estavam de pé na parte frontal do santuário, mas foi Berna quem obteve nossa atenção antes.





— Você vai comer. — ela disse, parando diante de nós, uma vasilha de alumínio descartável seguro em seus braços estendidos. A vasilha estava coberta com papel alumínio, soltava vapor pelo calor, e podia cheiras o que havia dentro: carne, repolho, especiarias – delícia Europeia Oriental.

— Tome. — ela disse e empurrou a vasilha, ainda quente, para os meus braços.

— Aprecio o gesto, mas você não tem que continuar me alimentando.

Ela estalou a língua. — Muito magra. — disse e estendeu dois dedos calosos e beliscou meu braço. Forte. — Aí. Sem carne. — ela disse com desaprovação em sua voz. — Sem carne nos ossos, não encontrará homem. — depois jogou um olhar analítico para Ethan, com uma sobrancelha loira levantada. — Você é..., um homem.

Não é que eu estivesse discordando, mas ela estava fazendo uma parceria errada.

— Obrigada Berna. — eu disse, esperando atrair sua atenção de volta para mim e distraí-la de sua ligação de amor. Lentamente, como se adivinhasse minha estratégia, voltou seu olhar para mim, então me deu um olhar apreciativo de cima abaixo que não era nada galanteador. Depois de estalar sua língua novamente, nos rodeou e desapareceu no vestíbulo.

Olhei para Ethan e ofereci-lhe os rolinhos de repolho. — Deveria colocar isto em seu carro enquanto estamos aqui?

Pálido, aparentemente não louco pela ideia de que sua Mercedes cheirando a cozinha de um Clube Ucrâniano.

— Boa noite vampiros.

Virei para encontrar Adam sorrindo pela vasilha em minhas mãos.

Estava vestido de forma simples; uma camiseta cinza xadrez e jeans, sobre pesadas botas pretas, mas isso não disfarçou o atrativo de Lobo.

— Boa noite. — levantei a vasilha. — Ela continua me empurrando comida.

— Essa é Berna. É sua maneira de mostrar afeto.





Não por meu físico, ao que parece. Deixando isso de lado, ainda tinha a vasilha fumegante com que lidar. — Há algum lugar onde eu possa deixar isto por algumas horas?

— Você acha que segurar uma vasilha de rolinhos de repolho interromperá seu encanto vampírico?

— Fará um mais difícil o manejo de minha espada.

— Bem, não queremos que isso aconteça. — disse timidamente. — Vou te levar a cozinha e você pode deixá-la lá. Também te dá uma oportunidade de ver um pouco mais da igreja.

— Obrigada.

— *Esperarei aqui.* — Ethan acrescentou silenciosamente. — *Eu gostaria de falar com Gabriel sobre Tony.*

— *Boa sorte.* — eu ofereci em resposta, me perguntando se a briga com os Brecks seria realmente água debaixo da ponte ou se Gabe a sustentaria contra nós. Por outro lado, ele não tinha mudado de opinião sobre nós proporcionarmos segurança, o que deveria estar confortável o suficiente.

— *Mantenha-se em guarda, Liege.* — respondi condescendente.

Segui Adam pelo corredor do lado esquerdo da igreja, oferecendo a Gabriel e a Jason, uma saudação enquanto passava. Moveu-se através de uma porta e dentro da ala lateral que Luc nos havia mostrado antes. Era obvio que tínhamos passado da arquitetura original a Renovação de 1970.

Enquanto que a Capela era luxuosa, a ala lateral era toda reta e estéril. O pratico havia triunfado sobre as formas aqui, desde os pisos industriais acarpetados a paredes de blocos de concreto. Mas, à medida que passamos os cômodos de enfermaria, ficou claro que os congregados estavam menos preocupados em como parecia à igreja do que como estava ali. Parei para abrir uma porta e olhar dentro. Desenhos e pôsteres educativos decoravam as paredes. Mesas e cadeiras pequenas enchiam o cômodo, e animais de pelúcia e blocos de madeira foram empilhados cuidadosamente contra uma janela.

— É uma comunidade fechada. — Adam disse atrás de mim.

— Posso ver.





Quando olhamos até nos fartar, Adam continuou pelo corredor, logo virou para dentro de uma cozinha estilo industrial, com o propósito claro de preparar refeições para uma grande e faminta congregação. Manteve aberta a porta da geladeira enquanto deslizava a vasilha em uma das prateleiras. Uma vez feito isso, fechou a porta novamente e se recostou contra um dos balcões de aço inoxidável no meio da habitação.

Vi uma tabela de anúncios na parede em frente e me aproximei para ver melhor. Uma folha de inscrições para um almoço depois da missa estava colocada ao lado de um folheto de comida enlatada. *Dar para receber*, eu pensei.

E falando em receber, decidi tomar a oportunidade para conhecer um pouco mais sobre Adam e sua gente. Comecei com a geografia.

— Então, tenho curiosidade..., porque o bairro Ucrâniano? Qual é sua conexão com este bairro?

— Metamorfos?

Assenti.

— Temos raízes na Europa Oriental. Nossas famílias são muito unidas. Se você junta às duas. Obtém o bairro Ucrâniano.

— Huh. — eu disse. — Isso é interessante.

Levantou uma sobrancelha. — É interessante ou você está sendo agradável para fazer sua parte em conseguir uma aliança Vampiros/Metamorfos?

Disse as palavras com sarcasmo, mas havia um fio de algo mais em sua voz.

Irritação? Raiva? Desgosto? Não estava certa se isso era animosidade para com os vampiros ou para as políticas em geral. Ambas eram emoções de Metamorfos.

Sem querer discutir, copiei o encolher de ombro negligente que ele havia me dado antes. — Simplesmente tendo uma conversa amistosa. Não há nada de mal nisso, não é verdade?

Com um brilho em seus olhos, respondeu. — Não senhora, definitivamente não há.





Conversamos por um pouco mais de tempo, o suficiente para conhecê-lo mais. Havia previsto conseguir algo da vibração do “irmão mais novo do Líder da Manada”, e mesmo sendo bastante espertinho, parecia seriamente preocupado pela Manada.

— Estou nervoso por esta noite. — admitiu enquanto pegamos o corredor de volta a Capela principal. — Não é que eu pense que Gabe não poderia lidar com qualquer coisa que surja, mas prefiro que as coisas se mantenham livres de violência se for possível.

— Alguma ideia sobre o culpado do tiroteio no bar?

Sacudiu sua cabeça, sua expressão endurecendo. Estava se segurando.

— Ouvi que Tony... — não estava certa sobre como terminar a frase, então não o fiz.

— Sua morte muda as coisas. — Adam disse. — Mas não sei se isso significa que ele estava por trás do ataque.

— Pensamos o mesmo.

Adam franziu o cenho. — É que simplesmente esse assassinato planejado não é algo muito de Manada. Um crime passional, com certeza, mas não um assassinato. Isso é um pouco, quem sabe, vampírico?

Levantei uma sobrancelha receosa. E falando de prejuízos, perguntei. — Gabriel disse algo sobre o incidente nos Brecks?

Adam sorriu sem alegria. — O incidente com Ethan?

Concordei.

— Bem, não estava muito contente pela interrupção, mas acho que estava mais divertido por todo o assunto.

Cruzei os braços sobre meu peito. — Divertido?

Adam encolheu os ombros. — Eles se conhecem há um tempo. Gabe conhece Sullivan por ser frio, calmo, calculista. E isso definitivamente não foi frio, calmo ou calculista. Gabe acha que Sullivan está morto por você.





— Você se surpreenderia. — disse secamente. A vibração de meu celular me resgatou de uma elaboração mais profunda. Eu o peguei de meu bolso e olhei o visor. Era uma mensagem de texto, mas não de Luc ou Malik, ou dos guardas de Cadogan. Era de Nick, e não era boa.

— INFORMANTE DISSE QUE HÁ UM CONTRATO SOBRE A CABEÇA DO CACHORRO MAIS VELHO; GOLPE IMINENTE. — a mensagem dizia. Estava assinado com NB.

Parei no meio do corredor, meu coração batendo repentinamente com força. Tínhamos estado certos, quem seja que fosse o culpado, a violência não ia se limitar ao ataque sobre o bar.

Alguém queria tirar Gabriel, com ou sem Tony.

Dei uma olhada na porta da Capela em frente a mim. Precisava contar a Ethan e a Gabriel, mas primeiro queria fatos. Se Nick tinha informação - uma fonte, um horário, alguma coisa - eu queria ouvir de seus lábios antes de levá-lo aos homens que duvidariam de sua veracidade ao Máximo. O vampiro e o Metamorfo que já suspeitavam de Nick.

Levantei os olhos para Adam, que havia parado alguns metros adiante, sua cabeça inclinada enquanto me olhava.

— Está tudo bem?

Apontei para uma das enfermarias. — Não há problema se eu usar a sala por alguns minutos? Preciso fazer uma rápida chamada de telefone.

— Aconteceu alguma coisa?

Fingi indiferença. Não tinha sentido parecer alarmada até que tivesse as provas em mãos. — Não realmente, são tempos sensíveis.

Levou alguns segundos, mas ele finalmente concordou. — Ajude a você mesma. Pode nos encontrar na Capela quando tiver terminado.

Sorri alegremente. — Obrigada Adam. E obrigada pela conversa.

— De nada, Gatinha. Quando quiser mais do que conversar. Gabriel sabe como me contatar.





Por hora, a chave era contatar Nick.

Acabou sendo que contatar Nick não foi tão difícil. Uma vez que estive em uma das enfermarias com a porta fechada, simplesmente marquei de volta o numero de onde a mensagem havia sido enviada e ele atendeu no primeiro toque.

— Breckenridge.

— Nick? É Merit.

— Isso foi rápido.

— Parecia importante, pela ameaça de morte e tudo. O que foi que você ouviu?

— Alguém ligou para a linha de informações do jornal e chamou por mim especificamente.

Franzi o cenho. — Então sabiam o suficiente para não espalhar detalhes sobre os Metamorfos ao garoto que o atendeu?

— Esse foi meu primeiro pensamento também. Ele deve ser um Metamorfo, mas não pude dizer quem. Você conhece esses manipuladores de voz que os sequestradores usam nos filmes para mudar o tom de suas vozes? Este tipo tinha um.

— O que ele te disse?

— A mensagem era breve e simples. — ouvi o farfalhar de papel, como se Nick estivesse folheando um caderno. — Ele disse que os tiros no bar não foram um acidente. Disse que alguém colocou preço pela cabeça de Gabriel e que a segunda tentativa ia ser esta noite.

— Em uma igreja cheia de Metamorfos? Não é uma maneira exatamente discreta para tirar alguém do caminho.

— Sim, um conselho para os não iniciados, em algum ponto será um caos aí. Não acho que um disparo, inclusive um golpe a curta distancia, seria muito difícil de conseguir.

Bem, essa informação teria sido útil antes de hoje. — Algo mais?





— Isso foi tudo, exceto por uma coisa mais. — disse, então parou. *Criando drama*, pensei, como qualquer bom escritor.

— Ele disse que para encontrar o culpado, teríamos que procurar na parte mais alta da Manada.

— Você soube que encontramos Tony?

— Sim, mas isso não significa que não esteve envolvido. Teve a oportunidade, foi sua motocicleta que encontraram. E poderia ter tido seus motivos também.

— Tais como?

— Instalar alguém mais no assento de Gabriel. Quem sabe tentar uma consolidação de Manadas. Não seria a primeira vez. Ou talvez a mais simples possibilidade, assustar a todos para que voltem para Aurora.

— Algo mais é estranho, sabe.

— O que?

— O informante. — eu disse. — Pense, alguém fica sabendo que Gabriel está com problemas e tem a precaução de te chamar, mas usa um dispositivo para disfarçar a voz?

— Talvez tenha medo de ser preso.

— Por ligar para uma linha de informações anônimas?

— Se tem a informação, é provavelmente porque esta perto o suficiente da cena do crime para ser parte dela.

— Ou talvez soubesse que você reconheceria sua voz.

Ambos consideramos por um momento. — Acho que seria melhor se você não lhes dizer que a informação veio de mim. — finalmente disse. Sabia por que ele queria se manter no anonimato, os Brecks ainda não estavam de bem com a Manada. Estavam tentando voltar a entrar, certamente, mas saber que Nick era a fonte de informação sobre um ataque apenas ia fazer com que Gabe suspeitasse mais.





Por outro lado.

— Sou um vampiro, Nick. Se alguém tem informação como essa, porque diria a mim?

— Porque você é a Vingadora de Rabo de Cavalo.

— Não sou capaz de vingar ninguém. E como você sinalizou, sou um vampiro. Não é como se ajudar Berna trouxesse alguém dentro do acampamento vampiro. — deixei sair uma respiração. — Eu direi a Gabe que foi anônimo. Mas se Ethan perguntar, não vou mentir para ele.

Nick ficou em silêncio por um momento. — Combinado. — disse finalmente.

— Vocês virão esta noite?

— Não. Não iremos. Demos o poder a outros membros da Manada, é uma coisa simbólica, outro modo de nos retratar.

— Bem, então suponho que te verei logo. Ou não. — eu disse no caso de que a votação decida por uma retirada dos Metamorfos.

— Boa sorte. — ele disse solenemente e a linha ficou morta.

Informação em mãos; corri de volta a Capela para encontrar Ethan.

Havia mais Metamorfos nos bancos agora, e alguns espalhados com equipamento de sons e pranchetas. Como os Líderes da Manada americana, que eram todos homens, exceto por Fallon Heene, quem estava de pé em frente a Capela com uma camisa preta, bordada, de mangas longas, uma curta saia preta e botas até os joelhos, de estilo militar, seu olhar receoso na congregação. Encontrei Ethan na parte de trás do salão com Gabriel, os dois sozinhos em um canto, de pé lado a lado, seus olhares na multidão. Ambos levantaram os olhos enquanto os saltos de minhas botas ecoavam contra o chão de pedra.

— *Sentinela?* — Ethan perguntou silenciosamente.

Não respondi isto precisava ser dito aos dois.

Decidi que seria melhor me manter o mais agarrada possível a verdade.





— Recebi uma ligação. — disse quando os alcancei. — Não tinha identificação e a pessoa usou um desses dispositivos que distorcem a voz. — levantei os olhos para Gabriel. — Ele disse que havia um contrato para te atacar e que seria esta noite.

Ele fechou os olhos por um instante. — Não é que me surpreenda, mas isso é um maldito inconveniente. A violência leva a violência e eu não quero mais problemas porque alguém pensa que pode superar ao Ápice. Não quero que saibam disso e afete a votação. A Manada precisa estar aqui. A decisão precisa ser feita e feita por eles.

Ethan franziu a testa, essa familiar linha de preocupação entre seus olhos. — O que disse, precisamente, a pessoa que te ligou?

— Simplesmente o que eu disse; que haverá um ataque contra Gabriel e que esse ataque ocorrerá esta noite. Iminente. — acrescentei. — Acho que ele disse..., iminente.

— Não pode, não cancelarei a ConManada. As Manadas virão esta noite com merda em suas mentes. Não podemos simplesmente descartar isso, evitar toda essa energia acumulada de volta ao universo sem saída. Essa seria uma má ideia para a Manada e a cidade.

Dada a seriedade de sua voz e o zumbido elétrico que já começava a se mover pela Capela, à medida que a audiência crescia, concordei com suas palavras. Não precisávamos de centenas de Metamorfs frustrados correndo por Chicago.

— Entendemos sua posição. — Ethan disse. — E admiramos a devoção por sua gente. Mas a continuidade da Convenção não é o único problema. Se eles te tiram do caminho, quebram o equilíbrio de poder. Não..., alteram completamente o equilíbrio de poder. Essas consequências são igualmente ruins. — se Ethan estava sendo franco assim, presumi que ele e Gabriel tinham ultrapassado qualquer tensão persistente.

— O que você sugere? — disse Gabriel.

— Dada nossa limitada quantidade de tempo, a maior quantidade de precauções que possamos tomar. — Ethan disse.

— Não é para ser mórbida, mas se tentarem um ataque, vocês tem ideia sobre possíveis cenários?





— O debate pode ser escandaloso. Não é impossível que tentem levar vantagem do caos, fazer um movimento em meio a ele.

— Então nos manteremos ao seu lado quando a Convocação começar. Sabemos que você é forte, mas não é imortal. Como Merit demonstrou, podemos lidar com tiros, você não pode.

— Não estou certo que me insultar seja o modo de lidar com isso. — Gabriel murmurou.

— Você sabe a que eu me refiro. — Ethan disse. — Em quem você confia na Capela?

Gabriel examinou a multidão por um momento. — Fallon. Confio em Fallon.

— Mesmo que ela seja a próxima na fila de sucessão da Manada depois de você?

Muito lentamente, Gabriel virou a cabeça para mim, seu olhar repentinamente ameaçador. — Você está acusando Fallon de alguma coisa, Sentinela? — magia, adstringente e afiada, eletrizou o ar.

Mantive meus olhos em Gabriel, minha expressão neutra, como se estivesse olhando para um cachorro prestes a atacar. — Não estou acusando ninguém. Estou, sem duvida, fazendo o papel de advogado do diabo com o propósito de garantir a sua segurança. Nesta noite esse é meu trabalho.

Levou alguns segundos para que a magia se dissipasse, mas ele finalmente concordou.

Ethan colocou uma mão em minhas costas. — Daremos um passeio ao redor da igreja, para ver se algo está fora do normal. Falaremos com Fallon em nosso caminho. Mantenha-se dentro da linha de visão enquanto não estivermos.

— Ele é sempre tão mandão; Sentinela?

— Você não tem nem ideia.

— Seja o que for. — Ethan disse. — Daremos atenção e mantenha-se com vida por enquanto. — com a concordância de Gabriel, caminhamos até o canto de Fallon.





— Algumas vezes. — Ethan sussurrou enquanto nos movíamos. — O trabalho de proteger outros consiste em convencê-los de que precisam de proteção em primeiro lugar.





Capítulo 17



Animais Políticos.

Fallon não olhou em nossa direção enquanto nos aproximava-nos, mas pela rigidez dos seus ombros e seu olhar observador, não tinha nenhuma dúvida que sabia exatamente onde estávamos. Mantivemos-nos ao seu lado, assegurando-se que teria uma clara visão do santuário.

— Vamos dar uma volta. — Ethan disse. — Gabriel sugeriu que confiava em você para manter um olho nele enquanto isso.

Fallon lhe dirigiu um olhar. — Meu irmão disse isso?

— O fez.

— Huh. — ela disse; seu rosto repentinamente brilhando de prazer. — Essa é uma agradável mudança. Sintam-se livres para dar uma volta. Tenho as coisas controladas por aqui.

Pelas alteradas correntes de magia ao redor de seu corpo, um sinal que usava armas (no plural) de aço polido, apostava que ela o fazia. Ethan assentiu; logo se moveu para a porta do santuário. Mas Fallon não havia terminado conosco.

— Vocês são amigos de Jeff, verdade?

Parei e olhei para trás. — Ele é um bom amigo, verdade.

Mordeu a borda do seu lábio. — Ele é; ele faz..., qual sua situação? Você sabe, relacionado a namoradas.

Tive que me esforçar para morder um sorriso. — Solteiro. Deveria se arriscar.





Empinou seu nariz e voltou seu olhar para a multidão. — Muitas coisas acontecendo essa noite.

— Isso é verdade. — disse; logo me voltei para o limite da porta da ala lateral da igreja onde Ethan estava de pé me esperando. — Mas ter um companheiro em uma crise pode ser de grande ajuda. De todas as formas, estaremos de volta em alguns minutos.

— Anotado.

Trocamos um assentimento, e me uni ao meu próprio companheiro novamente.

À medida que nos movíamos pela ala lateral, a pressão do ar trocava. Dei-me conta tardiamente que a magia zumbia completamente na capela. Igual a um sapo na panela, nem sequer havia notado até que tínhamos andado alguns passos. Disse para Ethan sobre a acumulação, enquanto caminhávamos pelo corredor.

— É apenas magia. — ele perguntou. — Ou é aço também?

Franzi o cenho. — Não estou certa de poder diferencia-los. Provavelmente ambos?

— Provavelmente. — estive de acordo, logo assinalou as portas que conduziam para fora do vestíbulo principal. — O que são esses?

— Salas de aulas. Enfermaria.

— São lugares pouco prováveis para se fazer planos de assassinato.

— Alguém poderia pensar isso. Se alguém vai fazer uma tentativa contra Gabe, eles provavelmente haviam feito o planejamento em algum outro lugar. — assinalei a última porta. — A última é a da cozinha.

Parou, voltou em meio círculo, e examinou o corredor, seu olhar tropeçando com os folhetos, a arte das crianças, e os pôsteres religiosos. — Algo de interessante ali?

— Minha caçarola com rolo de repolhos conta?

Deu um sorriso sarcástico. — Apenas para você, Sentinela. E agora que estamos fora do ouvido de Gabriel, tem algo que me quer dizer sobre a chamada





telefônica anônima?

— Está sugerindo que não lhe disse a verdade completa?

Olhou de forma inexpressiva.

— Não seria incorreto assumir que aquele que fez a chamada tem uma inclinação jornalística. — Ethan abriu sua boca para responder, mas antes que pudesse formar as palavras, a porta de saída no final do corredor se estalou aberta. Ethan e eu giramos ao redor, mãos em nossas espadas. Dois homens em roupas pretas, sombras em seus olhos, caminharam para dentro. Um dos homens levava um pacote embrulhado em papel marrom, as pontas amarradas com fita adesiva de cor preta. Meu coração deu uma parada. Havia visto pacotes como esse apenas em programas policiais na televisão - justo antes de tudo estourasse em estilhaços. Os vampiros não se preocupavam por estilhaços, especialmente não do tipo de madeira.

— *Prepare-se, Sentinela.* — Ethan disse silenciosamente, como se sentisse meu repentino medo. E desde que sem dúvida estava lançando magia no ar, ele provavelmente o fazia.

— Podemos ajudá-los cavaleiros? — Ethan perguntou.

Ambos os homens arquearam as sobrancelhas sobre seus óculos, mas continuaram avançando. Apesar do tamborilar do meu coração, me movi para ficar ao lado de Ethan, uma barricada de vampiros. Uma canção dos Os Miseráveis começou, estendida antes que o homem pudesse tirar o que seja que estava procurando.

Desabotoei a proteção da manga com meu polegar.

— Whoa. — disse o homem com o pacote, seu acento de Chicago o suficientemente pesado que sangrava através apenas dessa palavra. — Estamos aqui apenas para deixar esta entrega, certo? Estendeu o pacote em suas mãos.

— Segure isso. — Ethan lhe disse, logo voltou seu olhar ao homem cuja jugular estava certamente a polegadas da ponta de sua espada. — E você. — disse ao outro. — Tira sua mão muito, muito lentamente.

O homem engoliu, mas fez o que lhe disse. E quando sua mão estava fora de seu paletó, ofereceu uma carteira de couro. — Apenas estava tirando a identificação, camarada.





— Abra-a. — Ethan disse.

Ele a abriu, e rapidamente levantou para que Ethan a visse, e depois eu.

— Tenho um negócio de importações/exportações. — disse. — Apenas sou um homem de negócios.

— E o que há no pacote?

Os homens trocaram um olhar. — É um presente para, uh, o mandachuva, se entende quero dizer. — ele ergueu as sobrancelhas, como se fosse um gesto para que Ethan entendesse.

— Para seu mandachuva? — Ethan perguntou.

O homem assentiu com alívio. Aparentemente, eles eram membros da Norte América Central (e bom escondendo esse fato), e estavam aliviados de não ter que admiti-lo em voz alta. Talvez viver as escondidas não fosse tão fácil como Tony havia feito aparecer...

— E o que tem na caixa? — Ethan perguntou.

O homem com o pacote se inclinou para frente, umedecendo seus lábios em nervosismo. — É algum tipo de grãos finos, se me entende? Uma colheita de variedade vermelha? É um presente de uma família que é importante aqui em Chicago, para a família do Sr. Keene.

— Ahhh. — disse Ethan em voz alta, depois trocou para o modo silencioso. — *O que há na caixa?*

Inclinei-me um pouco e franzi o cenho, clareando minha mente para bloquear os ruídos externos e a magia.

Mas a caixa era uma lousa em branco, sem metal, sem magia, assim que mudei a um sentido mais simples e tomei uma respiração.

Ali estava.

— É uma bebida. — disse, indo para a direita novamente. — Boa qualidade também; tão longe como posso dizer.

O homem sem o pacote rodou seus ombros e ajustou sua gravata. — Claro





que é boa. Quem acredita que somos?

Ethan sorriu educadamente, colocou sua mão esquerda em sua bainha, e cuidadosamente guardou sua espada. Depois se afastou. — Desfrutem da convocação, cavaleiros.

Voltamos-nos para olhar avançando o corredor.

— Acredito que esses cavaleiros estão conectados, Sentinela.

— Eles estão relacionados?

— Conectados a algo um pouco mais, digamos, organizado?

Levei um momento para que a implicação penetrasse. — Ethan pensava que eles eram mafiosos.

— E os deixou entrar na capela?

— E com álcool de reboque. São membros da Manada com um presente em mão, não podemos deter a cada membro da manada que tenta entrar na capela com uma bebida. — deu uma risada. — A capela estaria vazia.

Eu ri apesar de mim mesma.

Inclinou a cabeça para a porta da cozinha novamente. — Essa era a cozinha?

— Yep.

— Vou buscar algo para beber.

O segui para dentro e esperei junto a porta enquanto ele inspecionava o refrigerador. Tirou uma garrafa de água e bebeu um grande gole. Quando havia acabado, jogou a garrafa vazia e a tampa em um recipiente de reciclagem, logo assentiu para a porta novamente. a abri, e pude ouvir vozes movendo-se para nós pelo corredor.

E desta vez, um zumbido metálico os acompanhavam.

Poderia ser algo simples, Metamorfos que usavam armas como parte de seu curso normal de negócios. Mas isto se sentia..., mal. Silenciosamente mantive uma mão para deter Ethan, depois apontei para a porta, depois ao meu ouvido,





depois levantei dois dedos. Assentiu e se moveu para frente, colocou seu ouvido na porta.

— Pensa que podemos tira-lo? — perguntou um deles.

— Malditamente verdade. Quanto mais rápido fazamos isto, mais rápidos teremos o dinheiro em mãos, assim que definitivamente vou pegar uma maldita oportunidade. — sussurrou outro. Havia ira em sua voz venenosa.

— Hum. Simplesmente não sei se podemos fazer com que isso funcione essa noite. Não como ele o quer. Haverá um montão de malditos corpos nesse salão em alguns minutos.

Ethan arqueou suas sobrancelhas para mim. Assenti.

Os passos se moveram próximos.

— *Armas.* — disse silenciosamente. — *Revolvers, ou facas, eu não sei. Mas estão fortemente armados.*

— *Então nos movamos.* — respondeu.

Ignorando ao batimento nervoso em meu peito, fui a primeira, atravessando a porta da cozinha.

Os dois homens; ambos em jeans, botas e jaquetas de couro, saltaram quando aparecemos, mãos movendo-se para suas cinturas. Presumi que estavam procurando suas armas.

— Cavaleiros. — disse, soltando o protetor da minha katana e levantando-a de sua bainha o suficiente para revelar o brilho do aço. — O que está acontecendo?

Olharam um ao outro, depois para mim. — Temos negócios aqui, vampiro.

— Sim, captei isso. O problema é que estou tendo o pressentimento que seu tipo de negócios não será bom para o resto de nós.

O da esquerda; mais baixo e calvo dos lados, deu meio passo para frente. Deixou descoberto um dos lados de sua jaqueta de couro, revelando uma arma enfiada na cintura de seus jeans ao estilo anos 80.

A visão da arma; cravei meus dedos no cabo da minha katana para evitar





que minha mão tremesse, já havia sido baleada duas vezes esta semana; não estava ansiosa para obter mais.

— Carinho, porque você e seu namorado aí pegam suas pequenas facas e vão por um longo e agradável passeio, sim? Este não é seu assunto.

— O problema é; chefe. — disse desembainhando minha espada e desfrutando a ampliação dos seus olhos. — Que é nosso assunto. Soa como se tivessem algum tipo de problema com o líder da Manada, por assim dizê-lo, e ele é amigo meu.

O mais alto, mais jovem, mais lindo, mas igualmente egoísta, deu uma cotovelada em seu amigo. — Eu me encarregarei desta.

— *Fique atrás de mim.* — disse para Ethan, enquanto o garoto mais jovem dava um passo para frente. Ele foi ao interior de sua jaqueta e tirou uma arma de fogo preto fogo do bolso.

— É bonita. — disse. — Por isso que vou te dar mais uma oportunidade. — moveu a pistola em nossa direção.

— Dê uma caminhada porra, e nós faremos nossos negócios e todo mundo fica contente. Verdade?

Não tinha dúvida de que ele apertaria o gatilho. Ele era do tipo - valente até ao ponto de ser estúpido; narcisista de uma maneira totalmente contra produtor. E embora ele soubesse que nós éramos vampiros, claramente não compreendia o que isso significava - que uma bala, ainda que doesse como uma filha da puta, seria bastante ineficaz para me derrotar.

Coloquei meus olhos em brancos e girei meu pulso para girar minha espada, depois soltei uma ameaça que Celina uma vez havia usado contra mim. — O terei aos meus pés antes que possa ter uma oportunidade.

— Cadela. — ele disse.

Foi a última coisa que disse.

Levantou sua arma, depois levantou sua outra mão para firmá-la, mas eu já estava me movendo. Girei meu corpo, levando minha perna em um chute de varredura alta que tirou a pistola de suas mãos. Golpeou o chão e deslizou atrás de mim, senti a troca do ar quando Ethan se dirigia para ela. Completei o giro,





depois troquei o peso da minha espada e empurrei o cabo contra seu peito tão forte como pude. No que parecia uma câmera lenta, soltou uma respiração e caiu para trás, mãos agarrando seu esterno.

No tempo em que bateu no chão, já havia endireitado minha katana e a sustentava na minha frente, depois levantei o olhar ao seu amigo mais baixo. — E o que há com você amigo? Quer me provar também?

Seus olhos grandes pelo pânico - o ar grosso com magia dele - tomou alguns passos inseguros antes de se virar para a saída. Mas os reforços haviam chegado - dois irmãos loiros Keene estava de pé em frente a porta, braços cruzados e olhares consciente sobre os traidores. Deviam ter sentido o problema - ou Fallon os havia enviado para manter um olho sobre mim Ethan. Garota inteligente.

— Excelente momento. — disse, mantendo um olho no homem no chão até que pudessem alcançá-lo. Ambos mais altos e mais robustos que os intrusos, os tinham em suas mãos em questão de segundos.

— Fazemos o que podemos. — disse o irmão Keene da esquerda, com seu aperto no pescoço do homem que eu havia nocauteado. — Parece que não nos conhecemos. Sou Christopher.

— Bem. — disse o outro, que tinha o pescoço do homem maior debaixo de seu braço. O homem lutava em uma posição estranha, mas Bem nem sequer piscava. Sorria.

— Encantada em conhecer a ambos. — disse, depois voltei meu olhar para Ethan. Ele me olhava fixamente, seus olhos piscina de prata. Achei que consegui impressioná-lo.

— Nada mal para um “soldado comum”, hum? — perguntei tranquilamente, depois reembaiei minha katana e me dirigi de volta a capela. Podia sentir seu olhar nas minhas costas enquanto me afastava por isso decidi fazer uma performance. Parei na porta do santuário, depois olhei sobre meu ombro e sorri vampiricamente através dos olhos estreitados.

— Vem?

Sem para, caminhei para dentro.

Agora isso, amigos, é ao que nós os vampiros chamamos de uma boa saída.





Capítulo 18



Vamos dar a eles algo para falar.

A capela estava praticamente lotada quando nós retornamos, a sala zumbia com magia e armamentos o suficiente para me dar um barato parecido com o da cafeína. Gabriel estava de pé atrás do pódio, conversando com o Adam e outros dois Metamorfos desconhecidos. Enquanto andávamos em direção a ele, eu notei que os homens que nos fariam companhia, sentados nos bancos da igreja, a caixa em cima do colo do homem que a trouxe, ambos conversando educadamente com os Metamorfos ao lado deles.

— Nós precisamos de um minuto. — Ethan falou para ele, e Gabriel dispensou os outros.

— Eu escutei que houve um distúrbio no corredor?

Ethan acenou. — Pode ser que nós encontramos o homem que foi contratado para o serviço. Nós os escutamos falando sobre o dinheiro e o ataque. E eles estavam muito bem armados.

As sobrancelhas do Gabriel se levantaram. — Os caras que foram mandados para me matar estavam falando sobre o ataque na igreja?

— Não são os mais espertos. — eu acrescentei.

Christopher e Bem se aproximaram do Adam, e então se inclinaram para cochichar algo para ele. Adam acenou, e então sinalizou para o Gabriel.

— Já cuidaram deles. — Gabriel disse ríspidamente. O seu tom levantava o cabelo na base do meu pescoço, e eu me lembrei de nunca o irritar. — Nós podemos continuar-

— Há uma chance de quem contratou o assassino irá tentar novamente. — Ethan o avisou. — Que nós tenhamos lidado com aqueles dois não quer dizer que nós eliminamos o risco.





Gabriel esticou o braço e deu um tapinha no ombro dele. — O show deve continuar.

Sem fanfarra, e sem introdução, Gabriel subiu no atril. Ethan e eu tomamos posição à direita dele. Logo à sua esquerda estava de pé o Robin e o Jason. Adam e Fallon estavam de pé no canto esquerdo mais distante. Eu encontrei o Jeff com o público, sentando no final da segunda fileira, de braços cruzados sob o peito, sua expressão séria. Gabriel começou a falar, sua voz ecoando pelo sistema de som da igreja, o som saltando pelas paredes de pedra. E mais estranho ainda, ele estava recitando um poema. Era do Yeats, eu acho, se o meu PhD quase completo em Literatura Inglesa estiver funcionando corretamente.

— Eu tenho escutado os pombos das sete florestas/fazerem os seus trovões fracos. — ele disse. — E as abelhas do jardim/zumbir nas flores das árvores de lima; e serem abatidas/os clamores em vão e as amarguras antigas/aquele coração vazio.

Eu não consegui evitar, meu queixo caiu. Um lugar cheio de trezentos Metamorfos em vários graus de jeans e couro, carregando todo o tipo de armamento, estava agora encarando extasiados o líder da Matilha Central Norte Americana de Metamorfos enquanto ele lia para eles um poema sobre a natureza. Eles acenavam concordando, cabeças sacudindo como fiéis parócos em uma igreja, o que, eu presumo, eles eram.

— Eu esqueci a algum tempo/Tara se desenraizou, e se vulgarizou novamente/em cima do trono e chorando pelas ruas/e pendurando suas flores de papel de poste em poste./Porque está isolado de todas as coisas felizes. / Eu estou contente...

Gabe pausou, erguei o seu olhar, e ergueu as suas mãos para a multidão ao redor dele. Eles gritaram as suas afirmações, alguns de pé, alguns com as mãos levantadas, olhos fechados com vontade enquanto eles celebravam o mundo e anunciavam o seu contentamento. Calafrios subiram nos braços, e não só porque a magia no lugar havia atingido níveis elétricos.

- Porque eu conheço aquela quietude/vagando rindo e comendo o seu coração selvagem/entre os pombos e as abelhas, enquanto aquele Grande Arqueiro, que só aguarda a sua hora de atirar, ainda espera/um tremor nublado...

— Por cima de Pairc-na-lee! — terminou o grupo inteiro junto, e então eles explodiram em aplausos roucos. Sem esperar pelo estrondo se silenciaram novamente, Gabriel derrubou a bomba.

— Tony Marino, líder da Matilha do Grande Noroeste, está morto.





A capela ficou em silêncio imediatamente.

— Nós nos reunimos hoje com as quatro Matilhas, mas com três alfas. Quando nós terminarmos, a Grande Noroeste começará a tarefa de escolher outro para falar pela voz comum, pela Grande Família. Mas hoje, nós devemos nos concentrar nos negócios mais urgentes.

Um homem alto e com aparência grosseira se levantou de seu assento no meio da sala e apontou um dedo na direção do Gabe. — Foda-se isso. — ele disse. — O nosso líder, nosso pai, está morto, e você nos diz isso agora? Isso é uma besteira.

Mais Metamorfos se levantaram dos assentos, suas vozes se juntando ao clamor. Você podia ver a dor em seus rostos, o choque de sua perda. Mas isso não se comparava em nada com a irritação com o líder da Central Norte Americana.

Adam, Jason, e os outros ficaram tensos, movendo-se meio passo para frente como se estivessem se preparando para a violência inevitável. Eu ergui minha mão direita para o cabo da minha katana, para ter mais facilidade para liberá-la se a necessidade aumentar.

— E você trouxe os malditos vampiros para a convocação! — acusou um homem com um estilo militar de se vestir. — Esta é a nossa reunião, nosso encontro. Um encontro da Matilha, de amigos e parentes. Eles o contaminaram.

Gabriel cruzou os braços em cima do peito, esperando enquanto eles lançavam insultos e ódio em sua direção. Ele parecia imperturbável pelas alegações, mas eu estava perto o bastante para sentir a magia nervosa que se erguia do seu corpo em uma onda gordurosa.

Por outro lado, eu entendia porque ele havia insistido em continuar com a convocação. Havia muita emoção na sala, e a cidade estava sem dúvida melhor servida ao permitir que os Metamorfos atacassem na direção do Gabriel – ao invés de ser para o lado de fora, para o resto de Chicago. Gabe tinha ombros largos; eu não tinha dúvida que ele conseguiria aguentar a barragem.

Depois de uns minutos, ele segurou suas mãos para cima. E quando isso não funcionou, ele berrou – com palavras e magia – pela sala.

— Silêncio.

Para o homem, a capela silenciou. E quando Gabriel falou novamente, não havia como se enganar do porque ele ser o líder, ou quais as repercussões seriam para quem não prestasse atenção.





— Vocês estão aqui porque as Matilhas chamaram uma convocação. Se vocês desejam que os assuntos sejam decididos sem a sua participação, vocês não precisam estar aqui. Todos ou nenhum de vocês podem se levantar e sair desta sala com impunidade. — ele se inclinou sobre o atril. — Mas ao ficar ou ir, vocês vão malditamente seguir os ditados das Matilhas. Esta é a nossa maneira. Esta é a única maneira. E isso não está aberto para debate.

A energia coletiva na sala diminuiu, como se os Metamorfos na capela tivessem enfiado os seus rabos no meio das pernas.

— Vocês estão certos. — ele continuou. — Há vampiros em nosso meio, e isso é uma mudança no protocolo da Matilha. Nós não somos como eles, e talvez nós nunca curemos as feridas entre o nosso povo. Mas podem ter certeza, a guerra está chegando, vocês gostando ou não. E vocês estão certos, eles são vampiros que se importam muito pouco com as Matilhas, assim como há membros da Matilha que estão dispostos a assassinar os seus alfas. Mas eu tenho visto coisas.

Você poderia escutar uma agulha cair na sala com aquela revelação. Os membros da Matilha deviam confiar em qualquer que fosse a profecia que o Gabriel estava prestes a fazer.

— Eu vi o futuro. — ele disse. — Eu tenho visto o futuro da minha criança. — ele apontou um punho contra o seu peito. — Meu filho. Eu tenho visto o rosto daqueles que o manterão a salvo quando os tempos se tornarem difíceis para todos nós.

Ele baixou o seu olhar, e quando ele o levantou novamente, com conhecimento em seus olhos, ele virou a cabeça... e ele olhou para mim. Havia um pedido em seus olhos.

Meus lábios se abriram.

— Os vampiros o manterão a salvo. — ele disse, e nós nos encaramos, e eu vi os eventos ocorridos em seu futuro, e o meu, em seus olhos. Sem histórias certas, sem datas, mas eu vi o bastante, incluindo os olhos de seu filho, e outro par de olhos verdes, olhos que pareciam nada e tudo, como o do Ethan. Eu não tinha como saber o quão poderoso e preciso eram as visões dos Metamorfos..., mas parecia um soco.

Lágrimas irritaram os meus olhos, Gabriel desviou o olhar novamente.

Eu baixei meu olhar para o chão, tentando absorver o que ele havia dito, tentando manter a minha respiração de ficar rasa para que eu não desmaiasse dentro da igreja.





— Merit? — Ethan silenciosamente perguntou, mas eu balancei a minha cabeça. Isso precisava ser processado antes que precisasse ser debatido. Antes que eu estivesse pronta para discuti-lo..., isso se eu ficasse pronta para discuti-lo.

A multidão se aquietou novamente, o peso da informação que o Gabriel havia compartilhado era o bastante para fazê-los pensar, fazê-los considerar seriamente as coisas que ele ia pedir para eles.

— Vocês enfrentarão a morte. — ele disse para eles. — A morte do Tony, e possivelmente a de outros, se nós ficarmos. Mas nós enfrentaremos da mesma forma, a morte se nós formos. O mundo é um lugar cruel. Nós sabemos disso. Nós vivemos pelo seu código, um código diferente dos vampiros ou da humanidade, mas é o nosso código, da mesma forma. Esta é uma decisão que vocês devem tomar esta noite.

Ele segurou as mãos para cima. — Vamos começar as discussões.

“Discussão” era uma boa palavra para o que começou. Logo que o Gabriel abriu o andar para a discussão, a maioria dos Metamorfos que já berravam para o Gabriel se virou e foi embora. Aquilo incitou aqueles duzentos Metamorfos que permaneceram a se levantarem e gritar para os desertores. Caos, com certeza.

Gabriel revirou os olhos, mas saudou aos que saíram.

— Deixe-os ir. — ele disse no microfone. — Eles não são obrigados a ficar. Nenhum de vocês é obrigado a ficar. Mas quer você vá embora ou fique e participe você terá que manter a decisão que for tomada aqui. — era claro pelo tom de sua voz e a ameaça em seus olhos que ele não estava fazendo um pedido. Ele estava emitindo uma ordem, lembrando a Matilha de suas obrigações. Aqueles que escolheram ignorar essas obrigações o faziam a sua própria conta e risco. Os Metamorfos que sobraram foram os castigados, o debate sobre o futuro deles havia começado de verdade. Um microfone havia sido colocado no meio da nave central da igreja para os Metamorfos usarem. Eu não muito contente com a sua localização – dava a qualquer um que subia ao microfone um tiro limpo no Gabriel, mas então não havia muito como remediar isso. Mas isso não significava que eu não pudesse ser pro-ativa. Sem pedir a permissão do Ethan, eu havia visto o medo em seus olhos quando eu havia ajudado a Berna no bar, eu deixei o meu posto ao lado dele e andei para a frente da igreja, e então fiquei em pé diretamente na frente do pódio. Balas, e Metamorfos, que quisessem atirar no Gabriel teriam que passar primeiro por mim.

— Bem pensado. — Ethan silenciosamente cumprimentou. Mas um aviso antes teria sido bom.





— Melhor pedir perdão do que permissão. — eu o lembrei.

Apesar dos Metamorfos serem de uma gama de tamanhos, formas e tons de pele, as opiniões que eles expressavam no microfone caíam em duas categorias. A metade estava puta com a ideia de terem que deixar a casa deles e os negócios para ir a Aurora. A maioria deles gritava para nós, gritava para o Gabriel, fazendo gestos grosseiros. A outra metade não queria ter nada a ver com os vampiros ou a política vampírica, e eles estavam convencidos que a ameaça para o bem-estar deles enquanto uma sociedade era em essência vampírica.

Depois de longos minutos vitriólicos monólogos, o último orador alcançou o microfone.

Ele era alto e corpulento, um casaco preto gigante de couro sobre o seu peitoral largo. Ele usava uma bandana em sua cabeça, e a sua longa barba havia sido presa em duas partes. Depois de esperar pacientemente pela sua vez de falar, ele foi para o microfone, e então gesticulou em direção ao Gabriel.

— Você me conhece, senhor. Eu não sou aquele de palavras ou conversa. Você sabe que eu trabalho duro, seguir as suas regras, fazer certo para a minha família.

Eu não conseguia ver o rosto do Gabriel, mas dado a suave sinceridade na voz do grandalhão, eu imaginei ele acenando em concordância.

— Eu não vejo o futuro, então eu não sei sobre a guerra. Eu trato de cuidar da minha gente, e eu não sei muito sobre vampiros ou os tipos deles. Eu não sei o que vem a seguir na estrada, que tipo de coisas nós veremos quando a poeira subir, ou quando ela baixar novamente. Francamente, eu não sei exatamente porque estamos aqui, ou porque nós achamos que devemos fugir. — ele engoliu duramente. — Mas eu vivi entre os humanos por muitas, muitas luas. Eu já estive em guerras humanas e lutei ao lado deles quando eu pensei que fosse necessário. Eles se prontificaram em me defender e defender aos meus.

— Eu também ouvi que estes vampiros fizeram coisas boas por nós. E aqui eles estão novamente, e eles se prontificaram a proteger você como eles estão dispostos a aceitar qualquer perigo que venha na sua direção. — ele deu de ombros modestamente. — Políticas e tal não é a minha área, mas eu sei o que é o certo. Eles vão para frente, mas nós não? — balançou a cabeça. — Eu não quero te desrespeitar ou aos seus irmãos, mas isso não está certo. Só não está.

Ele acenou para mim, este homem de jaqueta de couro, e então se virou e andou humildemente de volta para o seu banco no meio da igreja. Ele deslizou





para dentro, e então se sentou, piscando como se ele estivesse esperando pelo que fosse acontecer a seguir.

Meu coração doeu com emoção. Eu não podia de jeito nenhum deixar o meu posto, mas eu o assisti até ele fazer contato com os olhos, e então eu ofereci um aceno. Ele acenou de volta, duas pessoas que deveriam ser inimigas reconhecendo a virtude do outro.

A vida como uma vampira não era sempre como eu esperava que fosse.

— Como é o nosso jeito. — Gabriel disse para a capela silenciosa. — Nos bancos estão os pivetes. Um negro, outro branco. Negro, nós retornamos para a santidade das Sete Matas. Branco, nós ficamos. Nós arriscamos a luta, qualquer que seja essa luta. Coloque o seu voto na caixa enquanto nós a passamos. Se você tem uma procuração, você pode dar estes votos, também. Vote de acordo com a sua consciência. — ele disse.

Jason desceu da plataforma, com uma caixa de madeira em suas mãos. Ele a carregou para a parte de trás da capela, e então a entregou para o último homem da última fileira. Levou dezoito minutos para a votação terminar – dezoito minutos de arrebentar com os nervos, durante o qual a maioria dos Metamorfos na sala me deu olhares alternadamente curiosos e sérios. Eu tinha que trabalhar para não me mexer desconfortavelmente sobre o peso do olhar fixo coletivo. Quando a caixa havia atravessado a campela, Jason a levou novamente para frente da sala, e então a contagem começou. Um grande quadro, não muito diferente do marcador para um jogo de cribbage, foi colocado sobre a mesa onde a caixa estava descansando.

Enquanto cada um dos mármore em forma de pivete era retirado da caixa, eles iam sendo colocados em cima do suporte. Preto, branco, em seguida, depois preto, em seguida, três brancos, em seguida, seis pretos, e assim por diante. Embora o meu novo amigo tivesse falado eloqüentemente, os Metamorfos não tinham sido completamente convencidos. Seja qual for a votação, não seria unânime.

Depois de alguns minutos contando, Gabriel saiu da plataforma, e então foi ao meu lado, se movendo mais para perto da multidão. Ele estava simbolicamente se juntando a eles novamente, se comprometendo a aceitar a decisão deles, qualquer que ela fosse.

Gabriel segurou um punho fechado para cima. — O último pivete. O pivete decisivo. — ele abriu a sua mão. O mármore era branco. Eles iam ficar.

Por um cinco segundos inteiros, houve silêncio.

E então o caos começou.





Nós estávamos certos, infelizmente. Apesar dos homens no corredor terem algo contra o Gabriel, eles não eram os únicos. E eles não ligavam para o voto – eles haviam planejado afetar o balanço de poder após.

A sala explodiu com som quando os Metamorfos começaram a correr para o palco, desembainhando armas e facas de suas roupas de couro enquanto eles se moviam. Eu estava mais perto do Gabriel, então eu desembainhei minha espada e pulei na frente dele até que o Ethan e o Adam apareceram para levá-lo para trás do pódio. Com o Gabriel protegido, Fallon, Jason e Robin pularam para o piso da capela. Fallon puxou duas adagas de suas botas e se juntou a mim na frente. Jason e Robin chamaram o Jeff, e então se moveram para os lados da capela para comandar os ataques nas laterais.

Eles não eram os únicos que haviam pulado em defesa do Gabriel; seja como for que os Metamorfos se sentiam sobre o voto, os pivetes haviam sido contados, e a decisão havia sido tomada. O resto deles teria que concordar com a decisão. Eles ficariam e lutariam.

E eles não tolerariam traidores no meio deles.

— Mande o Christopher e o Ben para as saídas. — eu silenciosamente disse ao Ethan. — Se isso foi lá para fora, alguém vai chamar a polícia. Nós não precisamos disso agora. Fallon e eu dividimos um aceno, e então nos preparamos as nossas armas.

A primeira onda era só bravata. Um homem de jaqueta de couro veio até mim com um sorriso matador e um revólver.

— Oh, isso é quase fácil demais. — eu disse com um sorriso, e antes que ele pudesse responder, eu coloquei os meus dedos ao redor da mão com o revólver, e dei um chute baixo de um lado da cabeça dele tirando-o de sua missão.

Eu olhei para baixo para o bracelete de corvo no meu pulso. Pode não fazer muito sobre a animosidade em relação aos vampiros, mas era ótimo para dar porrada. O próximo metamorfo na fila optou por uma faca, e ele era mais rápido que o seu amigo que agora dormia. Ele usou pequenas investidas e facadas que teriam me pegado se eu fosse uma vampira mais lenta. Mas eu era rápida, e eu podia desviar dele, e ele não era o mais criativo dos lutadores. Infelizmente para ele. Ele usou as mesmas pequenas investidas e facadas repetidas vezes. Desarmar ele foi coisa fácil, e eu o derrubei com um joelho no peito que tirou o ar dele. Eu olhei em volta e encontrei a Fallon me assistindo divertidamente.

— Eu gosto de você. — ela disse sua própria pilha de Metamorfos sangrentos aos seus pés. — Você é bem organizada.





Eu sorri de volta. — Eu odeio bagunça.

Enquanto nós tínhamos um segundo, eu olhei ao redor para assimilar o resto da ação. Havia Keenes a postos nas saídas traseiras e laterais da capela para manter a briga contida. Jason e Robin estavam nas alas, lutando contra os seus próprios bandos de Metamorfo raivosos. A falta de visão do Robin claramente não impactava a sua habilidade de chutar algumas bundas. Cerca de um terço da congregação ainda estava sentada; os outros dois terços estavam lutando um com o outro em qualquer espaço apertado que eles pudessem encontrar.

— Que conferência. — eu murmurei, e então posicionei o meu corpo para o segundo round.

O segundo onda de agressores havia nos visto vencer a primeira onda, então os seus rostos não estavam tão confiantes. Mas eles tinham aquele sorriso, e expressão determinada de crentes – eles não ligavam se eles iam ganhar ou não; esta luta era sobre princípio. Eles também eram lutadores mais espertos; eles esperavam para ver se a infantaria ia se mover, e eles sabiam como nós lutávamos.

Pelo menos eu pude usar a minha espada dessa vez.

O primeiro metamorfo era uma mulher, uma coisinha pequena com cabelo enrolado e curvas, adagas góticas em suas mãos. Ela era ágil com o seu metal e boa em defender os meus golpes. Mas ela não atacava; os movimentos dela eram todos defensivos. Isso queria dizer – pelo menos eu presumi – que ela se cansaria antes que eu. Mas não havia sentido em atrasar o inevitável.

Quando ela me pegou no antebraço, eu coloquei o plano final em andamento. Eu ataquei, reorganizando as nossas posições para que ela estivesse de pé a alguns metros na frente da primeira fileira de bancos, com as costas viradas para o banco. Um chute de lado em seu torso a jogou contra os bancos. Ela atingiu o banco e afundou, caindo no chão, ainda de pé, como se estivesse tirando uma soneca.

— Atrás de você! — Fallon gritou.

Eu me abaixei e escutei o whoosh de um chute voar por sobre a minha cabeça. Eu rodei e chutei com as duas pernas em direção ao metamorfo atrás de mim. Eu não estava perto o bastante para um ataque frontal inteiro, então ele caiu para trás antes de recuperar o seu equilíbrio e vir atrás de mim novamente. Fallon, já terminada com o seu grupo de traidores, usou uma mão para enfiar os seus longos cachos atrás de sua orelha, e então delicadamente esticou o pé com as botas para frente. O homem tropeçou e caiu de quatro, braços rodando enquanto ele batia no chão. Fallon o empurrrou para ficar de costas, e então colocou a sua





bota no pescoço dele até ele desmaiar pela falta de oxigênio. Com as mãos nos quadris, ela olhou para mim.

— Eu agradeço a ajuda. — eu disse para ela.

— Qualquer hora. Você é boa.

— Você também é. — eu disse, com um sorriso, pensando que o Jeff teria definitivamente suas mãos ocupadas.

O santuário estava uma bagunça. Dois bancos estavam quebrados. Velas estavam viradas, derramando cera no chão, e havia buracos de balas nas colunas de mármore. Os Metamorfs violentos haviam sido amontoados em pilhas na maior parte inconscientes, pronto para as suas punições. Eu limpei a minha katana com a beirada da minha blusinha, e então a deslizei de volta para a sua bainha. Ela merecia uma limpeza melhor, mas isso teria que esperar até nós estarmos seguros em casa novamente.

Eu vasculhei a multidão e encontrei o Jeff e a Fallon em um canto. Eles conversavam seus corpos próximos, a linguagem corporal deles falando de uma preocupação similar..., e interesse mútuo. Jeff olhou para cima e em volta.

— Você está bem? — eu balbuciei.

Ele me deu um sinal de ok antes de se voltar para a Fallon. Eu tinha tudo mas eu havia perdido ele, eu pensei com um sorriso. Mas quem melhor para manter o Jeff ocupado – e sorrindo – do que a linda, herdeira dominadora da adaga da Matilha Central Norte Americana?

Com o Jeff seguro, eu me movi novamente para o pódio para checar os guarda-costas.

Ethan, Adam, e o Gabriel estavam sentados nos bancos do coral. Ethan encontrou o meu olhar e acenou – um empregador satisfeito com o esforço de sua empregada. Infelizmente, desta vez foi o Gabriel que havia sido atingido – um tiro no seu bíceps esquerdo. Adam cuidou dele, envolvendo o que parecia ser uma toalha do altar ao redor da ferida para estancar o sangramento. Gabriel olhou para mim.

— Então. — ele disse, com um indício de sorriso em seus lábios. — Eu acho que vamos ficar.

— É isso que eu ouvi. — eu disse, e então adotei um tom de professora. — Eu realmente vou precisar ver um melhor comportamento das suas crianças.

Ele sorriu grandemente. — Eu gosto de sua esperteza, Gatinha.





Eu acenei para o elogio, e então olhei para o Ethan. — Você está bem?

— Bem. Você e a Fallon fizeram uma boa equipe.

— Não dê ideias a elas. — Gabriel murmurou, e então deslizou um olhar estreito para o Adam. — Você poderia apertar isso um pouco mais?

Adam deu um sorriso grunhido para ele enquanto ele desamarrava a pretensa bandagem. — Eu fui ensinado por um certo irmão mais velho a não fazer as coisas pela metade.

— Sim, e olhe o quanto isso deu certo para mim. — Gabriel disse pesarosamente, observando o santuário. — Nós quase destruímos uma igreja. Apesar de que o estrago não foi tão ruim quanto a reunião de noventa e dois.

— Ou noventa e quatro. — Adam adicionou com um sorriso perverso. Ele esfregou uma mão pelo seu estômago. — Noventa e quatro foi uma viagem louca.

Gabriel deu uma risada grave, e então bateu os punhos com o seu irmão. — Verdade, verdade.

— O que acontecerá com os lutadores? — eu perguntei.

Gabriel ficou de pé, segurando o seu braço. — Nós teremos uma pequena discussão sobre o comportamento da Matilha e o que significa aceitar as regras da Matilha.

— Eles tentam te matar, e eles só ganham uma discussão? — eu pensei alto.

Gabriel me deu um olhar irônico. - Eu não digo “discussão” literalmente.

— Você os punirá da mesma forma? — Ethan perguntou. — Quero dizer, aqueles que armaram o ataque e aqueles que realmente tentaram te matar?

Gabe murmurou algo que eu não escutei. Dado o seu tom, eu presumi que era algo não muito bom sobre os vampiros. — Nós não os colocamos em uma fila e começamos a atirar neles, Sullivan. Há graus de culpabilidade, da mesma forma que há no mundo humano. E quanto à convocação, a decisão foi tomada. Independente do contrato ou do ataque, eles votaram o que eles votaram, e as Matilhas ficarão. — ele olhou para o Ethan. — As coisas que nós discutimos, sobre amizade? O meu povo está muito agitado para isso agora. Talvez no futuro, talvez nunca, mas certamente não agora.

Ethan fez um bom trabalho de manter a sua compostura diante da rejeição do Gabriel, mas eu sabia que ele estava xingando por dentro. Ele havia





praticamente apostado a Casa, ou pelo menos a Sentinela dele, na possibilidade de uma aliança entre Cadogan e a Matilha.

— Entendido. — Ethan disse. — Mas o ataque não foi cumprido. Você ainda está vivo. Isso significa que ainda há uma possibilidade de alguém tentar mais uma vez.

Gabriel balançou a cabeça. — A liderança da Matilha passa pela família. Então se algo acontecer comigo, Fallon se torna a líder, e então Eli, e assim por diante até o Ben e o Adam. A única razão para me matar seria influenciar o voto. Mas o veredito foi alcançado, então não há chance para isso agora. — ele deu de ombros.

— Pelas minhas contas, estou livre.

Eu não estava certa se eu acreditava na teoria do Gabriel, especialmente já que a violência havia explodido depois que os votos haviam sido contados, mas eu entendi a vontade de seguir em frente e liberar os vampiros de seu campanário. Além disso, nós não podíamos cuidar dele vinte e quatro horas por dia. Nós mal tínhamos equipe suficiente para cobrir a nossa própria Casa. Gabe, estendeu sua mão não machucada para o Ethan.

— Obrigado novamente pela sua ajuda. Sua Sentinela faz um bom trabalho.

Eles balançaram as mãos. — Sim ela faz. — Ethan disse.

— Talvez seja hora para pensar sobre aquele aumento.

— Não force sua sorte, Sentinela.

Uma garota tinha que tentar.

Eu tirei a minha jaqueta de couro quando nós retornamos para a Mercedes, a calor de junho fornecendo isolamento o bastante. Mas demorou alguns minutos de direção antes que eu notasse a pequena protuberância no meu bolso.

— Oh, droga. — eu murmurei.

Eu alcancei o bolso da jaqueta, e então puxei o fone de ouvido que o Luc havia me dado. — Eu esqueci totalmente de usar isso.

Com uma sobrancelha levantada, Ethan alcançou dentro dos bolsos de seu jeans e puxou o seu fone de ouvido. Eu acho que eu não fui à única vampira esquecida. Ele me ofereceu um sorriso secreto.

— Não vamos contar ao Luc sobre isso, talvez.





— Você sabe do que mais?

— O que Sentinela?

— Eu também esqueci os meus rolinhos de repolho.

Ele revirou os olhos, mas ele estava sorrindo enquanto fazia isso. — Você terá que viver sem eles, porque você não poderia me pagar o bastante para voltar para aquela igreja.

— Metamorfo demais hoje?

— Mais que demais, Sentinela. E a ironia é, nós o convencemos a ficar.

— Bem, isso é um tipo de vitória, não é?

— Dada as nossas outras opções, eu acho que sim. Você fez bem hoje, e eu quero dizer isso sinceramente. Você mostrou muita bravura, e você executou bem. O seu trabalho honra a Casa Cadogan.

O tom do Ethan era solene, sincero. Eu escutei o seu tom de Mestre vampiro de apreciação; isto era diferente. Mais como afeição do que aprovação profissional. E já que foi ele que tinha me afastado – algo que ele havia feito a seu próprio risco – eu optei por ignorar o que aconteceu. Ser rejeitada e tentar permanecer profissional – empurrando os meus sentimentos para me focar na tarefa em mãos – já era difícil o bastante. Eu não podia aguentar o remorso dele, também, e não era justo ele tentar me usar para fazê-lo se sentir melhor.

Então eu mantive o clima ameno. — Era o mínimo que eu podia fazer.

Ele se mexeu no assento como se estivesse se preparando para um monólogo. Eu pensei rápido; e então fiz a minha jogada. Eu liguei o rádio, encontrei uma estação tocando uma música que eu tinha que cantar junto, e então abri a minha janela. Eu inclinei um cotovelo na porta e virei o meu rosto para o vento, deixando a cidade e o som chegarem a mim. O resto do caminho foi silencioso.

Talvez ele entendesse a dica.





Capítulo 19



Noite das garotas.

Quando nós chegamos de volta na Casa, Ethan me deu as últimas horas de escuridão de folga, e então seguiu para a Sala de Operações para atualizar o Luc. Eu imediatamente segui para o meu quarto e para o chuveiro para esfregar o resíduo de magia, e então coloquei uma camiseta e uma calça de ioga e fui para a cozinha do segundo andar. A convocação havia sido exaustiva – fisicamente e mentalmente. Eu terminei dois litros de sangue da reserva da geladeira antes que eu pudesse sentir-me inteira novamente.

Quando eu estava saciada, e depois de eu ter mandado um SMS para a Mallory para informá-la que o Ethan e eu havíamos conseguido passar pela convocação; ilesos, eu decidi falar com a Linds. Seria tão fácil eu me trancar no meu quarto com um livro, mas eu era a cadeira social da Casa. Sem problemas em manter essa promessa. Eu podia ouvir o quarto dela antes que eu pudesse vê-lo, enquanto o barulho se derramava pelo corredor da porta aberta de Lindsey. Eu dei uma olhada para dentro e encontrei Margot, Lindsey, e Michelle se preparando para o que parecia ser uma noite tardia na cidade.

— Ei! — Lindsey disse, acenando de seu lugar na frente do espelho. — Nós estávamos indo te pegar. Já que você conseguiu chutar algumas bundas na convocação. — o quarto explodiu em aplausos. — Nós decidimos te sequestrar e te levar ao Temple Bar!

— Nós queremos que você saiba que nós te apoiamos. — Margot disse com um aceno e um sorriso, erguendo uma taça de vinho. — Especialmente desde que você esteve..., um...

— Mal utilizada? — Michelle ofereceu.

Margot sorriu bobamente. — Obrigada, Chelle. Mal utilizada.

— É a noite só de Cadogan no Temple. — Lindsey disse. — O que significa sem presença de humanos e vampiros Navarre. Então nós vamos passar as





últimas horas antes do amanhecer tomando alguns drinks, conversando, e no geral nos divertindo, sem Mestres. E isso não é um passeio opcional. — ela adicionou, quando eu abri minha boca para implorar para não ir.

— Foi um longo dia.

— Que é exatamente o porquê de você precisar disso. — Lindsey disse.

— Há alguma chance de eu sair fora dessa?

— Nem um pouco.

— Então eu acho que estou dentro.

Lindsey piscou, mas então fez uma careta enquanto ela olhava a minha roupa. — Primeira coisa, o guarda-roupa. — ela se virou para as outras vampiras e girou um dedo no ar. — Preparem-se, e então nos encontrem na antessala em vinte minutos. Os táxis estarão lá.

Quando ela tirou todas para fora, nós voltamos para o meu quarto.

— Então. — ela disse quando finalmente se acomodou em frente à porta aberta do meu guarda-roupa. — Esta é a primeira vez que você sai conosco desde a Recomendação. É também a primeira vez que você sai desde que, você sabe...

— Fui largada? Jogada? Substituída?

— Há uma maneira educada de dizer isso?

— Não realmente. Para quê?

— O meu ponto é, a melhor vingança é uma vida bem vivida ou algo assim. Isso significa que você precisar estar completamente, insanamente fabulosa, e você precisa se divertir fantasticamente. — ela tirou uma camisa azul clara sem mangas com um decote drapeado de um cabide, e em seguida, pegou uma calça reta preta. Com a vestimenta montada, ela se virou para mim. — O lugar estará cheio de vampiros Cadogan, e você sabe que as palavras viajam. Isso significa que é hora de ensinar uma lição a ele.

Eu fiz uma careta. Eu não queria brincar de “ensinar uma lição ao Ethan”, especialmente já que eu estava trabalhando em ignorá-lo, mas eu sabia que eu havia sido vencida. Eu ergui uma mão, e então abri e fechei meus dedos. - Me dê. - eu disse, e então peguei o monte e segui para o banheiro. Dez minutos depois, eu saí com um rabo de cavalo e de batom, o meu biper preso na cintura. Lindsey havia exigido que eu usasse o meu cabelo preso. Combinado com o decote, ela explicou, era a maneira vampírica de anunciar que você era solteira..., e que a sua





carótida estava disponível. Eu não estava muito interessada em procurar por amor, mas eu imaginei que discutir isso iria demorar muito.

Nós seguimos escada abaixo, onde o resto de nosso grupo esperava igualmente estilosos, com trajes que mostravam o pescoço. Como uma mulher em uma missão, Lindsey fez um sinal com a mão, e nós obedientemente seguimos para fora. Uma fila de táxis branco e pretos estavam estacionados do lado de fora da Casa, prontos para nos levar ao Temple Bar. O boteco oficial da Casa Cadogan estava situado no meu bairro favorito, Wrigleyville, a algumas quadras do Campo Wrigley. Os paparazzis tiraram fotos enquanto nós nos espremiávamos nos táxis, e os seus camaradas de profissão estavam esperando do lado de fora do bar quando nós chegamos quinze minutos maravilhosos sem tráfego depois. (Havia vantagens óbvias em sair de casa quando o resto da população estava dormindo.) Nós fomos levados para dentro do bar, uma placa de FESTA PARTICULAR na porta avisava aos humanos e outros que eles não entrariam essa noite. Sócios, eu acho, tinham os seus privilégios.

Mesmo estando tão tarde quanto estava o bar ainda estava pulando, os dois barmans – Sean e Colin – passavam drinks enquanto um rock clássico tocava no sistema estéreo. Lindsey nos guiou pela multidão de vampiros para uma mesa marcada como RESERVADA.

Diferentemente da Casa Cadogan, o Temple Bar não possuía pinturas finas e antiguidades cuidadosamente escolhidas. Mas possuía equipamentos novos e antigos dos Cubs de todo o tamanho e formato – jaquetas antigas, flâmulas, bonecos. Como você pode ter imaginado, eu me senti em casa.

Nós havíamos acabado de puxar umas cadeiras e sentado quando o Sean apareceu do outro lado da mesa. Como o Colin, Sean era alto e magro, e ele tinha um cabelo curto e vermelho dando um formato a um rosto oval e olhos brilhantes azuis. Sean era bonito de uma maneira séria e antiquada, como se ele tivesse saído de uma fotografia de um batalhão da II Guerra Mundial.

Por outro lado, ele era um vampiro, e imortal. Ele podia muito bem ter sido um membro de um batalhão da II Guerra Mundial. Sean cruzou seus braços e nos olhou divertido. — E o que traz os melhores de Cadogan para o nosso pequeno pedaço esta noite?

Todos apontaram para mim. Minhas bochechas esquentaram.

— Ahhh. — ele disse, e então olhou para mim. — Então nossa Sentinela finalmente escapou do confinamento?





— Ela escapou. — Lindsey disse, colocando um braço ao redor dos meus ombros. — Ela cumpriu seu dever com os Metamorfos e agora ela está trabalhando em um pouquinho de esquecimento. O que você recomendaria?

— Hum. — ele disse, me olhando de cima a baixo. — Feminino ou masculino?

Eu pisquei para ele. — Como?

Ele se moveu para o meu lado da mesa, e então se agachou em um joelho, uma mão nas costas da minha cadeira.

— Mulheres que bebem socialmente tendem a cair em duas categorias. — ele disse com uma confiança de um sociólogo e um provedor de espíritos, os trabalhos tendo muito em comum. — Mulheres que bebem femininamente: mulheres que tomam coisas coloridas em taças de Martini, vinho branco, bebidas geladas; e mulheres que bebem masculinamente: mulheres que não têm medo de dar um gole em um uísque irlandês, ou um pouco de um Scotch seco. Que tipo de mulher você é, minha Sentinela?

Eu sorri de volta para ele por debaixo das minhas franjas. — Por que você não decide?

Ele piscou. — Eu gosto de uma garota animada.

Bem, ele definitivamente iria gostar de mim.

Sean aparentemente considerou-me digna de uma bebida masculina. Ele trouxe uma taça gordinha até a metade com gelo e um líquido dourado. — Você pode lidar com isso. — ele avisou em um sussurro, e então seguiu em frente para colocar drinks na frente de todos.

Com cuidado, eu ergui a taça e cheirei. Eu nunca havia sido muito de beber, e isso cheirava somente um pouco mais saboroso que óleo diesel. Mas eu gostei da ideia de ser uma garota que pedia um scotch com gelo – presumindo que era isso. Havia algo foda sobre isso, como ser a garota que dirigia um Wrangler²³, a garota que usava a calça jeans do namorado, a garota que brincava de bandeirinha com os caras em um dia frio de outono..., e ganhava. Eu ergui a taça e dei um gole cuidadoso..., e então passei os próximos segundos tossindo.

Margot, rindo ao meu lado, me deu tapinhas nas costas. — Como está o drink, Sentinela?

²³ <http://www.ajeepthing.com/images/2007-jeep-wrangler-4drs.jpg>





Eu balancei minha cabeça, um punho na boca enquanto eu tentava recuperar o meu fôlego. — Combustível de foguete. — eu cuspi.

— Você o deixou escolher o seu drink?

Eu concordei.

— Sim, esse foi o seu erro. Nunca deixe o Sean ou o Colin escolherem a sua bebida, Merit. Eles possuem um lado sádico. Mas eles fazem isso com todos, se isso faz você se sentir melhor. — ela levantou sua taça. — Bem vinda ao clube.

— Falando no clube. — eu perguntei para ela, acenando para os festeiros a nossa volta. — De onde todas estas pessoas vieram? Deve haver uns cem vampiros aqui.

— Lembre-se, há ainda trezentos e poucos vampiros afiliados a Cadogan, mesmo se eles não morem na Casa. Por alguma estranha razão, aqueles duzentos não possuem desejo de brincar de fraternidade de vampiros e sair com o resto de nós.

Dada à semana que eu tive até agora, eu não achei que fosse um mistério do por que.

Nós passamos as próximas horas conversando, eu segurando a bebida nas mãos como se estivesse me proporcionando o calor necessário, e dando um gole somente quando a minha garganta havia se esfriado suficientemente de cada bebida anterior. Os vampiros ao meu redor deliciaram-me com histórias sobre a vida na Casa Cadogan – de quando o alarme de incêndio disparou durante a Recomendação de 2007, até o boicote em 1974 ao Blood4You, até a invasão do portão por um residente audacioso de Hyde Park que estava convencido que a Casa era o local secreto para rituais ocultos.

De repente, Margot baixou sua bebida, empurrando a sua cadeira para trás, e então subiu em cima dela. Quando ela ficou de pé, ela apontou para o bar. Sean sorriu de volta, e tocou um sino de bronze que pendia de um poste curto atrás do bar.

O lugar inteiro irrompeu em aplausos estridentes.

— O que está acontecendo? — eu murmurei para Lindsey, mas ela levantou uma mão.

— Só continue escutando. Você entenderá.

— Vampiros Cadogan. — Sean gritou, enquanto cada vampiro no local ficava em silêncio novamente. — Agora é a hora de participarmos de uma tradição





de orgulho do Temple Bar. Não que a tradição seja de orgulho, mas o Temple Bar certamente é.

— Vida longa ao Temple Bar! — os vampiros gritaram em uníssono.

Sean ofereceu uma reverência de rei, e então gesticulou em direção à Margot.

Houve assobios da galera, e então uma chiadeira de madeira enquanto as cadeiras eram viradas em direção à ela. Ela levantou as mãos.

— Senhoras e vampiros. — ela gritou. — É hora de uma rodada de bebidas honrando os vários e diversos tiques de personalidade do nosso maior Mestre, Ethan Sullivan!

Eu não pude resistir o sorriso que se espalhou pelo meu rosto.

— Essa noite, nós recebemos em nosso sagrado encontro..., nossa Sentinela! — ela levantou a taça para mim, como todos os vampiros no lugar também fizeram. De bochechas vermelhas, eu levantei a minha taça praticamente cheia para o restante deles, acenando a minha cabeça em reconhecimento.

Margot olhou para mim, com a taça ainda levantada, e piscou. — E que a Lacey Sheridan, Deus abençoe sua alma, se engasgue.

A sala explodiu em aplausos. Minhas bochechas doíam do sorriso em meu rosto. Lindsey se inclinou e apertou um beijo na minha bochecha.

— Eu te disse que você precisava muito disso.

— Eu realmente precisava muito disso. — eu concordei.

— Todos se divirtam. — Margot disse. — Todos bebam conscientemente. E depois, todos façam uso da maior atração de Chicago – o seu transporte público!

Com a ajuda do vampiro ao lado dela, Margot desceu e tomou o seu lugar novamente. Todos na nossa mesa abaixaram as taças e moveram as cadeiras um pouco mais juntas.

— Tudo bem. — eu disse, com a timidez acabada. — Então o que exatamente estamos fazendo aqui?

— Bem, Sentinela. — Margot disse. — Posso te chamar de Sentinela?

Eu sorri, e concordei.





Ela acenou de volta. — Eu acho que não estou revelando muito ao dizer que o nosso querido Mestre e Liege, Ethan Sullivan, é um pouco...

— Peculiar. — Lindsey terminou. — Ele é muito, muito peculiar.

— Sim. — eu disse secamente. — Eu percebi.

— Ele também é uma criatura de rotina. — Margot explicou. — De tiques de personalidade e hábitos. De trejeitos, você pode dizer que pode dar nos nervos.

— Como a etiqueta na parte de trás de uma blusa realmente áspera. — Lindsey sugeriu.

Margot piscou para ela. — De vez em quando, nós nos reunimos. Nós damos um tempinho, um tempinho catártico, para desabafar sobre esses trejeitos que nos deixam loucos.

De cotovelos na mesa, eu me inclinei. — Então, de que trejeitos nós estamos falando?

— Primeiro item da lista, a levantada de sobrancelha. — para demonstrar, ela arqueou a sobrancelha negra cuidadosamente esculpida dela, e então olhou para cada um de nós.

— Beba! — Lindsey gritou, e nós tomamos um gole.

— Eu odeio quando ele faz isso. — Michelle disse, gesticulando com a sua bebida. — E ele faz isso constantemente.

— É como se fosse o tique nervoso mais irritante do mundo. — eu concordei.

— Nervoso o caramba. — Margot disse. — Ele acha que é intimidante. É o gesto do Mestre vampiro falando com um Novato menor. — sua voz havia se aprofundado em uma imitação desagradável perfeitamente nítida do tom condescendente de Mestre vampiro. Talvez ela tivesse um pouco de Mestre nela, também.

— Então qual é o número dois? — eu perguntei.

— Eu sei esse. — Lindsey disse. — Número dois: quando o Ethan fala de você não pelo seu nome, mas pelo seu título. — ela mergulhou o queixo e olhou para mim através de olhos semiabertos. — “Sentinela.” — ela grunhiu.

Eu funguei. — Eu sempre achei que você parecia familiar.

— Beba! — Margot gritou, e nós levantamos as nossas taças novamente.





A próxima hora e meia continuou praticamente da mesma maneira, Ethan, talvez não tão surpreendentemente, tinha muitos tiques e trejeitos. Isso significou muitas bebidas. E se alguém surgia com algum trejeito não catalogado antes, nós tínhamos que tomar uma rodada dupla.

Já que eu não havia feito muito progresso com a minha bebida “masculina”. Sean teve pena de mim e me trouxe um copo plástico de água. Que eu não estava bebendo álcool não tornou nem um pouco menos agradável rir à custa do vampiro mais pretensioso de todos.

Nós tomávamos a cada menção de Amit Patel, para cada discurso que o Ethan dava sobre dever, para cada menção sobre alianças, para cada vez que ele respondia uma batida em sua porta do escritório com um simples, “Entre”. Nós bebíamos por cada vez que ele mexia no relógio, cada vez que ele ajeitava sua argola, cada vez que ele mexia nos papéis quando você passava um relatório em seu escritório.

Ethan possuía trejeitos o bastante para a metade da mesa; mudar para soda ou água quando nós terminamos. Ethan possuía trejeitos o bastante que eu tive que pedir licença da mesa. E foi por isso que eu estava a caminho da mesa do bar quando eu os vi – fotos que haviam sido colocadas na parede, décadas de fotos de vampiros juntos, todas tiradas no Temple Bar.

— Legal. — eu murmurei meu olhar investigando a reunião de fotos. Havia roupas, Afro e disco, penteados dos anos 80 e ombreiras..., e um foto que estava meio enfiada em um canto do mostruário.

Com as pontas dos dedos, eu virei à foto na tachinha para poder ver melhor. A moldura branca da Polaroid mostrava um lindo garoto com maçãs do rosto cortadas e um cabelo loiro caindo no rosto. Ao lado dele estava uma garota loira, seu braço preso no dele, uma taça de Martini em suas mãos. Ele olhava para ela..., com adoração em seus olhos.

Meu estômago virou um nó.

Era o Ethan e a Lacey, uma foto tirada há alguns anos atrás, devido às roupas na fotografia, mas era uma foto deles do mesmo jeito – um garoto e uma garota, felizes juntos, amor nos olhos deles.

Eu deslizei a foto de volta para o seu lugar, parcialmente escondendo-a da vista. Mas não havia como desfazer. Ele definitivamente tinha sentimentos por ela. E depois que ele dormiu comigo, ele havia ligado para ela de volta.

Eu me inclinei contra a parede e fechei os meus olhos. Eu não podia invejar o amor dele. Eu não podia. Não se fosse isso que eles tinham juntos. Mas, que





droga, como eu estava arrependida de estar no meio disso, sendo o gatilho para a lembrança dessa emoção.

Algumas vezes, conhecimento não fazia bem a ninguém. Eu fiquei parada no corredor por alguns segundos, até eu estar pronta para enfrentar os vampiros novamente. Quando eu finalmente retornei para a mesa, eu pausei na minha cadeira e toquei o ombro de Lindsey.

Ela olhou para cima, seu sorriso sumindo enquanto o seu olhar investigava o meu rosto. — Você está bem?

Eu acenei. — Estou bem. — eu icei um dedo em direção a porta da frente. — Eu vou respirar um pouco.

— Você tem certeza que está bem?

Eu dei a ela o meu melhor sorriso. — Estou bem, sério. Eu só quero tomar um pouco de ar. — isso era verdade. Minha dor de cabeça induzida pela magia dos Metamorfos não ajudava pelo jorro de magia de cem vampiros.

Ela olhou para mim por um momento, aparentemente debatendo se eu estava dizendo a verdade. — Você precisa de companhia?

— Estou bem. Voltarei em alguns minutos.

— Ok. Mas se você conhecer gatinhos humanos lá fora que precisa de algum sangue, me avise.

— Você será a primeira vampira que eu ligarei.

Eu teci pelo bar até a porta da frente, e então eu recebi um carimbo de um vampiro bonitinho, sorridente, de cabelos encaracolados na porta. Uma vez que eu estava preparada para voltar depois, eu andei até a calçada, meu olhar nos restaurantes, bares, e lojas ecléticas que preenchiam esta parte de Wrigleyville. Eu imaginei que eu bem que poderia achar lugares interessantes para visitar da próxima vez que eu fizesse a viagem.

Eu havia acabado de por uma livraria empoeirada – agora no topo da minha lista de visitas – quando eu escutei passos raspando na calçada atrás de mim. Eu instintivamente coloquei uma mão na cintura, no lugar que a minha espada normalmente estaria embainhada, antes de eu perceber que eu havia deixado-a na Casa.

— Você não precisaria mesmo se estivesse com ela. — disse uma voz baixa atrás de mim.





Capítulo 20



O que há em um homem?

Congelei, em seguida olhei sobre meu ombro.

Jonah estava de pé sob a luz de uma lâmpada da rua, cabelo castanho curvando-se suavemente sobre seu rosto. Vestia uma camisa escura justa, abotoada até encima com jeans e botas marrons em seus pés.

— Merit. — ele disse.

Levantei minhas sobrancelhas. — Jonah.

— Estava na vizinhança.

— A Casa Grey não está longe daqui, certo?

— Está pela Addison. — disse, depois inclinou sua cabeça para a esquerda.
— Um pouco mais longe, a oeste. É um armazém transformado.

— E você decidiu sair para dar um passeio e ver o que acontecia no bar da Casa Cadogan?

Jonah olhou para outro lado por um momento antes de encontrar meus olhos. — Pode ser que não seja inteiramente uma coincidência que eu esteja aqui.

Esperei que se explicasse. Quando não o fez, o incitei. — E como, exatamente, não é coincidência?

Ele deu um passo até mim, mãos nos bolsos. Estávamos tão próximos, e ele era tão alto que eu tive que olhar para cima para ver seu rosto.





— Se te juntar a nós. — disse tranquilamente. — Você será minha sócia, minha companheira, meu apoio. A quem eu seguirei em batalha, quem se levantará com armas para me proteger. Não tomo essa responsabilidade ligeiramente.

— Você está cuidando de mim ou se assegurando que eu cumpra suas normas.

— Bastante justo. — admitiu. — Um pouco de ambas as coisas, provavelmente. — sinalizou com a cabeça para um beco entre os edifícios, e caminhou até lá. Eu o segui. A lua estava alta o suficiente para iluminar o beco, mesmo que a visão apenas valesse a pena ser iluminada: ladrilhos, grafites, caixas de madeira vazias e os esqueletos de metal enferrujado das saídas de emergência.

— Você tem feito um nome por si mesma. — Jonah disse, virando-se para me enfrentar novamente, braços cruzados sobre sua camisa. O anjo e o demônio em seus braços, olhando-me fixamente, ambos com olhos vazios como se nenhum estivesse contente com o lado que escolheram. — Com um perfil alto assim, os humanos podem ficar um pouco curiosos sobre a nova celebridade vampira. E curiosidade seria a mais amável das emoções.

— Eu não pedi imprensa. — sinalizei. — A história foi um tipo de favor.

— Ouvi que você tentou se defender na Convocação dos Metamorfos.

Presumi que Luc havia dado aos outros capitães de guarda, um resumo, portanto assenti com a cabeça.

— E há rumores de que você gosta de Gabriel Keene.

Isso eu não confirmaria. Revisar o básico de nossos planos de segurança na Convocação era uma coisa, Luc já havia falado para Jonah sobre isso. Mas as coisas que tinha ouvido de Gabriel eram entre Ethan, a Manada e eu.

Além do mais, se ia trair Ethan, não ia fazer sem ser um membro da guarda como todas as leis. Se eu ia desatar sua raiva, pelo menos ia obter um crachá de adesão por ele.

— Gabriel é um tipo amigável. — eu disse finalmente.

— Jogando com segurança?

— Eu não sou um membro da Guarda Vermelha.





— Ainda. — o tom de Jonah era pretensioso, havia tido suficiente pretensão hoje, então eu meio que virei para ir embora, sinalizando com meu polegar sobre meu ombro.

— A menos que tenha algo interessante para me dizer, volto para meus amigos.

— Poderia ser que não se una a nós. — disse; surpresa em sua voz. — Você realmente poderia dizer que não.

Deixei que o silêncio respondesse por mim.

— Disseram-me que ninguém nunca disse não.

Virei novamente e sorri ligeiramente. — Então talvez, eu estabelecerei uma nova tradição de pensar por mim mesma, em vez de fazer algo apenas porque todos os demais o fizeram.

— Isso é desagradável.

— Estou tendo uma noite desagradável. Veja. — disse cruzando meus braços. — Não quero ser rude, mas tive uma noite longa e uma semana ainda mais longa. Não estou feliz de ser perseguida porque alguém com quem eu poderia trabalhar e quer saber se sou tão incompetente quanto se imagina.

Ele não protestou. Isso não era galanteador.

— Pelo menos você deveria solicitar outro companheiro. — eu disse. — Você não me conhece e eu não te conheço. Com todo respeito, eu preferiria um companheiro que espere para me julgar até depois de ter tido três ou quatro diálogos.

— E eu preferiria ter um companheiro que leve a sério seu trabalho.

Eu quase rosnei para ele. — Amigo, se você soubesse algo de mim, saberia o quão sério levo meu trabalho.

Ficamos em silêncio por um minuto, a pergunta não feita suspensa no ar.
Eu seria sua companheira?

— O que é que você vai fazer? — perguntou finalmente.





— Não sei. — respondi tranquilamente depois de um momento.

Olhei para as luzes da cidade e pensei em Ethan. Pensei no que nós tínhamos feito no que ele tinha querido no que podia ou não me oferecer. Imaginei que teria duas opções.

Um: eu poderia mostrar-lhe o dedo metaforicamente e me unir a Guarda Vermelha. Estaria estabelecendo uma saída rápida da Casa Cadogan quando os humanos dissessem que tinham tido o suficiente dos vampiros Cadogan (ou Celina decidisse por eles) ou quando Ethan soubesse e arrancasse a medalha Cadogan do meu pescoço. Dois: eu poderia mostrar o dedo metaforicamente a Jonah dizendo para Noah: — Não, obrigada. Eu estaria comprometendo a Casa Cadogan; comprometendo-me a Ethan. Não era irônico isso?

Não estava sentindo nenhuma das opções realmente. Ambas pareciam táticas em um jogo sobrenatural e eu não estava segura de ter as peças corretas.

Definitivamente, eu não estava feliz de escolher uma ou outra, baseada em qual dos dois vampiros eu queria irritar mais, especialmente tendo em conta o que estava em risco, minha vida, meus amigos, a forma de minha imortalidade.

— Chamarei Noah quando eu tiver decidido. — eu lhe disse finalmente, então me virei e me dirigi para o bar. Por razões óbvias, mantive minha conversa com Jonah para mim mesma. Fingi um sorriso no Templo Bar, depois fingi um bocejo, assim poderia escapar da multidão e me dirigir de volta a Casa. Lindsey decidiu ficar, então peguei um táxi para casa, pronta para passar o pouco que restava de minha noite entre pilhas de livros. Digam o que quiserem sobre Ethan, mas o cara sabia mandar em uma biblioteca muito, muito bem.

Bom, poderia se dizer que isso não era a única coisa que havia mandado bem, mas vamos nos manter no bom caminho.

A biblioteca era um espaço de dois andares que ocupava um pedaço do segundo andar que aparecia a frente da Casa. O cômodo em si era de dois andares circulados por um balcão cheio de livros, o balcão rodeado por uma grade de ferro forjado em vermelho. Uma escadaria caracol do mesmo metal conduzia até ele. Três janelas gigantes enchiam o cômodo com luz e filas de organizadas mesas de biblioteca enchiam o meio.

Historia longa feita curta era o esquisito sonho de um amante de livros.





Quando cheguei ao segundo andar, deslizei entre a porta dupla da biblioteca, olhei ao redor com as mãos nos quadris. Não tinha uma tarefa de investigação, mas tampouco tinha o conhecimento que precisava para viver e trabalhar lado a lado com os Metamorfos.

Animosidade histórica ou não, tinha que ter material sobre os Metamorfos aqui.

Infelizmente mesmo que a biblioteca fosse grande e organizada, ainda era antiga quanto a uma coisa: tinha um catalogo por títulos, e não apenas qualquer catalogo por títulos, e sim três enormes gabinetes de carvalho com finas gavetas, cada uma contendo milhares de títulos ordenados alfabeticamente.

Fui à fileira de M, tirei a caixa correspondente e a coloquei em uma estante saliente. Havia muitas entradas de livros sobre Metamorfos, desde a Enciclopédia Tractus - o ilustre Guia para os territórios dos Metamorfos pelo mundo – até Uma vida em pele: A Viagem de um Homem. Copiei a numeração de um punhado de títulos não fictícios (menos as biografias e memórias), acomodando novamente em seu espaço, então revisei os papéis que tinha escrito para tentar averiguar em que partes da biblioteca estariam os livros..., e me choquei de frente com um vinte e poucos anos de cabelo marrom, quem franziu o cenho com obvia irritação.

— Oh! Deus, eu sinto muito. Não quis...

— Certamente você não pensou que era a única Novata que usava este cômodo. Certamente você não pensou que os livros se organizavam sozinhos?

Pisquei para o garoto, baixinho, lindo, com uma expressão acusadora, que havia me interrompido no meio de uma desculpa. — Eu..., um..., não. Claro que não.

Gaguejando ou não, eu estava sendo honesta. A primeira vez que havia visto a biblioteca, presumi que deveria ter um bibliotecário que mantivesse as coisas organizadas. Pareceu-me estranho, na verdade, que não o havia visto, ele ou ela antes.

Adivinhei que era ele.

O bibliotecário pareceu relaxar um pouco ante a resposta. Depois passou uma mão por seu cabelo, o que fez com que arrumasse as pontas. Usava jeans e uma camisa polo preta, outro vampiro que era exceção do código de vestimenta todo preto de Cadogan.





— Claro que não. — repetiu. — Isso seria incrivelmente ingênuo. — Apontou para os livros atrás dele. — Há dez milhões de títulos nesta biblioteca, você sabe, sem mencionar que somos o detentor oficial do Canon. — levantou suas sobrancelhas como se esperasse minha resposta - minha devida resposta.

— Sim. — eu disse. — Isso é Wow. Dez milhões de títulos? E o detentor oficial do Canon? Também muito Wow.

Cruzou os braços sobre o peito, sua expressão toda cética. — Está apenas falando ou está realmente impressionada?

Retorci meu rosto. — Como você gostaria que eu respondesse a isso?

Um lado de sua boca curvou-se para cima. — Linda e não beija bundas. Posso apreciar isso. Você é a nova Sentinela? A Investigadora.

— Ex - investigadora. — eu disse, oferecendo-lhe minha mão. — E você é?

— O bibliotecário. — disse aparentemente não interessado em oferecer um nome.

Tampouco pegou minha mão. Em vez disso, moveu seus dedos e inclinou sua cabeça para os papéis em minha mão. — Dê-me suas anotações e encontraremos o que precisa.

Fiz o que ele me pediu, depois o segui enquanto virava e se dirigia até a sessão de Ciências Sociais. “*Gracioso*”, eu pensei, a maioria das bibliotecas provavelmente colocariam livros sobre Metamorfose e criaturas desse tipo na sessão de Mitos e Fantasia. Mas aqui nos confins desta biblioteca pertencente a um vampiro, eram reais. Isso significava que os livros eram mais parecidos a Antropologia (ou Zoologia talvez) que a Mitologia.

Caminhamos até o canto traseiro direito do cômodo, os olhos do bibliotecário em minhas anotações enquanto se movia. Não se preocupava em ler os cartazes ao final das estantes, aparentemente tinha memorizado a localização de todos os volumes.

— Os vampiros estão falando. — começou enquanto virava-se para um estreito corredor entre as estantes. Eu o segui, livros de todas as formas e tamanhos, novos e velhos, com capas de papel e couro, estendendo-se sobre nós.

— Falando sobre o que?





— A Convocação. — parou no meio do corredor e virou de frente para uma das estantes, então me olhou. — Diz-se que votaram não irem para Aurora, e que depois te atacaram.

As historias sobre a Convocação haviam viajado; a verdade infelizmente não. — Votaram por ficar e nos ajudar, não fugir. — esclareci. — O ataque era contra um dos lideres da Manada. Não atacaram a mim. Eu apenas o ajudei a se defender.

— Ainda assim. — disse. — Isso não demonstra como são? Volúveis? E reunir-se para decidir seu futuro em Chicago. Quem pensaria que esse dia chegaria?

Quando começou a passar a ponta dos dedos sobre os gomos dos livros, presumi que o comentário era retórico. Mas eu ainda tinha uma pergunta.

— Porque eles são chamados de Simuladores? — perguntei. Tinha ouvido Peter Spender usar esse termo contra os Metamorfos também. Sabia que não era elogio, mas não estava certa de sua origem.

O bibliotecário tirou um grosso e alto livro de couro marrom da estante e me deu. Era na verdade, uma pasta que continha desenhos de Metamorfos em forma animal. Os suspeitos de sempre estavam ali: lobos, gatos grandes, aves de rapina. Havia também umas quantas opções incomuns, incluindo focas. Talvez essa fosse à origem do mito dos Silkies.

— Os Metamorfos se fazem passar por humanos. — disse. — Eles simulam ser humanos. Misturam-se entre eles, apesar de não serem verdadeiros humanos.

Tenho que admitir que o argumento me confundiu. — Mas nós não somos humanos também; certo?

— Nós somos o que somos. Predadores. Humanos, mas com uma pequena reestruturação genética. Não mudados de forma para nos disfarçar. — deu um passo para trás e gesticulou para seu corpo com suas mãos. — Este sou eu. Isto somos nós. — frustração em sua voz, então se virou para as estantes de onde continuou tirando volumes.

— Sempre que os humanos tentarem desfazer-se dos Sobrenaturais, os Metamorfos continuarão pretendendo serem humanos.





As engoli para não discutir que os vampiros haviam estado escondendo-se em plena vista durante séculos, pretendendo ser humanos para evitar serem atacados.

Francamente não acreditei que ele apreciaria a comparação. Este era o tipo de preconceituoso que não se dobrava ante a lógica.

— É isso o que fizeram no Segundo Extermínio? — perguntei em voz alta enquanto o bibliotecário começava a empilhar livros em meus braços. — Simularam serem humanos e ignoraram os vampiros que estavam sendo mortos?

— Acredito que isso é o suficiente, você não? — perguntou tristemente.

Supunha que isso explicava o preconceito. Sabia que a ferida causada pela falta de ajuda dos Metamorfos aos vampiros durante o Segundo Extermínio - de colocar-se em linha para salvar aos vampiros, era profunda. E não apenas profunda, e sim rasgada e não curada, mesmo um século depois. Havia visto a animosidade do lado dos Metamorfos; o haviam mostrado muito claramente. Sua urgência em fugir soava como se estivesse baseada no medo que tinham do que poderia vir, portanto, eu não estava certa do porque tantos Metamorfos estavam tão amargurados pelo passado. Se for assim para os tão cultos como Ethan, eu imaginava aos seus vampiros, a raiva, a amargura, estava presentes em nosso campo também..., inclusive se encontrassem neste arquivo de aprendizagem e conhecimento.

Finalmente terminou de tirar livros das estantes e me olhou novamente. — Isso deve ser tudo o que precisa. — disse. — Isto te dará o básico.

Concordei, trabalhando em manter meu sorriso neutro e o olhei enquanto me circulava para ir à sessão principal.

— Sei o que você pensa. — disse quando chegou lá, olhando-me, mãos nos quadris. Sua expressão havia se tornado dura, preocupação evidente ao redor de seus olhos. — Que eu sou um ignorante, ou que estou irritado sobre algo que aconteceu há centenas de anos atrás. — seus olhos repentinamente brilharam prateados e o pêlo da minha nuca eriçou, enquanto a magia se expandia no canto da biblioteca onde estávamos; filtrando-se enquanto suas emoções cresciam.

— Nós somos imortais, Sentinela. Este não foi um dano feito aos nossos ancestrais, aos nossos antepassados. Foi dano feito a nós. Nossas famílias. Nossos amantes. Nossos filhos. A nós mesmos.





Com isso ele se foi.

Com uma pilha de livros de um metro de altura em meus braços, pestanejei para ele por um momento, pensando não apenas na ira em sua voz, na dor sombria das coisas que haviam acontecido, e sim também no medo, a inquietude de que sem vigilância tais coisas poderiam voltar a acontecer.

E pensei na paixão que havia ouvido na voz de Gabriel, seu desejo de proteger aos membros de sua Manada. Pensei na ira que escutei uma vez na voz de Nick, seu desejo de manter a sua família a salvo.

Comparei todo esse desdém e confinamento juntos..., e ainda me perguntava quem era a maior ameaça.





Capítulo 21



Simplemente Dança.

A noite seguinte amanheceu fresca e clara. Abri minha portinha anti sol e uma fresta da minha janela. A brisa agradável soprava pela cidade, limpando um pouco a umidade de ontem. Tinha programado para treinar com Ethan de novo, então eu me levantei e fui para a cozinha, peguei um pouco de suco de laranja, sangue, e donut de bacon besuntada com glacê. Sim, você ouviu corretamente. Bacon. E glacê. E uma rosquinha.

Claro, eu não estava entusiasmada para treinar de novo. Eu vi um monte de Ethan na semana passada, e eu não tive uma noite ocupada para mim mesmo, sem drama político ou relacionamento problemático, sem esgrima ou pontapés lateral. Mas o que eu podia fazer? Porque que eu havia feito meu juramento, acampar no meu quarto com um donut na mão, não era uma opção. Então, depois que eu engoli meu café da manhã baixo, eu deslizei em minhas sandálias e coloquei uma jaqueta esporte, e então me dirigi pelo corredor. Eu estava prestes a tomar as escadas para o porão quando a vi. Ela ficou no patamar entre o primeiro e segundo andar um terno negro, com os braços cruzados e uma sobancelha arqueada.

Era um mestre feito à imagem de seu próprio Mestre.

Eu desci as escadas, mas parei um degrau ou dois acima do patamar, minhas sobancelhas arqueadas. — Esperando por mim?

— Você e Ethan têm uma relação única. — disse Lacey.

— Temos um relacionamento?

— Eu não jogo, Merit.

Todas as evidências eram ao contrário, mas eu me esforcei para ser educada. — Respeitosamente senhora, eu tampouco faço. Posso ajudá-la em algo?





— Eu não desisto facilmente. Ele e eu somos perfeitos um para o outro.

Eu quase grunhi em resposta, mas me contive. Se ela realmente acreditava nisso, mais poder para ela. Além disso, ele a convidou aqui, talvez por isso ele acreditasse nisso também.

— Você sabe o quê? — eu perguntei ao invés de passar por ela. — Boa sorte com isso.

Ela me seguiu até o primeiro andar. Ethan, com a sincronização impecável como sempre, escolheu esse momento para começar a subir as escadas em direção a nós; descartado o paletó do terno, o corpo magro, calças escuras, uma camisa branca e gravata preta. Ele devia estar a caminho para trocar-se. Seus olhos se arregalaram com a visão de nos duas juntas, como se ele não estivesse preparado para a reunião da antiga e da mais nova amante - por sua própria culpa desde que ele nos tinha jogado juntas sob o mesmo teto.

— Como foi sua chamada? — Lacey perguntou. — E como estão as coisas em Londres?

Era fácil ler isso nas entrelinhas. — *Querida Sentinela: Seu chefe fez uma chamada telefônica para a GP ele não falou sobre ela com vocês. Suponho que não esta informada sobre tudo! Com amor, sua maior protegida.*

Seu segundo golpe do bastão, ela vou por cima do muro. Eu tive que sufocar um grunhido baixo.

— Não é tão útil quanto eu teria gostado, mas assim é o GP. — disse Ethan.

Quando ele olhou para mim, a linha de preocupação tinha aparecido entre os olhos. — Vou encontrá-la no salão de combate em um momento.

Concordei. — Liege.

Ele passou por mim. — Lacey, comigo, por favor. — disse ele, e ela seguiu obedientemente.

Olhei para trás e observei como ela o seguia igual a um cachorro em uma coleira enquanto subia as escadas para o terceiro andar.

Algo que me surpreendeu como ela o seguiu. Ethan foi e sempre será o seu Mestre. E embora eu a ouvisse discordar dele, levantando preocupações sobre eu





ser um soldado "comum", não havia algo condescendente, mesmo em sua postura. Mudou-se como se fosse sua propriedade, como se houvesse nada que ela quisesse mais do que estar ao seu lado. Mesmo que ela tivesse sua própria casa, ela queria de volta Cadogan.

Lindsey tinha me dito que Lacey foi uma Estrategista Muito Forte. Então, talvez parte da adoração fosse político. Talvez, como ele, ela estava preocupada com as alianças, queria garantir o seu link para a quarta casa mais antiga do país.

Ou talvez fosse algo mais simples. Talvez ela só o quisesse.

Seja qual for o que o futuro tinha reservado para mim e Ethan (ou a mim sem Ethan, conforme pode ser o caso), eu fiz um voto lá e aqui de não me tornar um desses vampiros. Prometi continuar sendo eu mesma, recordar quem eu era para pensar racionalmente sobre alianças e as pessoas que eu poderia ser aliado. Se somente eu me lembrasse dessas coisas algumas noites atrás..., ou quando Mallory precisaram de mim. Mas o que foi feito foi feito. A menina só poderia avançar.

Eu estava até praticando chutes como aquecimento quando Ethan e Lacey fizeram suas aparições. Ele entrou no salão de combate pela porta principal, Lacey pegou seu lugar na varanda, esta vez entre uma massa de vampiros. A varanda estava quase cheia, Luc e Lindsey, que deveriam estar tomando um descanso dos seus deveres de guarda, Margot e Michelle e alguns dos outros vampiros com que eu tinha tomado umas bebidas. Eles me saudaram, um fã clube para um vampiro outrora reticente. Mas eu tinha passado por reticências. . . e eu tinha me tornado um deles, pelo menos em parte, principalmente porque eu era uma novata que tinha sido tratada injustamente por um Mestre. Ou dois, se você contar Lacey. Ou quatro, se você contar os mestres antigos e atuais de Navarro.

Sem importa quão lamentável (ou quanto embaraçoso), essas injustiças haviam criado uma espécie de elo entre eu e os outros vampiros da casa Cadogan - uma chance para eu conhecê-los, sem o meu rank entre nós.

Não há mal que por bem não venha. Revestimento de prata? Talvez. Ou talvez o mundo só trabalhasse de maneira misteriosa.

Ethan andou na minha direção, sua postura eficiente, a sua expressão apenas abaixo de sombria. — Prepare-se para lutar. — disse. Supus que nós estávamos pulando os complicados protocolos de ensino..., e os cumprimentos.





— Liege. — eu disse, e meu corpo inclinado em direção ao seu, os joelhos frouxos, cotovelos dobrados, preparada para atacar ou defender. Ele deve ter sua própria agressão para liberar, já que ele imediatamente arremeteu-se com uma combinação de soco – pontapé -soco que me apressei para me defender. Mas eu esquivei seus golpes e os chutes, e depois tentei um golpe, um crescente chute que, no entanto ele esquivou. Nós saltamos ao redor da esteira um pouco, oferecendo-nos um golpe para provar, mas ainda não se comprometendo com um soco real. A multidão começou a murmurar e pedir ação. Tentei um chute lateral, que facilmente foi bloqueado.

— Você dificilmente está tentando. — disse ele, mas ele não parou de se mover. Ele balançava a minha volta antes de executar um perfeito chute frontal que me pegou na clavícula direita. Pensei que ele havia contido o chute, ainda assim desestabilizava o esqueleto, porém a força inteira teria quebrado o osso no meio. Esfreguei o lugar dolorido, a raiva começa a ferver meu sangue. Ethan continuava balançando-se e ziguezagueando, eu continuei a tentar golpeá-lo. Isto, ele parecia pensar, era exatamente o problema que eu estava tentando fazê-lo, ao invés de realmente fazê-lo. Aqui estávamos de novo, e ele estava funcionando de forma a motivar-me com medo e raiva.

— Eu quero que você use as habilidades que você aprendeu. — disse ele. — Como confiar em seus sentidos, seus instintos.

Agachei-me para evitar outro golpe. — Eu estou tentando, Sullivan.

— Tente mais forte.

Por que as pessoas sempre pensam que se forçar mais exigências ia ajudar? Eu estava tentando tão duro quanto eu podia. Minha inabilidade de superá-lo não era por falta de esforço de minha parte.

— Talvez simplesmente era melhor do que eu.

Ele deteve em seco, logo se chegou tanto que a parte inferior de sua calça branca roçou nas minhas pernas. — É a Sentinela desta Casa. Não é uma questão de ser "melhor que".

Sua expressão se suavizou, e ele me olhou com aqueles profundos olhos verdes, e em vez de me atacar, me alertou.





— Tenho te visto mover-te, Merit. Tenho te visto realizar o Katas com graça e velocidade, e tenho visto combater homens com duas vezes o seu tamanho. Suas habilidades não são o problema. Você pode fazer isso.

Concordei e soltei um suspiro, e tentei de não olhar para a varanda para checar as reações dos vampiros que estavam me observando. Eu não queria ver a minha frustração ou a do Ethan refletida em seus rostos.

Esse era o problema? Que tínhamos um público? Não deveria ter importância. Depois de tudo, eu tinha sido uma bailarina; não era como se eu não tivesse atuado em frente de uma multidão antes. E logo pensei na primeira vez que eu havia desafiado Ethan, e quão orgulhoso ele tinha estado das minhas habilidades como um vampiro nascido. E eu pensei sobre o que tinha sido diferente então.

De repente..., me iluminei.

Nessa primeira luta; eu havia dançado.

Olhei Ethan novamente. — Poderia ter alguma música?

Ele franziu a testa. — Música?

— Por favor.

— Alguma preferência?

Deixei um sorriso lentamente curvar meus lábios. — Algo que pode dançar.

Ele acenou para alguém atrás de mim. Depois de um momento, Rage Against the Machine começaram a ecoar pela Sala de combate. Tomei um momento, fechando os olhos e deixar que as palpitações de "Guerilla Radio" afrouxaram meus membros. Eu deixei meu corpo se ajustar ao seu ritmo, e quando a tensão se foi e o mundo parecia lento em seu eixo, abri meus olhos e olhei para ele - não como sua amante ou o vampiro que tinha me feito; sim como um soldado no meu próprio direito.

— Pronta. — perguntou.

Concordei.





— Começa. — disse, e como se fosse a coisa mais simples do mundo, eu ataquei. Eu não pensei sobre isso, não analisei, não me perguntei como eu poderia me esquivar ou me defender. Em troca, com um baixo rugido ecoando no meu peito, arremeti. Comecei com um chute alto de borboleta, antes de ele poder se defender, usando o impulso que eu tinha ganhado o chute, alto de taekwondo dirigida a seu rosto. Ele grunhiu e se deixou cair com sua habitual velocidade, logo me atacou com o mesmo chute. Porém eu já tinha visto antes. Esquivei o movimento, voltando para trás e aterrissando com o meu corpo intacto, pronto para a próxima rodada. — Terá que ser mais rápido do que isso, Sullivan.

A multidão se pôs de pé.

Ambos evitamos nossos chutes, fazendo equilíbrio nas pontas de nossos pés, enquanto esperávamos para a nossa próxima oportunidade.

— Isso esta melhor. — ele disse.

Eu pisquei para ele. — Então você vai amar este.

— Não se eu faço o primeiro movimento. — ele disse, logo dirigiu um chute lateral no meu tronco, mas eu girei ao redor, uma mão no chão enquanto eu girava logo eu dirigi um contragolpe a sua cabeça.

Não alcancei a sua cabeça..., mas lhe golpeei em seu ombro. Sua inércia o levou aos seus joelhos, mas ele se levantou com rapidez suficiente. Os vampiros na varanda aplaudiram com admiração.

Com as mãos em meus quadris, lhe dei uma olhada avaliadora. — Isto esta melhor.

Ele bufou com prazer.

Ethan chutou novamente e, desta vez, eu pensei que eu ia tentar algo um pouco diferente. Eu pulei para trás fazendo um exagerado salto de tesoura que me levou dez pés no ar e fora do alcance de seus chutes.

Aterrissei de novo, e então o combate realmente começou. Nós nos movemos e torneamos nossos corpos como se a gravidade não fizesse diferença alguma, como se fôssemos parceiros em um pas de deux.

— Bom. — soltou, mas havia um lampejo brilhante em seus olhos.





Isso foi quando eu usei a minha melhor arma. Olhei para ele e fingi um chute lateral. — Não sou mais que um soldado comum. — disse. Ele congelou sua expressão caindo. E nesse momento de desconcerto, eu girei e ofereci outro chute borboleta. Desta vez, eu golpeei no centro do seu peito.

Ele voou para trás, e logo golpeou o chão com um baque surdo.

A sala ficou em silêncio..., e explodiu em aplausos.

Como peito palpitando, o suor escorrendo pelo esforço, eu me aproximei e baixei a vista para ele, não muito segura do protocolo. O que você faz quando você finalmente derrota o seu mestre em seu próprio jogo?

Eu decidi desfrutá-lo. Eu deixei minha boca se curvar em um sorriso e ergui uma sobrancelha para ele.

— Porque Sullivan, acredito que acabo de chutar o seu traseiro.

Seus olhos estavam muito abertos, esmeralda, e decididamente chocados. Mas mesmo ali no chão, ele sorriu pra mim com orgulho e uma espécie de prazer infantil. Quando estive de pé por cima do seu corpo, eu ofereci-lhe a mão. Tomou, e ajudei colocar-se sobre os seus pés.

— Lembre-se sempre. — me sussurrou. — Que você é um soldado incomum, não importa o que eles digam. E você é algo muito digna para ver.

Concordei, tomei o elogio, e olhei para a multidão na sacada. Lindsey e Katherine estavam na frente, seus corpos pressionados contra a varanda, ambas aplaudindo com a multidão. Eu agarrei a bainha de uma saia invisível e fiz uma reverência, em seguida, sustentei uma mão na direção de Ethan. Ele riu, mas fez uma galante reverencia.

— Eu acredito que nós já nos divertimos bastante por hoje. — gritou. — Retornem ao trabalho, vampiros. — houve queixa, mas eles se dirigiram para as saídas, conversando com animação sobre o que tinha visto.

Foi então quando me dei conta. Minha incapacidade de superá-lo, o muro que eu havia tido que atravessar, foi mental, emocional. Tratava-se de deixar de ir todos os meus preconceitos humanos sobre a luta, e o movimento. Era sobre, como Catcher tinha me dito uma vez, entender a estranha relação do meu novo corpo vampiro com a gravidade. Era sobre como recordar, como Ethan havia dito, que era como dança livre, esquecendo-se, se movimentos eram perfeitos, se





destacavam bem, ou se eles eram corretos e recordar o que se sentia em estar verdadeiramente em seu corpo, sentir as extremidades se moverem, quadris balançam; o calor da pele, o pulsar do coração, a respiração acelerar-se. Eu vi o prateado cobiçoso de seus olhos, e eu sabia que ele havia se dado conta do mesmo que eu.

Lacey Sheridan não ia ser o único mestre vampiro Ethan tinha feito.

E falando da última menina que havia obtido o treinamento de Ethan, levantei a vista e, oh, tão lentamente troquei meu olhar para o que estavam antes de mim. Lacey me olhava fixamente, uma nova emoção em seus olhos. Não era amizade, sem dúvida; Lacey e eu nunca seríamos amigas, não com Ethan entre nós. Mas havia algo semelhante a respeito em sua expressão. Era o reconhecimento de que ela encontrou um inimigo no campo de batalha e encontrou-a a altura do desafio. E o velho eu não teria gostado do confronto.

Sem objeções, a nova eu gostava dos desafios, mesmo que eu não estivesse completamente certa que o prêmio valeria à pena a luta.

Concordei, reconhecendo a luta - o desafio. Ela arqueou uma sobrancelha, sem dúvida, uma imitação de Ethan, aperfeiçoada depois de vinte anos de serviço em sua casa, então assentiu em resposta.

Ethan inclinou-se para mim. — Troque-se e apronte-se. — ele sussurrou. — Eu gostaria que você, pelo menos fizesse um ato de presença em sua recepção.

Contive-me de rosnar para ele. Em troca, eu ofereci um sorriso educado a Lacey, então trotei pelas escadas para tomar banho e saltar de volta ao meu preto Cadogan.





Capítulo 22



Deixe-o (não) Morto.

Eu não esperava ter problema durante o coquetel de recepção, mas o meu encontro com Jonas me ensinou uma valiosa lição sobre sair sem nenhuma arma. Havia tido sorte que o vampiro que me espreitava fora do bar não estava ali para me pegar, mas isto certamente não era verdade para todos. Assim que coloquei meu cardigan preto, deslizei minha adaga dentro das minhas botas. Levantei meu cabelo, coloquei minha medalha Cadogan ao redor do meu pescoço e meu bip estava enganchado. Eu estava tão pronta quanto poderia estar pelo menos fisicamente.

Certo. Ele foi derrotado. Eu havia me aseado e subido as escadas, e eu ia fazer uma aparição em uma festa em honra de sua antiga amante. Mas eu não ia fazer sem reforços, ao menos espiritualmente. Assim eu agarrei meu telefone da estante de livros, me sentei na beira da cama, e liguei para Mallory. A primeira coisa que eu ouvi foi o barulho de panelas e frigideiras, e um punhado distante de maldições antes dela conseguir endireitar o telefone.

— Oh, Deus, pare; pare; merda; merda, Merit? Você está aí?

— *Mal?* Você está bem?

— Eu estou sério, *pare. Agora.*

O barulho acalmou imediatamente.

— O que está acontecendo aí?

— Experimentos científicos. Eu tenho que aprender a trabalhar com um gato, eles são familiares sabe, e ela esta em tudo. Ela esteve aqui, por quatro horas, e ela acha que é minha dona. É sério gatinha mal! Pare com isso! Ela acha





que é dona da minha casa. Ela está destruindo a minha cozinha. Então, o que está acontecendo com você? Vi sua mensagem sobre algum drama na convocação?

— Estalou a violência, mas Gabriel está vivo, e isso é o mais importante.

— Eu sabia totalmente que o amuleto funcionaria como um *feitiço*! — exclamou, bufando através do telefone. Girei os olhos.

— Você fez bem, e eu aprecio isso. Mas eu preciso de um momento de beija-traseiro de melhor-amiga.

— Em que te meteu agora?

Ah, ela me conhecia tão bem. — Ele está oferecendo uma festa para Lacey Sheridan. Disse-me que eu tenho que fazer em uma aparição.

— Você sabe que eu realmente não gosto dele, de muitas formas.

— Isso me ocorreu também.

— Bem, vamos fazer uma verificação, você está fabulosa?

— Eu estou usando meu terno.

— Bom o suficiente. Você vai segui-lo a todos os lados da festa ou beijar seu traseiro?

— Não planejo fazer nenhuma dessas coisas.

— Você será o seu normalmente brilhante e gracioso ser, e lembrando-lhe pela sua vivacidade e muito “joie de vivre” (felicidade de viver) como ele está sendo tolo?

E era por isso que eu amava essa garota. — Eu posso certamente dar o meu melhor.

— Isso é tudo que eu posso pedir. Oh, Deus, gatinha má. Merit, eu tenho que ir. Ela tem os meus fósforos de novo. Chamo-te mais tarde, esta bem?

— Boa noite, Mallory.

— Boa noite Merit. Não o mate.





Como eu disse, eu daria o meu melhor.

As coisas estavam tranquilas quando emergi lá baixo. Caminhei pelo corredor do primeiro andar para o pátio traseiro.

A porta do Ethan estava aberta, o seu escritório escuro, assim como os outros escritórios administrativos que passei. Eu estava na metade do caminho, quase na cozinha, quando eu ouvi.

Musica.

Através das janelas na parte de trás da casa, eu podia ver o brilho de um fogo no quintal e a massa de vampiros que se reuniu em torno dele. Tão silenciosa quanta eu pude, eu abri a porta de vidro e ferro traseira, e sai. Os vampiros estavam vestidos de preto em círculos, cercando a tensa e assombrada música. Havia uma só voz, uma mulher, acompanhada por um violino. Sua voz era clara e triste, o violino áspero, chorando. Soava como um canto fúnebre, uma lenta, doce canção de amor perdido, do tipo com o que eu havia cruzado em meus estudos medievais.

A atenção dos vampiros foi arrebatada, a multidão em silêncio, olhares sobre os músicos no meio, que eu ainda não podia ver. Dizem que a música acalma a besta selvagem, eu era um crente.

Eu vi os cachos desgrenhados Luc na minha frente. Quando eu o alcancei, ele me olhou e sorriu antes de voltar aos músicos. Ao final poderia vê-los, Katherine e um vampiro varão que eu não conhecia. Ele tocava um violino solitário, a voz clara, mas a melancólica era dela.

— É uma canção da Guerra Civil. — Luc sussurrou. — Ethan pediu-lhes: Thomas e Katherine, para tocar uma canção esta noite.

Este deve ser o irmão de Katherine, eu supus. — É lindo. — eu disse a ele.

Estavam sentado um do lado do outro em um banco baixo de cimento, Katherine em um vestido simples e sandálias, Thomas em calças pretas e uma camisa abotoada até em cima. Seus olhos estavam fechados, o violino debaixo do queixo dobrado, seus ombros balançando enquanto a música fluía de suas cordas. Os olhos de Katherine estavam abertos, mas seu olhar foi desfocado, como se olhasse memórias invisíveis reproduzindo-se antes dela enquanto ela viajava nos versos da canção.





— Ela foi trocada em 1864. — Luc sussurrou. — Ela e Thomas. Seu mestre o transformou logo depois que Katherine perdeu o seu marido, Caleb na guerra. Eles estavam casados há apenas uma semana.

A canção soava autobiográfica. Katherine cantava pelo retorno a salvo de um jovem soldado, lamentou o som de tiros em um vale, e lamentou a morte do soldado.

Ela lamentou a morte de seu verdadeiro amor.

Não estou segura o que me fez buscar, o que me fez registrar na multidão em busca de Ethan, mas eu fiz. Eu vi Lacey em primeiro. Sua expressão estava em branco, sem emoção. Se ela havia sido tocado pela canção, pela letra, ela não demonstrava.

Ele estava parado ao lado dela, de braços cruzados. Seu olhar..., em mim.

Olhamos um para o outro sobre os vampiros, sobre a música, os olhos pegando o brilho do jardim de luzes, séculos de história em seu olhar. Séculos que lhe tinha feito frio.

E então sua voz ecoou na minha cabeça. — *Merit.*

Ele silenciosamente chamou meu nome, mesmo enquanto ele estava ao lado dela.

— *Liege?* — respondi de volta.

Seus olhos brilharam. — *Não me chame dessa forma.*

— *Não há outra forma de chamar você. Você é o meu empregador. Eu sou sua empregada. Esse é o trato que havíamos chegado.*

Havia algo impotente em seus olhos agora, mas eu não ia cair por eles novamente. Troquei meu olhar para o fogo. Ele lambeu em direção ao céu, bifurcadas línguas de fogo incandescente criando sombras sobre a mecha. A fumaça picando, a madeira levantando-se, a fragrância quase intoxicante, insinuando em estado selvagem que os vampiros no meio do centro de Chicago, proibido do sol, não podiam tocar de outra forma. Eu olhava para o fogo até a música acabar, então bati palmas junto com os outros, Katherine e Thomas compartilhavam um suave e triste sorriso.





— Aonde foi esta noite? — Luc perguntou enquanto Katherine bebia de um copo e Thomas acomodava seu violino. Assumi que ele não estava perguntando onde eu estava sim onde havia estado Lindsey.

— Temple Bar. Lindsey achou que seria uma boa ideia para me tirar da Casa.

— E como estava?

— Se você quis dizer com relação aos Metamorfos, muito bem. Se te referes, pessoalmente, ele convidou a sua ex-namorada de voltar à cidade. Provavelmente pode adivinhar como me sinto sobre isso.

Katherine e Thomas começaram novamente, desta vez uma alegre canção com uma escala da Irlanda. Luc e eu nos mantivemos juntos em silêncio, observando Katherine cantar em um cadente acento irlandês, Thomas ao seu lado, os dedos voando através do violino.

— Eu realmente acredito que ele se importa, você sabe.

— Ele tem uma forma estranha de demonstrar isso.

— Ele é um vampiro. Isso faz dele estranho.

Olhei para Luc. Inclusive no meio do drama sobrenatural, ele geralmente tinha um sorriso peculiar no rosto. Mas desta vez, sua expressão estava cansada, e eu já não estava segura se ainda seguíamos falando de Ethan..., ou Lindsey. Havia passado algo similar entre eles? Se assim for, eu podia simpatizar. Era difícil carregar o peso da lamentação de alguém, e o arrependimento que aparentemente lhe seguia.

— Você e Lindsey estão ok?

Sua expressão endureceu. — Lindsey e eu..., não estamos. Mas isso é status quo.

— Gostaria de falar sobre isso?

A pergunta foi muito feminina, mas o olhar que eu recebi os olhos apertados, o olhar plano, todo varonil.

— Não Sentinela, eu não quero falar sobre isso.





— É justo. Talvez. — eu sugeri. — Se este é o produto da imortalidade, nós deveríamos perguntar se o sacrifício é vale a pena.

— Isso não é uma maravilha. — disse Luc.

O amor era definitivamente uma cadela.

Katherine e Thomas terminaram de cantar em uns estridentes aplausos, estes dando lugar eventualmente ao som suave da música do violoncelo. Luc suspirou. — Eu vou me misturar. Você vai estar bem aqui?

— Certo como a chuva. — disse a ele. — Sinta-se livre.

O observei desaparecer entre os vampiros. Provavelmente não foi coincidência que eu também vi Lindsey dando voltas em outro lugar na multidão.

— Katherine e Thomas são muito talentosos.

Olhei para trás. Ethan estava ali, a expressão em branco, mãos nos bolsos. — São muito talentosos. — disse novamente. Olhei novamente para a multidão, perguntando-me onde sua companhia tinha ido. Encontrei-a do outro lado do jardim, conversando com Malik. No momento, o risco de drama diminuído. — Sim, eles são.

— Gabriel chamou. — disse ele. — Ele confirmou que Os Metamorfos que atacaram estavam tratando de realizar o contrato e recolher o pagamento.

— Quem ordenou o golpe?

— Não foi dito, e aparentemente eles não perguntaram.

— Isso não é exatamente reconfortante. Gabe está mesmo seguro que o drama acabou?

Ethan assentiu. - Está muito convencido. Dito isso, ele é notavelmente míope para um homem com dons de profecia.

Ou são tão neuróticos como presas que o rodeavam. — E o culpado a final? — perguntei.





— Quem sabe? Tony pode estar envolvido, mas nós ainda não sabemos se ele era o fantoche mestre ou apenas um fantoche. E já que fomos dispensados por Gabriel, assim é como ele permanecerá.

Mantivemo-nos em silêncio durante outro momento.

— Esta calada esta noite. — disse ele.

Esbocei um sorriso agradável. — Foi uma semana longa. Só estou tentando relaxar. — e eu estava tentando evitar mais drama. Ele ficou em silêncio por dois ou três minutos, durante os quais nós os dois estavam lá juntos, os vampiros vestidos de preto movendo-se ao nosso redor.

— Posso dizer que algo está te incomodando.

Tivemos sexo e você se arrependeu, eu pensei silenciosamente, *e agora teu arrependimento está me voltando louca*. — Só estava desfrutando da música.

— Eu sinto muito.

Fechei meus olhos apertados, a emoção deslizando sobre mim. Eu não queria fazer isso novamente. Eu certamente não queria suas desculpas. Só me fazia sentir pena. - Por favor, deixa de dizer isso.

— Desejaria

— Sua indecisão não está fazendo isso mais fácil.

— E você acredita que é fácil para mim?

— Ei crianças. — disse uma voz familiar na nossa frente. Lindsey se aproximou Lacey ao seu lado, a traidora.

— Linda festa. — Lindsey disse a Ethan, em seguida, olhou para mim. — E como está indo esta noite?

— Eu estou bem. E você?

— Eh. — disse com um encolhimento de ombros. — Eu não sou tão popular quanto a nossa querida Sentinela, é claro. — passou um braço ao redor dos meus ombros. — Nós a levamos para o Bar Templo na noite passada, e ela foi um sucesso.





Ah, então esse era o jogo, mostrando-me na frente de Lacey.

Ethan me olhou, sua expressão gélida. Adivinhei que ele não estava impressionado com a minha súbita popularidade. — Encontre-me em meu escritório em cinco minutos.

Tomou-me um momento para ajustar-me a troca de tema, mas eu olhei entre ele e Lacey. — Não há necessidade de você deixar a festa. Podemos falar mais tarde.

Antes que eu pudesse terminar, essa sobrancelha estava arqueada. — Isso não foi um pedido.

Sem esperar por uma resposta, ele se foi, uma mão nas costas de Lacey para guiá-la. Lindsey franziu a testa. — O que foi tudo isso?

— Eu não tenho ideia. Porque você acha que ele quer encontrar-se em seu escritório?

— Bom, ou acaba de se dar conta que poderia ganhar como rainha da primavera e ele definitivamente queria o posto, ou ele queria ficar de joelhos e desculpar-se profundamente por ser um estúpido.

Olhamos uma para a outra. Ela sorriu. — Assim que, a segunda opção é malditamente pouco provável, você está interessada em ser a rainha da primavera?

— Haverá uma coroa?

— Quem é uma rainha da primavera sem uma? — então pôs as mãos em meus braços. — Faça-me um favor, o que ele diga sobre o seu relacionamento ou do seu treinamento ou Lacey, não jogue de ser tímida não jogue de ser humilde. Você tem chutado seu traseiro esta semana, e você está fazendo-o com bom aspecto. Você que ganhou essa coragem. Promete?

Eu prometi.

Esperei por quinze minutos e quinze minutos durante os quais eu me forcei a revisar os livros e troféus em suas estantes, e tratei de evitar pergunta-me que ou quem o atrasava. Eu estava recostado contra a mesa de conferência em seu escritório quando ele entrou. Ele não olhou, mas fechou as portas atrás dele e se





dirigiu a sua mesa. Ele revolveu papéis por um momento antes de por suas mãos em um golpe nas bordas de sua mesa.

— Nós precisamos encontrar um novo desafio físico para assegurarmos que teu treinamento seja suficiente para te permitir o progredir.

Bom, talvez ele realmente queira falar sobre o treinamento. — Bom.

— Este é um bom momento para nos mantermos as comunicações aberta com Gabriel. Se as Manadas não se vão, isso significa que estão aqui. Deveríamos pensar em regras de compromisso, no caso que aja mais deles que não estejam felizes com esta decisão.

— Isso parece apropriado. — ele finalmente olhou para mim, os olhos nublados.

— Chega de jogo, Merit. Chega de "Sim, Liege e Não, Liege". Deixa de por selo em tudo que eu digo. Você era mais valiosa quando discutia comigo.

Pela primeira vez, eu não estava jogando de ser condescendente, realmente acreditava que era apropriado. Mas seu tom rogava por uma resposta, e eu finalmente estava farta de suas idas e vindas.

— Eu era mais “valiosa”? Eu não sou uma antiguidade. Nem eu sou um brinquedo ou uma arma para que manipule.

— Eu não estou jogando com você, Sentinela.

Eu levantei minhas sobrancelhas. Eu era Sentinela somente quando ele estava irritado. — E eu não estou brincando com você, Sullivan.

Nós olhamos por um momento, a sala pesada com as palavras não ditas, a conversa que havíamos estado evitando.

— Tenha cuidado.

— Não. — disse, e seus olhos se ampliaram. Ethan Sullivan, eu imaginei; não estava acostumado a que seus empregados desobedecessem ele.

— A única coisa que você quis de mim. — disse. — É que fosse algo que eu não sou. Sem discutir, te queixas que eu não sou obediente. Que sou atenta te





queixas que eu ponho selo a tudo que você diz. Eu não posso continuar a jogar este jogo com você, com essas idas e vindas.

— Você sabe que não é tão simples.

— É simples assim, Ethan. Toma-me como eu sou ou me deixe ir.

Ele balançou a cabeça. — Eu não posso ter você.

— Sim, você poderia ter. Você me teve. E logo mudou de ideia. — pensei em Lacey, e na fotografia que eu tinha visto, de ele ter tido um relacionamento com ela, apesar das suas considerações estratégicas. Talvez fosse o que mais me incomodava, o que me fazia diferente? O que me faltava? Por que ela, mas não eu?

— Eu não era suficiente tentadora? — perguntei a ele. — Não era o suficiente elegante?

Eu não esperava que ele respondesse, mas ele fez. E foi quase pior. — Não há nada de errado com você.

Ele se levantou e colocou as mãos nos bolsos. Encontrei o seu olhar e vi o fogo verde em seus olhos. — Você é perfeita, bonita, inteligente, intratável em uma forma..., atrativa. Cabeça dura, mas uma boa estrategista. Uma lutadora assombrosa.

— Mas isso não é suficiente?

— É demais. Você acha que eu não tenho pensado em como poderia ser regressar ao meu dormitório no final da noite e encontrá-la lá, para encontrá-la em minha cama, para ter seu corpo e sua risada em minha mente? Para olhar através de um quarto e saber que você é *minha*, que eu te reclamei. *Eu*.

Ele tamborilou um dedo contra o peito. — Eu. Ethan Sullivan. Não a cabeça da Casa Cadogan, não o vampiro de quatrocentos anos de idade, e não o filho de Balthazar ou o Noviciado de Peter Cadogan. Eu. Somente eu. Só você e eu. — ele umedeceu os lábios e sacudiu a cabeça. — Eu não tenho esse luxo, Merit. Eu sou o mestre desta Casa. O Mestre de centenas de vampiros que eu jurei proteger.

— Eu sou um dos seus vampiros. — eu lembrei a ele.

Ele suspirou e esfregou a mão na testa. — Você é a minha maior força. Você é a minha maior fraqueza.





— Você chamou Lacey aqui. Ela não é uma fraqueza?

Ele parecia surpreso. — Lacey?

— Vocês dois tinham; tem uma relação, verdade?

Sua expressão e suavizou. — Merit, Lacey está aqui para uma avaliação. Nós estivemos em meu limitado tempo livre revisando a situação financeira de sua casa. Essa viagem estava programada há seis meses. Não a convidei aqui para ter um relacionamento.

— Todos pensaram.

Ele me deu um olhar sarcástico. — Você deveria saber melhor, para tomar melhor rumores que como estes que correm por esta Casa.

Eu olhei para baixo, suficientemente repreendida e silenciosamente agradecida. Mas isso não mudava o assunto maior. — Eu disse que você tinha uma chance, e você achou que nós estávamos em melhor situação, como colegas. Eu não posso jogar o jogo de estar perguntando-me, todos e cada um dos dias, onde nós estamos parados. Sou sua empregada, tua subordinada, e é tempo que atue como tal. Então eu estou pedindo-lhe para não falar sobre isso novamente, não fale novamente. Que não me recorde com uma palavra ou um olhar como você está em conflito.

— Eu não posso evitar estar em conflito.

— E eu não posso evitar que esteja em conflito. Você fez sua escolha, Ethan, e não podemos continuar a ter esta conversa uma e outra vez. Estamos ou não estamos? Estamos ou não estamos? Como se supõe que vamos trabalhar juntos assim?

Ele fez uma pergunta melhor. — Como se supõe que não trabalharemos juntos?

Ficamos-nos ali em silêncio por um momento. — Se isso é tudo que você queria. — eu disse. — Vou voltar lá para fora. — caminhei em direção à porta, mas ele finalmente me deteve com uma palavra.

— Caroline.





Fechei meus olhos e as mãos fechadas em punhos. Desejava resistir, mas ele era meu Mestre, e ele havia chamado o meu nome, e só isso foi suficiente para parar minha marcha para a porta.

— Injusto. — ele disse. — Injusto e tarde demais. Talvez se eu tivesse mais tempo.

— Ethan, eu não creio que há tempo suficiente no mundo.

— O que eu disse sobre o Breckenridge Merit?

— Nunca queime as pontes. — eu recitei e virei, sabendo para onde ia.

— Antes de acusar-me de fazê-lo, Ethan, lembra-se que você é o único que se afastou. Eu só estou cumprindo com seu pedido. Nós vamos esquecer que isso aconteceu, nós vamos trabalhar juntos, e vamos fazer tudo ao nosso alcance para proteger a Casa, e isso será toda a sua extensão.

Eu parei antes de entrar para o corredor, incapaz de dar esse passo final, sem olhar para ele novamente. Quando eu fiz, havia uma dor em sua expressão. Mas eu tinha feito minha melhor tentativa e eu não ia me compadecer com um homem que se recusou a alcançar o que queria.

— Isso é tudo? — perguntei.

Ele finalmente baixou seu olhar. — Boa noite, Sentinela.

Assenti e me fui.

Caminhei através do primeiro andar da casa, e eu não me detive na porta principal. Eu tomei a calçada para a porta e acenei para os guardas, em seguida, escaneei a rua à esquerda e à direita, verificando o caminho pelos paparazzi. Eles estavam obedientemente agrupados em seu cordão designado no canto à direita. Um chamado fácil; eu me dirigi à esquerda.

Cruzei os braços sobre o peito, cabeça para baixo enquanto eu caminhava. Eu sabia o que Ethan faria isso. Foi à forma como ele operava - um passo a frente, dois passos para trás. Recomece e repita. Ele fazia um movimento em direção à intimidade, em seguida, se retirava. Então se arrependia e se retirava, e o ciclo começava de novo. Não é que ele não me queria, ele havia deixado isso bem claro. Mas cada vez que ele desejava ser humano; a parte estratégia do seu cérebro se impulsionava e ele se retirava para a frieza. Ele tinha suas razões, e eu poderia





respeitá-lo o suficiente, imaginar que ele não importa. Porém isso não significa que eu estava de acordo com ele ou que eu pensava dos seus motivos, suas desculpas eram boas.

Eu franzi a testa na calçada, meus pés se movendo debaixo de mim, ainda que eu apenas prestasse atenção ao movimento. Nós teríamos que trabalhar juntos, isso estava claro. Eu teria que me adaptar. Havia-me adaptado a ser uma vampira, e eu teria que me adaptar ao Ethan. Olhei para cima enquanto uma limusine estacionava.

Era grande, negra, curvilínea. Polida. Sem dúvida, caro.

A janela de trás do lado do passageiro abaixou. Adam Keene olhou para mim do banco traseiro, o tédio em sua expressão.

— Adam?

— Gabe quer se encontrar contigo no bar.

Pisquei confusa. — Gabe? Ele quer se encontrar comigo?

Adam revirou os olhos simpaticamente. — Você sabe como ele é. Dá-me o que eu quero, quando quero. O que usualmente significa imediatamente. Provavelmente não muito diferente de um vampiro mestre?

— Por que eu? Por que não Ethan?

Adam fez um pequeno bufo, logo olhou para baixo para o telefone em sua mão.

— Eu não sou alguém para questionar por que... — ele murmurou, em seguida, girou a tela do telefone em minha direção.

— Trazer a gatinha. — leu uma mensagem de texto de Gabriel. Bom, assim o pedido era legítimo. Mas isso não significa meter-me em uma limusine com Adam era a decisão correta. Duvidando, olhei para trás no portão, a luz da Casa derramando-se sobre a calçada. Se eu ia, imaginei se eu conseguiria um sermão do Ethan em deixar a Casa para conversar com Gabe sem permissão..., e sem a sua supervisão.

Por outro lado, se eu não fosse eu provavelmente teria um sermão a respeito de não jogar em equipe e saltar quando um líder pedia-me para saltar. E





então eu ainda teria que segui-lo ao bar, e no assento traseiro de uma ostentosa limusine.

Além disso, eu tinha a minha adaga e meu bip. Ethan poderia encontrar-me se ele precisasse.

— Mova-se. — grunhi, abri a porta e subi, fechando a porta atrás de mim.

— Começemos com uma Shirley Temple. —ele disse, apontando para o bar de um lado da limusine. — E vamos ver o quão longe chegamos.

A limusine parou na frente de Chapeuzinho Vermelho. A rua estava vazia de motos, e o compensado ainda estava na janela. O cartaz de fechado ainda pendurado na porta. O motorista saiu e abriu a porta traseira, seu rosto liso e sem emoção. Eu joguei um "Obrigado", e olhei para trás quando Adam não fez nenhum movimento para sair. Ele permaneceu em seu lugar, os polegares clicando nas teclas em seu telefone. Quando ele percebeu que eu tinha me detido, ele olhou para mim e sorriu.

— Não sou eu quem ele quer ver. — disse ele, covinhas no canto da boca. — Eu vou ter o Sr. Brown aqui dando voltas no quarteirão de um par de vezes para dar a vocês um minuto, então me reunirei quando tenha acabado. — manteve levantado seu telefone como explicação. — Preciso acabar isto.

— Tua decisão. — disse, em seguida manobrei para fora da porta.

— Ei gatinha. — disse antes de eu fechar a porta atrás de mim.

Olhei para trás.

— Divirta-se ai dentro.

A janela se levantou novamente a limusine saiu para a rua, logo, tomou a primeira à direita em torno do quarteirão. Caminhei em direção à porta.





Capítulo 23



Bando de Mentiras.

Eu dei ao cômodo uma leitura meticulosa. O bar estava sem benfeitores, e a Berna não estava à vista. Mas pessoas ou não, o ar estava grosso com magia. Também tinha cheiro de sangue fresco e ferimentos, o meu paladar pinicando com a possibilidade de um almoço mais cedo. Mas isso não era sangue para ser tomado; era sangue já derramado.

Hank Williams cantarolava suavemente no jukebox, gorjeando uma canção assombrosa sobre o chicote de má vontade e da solidão. O jukebox repentinamente soluçou, e a música pulou, parou, e então começou novamente.

Eu fui até o bar, onde o cheiro do sangue era mais forte, e cautelosamente toquei a ponta dos meus dedos em um ponto na madeira. Eu tirei meus dedos, molhados com sangue.

— Oh, isso não é bom. — eu murmurei, limpando minhas mãos na calça e investigando o lugar, buscando por sinais de luta que colocou o sangue lá. Um baixo murmúrio de repente ecoou da parte de trás do lugar. Era um som de dor, talvez com um pouco de desespero junto. O cabelo no meu pescoço ficou de pé. Sangue no bar e gemido na sala de trás, algo estava muito, muito errado. Eu olhei de volta para a porta, desejando que eu houvesse pedido para o Adam ficar e me acompanhar até a parte de trás do bar.

Que diabo aconteceu enquanto ele tinha ido me buscar?

E tanto pela teoria do Gabriel que a Convenção da Matilha havia parado o drama com os metamorfos.

Eu soltei um xingamento e pensei nas minhas opções. Opção um: eu podia esperar até o Adam retornar, mas isso me deixava no bar, com sabe Deus o que do outro lado da porta.





Opção dois: eu podia fazer uma jogada sozinha. Isso, claro, arriscava um ferimento e a ira do Ethan, mas alguém estava ferido lá atrás. Eu não podia somente ficar por lá, e esperar que eles morressem.

Eu ergui a barra da minha calça, e tirei a adaga da minha bota, e a ajustei na minha palma até a pegada estar perfeita. Eu fiquei de pé no bar por alguns segundos mais, até eu juntar toda a coragem para dar um passo. Quando eu estava pronta, eu soltei o fôleto e me arrastei arma na mão, em direção à porta. Quando eu alcancei o couro vermelho, eu coloquei minha mão na porta e empurrei.

O lugar estava escuro, luz se derramando ao meu redor enquanto eu estava de pé na entrada, uma mão ainda no couro. O cheiro de sangue era mais forte aqui, junto com algo mais..., uma pontada de emoção, de medo. Magia da matilha.

Enquanto os meus olhos se ajustavam à escuridão, uma forma surgiu – um homem no chão, encostado contra a parede, o rosto ensanguentado e machucado, um joelho para cima, a outra perna estendida. A camiseta dele estava destroçada, o jeans em pedaços nos joelhos.

Apesar de aquele formigamento ser familiar, o meu cérebro demorou um momento para perceber o que eu estava vendo.

Quem eu estava vendo.

Era o Nick.

— Ah, meu Deus. — corri até ele, ignorando a dor quando os meus joelhos bateram no azulejo do chão e comecei a verificar os cortes e machucados. — Você está bem?

Ele gemeu uma resposta.

— O que aconteceu contigo? — perguntei. E, mais importante, como? Nick era um metamorfo. Ele pode não ser um Líder, mas eu sentia o despertar de sua magia, sabia que ele tinha poder. Quem teria poder para machucar o Nick?

— Gabriel. — Nick murmurou, e então tossiu fortemente. — Foi o Gabriel.

Eu pisquei confusa. — Gabriel?

— Ele acha que eu... — Nick começou, mas antes que ele pudesse terminar, a minha adaga deslizou para o outro lado do cômodo. Em choque, eu congelei, uma mão na têmpora do Nick, o meu coração de repente estava batucando no meu peito, enquanto eu a via girar no canto mais distante.

— Tarde demais. — Nick murmurou.





Engolindo uma onda grossa de medo, eu olhei ao meu lado para o pé com a bota que havia chutado a minha adaga para o canto, e o metamorfo a qual pertencia. Olhos dourados cintilaram.

Gabriel.

O meu coração começou a bater forte. Melhores habilidades de defesa ou não, eu me sentia tão insignificante e enfraquecida como nunca, confusa no chão perante a um homem que estava tenso o bastante para fazer o ar ficar espinhoso com a magia dele.

— Foi eu. — ele confirmou.

Ele havia feito isso? Ao Nick? Um dos seus próprios membros da Matilha? Eu tentei entender mais eu não conseguia ver o sentido nisso. O que o Nick poderia ter feito para instigar esse tipo de violência do Gabriel?

Sem palavras, Gabriel andou até a porta e ligou o objeto acima da cabeça com um clique alto, inundando o cômodo com luz. Eu pisquei para os pontos brancos, e então fiquei de pé e olhei para ele. As jutas dele estavam esfoladas, e um machucado aparecia em sua bochecha direita. Nick havia apanhado, então, mas ele havia principalmente sido testado pelo alfa no lugar.

E aqui estava eu em um quarto com ele, os meus colegas há minhas de distância, a minha adaga do outro lado do quarto. Era hora de usar a única arma que havia sobrado – um bom, e velho blefe vampírico.

Eu adotei o tom mais orgulhoso que eu consegui fazer. — O que você fez com ele?

Gabriel arqueou uma sobrancelha, como se estivesse surpreso que eu havia desafiado a autoridade dele, o seu direito de lidar com o membro de sua Matilha como ele achava melhor. Depois de um momento que ele ficou me encarando, ele se virou e deslizou uma cadeira da mesa, e então se sentou. A sua postura era negligente – descuidada, as pernas abertas, um cotovelo acomodado na mesa. Eu não estava certa se ele estava realmente tão despreocupado que um vampiro acabara de descobrir..., bem, algo, ou se isso era algum tipo de plano.

— Você mentiu para mim, Merit.

— Como?

Gabriel cruzou as pernas nos joelhos, e então traçou um círculo na mesa com a ponta do dedo. Minha pele começou a coçar com o efeito comichão de sua





magia. Eu lutei para segurar as minhas presas e o pratear dos meus olhos mesmo com a minha genética gritando, Corra, ou se prepare para lutar. Agora.

— Você me disse que ficou sabendo sobre o contrato para me matar porque você havia recebido uma ligação anônima. — ele olhou para mim, a cor de suas íris em turbilhão com uma óbvia fúria. - Isso foi uma mentira.

Eu encontrei o seu olhar penetrante com uma expressão neutra.

Gabriel apontou com a cabeça na direção do Nick. — Na verdade, eu descobri que o Sr. Breckenridge aqui era a sua fonte não tão anônima. Um homem com quem você teve um longo relacionamento pessoal.

Eu franzi para o Gabriel. Nick havia me dado à informação porque ele havia recebido uma ligação anônima. E, sim, eu tive um relacionamento pessoal com o Nick..., mas no colegial.

Confusa, eu olhei para o Nick, que balançou a cabeça. — Ele acha que eu fiz isso. Acha que eu planejei, os ataques. As tentativas para matar ele.

— Você possuía o conhecimento. — Gabriel disse secamente.

Nick latiu para fora uma risada estrangulada. — Com todo o respeito, Líder, eu sou um maldito repórter. Eu recebo pistas. É o meu trabalho.

— Ele estava tentando te ajudar. — eu adicionei. — Ele me contou para que eu pudesse repassar o aviso, para que você soubesse que havia o risco de um ataque na conferência. É por isso que te contamos. Foi por isso que nós estávamos preparados quando o caos começou.

— Eu agora estou me arrependendo de ter pedido a convocação, de eu não ter levado de uma vez os Metamorfo de volta para Aurora. Um metamorfo – um líder – está morto, e há agora uma divisão entre o resto deles. Você tem ideia de quanto isso me deixa frustrado? Quando eu confiei em você?

Dada à magia raivosa no ar – e o cheiro sulfuroso dela – eu tinha uma boa noção disso.

— O Nick não fez isso. Ele não poderia ter feito isso. Você sabe que ele faz tudo o que é possível para te proteger, para proteger a Matilha. Você se lembra, algumas semanas atrás quando ele tentou acabar com a nossa Casa porque ele apenas tinha uma suspeita que nós poderíamos machucar os metamorfos? E você não tem o direito de questionar as minhas motivações ou as do Ethan depois do que nós fizemos essa semana.

— Nós sabemos do que vocês nos chama. — Gabriel disse. — Fingidos.





Eu ergui minhas sobrancelhas. — Eu não te chamo disso. Ethan não te chama disso. E mesmo se há outros vampiros que usam este termo, nós certamente não temos o monopólio no preconceito. Há varios Metamorfos com um ódio nível A em relação aos vampiros. — Nick costumava ser um destes Metamorfos. E aqui estava eu protegendo-o.

— Você mentiu para mim. Eu não lido bem com traição, Merit. Eu não lido bem com ser enganado. Por que eu deveria te deixar escapar com tal impunidade?

Dane-se isso, eu pensei, e fui atrás da adaga. Gabe me deixou pegá-la; ele não levantou um dedo do chão enquanto eu voltava para me posicionar na frente do Nicholas, com a arma na mão.

Eu mudei de lugar, mantendo o meu corpo e lâmina entre o Gabriel e o Nick. Não é como se eu tivesse muito amor pelo Nick, mas o Gabriel estava na frente na minha lista neste momento. Eu tinha que descobrir o que estava acontecendo, mas eu tinha que ter a maldita certeza de fazer isso com a adaga na mão.

— Não chegue mais perto. — eu o avisei, minha adaga apontada na direção de seu peito. — Eu não quero ter que te machucar.

Ele sorriu para mim, estimadamente. — Eu me divirto que você pensa que pode me machucar, Merit. Você lutou contra alguns Metamorfos, claro. Mas eles não eram alfas. — como se para provar o ponto, ele se levantou e esticou uma mão. Eu acho que ele queria me desarmar casualmente, para empurrar a adaga da minha mão, mas ele subestimou a minha velocidade. Eu o ataquei e fiz cortando, uma linha vermelha apareceu ao longo de seu antebraço. Seus olhos se arregalaram instantaneamente, e ele olhou para baixo, surpreso que eu havia conseguido, mas ainda não intimidado.

Eu, por outro lado, estava me sentindo malditamente intimidada.

— Como você sem dúvidas se lembra, eu levei um tiro ontem. Isso é apenas um arranhão. Eu só vou pedir para a Berna me trazer um curativo. Berna. — ele chamou, sua cabeça meio inclinada em direção à porta.

Não houve resposta.

— Ela não está lá fora. — eu disse para ele. — O bar está vazio.

— O bar não está vazio. — ele disse. — Eles ainda estão trabalhando lá fora. Berna. — Gabriel gritou novamente, mas sua chamada foi encontrada pelo silêncio. Ele olhou de volta para mim, confusão em sua expressão.

As peças se encaixaram. — Adam. — eu sussurrei.





A voz do Gabriel ondulou. — O que tem o Adam?

— Ele me pegou na Casa em uma limusine e me trouxe até aqui. Ele disse que você queria falar comigo. Ele me mostrou um sms que você mandou. Ele me deixou aqui e disse que ele iria circular a quadra para nos dar alguns minutos para conversar.

— Eu não mandei um sms.

— Eu entendi isso agora. Eu acho que ele armou para nós. — eu olhei para o Gabriel. — Ele te falou que o Nick e eu armamos para você?

Houve um relampejo de alarme nos olhos dourados do Gabriel, pelo menos até ele os fechar novamente, sua expressão abatida. — Ele disse que vocês dois estavam trabalhando juntos para criar problemas para mim em Chicago. — ele olhou para o Nick. — Ele disse que tinha provas que você iria usar o dinheiro da sua família para se colocar no comando da Matilha.

Nicholas zombou e desviou o olhar. — Eu nunca faria isso. Nunca.

— Ele é o meu irmão. — Gabriel adicionou silenciosamente, frustração em sua voz, como se estivesse tentando fazer o Nick entender o porquê de ele confiar no Adam, mesmo se a história fosse um pouquinho dramática para ser inteiramente acreditável.

— Eu presumo que ele estava tentando fazer você ficar puto comigo e com o Nick. — eu disse. — Talvez para que você nos incapacitasse ou nós matássemos os dois juntos. E então o quê?

— E então ele tenta me matar enquanto você está aqui...

— E eles pensarão que fui eu. — eu termino para ele. — Adam vai me matar e falar que ele me pegou te matando. E este é o primeiro tiro na guerra entre Metamorfos e vampiros. — eu suavizei minha voz. — Gabriel, se você não me chamou aqui, porque mais ele teria arrumado para eu vir?

Enquanto Gabriel considerava a minha pergunta, eu considerei o acaso que havia me colocado para fora da Casa. E se eu não estivesse lá? Ele teria entrado na Casa procurando pelo Ethan? O Ethan que seria atraído para a armadilha?

— Ele falou que o Ethan estava envolvido nisso? — eu perguntei.

Gabriel acenou. E então, como se o peso da traição do seu irmão havia finalmente o atingido, as suas pálpebras se fecharam. — Santo Deus. — ele disse, balançando a cabeça, enquanto desvendava tudo. — Você está certa, porque mais ele teria feito você vir aqui?





— Ele poderia estar por trás disso tudo? — eu perguntei. — Da morte do Tony? Do ataque ao bar? A convocação? O ataque? Quer dizer, ele é o seu irmão.

— Eu presumo que esta é a motivação. Ele é da família. Ele está na fila para a posição de alfa – mas é o último da fila. Ele deve querer a posição, e eu sou o obstáculo atual para este plano. Não somente o único obstáculo, já que a Fallon e o resto deles estavam na fila antes de Adam, mas um obstáculo atual. — ele soltou vários insultos que avermelharam as minhas orelhas e fez o Nick choramingar de seu lugar no chão.

— Ele matou um Líder pelo amor de Deus. — Gabriel se benzeu, dois dedos movendo-se da cabeça até o coração, e então fez o sinal da cruz no peito, como se estivesse se protegendo da reação cármica que o ferimento mortal do Adam havia iniciado..., ou talvez pedindo perdão ao universo por isso.

— Ele é bom. — eu disse calmamente. — Ele nunca envolveu diretamente o Tony, mas ele nos apontou na direção certa para que nós o envolvêssemos sozinhos.

— O que fez a ideia muito mais crível.

Eu acenei, e então olhei em volta. Se o Adam ainda estava circulando a quadra, esperando que o Gabriel me matasse, nós iríamos precisar de um plano, e rápido. — Há outro caminho para sair daqui?

Ele balançou a cabeça. — Há uma saída de incêndio, mas é pela porta do outro lado do bar.

Eu soltei a respiração, apertando várias vezes o cabo da adaga. Nós havíamos caído em uma armadilha, e uma merda, muito, muito ruim iria acontecer neste bar na Vila Ucraniana.

Melhor ainda, ninguém sabia que eu estava aqui, e eu não tinha um celular comigo. Adam tinha um, o merdinha, mas muita coisa isso iria fazer por mim agora. Eu tentei diminuir a velocidade que martelava o meu coração e segurei o prata que estava surgindo no fundo dos meus olhos. Eu não queria estar presa no fundo do bar sem saída. Eu me sentia como a estúpida heroína de um filme de terror, por vontade própria entrando na cova do leão sem telefone ou espada, agora presa em uma briga familiar entre o Líder e o seu irmão traidor.

Reforço, eu imaginei, era a minha única aposta. Eu podia ligar para o Ethan ou o Luc – ou até o Jonah – e reportar que o Adam estava tentando nos matar. - Você tem um telefone?

— Atrás do bar. — Gabe disse.





Enquanto nós olhávamos para porta de couro vermelha que guiava para dentro do bar, nos preparando para fazermos a nossa jogada, a campainha da porta da frente soou.

— Ele voltou. — Gabriel disse.

Meu esforço para segurá-los, não obstante, fez descer as minhas presas e os meus olhos ficarem prateados. O sangue começou a correr pelas minhas veias enquanto o meu corpo se preparava para lutar.

— Pai? — Nick chamou. — Por favor?

Gabriel se moveu para o Nick, colocando uma mão por detrás de sua cabeça e apertou os lábios na testa de Nick. Ele sussurrou algo que eu não pude ouvir, mas as palavras eram baixas e faladas sinceramente. E então Gabriel olhou de volta para mim, como se a minha presença fosse afetar qualquer resposta que ele fosse dar ao apelo do Nick. — Mude. — ele disse. — E faça rápido. Eu não sei quanto tempo mais nós temos.

Nick fechou seus olhos aliviado e começou o lento processo de ficar de pé.

— Nenhum vampiro vê isso e vive. — Gabriel disse sua voz grave. — Eu vou permitir isso agora porque um dos meus a colocou nessa posição. Mas você não viu nada disso.

Eu acenei. Mesmo se eu não tivesse acreditado piamente em suas palavras, a expressão nos olhos dele assinalava claramente que ele estava confiando em mim com algo importante – o direito de assistir um metamorfo trabalhar a sua magia pessoal.

— Senhor. — eu disse, reconhecendo sua autoridade. Quando o Gabriel acenou e se virou de volta para a porta, a primeira linha de defesa do ataque iminente de Adam, eu arrisquei uma olhada no Nick. Ele havia tirado sua camiseta, revelando um felpudo, mas machucado, peito, e ele estava tirando o seu jeans. Não que eu esperava um show, mas os Metamorfos não tinham que supostamente arrancar fora suas roupas? Eu me virei novamente, mas não antes de o Nick me pegar inadvertidamente olhando.

— Não é totalmente necessária tirar toda a roupa. — eu o escutei dizer enquanto o tecido caía ao chão. — Mas este é o meu jeans favorito.

Eu inclinei minha cabeça mostrando entendimento, mas mantive os olhos desviados.





— Se você quiser ver. — Nick calmamente ofereceu. — É melhor você olhar agora.

O único vampiro vivo a ver um homem se transformar em..., algo? De maneira nenhuma eu ia perder isso.

Eu olhei de volta, pegando o Monte Inteiro de um homem muito pelado e um jornalista muito afinado. Ele tinha pés atléticos longos, panturrilhas magras, e coxas firmes. Os seus ombros eram fortes, os braços musculosos, mas ele também estava abatido e machucado, cortado e mordido. Ele claramente havia levado uma surra das mãos do Gabriel. Nick acenou, e então começou... e minha boca se escancarou com o choque. Não era o que eu esperava. Eu havia visto Anjos da Noite e o resto dos filmes que detalhavam a transformação de humano para lobo. Eu presumi que a mudança era física – uma mudança nojenta de músculo e osso, uma troca de patas e pelos pela pele humana e pés.

Mas não havia nada anatomico nisso. Eu ergui uma mão para cobrir os meus olhos enquanto uma luz saía do corpo de Nick, uma nuvem de deslocamento de cores enquanto a magia – grossa o bastante para atingir forma tangível – se envolvia ao redor dele.

Eu sempre pensei assim como grande parte dos vampiros – que os Metamorfos eram como nós – superpredadores que existiam através do resultado de uma mutação genética que alterava a forma de seus corpos. Isso não era como acontecia, essa luz suave e essa névoa de cores. Metamorfos eram predadores somente secundariamente.

Primeiro, e mais importante, eles são mágicos – clara, pura, magia inerente.

Não como nós.

Gabriel se virou para me encarar, os seus olhos âmbar se acenderam com uma arrogância predatória. Mas a emoção se suavizou. Eu balancei minha cabeça.

— Eu já vi este olhar antes, Merit. Não é nem ruim nem bom como você pensa.

Eu olhei de volta para o Nick, que ainda estava envolvido na névoa daquilo, invisível pela fumaça que formou um casulo em volta dele. E então a névoa mudou de forma, do homem alto e magro, para algo baixo, algo horizontal.

E quando ele se acomodou na minha direção pela névoa, abaixado e parecendo um felino, um gato negro e suave – puma? Jaguar? Onça? – no meio do bar em Chicago, meu coração quase parou. Ele era alto – sua cabeça estava alta o suficiente para alcançar o meu cotovelo, a sua pele tão lisa e negra que ele brilhava como um veludo embaixo da luz das lâmpadas, as suas patas estavam





pesadas, grandes o bastantes para arrancar um pedaço de um vampiro, se ele tivesse vontade. Não havia como confundir o seu poder. Não havia como confundir a sua saúde. Onde o Nick havia sido espancado e machucado, o gato estava saudável. Talvez fosse por isso que ele havia pedido para mudar, para que ele pudesse se curar e perder os seus machucados. E talvez fosse por isso que ele tivesse que mudar – porque o Gabriel havia impedido a sua recuperação.

Eles podem se imaginar como sendo casuais menos estrategistas e guiados pela ansiedade mais do que os vampiros... mas com certeza havia uma hierarquia na cadeia alimentícia dos Metamorfos. E a hierarquia importava.

Nicholas caminhou na minha direção e encostou o rosto na minha coxa.

— Agora quem é o Gatinho? — murmurei, e apesar de baixo, o som de rosnado que ele fez decididamente era felino, e ainda era sarcástico.

— Tudo bem, crianças. Vamos nos preparar para a hora do show. Breckenridge cuide da Merit. — ergueu o olhar para mim. — Você será um soldado, uma guerreira, algum dia, quando você estiver pronta. Este é o legado seu e dos seus. Você me pegou, mesmo sem a sua arma. Mas ele é o meu irmão. Esta é a minha luta, a luta da minha família, então eu vou pedir para você se submeter.

— Você não quer a minha ajuda?

Gabe soltou uma risada. — Eu sou o Líder, e ele é parente. Esta é a ordem natural das coisas, a maneira que o nosso mundo opera. Não há nada que você possa fazer a não ser se machucar, e fazer o Sullivan ficar puto comigo. No evento de eu sobreviver, eu com certeza gostaria de evitar isso.

Meu coração gaguejou, mas eu era inteligente o bastante para aceitar o seu conselho, pelo menos até que a honra fizesse com que eu interferisse. Eu olhei ao redor do cômodo e decidi por uma mesa que estava no canto, à pilha de cartas do jogo de poker em cima dela. Eu me arrastei para debaixo dela – um vampiro se escondendo de uma briga. Claro, era um pouco humilhante, mas, eu também estava esperando sair dessa viva.

Nick me seguiu, e então se virou e arrumou a sua parte traseira no chão, se colocando entre mim e a porta – algumas centenas de quilos de metamorfo agora felino entre eu e seja lá o que for que iria acontecer.

Gabriel começou o metódico processo de tirar suas próprias roupas, os músculos de seu corpo firmes embaixo delas. Quando ele havia terminado e estava de pé nu perante a porta, ele cruzou os braços, e nós esperamos.





Quando o Adam finalmente empurrou a porta para entra no cômodo, havia choque em sua expressão.

Eu decidi não tomar como um elogio por ele estava surpreso que eu ainda estava viva.

— O que..., aconteceu aqui? — ele perguntou hesitante. Ele estava enrolando, eu presumi, analisando a situação, para saber se havia uma maneira de salvar o roteiro que ele havia desenvolvido ou se ele precisaria escrever um novo final.

— Eu ainda estou vivo. — Gabriel apontou. — Nick também está vivo, assim como a Merit. Todos acenem.

Eu pulei o aceno, mas ofereci um sorriso sarcástico, que eu dirigi ao garoto que havia me levado diretamente para uma armadilha – uma armadilha que ele havia criado.

— Então só repasse o básico para mim. — Gabriel disse. — O negócio era, o que, matar o Tony, incriminá-lo pelo ataque ao bar, e me assassinar? E quando isso não funcionou você decidiu me matar você mesmo, matar a Merit, incriminando-a pelo meu assassinato, e assumir o controle da Matilha? — ele cruzou os braços em cima do peito. — E depois que tudo estivesse dito e feito, o quê? Você acabaria com as Casas e guiaria as Matilhas para a glória do genocídio?

A expressão de Adam se endureceu, os seus lábios formando uma linha fina. E então os seus olhos se obscureceram, e começou o seu discurso. — E o que você fez por nós? Nós tínhamos reuniões, enquanto os vampiros são tratados como celebridades. Eles controlam o giro. Nós somos parte deste mundo, algo neste mundo, como nada mais que existe, mas nós agimos como crianças correndo atrás das saias de nossas mães!

Eu tinha que admitir aquele discurso não era exatamente difícil de sair nos últimos dias. Apesar dos Metamorfos na convocação não terem conseguido, Celina e seus camaradas conseguiram. Era o mesmo argumento feito pelos vampiros que queriam poder no mundo humano. Eu escutei Celina falar isso, e duas semanas atrás eu escutei Peter Spencer fazer o mesmo argumento.

— A Matilha age com a Matilha. — Gabriel contra-atacou. — Nós não existimos para controlar os destinos de humanos ou vampiros. Nós controlamos o nosso destino, e isso é o bastante.

— Não quando nós podíamos fazer mais.





Ser sobrenatural claramente não garantia imunidade contra a fraqueza do ego.

— Liderar a Matilha não é sobre poder. — Gabriel disse honestamente, como se nós estivéssemos pensando a mesma coisa. — Não é sobre o ego ou usar um manto de liderança.

— Eu acho que o Papai discordaria.

Uma pulsação de magia fria preencheu o ar; eu acho que o Gabriel não estava contente sobre o Adam trazer o pai deles para o meio disso.

— O Pai não está mais aqui. Eu falo pela Matilha agora.

Adam revirou os olhos. — Você mal fala, e esse é exatamente o meu ponto, irmão. Nós dois sabemos por que eu estou aqui. Vamos acabar logo com isso. Eu tenho coisas para fazer.

A pressão no cômodo de repente mudou, como se a força da magia que ambos trouxeram houvesse alterado a atmosfera, e essa diferença era o bastante para fazer os meus ouvidos doerem. E então os dois mudaram.

A luz era mais brilhante do que havia sido quando o Nick se transformou, talvez porque Gabriel era um Líder, e Adam compartilhava algumas de suas genéticas. Nick soltou um rosnado baixo e pulou para mais perto de mim, até que as costas dele se bateram nos meus joelhos. Eu não estou certa se o movimento foi feito para me proteger, ou porque ele estava tão nervoso quanto eu. Muito curiosa para resistir, eu estiquei uma mão e acariciei o seu flanco, que parecia um veludo grosso por cima de músculos firmes. Ele hesitou com o contato, mas se acostumou logo.

A névoa subiu novamente, cercando o Adam e o Gabe, e então eles afundaram enquanto mudavam as roupas, as do Adam aparentemente se vaporizaram com a força da magia. Eles eram gigantes, e a nossa informação estava correta. Eles eram lobos, ambos, e enormes. Eles eram facilmente maiores que o Nick, e ambos possuíam uma pelagem grossa, cinza como aço e pálidos olhos verdes. Os seus corpos eram quase como barris, seus focinhos pontudos, as orelhas retas contra a cabeça enquanto eles se preparavam para a batalha. Adam era um pouco menor do que o Gabriel, talvez porque ele era mais novo. Ele também possuía uma marca branca em seu ombro esquerdo, que era a única forma que era possível diferenciá-los enquanto se moviam.

E eles se moviam bastante. Eles fizeram o primeiro ataque simultaneamente, ambos de pé nas patas traseiras para atacar um ao outro com as patas dianteiras. As presas estavam à mostra, lábios puxados para trás para





revelar dentes grossos brancos. Eles pularam por um momento antes de ficar em quatro patas novamente, Adam em uma posição mais baixa, talvez em reconhecimento a sua submissividade ao Gabriel – antes de aparentemente decidir que a hora havia passada para tal submissividade. Com um rugido alto e lamurioso, ele pulou dentes e garras nos ombros de Gabriel.

Gabriel se arrastou para se recuperar, mas não antes de sangue brotar de um machucado em seu ombro. Ele soltou um grito estridente que me fez tampar meus ouvidos com as minhas mãos, até que a lamentação se transformou em um rosnado canino. Ele rolou, levando o Adam com ele, e então chutou o Adam com força suficiente para se impulsionar para o outro lado do cômodo.

E se as visões e sons não fossem o bastante, cada vez que eles atacavam, eles mandavam uma pulsação de magia no ar que tornava difícil sugar oxigênio. Os meus sentidos, já no limite, estavam praticamente esmagados. Isso não era somente dois lobos brigando para declarar a sua dominância. Esta era uma batalha de forças mágicas – poderosas forças mágicas – pelo controle sobre a Matilha e seus membros..., e o futuro dos Metamorfs. Gabriel representava o status quo; Adam representava um futuro muito, muito diferente.

Adam se levantou novamente, se desvencilhando da força do impacto, e, com o rabo no alto, costa levantada, e orelhas retas, atacou. Ele tentou novamente ser melhor que o Gabriel, o sangue da ponta dos dentes mordendo o focinho do lobo maior, mas Gabriel não desistia. Ele se mexeu freneticamente para se desvencilhar do aperto de Adam, e então fez o seu lance para o domínio, fixando Adam ao chão e agarrando o focinho do Adam. Adam latiu de dor, o som mais como um filhotinho do que um lobo gigante, mas o Gabriel não cedeu.

Adam se mexia embaixo dele, tentando reverter suas posições, mas Gabe rodou enquanto o Adam se movia os caninos à mostra e emitindo rugidos guturais para manter a posição de dominante. Como lutadores de luta de gaiola, eles continuaram assim por um tempo, as cadeiras deslizando enquanto eles se desgranhavam pelo chão da sala de um lado para o outro no chão de linóleo, começando a levar as marcas de sangue de sua luta. Adam não desistia, mas Gabriel também não dava espaço. Eu me perguntei se o Gabe havia lutado assim antes, e quantas vezes ele teve que lutar para manter a sua posição de Líder, ou para manter a ordem na Matilha. Adam fez uma última tentativa à coroa, correndo para o canto isolado do cômodo como se para juntar forças, e então se lançando em direção ao Gabriel com a força que ainda restava. Não poderia haver muito mais força nele. Eles estiveram lutando por dez ou quinze minutos, e Adam suportando o peso da luta. Sua pele uma vez lisa e cinza estava agora encharcada e rasgada em lugares, sangue jorrando dos machucados em seu rosto, pescoço e nas pernas. Mas ele veio até o Gabriel novamente, caninos de seis centímetros





beliscando o focinho do Gabe enquanto Adam tentava empurrá-lo para o chão. Gabriel latiu com o contato, mas conseguiu manobrar suas pernas o bastante para colocá-las embaixo do torso do Adam e empurrá-lo novamente. Desta vez, Adam atingiu diretamente a perna grossa de madeira da mesa do outro lado do cômodo. O vaso de flores plásticas que estava em cima cambaleou, e a madeira rachou enquanto a perna da mesa se partiu com o impacto.

Adam, parado de lado, rabo agora enfiado subsivamente entre as pernas, choramingando. Ele estava vivo, mas ele havia perdido a sua busca pela Matilha. Eu me perguntei que destino o aguardava.

Nick andou alguns metros, e com outra explosão de mágica, mudou de volta para a forma humana. Gabriel fez o mesmo, arranhões e perfurações ainda evidentes em seu rosto e braços. Eu saí debaixo da mesa, sempre a vampira corajosa, e tirei o pó da minha calça. A sala estava em silêncio enquanto eles se vestiam novamente, deslizando para dentro dos jeans e das camisas, e então meias e sapatos. Os gestos de Gabriel eram simples e eficientes, e eu me perguntei se o ato de se vestir novamente era algum tipo de meditação para ele, um processo de reajuste ao mundo humano e a sua forma humana, depois de passar algum tempo no corpo de um lobo.

Quando Nick estava vestido, ele se moveu de volta até mim. — Você está bem? — ele perguntou, verificando o meu rosto. Eu acenei, e então mudei o meu olhar para o Gabriel.

— A mudança não o curou? — eu sussurrei.

— Somente machucados feitos como humanos podem ser curados através da transformação. Ferimentos feitos enquanto metamorfo são mais custosos. Ele irá se curar eventualmente, mas não há uma cura rápida.

Gabriel, agora vestido, ofereceu a mim e ao Nick acenos de reconhecimento, e então se moveu para o seu agora inclinado irmão. Ele se agachou com um joelho e encarou os olhos do Adam. Adam, ainda de lado, resmungou novamente.

— Mude. — Gabriel mandou.

Eu só tive um momento para erguer minha mão contra a luz repentina. Quando eu pisquei novamente, Adam estava deitado no chão, nu e enrolado em seu corpo, seu corpo uma bagunça de cortes e ferimentos.

— Você é um desapontamento para mim, para a família, para a Matilha. — Gabriel disse.

Magia subiu de novo no cômodo, mas não o relampejo energético de antes. Essa magia era antiga, pesada e opressiva. Apesar de não ter nada a ver comigo, os





meus pulmões queimavam com o esforço de puxar e empurrar o ar pesado com o peso e a consequência do desapontamento do Gabriel. Não havia como não perceber.

— Você não escolhe ser Líder. — ele disse para o Adam. — A Matilha escolhe você. Ser um Líder não é sobre poder ou riqueza ou status. É sobre família e compromisso. Lições que eu aparentemente, falhei em te ensinar.

Havia melancolia em sua voz enquanto ele tomava responsabilidade do fardo das ações de Adam.

— Ser um Líder é sobre assumir a liderança. Com certeza não é sobre por em perigo a família. E se você tivesse me matado? E então? Fallon é a próxima na linha, não você. E eu sei que ela tem força e sendo o bastante para segurar a Matilha. Você está no final da escala de sucessão, meu garoto, e enquanto eu posso ter me perguntado se você poderia se mostrar mais forte do que o resto deles, isso prova para mim que você nunca se encaixaria.

Gabriel se levantou novamente, e então encarou distraidamente o outro lado da sala, uma decisão parecia estar se passando em sua mente. Depois de um minuto de silêncio, ele suspirou. — Você é responsável pela morte de um Líder da Matilha. Eu não vou, não posso, dado os votos que eu fiz ao nosso pai, te matar, apesar da dor e vergonha que você causou.

Gabriel balançou a cabeça, resignação em seus olhos. — E talvez você tenha sorte. Talvez os membros do Grande Noroeste também não o farão. Mas será uma decisão deles a ser tomada.

— Gabriel... — Adam roucamente implorou, mas Gabriel o dispensou.

— Você vai se apresentar aos membros do Grande Noroeste, e eles decidirão seu destino. E se você não estiver disposto de ir por vontade própria, eu vou mandá-lo em um engradado, se isso fará com que você vá para lá.

Com o destino do Adam aparentemente decidido, Gabriel soltou o ar que parecia empurrar o peso do mundo de seus ombros, e então olhou para mim. - “Parece que eu te devo outra maldita desculpa por te trazer em outra disputa da Matilha. Eu não gosto de dever desculpas. Eu farei com que alguém ligue para o Sullivan para que ele seja informado quando você voltar. Eu estou achando que se ele não for informado, você passará as próximas duas horas em seu escritório, repassando os eventos.

Eu acenei. — Isso é basicamente como funciona.





— E quando ele perguntar por sua versão dos eventos, quanto você contará para ele?

Eu pensei com uma séria consideração na pergunta. Não havia maneira de eu mentir para o Ethan. Mas omitir? Talvez. Especialmente se eu explicasse para ele o porquê de eu estar omitindo alguns detalhes.

— Eu direi para ele as coisas que ele precisa saber. — eu respondi honestamente. Gabriel pareceu satisfeito com isso.

— Bom o bastante. Apesar de que ele vai reclamar sobre isso, sobre você estar envolvida em algo tão estúpido e perigoso assim.

— Eu sou equipamento. — eu disse com remorso. — Se ele ficar puto, é porque você pôs em perigo a sua arma.

— Merit, se você realmente acredita nisso, eu estive te dando muito crédito.

A expressão dele era séria o bastante para colocar uma surpresa na minha. — Então ele tem um jeito muito estranho de demonstrar isso.

— Amor, ele é um vampiro.

Por que todo mundo ficava dizendo isso?

Eu estava prestes a pedir uma carona quando o meu biper soou. Curiosa, eu o desprendi e olhei. Lia-se “CADGN. INVASÃO. ATAQUE. 911.”

Eu encarei a mensagem, e levou um momento para o meu cérebro absorver seu conteúdo. E então o que deveria ser óbvio desde o anoitecer: havia uma invasão, um ataque, na Casa Cadogan.

— Oh, Deus. — eu disse minha mente se acelerando. E então eu olhei ao Adam. — O que você fez?

— Merit? — Gabriel perguntou, mas eu ergui a mão e mantive o meu olhar no irmão dele.

Adam, o que você fez?

Ele olhou para trás por seu ombro, maldade em seus olhos. — É tarde demais. O plano está funcionando. Eu já os mandei atacar.

Meu coração quase parou. Até o Gabriel ficou pálido. — Você mandou quem?





— Metamorfos. Alguns humanos. Aqueles que queriam derrubar um pouco os vampiros de seu pedestal.

— Oh, Deus. — eu disse. — Há uma festa acontecendo. Eles estão fora da Casa. Sem proteção. Eu tenho que voltar.

— Ok, ok. — Gabriel disse. — Nick, fique de olho no Adam. E chame a Matilha.

— E o meu avô! — eu coloquei.

— Consiga tantos quanto possível mande até Hyde Park. Eu estou com a minha moto. Nós levaremos você de volta, e nós pararemos isso.

Se Deus quiser, nós ainda poderíamos.





Capítulo 24

Trazendo a Casa abaixo.

Foi uma coisa boa que ainda não estava perto do amanhecer, já que o meu caminho para casa era ao ar livre. Eu tirei um momento para usar o telefone do bar e fazer uma rápida ligação enquanto o Gabriel preparava sua moto. Quando fiz meu caminho para fora, ele estava sentado na motocicleta Indian, uma linha baixa e longa de cromo, assento negro de couro, e um esmalte prateado.

Tirei um capacete extra da parte de trás da moto, e então subi uma perna.

— Você já andou antes?

— Já faz um tempo. — eu disse.

Gabriel fungou, e então ligou o motor. — Então sugiro que você segure firme.

Coloquei o capacete, subi na moto, e contornei minhas mãos na cintura dele.

— Não tão firme gatinha. Nós vamos apenas até Hyde Park.

— Desculpa. Desculpa.

A moto trovejou, um som oco e estrondoso. Mas mesmo com o barulho dela, eu pensei ter o ouvido murmurar. — Vampiros.

Dez terríveis minutos depois, em uma viagem que deveria ter levado vinte, nós voltamos para Hyde Park. Gabriel pilotava como se os fogos do inferno estivessem perseguindo-o. Da coluna de fumaça que estava se erguendo da vizinhança a quadras de distância, eu me preocupei que eles estavam. A rua estava turbulenta, caminhões e motos estavam estacionados no meio, provavelmente para manter os policiais para fora, que não estavam em lugar





nenhum para serem vistos. Mas havia diversos paparazzi, tirando fotos dos veículos e dos Metamorfos que surgiam deles.

E, mais importante, da fumaça que se levantava do primeiro andar da Casa. Meu peito parecia oco. Eu era Sentinela. Esta era a minha Casa. E eu havia sido enganada a deixá-la sem proteção, deixar os vampiros dentro dela desprotegidos.

Deus, por favor, que ele esteja seguro, eu rezei, tirando a minha adaga de sua bainha e pulando para fora da moto antes que Gabriel tivesse tido tempo de pará-la completamente. Ele me chamou, mas eu já estava correndo, de adagas em mãos.

Andei apenas alguns degraus antes de um Metamorfo vir até mim, segurando uma katana que provavelmente havia sido furtada de um dos outros vampiros. Minha ira vampírica se elevando rapidamente e ferozmente, abaixei um joelho, presas a mostra, e forçando o atacante a pular em cima de mim. Enquanto ele deslizava pelo ar, enfiei um cotovelo para cima em seu peito e tirei a katana de seu aperto mole.

Eu me levantei novamente e rolei a katana em minha mão, seu peso era confortável apesar de não ser minha. Eu me virei para o homem, que havia rolado e parado, mas no local mais inconveniente, nas botas do Líder predador da Matilha da Central Norte Americana.

— Eu pego esse, gatinha. — Gabe disse, seu olhar estreito no Metamorfo perante a ele.

Eu esperava que o homem tivesse bom senso o bastante para ficar abaixado.

Com um aceno de entendimento, comecei a correr, katana na minha frente, sirenes finalmente começaram a soar atrás de mim. Era o corpo de bombeiros, eu esperei, se eu ainda esperava que fosse ter algum lugar para colocar a cama antes do amanhecer.

Enquanto eu cortava mais dois Metamorfos agressores, eu tentei silenciar minha mente o bastante para me conectar no Ethan. Mas apesar de chamar seu nome duas vezes, e então três vezes, eu não podia achá-lo.

Ele não me respondia de volta.

Fiz o meu caminho pelos saqueadores até o portão da frente da Casa; e encontrei o Luc lá com duas Fadas, os três lutando contra a multidão de





Metamorfos que estavam tentando entrar. Dada a fumaça, alguns devem ter entrado, ou talvez tenham entrado por cima da parede em outras partes do terreno.

— Luc! — chamei, dando ao agressor um pé no queixo e assistindo-o se contorcer.

Luc olhou em volta. — Sentinela, graças a Deus. Alguns deles são humanos, mas acho que o resto são Metamorfos. Eles atacaram a Casa!

Eu tive que gritar por causa do barulho das sirenes e do ressoar das espadas. — Foi o Adam! Ele tinha um plano, nós falamos sobre isso depois. Está todo mundo bem?

— Eu não sei. Nós deixamos Lacey na parte de trás da Casa com a Lindsey. Ethan, Juliet, Kelley, e Malik estão lá dentro.

— Merit! — olhei atrás de mim. Catcher, Jeff, e o meu avô, o seu andar um pouco mais lento, se movendo na nossa direção entre os policiais vestidos de preto que estavam finalmente começando a emergir dos carros e juntando os criminosos.

Isso levantava uma boa questão: como em nome de Deus nós iríamos explicar isso para os policiais? Eu acho que esse era o Departamento do meu avô.

— Só se preocupe com os seus deveres. — meu avô disse como se tivesse antecipado a minha pergunta. — Nick ligou e explicou. Nós vamos acalmar isso aqui. Você faz o que você precisa fazer para manter as pessoas seguras.

Eu acenei, e então apontei um dedo para o Jeff. — Pronto para lutar?

Ele sorriu abertamente. — Pode apostar.

— Então vamos fazer isso.

Nós nos movemos para dentro do portão, minha katana emprestada na mão e o Metamorfo do meu lado. Eles nos rodearam enquanto nós entrávamos; metade deles carregando a carga elétrica de Metamorfos agitados, mas nenhum deles na forma animal.

— Por que eles não se transformaram? — perguntei para ele, erguendo a katana e me preparando para o ataque.





— Paparazzi. — disse; o que fazia sentido. Jeff saltou sobre os calcanhares, de punhos fechados. Era uma posição estranha para um programador de computador esguio, mas eu sabia que o Jeff podia cuidar de si mesmo.

E diferentemente da Convocação, onde nós lutamos em diferentes lados do cômodo, desta vez eu pude assistir. Enquanto lutava contra os meliantes à direita, Jeff pegava os da esquerda.

E ele foi com tudo.

Era como assistir um monge em uma batalha, uma calma completa em sua expressão e em seus olhos, mas cada movimento era perfeito, cada movimento preciso. Ele era um lutador fantástico, seus golpes e chutes no alvo e os seus bloqueios na hora certa para se defender de ataques dos agressores. Certa hora, ele pegou o meu olhar impressionado e ofereceu um sorriso até as bochechas.

— Sinto muito, linda. Já tenho dona.

Eu revirei os olhos e dei um golpe com a minha katana, e juntos nós lutamos contra o exército de pessoas e Metamorfs decididos a destruir a Casa. Eu havia derrubado quatro agressores quando finalmente o ouvi respondendo na minha cabeça.

— *Merit?*

Agradei silenciosamente ao universo. — *Ethan, onde você está?*

— *Primeiro andar. Meu escritório. Venha se você puder. Se não, encontre o Malik e o mantenha a salvo.*

Meu estômago afundou. Malik era basicamente o vice-presidente de Ethan, o vampiro encarregado de tomar conta da Casa se algo acontecer ao Ethan. Ethan havia desistido? Ele já estava tentando estabelecer uma linha de sucessão?

Deixei sair uma maldição que deveria ter criado bolhas nos ouvidos do Jeff.

— *Fique onde você está.* — eu disse para ele. — *Estou a caminho.*

— *Merit.*

— *Eu sou a Sentinela da Casa, Ethan. É minha decisão.*





Isso foi respondido com o silêncio.

— Jeff, Ethan está com problemas. Preciso entrar. Você pode achar o Malik e ter certeza que ele está bem?

— Mãos cheias, Merit. — ele disse, usando um golpe no peito para empurrar alguém para trás. — Você pode esperar até que nós tenhamos o quintal da frente seguro?

Olhei em volta, me perguntando quanto tempo isso levaria, e sorri.

Eu fiz a decisão, e a cavalaria havia chegado.

Seis deles entraram pelo portão vestidos com jaquetas de couro pretas e vermelhas, Noah na frente, cinco outros vampiros atrás. Juntos, eles pareciam como Anjos Vingadores, katanas a mostra, expressões ferozes, prontos para lutar pelos vampiros. Jonah não estava entre eles, e eu presumi que ele havia pulado a luta para que pudesse manter o seu anonimato como membro da Guarda Vermelha.

Um pouco da tensão deixou meus ombros ao vê-los.

Noah assinalou que eles haviam tomado o perímetro do lado de fora. Quando acenei o meu entendimento, ele começou a latir ordens para o resto da sua equipe. Eles quebraram a formação e se dispersaram na multidão.

— Merit, na sua esquerda!

Com o aviso de Jeff, eu imediatamente joguei minha katana para bloquear o ataque. O ataque do meliante era defletido, e o soco do Jeff nos rins do cara trouxe-o para baixo.

— Divertido, divertido. — ele disse, sorrindo para a sua presa caída.

— Sim. — eu disse, me inclinando para frente para beijá-lo na bochecha. — Você e a Fallon vão se dar super bem.

Com isso, subi as escadas e me encaminhei para a Casa.

Fumaça cinza estava agora se derramando do segundo andar, vampiros estavam evacuando enquanto os bombeiros corriam pelo corredor, com as





mangueiras na mão. Um deles pausou no caminho para subir as escadas e levantou o seu capuz. — Senhor, você precisa evacuar!

— Vampiro! — eu gritei. — Eu sou imortal.

Ele piscou para mim. — Casa Grey. — ele disse, e então colocou o seu capuz e continuou subindo as escadas com os seus colegas.

— Continue meu amigo. — eu disse, e então me apressei pelo corredor até o escritório do Ethan.

O seu paletó estava descartado, marcas de sangue e restos de fumaça; um grande contraste contra o branco de sua camisa. Ele estava de pé na parte de trás do lugar, as cortinas de veludo do escritório estavam agora despedaçadas e saindo fumaça atrás dele, um leque de quatro Metamorfos na frente dele.

Mesmo com esta terrível situação o meu alívio não podia ser menor ao vê-lo são e salvo.

— *Precisa de ajuda, Sullivan?*

Ele verificou o meu corpo, procurando por ferimentos. Um olhar de alívio cruzou seu rosto. — *Graças a Deus!* — ele falou.

Eu ofereci um sorriso para ele antes de virar minha atenção aos Metamorfos. — Vocês crianças não estão em menor número? — perguntei.

Quando eles se viraram para olhar para mim, Ethan tirou vantagem da distração deles, mandando dois deles para o chão com ataques fatais. Eu me aproximei dos outros dois, me colocando entre eles e Ethan. Infelizmente, os criminosos aproveitaram o momento para chamar a quatro ou cinco de seus amigos, que apareceram na porta com armas; revólveres e o que parecia com pedaço de móveis da Casa Cadogan, na mão.

Eles perceberam que haviam nos encurralado, e começaram a trabalhar os flancos, nos circulando para que nós ficássemos no meio deles.

— *De costas.* — eu disse para ele, e ele acenou, e então virou para que nós ficássemos com as nossas costas juntas, nossas espadas na horizontal na nossa frente, cercados por inimigos. E então nós lutamos.





Seja qual for o milagre da genética dos vampiros não poderia ser nada comparado ao milagre da nossa luta..., juntos. Nós dois atacamos, a magia e o poder ao redor de nós parecendo na realidade aumentar enquanto nós lutávamos, balas voavam enquanto nós brigávamos contra os intrusos que haviam ameaçado a nossa Casa. O Mestre da Casa Cadogan e a sua Sentinela, as suas lâminas temperadas e afiadas, e erguidas contra um inimigo comum.

Nós fizemos um trabalho rápido nos primeiros dois agressores, mas então eles começaram a ficar criativos, se movendo ao nosso redor para tornar mais difícil para o Ethan e eu coordenar nossos movimentos, mesmo quando nós podíamos dar direções silenciosas um para o outro.

Por outro lado, isso também nos forçou a ficarmos um pouco mais criativos também. Eventualmente, nós lutávamos lado a lado, Ethan cortando a sua katana para tirar o equilíbrio de um agressor, e eu chutando-o até ele se submeter. Ethan virava com um chute alto, e eu usava um soco baixo para forçá-lo até o chão quando ele tentava desviar do ataque do Ethan.

Eventualmente, o cômodo estava limpo, e nós ficamos lá de pé juntos, peitos arfando, uma jorrada de Metamorfos e humanos no chão na nossa frente. Nós não estávamos totalmente sem ferimentos; eu havia levado um tiro que machucou minha coxa direita, e Ethan tinha cortes ao longo de sua barriga onde havia sido pego com a ponta de uma barra de aço quebrada da cadeira de alguém.

Mas nós estávamos vivos.

Nós olhamos um para o outro. Eu estava prestes a falar, mas antes que pudesse tirar as palavras para fora, a sua mão estava na parte de trás da minha cabeça, sua boca se apertando contra a minha. O beijo intensamente possessivo me deixou sem ar, mas mesmo quando ele se afastou, seus dedos ficaram presos na parte de trás do meu cabelo.

— Cristo, Merit, eu pensei que você tinha morrido. Você foi embora depois que nos falamos, e ninguém conseguia te encontrar. E quando eles atacaram e você não apareceu, onde diabos você estava?

— Eu estava no bar. — eu disse. — Eu te dou os detalhes depois. Para resumir a história, isso é tudo feito do Adam. Ele arquitetou tudo, tinha um plano para matar Gabriel e incriminar a Casa.

Ethan sorriu perversamente. — E você descobriu antes que Adam pudesse ter matado vocês dois, mas ele já havia iniciado o ataque.





— Bem, eu sou uma Sentinela de Cadogan.

— Sim, você é. — ele disse, e então me beijou com força brutal novamente. — Isso não acabou. — ele grunhiu, e então ele tinha ido embora, pronto para batalha novamente. Eu não iria perder tempo discutindo com ele, mas logo que as suas costas se viraram, ergui a ponta dos dedos até a minha boca, a sensação dos seus lábios ainda lá.

Eu podia senti-lo vindo. O sol não estava muito longe de realizar o seu caminho para cima do horizonte, e havia começado a puxar os meus ombros. Felizmente, a força combinada do Departamento de Polícia de Chicago, o Corpo de Bombeiros de Chicago, o escritório do Ombud, metade da Matilha da Central Norte Americana, os vampiros da Casa Cadogan, e a Guarda Vermelha haviam finalmente conseguido parar o ataque.

Ethan parecia engolir no tranco a participação da Guarda Vermelha. Ele não piscou um cílio quando os viu, mas também não tinha nenhuma razão para ligar a presença deles comigo.

Isso significa que se eu decidisse me juntar a eles, poderia ainda manter o meu segredo escondido.

Mas lados bons de lado, a Casa não havia ficado sem casualidades. Sete Metamorfs e humanos haviam sido mortos no ataque. Nós perdemos três vampiros. Eu não conhecia nenhum deles para falar, apesar de dois viverem no segundo andar não muito longe do meu quarto. Dois foram perdidos para estacas de madeira; as cinzas deles agora misturadas com a destruição da Casa.

O terceiro, no entanto, havia encontrado um final mais macabro. Ela havia sido vítima de uma tortura dos tempos antigos. Um agressor humano louco, um dos falecidos, deixou-a fraca com uma estaca mal posicionada e removeu o seu coração.

Em honra de seu sacrifício, o corpo dela havia sido colocado no jardim atrás da Casa, para ser dado ao sol quando ele finalmente alcançasse o céu.

Quanto a Cadogan em si, os invasores haviam trazido a Casa abaixo ao redor de nós. Enquanto a vigorosa construção de rocha havia impedido o pior do estrago, a mobília e a marcenaria no primeiro e segundo andar haviam sido danificadas, alguns dos quartos se tornaram inabitáveis. Helen e Malik estavam nos telefones, fazendo arranjos com Grey, Navarre e os outros vampiros de Cadogan em Chicago para encontrar lares temporários para os vampiros cujos





quartos haviam sido queimados ou estavam muito molhados e cheios de fumaça para ficar dentro. Meu quarto, no final do corredor no segundo andar, havia sido poupado felizmente. Como Ombudsman, meu avô possuía jurisdição sobre a resposta da cidade ao caos. Ele ajudou a separar os bons Metamorfos dos ruins, explicando as políticas para os policiais do DPC que ele pode cercar por tempo suficiente. Ele acordou para que eles não prendessem todos os Metamorfos e vampiros a vista; dada a destruição e o caos, eu chamava isso de vitória.

Infelizmente, ele não havia sido capaz de impedir que os paparazzi tirassem fotos. Eles não se arriscaram a entrar na Casa Cadogan, mas não tinham precisado, um dos Metamorfos de Adam havia sido gravemente ferido na forma humana que ele havia se transformado no meio do gramado para curar a si mesmo. Eu posso ter sido a primeira vampira a presenciar a mudança de um membro da Matilha, mas não havia sido a última..., e os paparazzi não seriam os últimos também. Eles aparentemente tinham tirado fotos de um motoqueiro que havia se transformado em um coioote. Vendo a transformação eu mesma, duvidava que as fotografias finais mostrassem muito mais do que luz e cores.

Independentemente, era óbvio para os repórteres que algo sobrenatural tinha acontecido; algo que eles não haviam visto antes, e que disparou um frenesi jornalístico. Foi por isso que meu avô, a pedido de Gabriel, havia juntado todos os repórteres em uma área na frente da Casa. Ele ficou de pé atrás de um pódio de faz de conta, Gabriel ao seu lado, um grupo de policiais uniformizados ao redor deles.

Esperando.

Gabriel levantou suas mãos, e a multidão de repórteres ficou em silêncio da mesma forma que os Metamorfos na noite passada.

— Eu tenho algo a dizer. — ele anunciou, e então usou as costas de sua mão para tirar uma trilha de sangue de seus olhos. Pausou o peso da confissão iminente em seus olhos. Eu sabia o que ele iria dizer, mas também sabia que isso iria custar para ele, emocionalmente e politicamente.

— Vocês logo verão fotos que contarão um conto diferente. Que prova que os vampiros não são os únicos seres sobrenaturais no mundo. Nós somos Metamorfos. — ele disse. — Seres que podem tomar forma animal ou humana.

Ethan ficou de pé ao meu lado, e na menção da palavra magia, deslizou seus dedos nos meus. Eu os apertei em resposta. A área explodiu em uma cacofonia de flash de câmera e perguntas. Gabriel as ignorou, segurando uma mão para cima para que ele pudesse continuar falando.





— Nós somos Metamorfos, e alguns dos meus são responsáveis por este ataque a Casa Cadogan, um ataque em um grupo de cidadãos que não tem feito nada mais do que nos ajudar e nos proteger. Este ataque foi injustificado. Nós já submetemos o organizador deste ataque à custódia do Departamento de Polícia de Chicago. Como ele violou a confiança entre o nosso povo, vocês podem lidar com ele como vocês acharem melhor. — pausou, deixando o peso daquela afirmação se acomodar. E quando estava pronto, olhou para a multidão e encontrou Ethan e eu. — E que Deus possa ter compaixão de todos nós.

Alguns minutos antes do amanhecer; encontrei Ethan em seu escritório, cutucando os escombros. As cortinas arruinadas já haviam sido substituídas por modelos mais simples, a mudança necessária para bloquear a vinda do sol.

Ele olhou para cima quando eu entrei, e então verificou o meu rosto e corpo. — Você está bem?

Eu acenei. — Tanto quanto é possível alguém estar. Sinto muito sobre os Novatos que você perdeu hoje.

Ethan acenou, e então arrumou uma cadeira que estava caída de lado. — Não era imprevisível que nós enfrentaríamos violência. Mas isso não torna o ato de violência menos chocante. — colocou uma mão na cintura, e então massageou sua têmpora com os dedos de sua mão livre. — Eu falei com o seu avô sobre os eventos no bar. Nick o colocou a par.

Esperei pelo sermão inevitável sobre deixar o campus, ou empreender um diálogo Metamorfo/vampiro sem permissão, ou colocar a Casa em risco.

— Bem. — ele disse filosoficamente. — Adam não é o primeiro narcisista que colocou um alvo em nós. Todo mundo já foi reinstalado?

Demorei um momento para perceber que eu não havia levado uma bronca. — Scott e Morgan mandaram ônibus para pegar todos. Há pelo menos uma dúzia de vampiros em cada Casa. O resto deles está na cama e contados. A ala da frente do segundo andar precisar ser arejada, mas as Fadas concordaram em manter a guarda para que os operários possam começar ao amanhecer.

Ele acenou oficialmente, mas não encontrou os meus olhos. Estava claro que ele tinha mais a dizer, mas ainda não havia decidido o quê.





— Há mais alguma coisa? — perguntei, dando a ele uma chance de dar voz aos seus pensamentos.

Ethan abriu sua boca, mas então a fechou novamente. — Nós podemos conversar amanhã. Encontre um lugar para descansar. Durma um pouco.

Eu acenei. — Boa noite, Sullivan.

— Boa noite, Sentinela.

Minhas noites estavam começando a ter os mesmos finais, aparentemente.





Epílogo



A melhor ofensa não é uma boa defesa. É uma boa ofensa.

Quando despertei na manhã seguinte, minha variedade de cortes e contusões havia sumido.

Mas a Casa sabia, ainda tinha cicatrizes.

Levantei-me e tomei uma ducha, esfregando a fuligem e o sangue seco que estava muito cansada para limpar no amanhecer.

Esperando ajudar a reabilitar e reorganizar a Casa, vesti meus jeans, camiseta e pumas, meus cabelos em um rabo de cavalo, a sempre presente medalha Cadogan ao redor do meu pescoço, no caso de repentinamente esquecer a quem pertencia minha lealdade.

Mas não havia nenhuma possibilidade de que isso acontecesse. Qualquer que fosse nossos problemas pessoais, Ethan e eu havíamos provado que poderíamos trabalhar bem juntos. Inclusive lutamos bem juntos. Havia tido suficiente trabalho, e vislumbres de meu pai batendo nas cabeças de seus empregados, pelo que sabia isso era uma raridade. Deixando de lado nossos problemas pessoais, nós éramos bons colegas. E assim como ele havia decidido não arriscar o profissional misturando com o pessoal, eu tinha meu próprio sacrifício para fazer. Não poderia deixar minha Casa sem uma Sentinela em meio a uma guerra.

Assim encontrei o telefone de Noah e disquei. Atendeu depois de dois toques.

— Beck.

— É Merit.





— Sentinela. — disse, com a voz grave. — Como estão as coisas na Casa?

— Estamos reconstruindo as coisas.

— Alegra-me ouvi-lo. Levará tempo, mas alegro-me ouvi-lo.

— Não posso agradecer o suficiente pelo que fez ontem à noite. Por aparecer, por sacrificar seu anonimato. Por nos ajudar a lutar.

— Chega um momento em que todos têm que fazer sacrifícios.

Ele estava muito correto. — Sobre sua oferta, estou rechaçando.

Houve um silêncio por um momento. — Serei honesto, me surpreende ouvir isso.

— Minha lealdade está com a Casa. — expliquei. Havia escolhido como uma vez minha avó me ensinou, a dançar com a pessoa que me conduzia.

— As coisas sempre podem trocar. — Noah disse. — Mas pode ser que não tenha um lugar se esperar.

— Entendo o risco. — lhe assegurei. — E agradeço por fazer a oferta, inclusive se tenho que dizer não.

— Bom, poderia ter sido interessante. Boa sorte com as renovações.

— Boa noite, Noah. — desliguei o telefone, depois o apertei em minha mão. — Bom. — murmurei. — Suponho que isso é tudo.

Houve um golpe na porta. Presumi que era Lindsey, vindo me recolher para o café da manhã e o trabalho de reabilitação, assim abri a porta sem hesitação. Era Ethan. Estava de volta em jeans, combinados novamente com uma camiseta e botas escuras. Supus que nosso Mestre estava pronto para trabalhar também.

— Como se sente?

— Bem curada. — lhe disse. — E você?

— Até agora tudo bem.

— Excelente.





— Mmm-hmm.

Ficamos ali em pé por um momento, o elefante rosa dançando ao redor de nós enquanto nós trabalhamos com esmero para evita-lo. Ethan estendeu sua mão. Em sua palma havia uma caixa azul brilhante com um “C” prateado gravado na tampa.

Com o cenho franzido, peguei.

— O que é isso?

— Uma desculpa, ou algo assim.

Fiz uma careta, mas deslizei a tampa..., e então o ar me deixou.

Dentro da caixa havia uma bola de baseball, sua pele branca de couro marcada com as assinaturas de cada jogador da equipe dos The Dogs. Era simplesmente igual a que eu tinha - simplesmente igual a que eu havia contado na noite em que fizemos amor.

Pestanejei par a caixa, tentando tomar a gravidade do presente. — O que..., aonde conseguiu isto?

Ethan deslizou suas mãos em seus bolsos. — Tenho minhas fontes.

— Não deveria ter...

Parei com suas mãos em meu queixo, seu polegar contra meu queixo. - Algumas vezes, as pessoas devem se adaptar. A imortalidade não faz as coisas que amamos sejam menos importantes; significa que devemos entesoura-las. Protegê-las.

Traguei forte e me obriguei a levantar meu olhar para ele, medo, mais que medo queimando em meu peito.

— É uma desculpa. — disse. — Por não acreditar em você..., em nós. Ontem, pensei que havia te perdido, e então lutamos juntos. - disse. - Afastei-me por medo de que nossa relação faria, poderia fazer, a esta Casa. E então protegemos esta casa juntos. Essa é a verdadeira medida que poderíamos fazer.

Parou, depois bateu um dedo contra a caixa. — Este é um desejo. — disse em voz baixa. — Que inclusive depois de quatrocentos anos de existência, um





homem pode ser o suficientemente forte para aceitar o presente que lhe tem sido dado.

— Ethan... — comecei, mas sacudiu a cabeça.

— Estou preparado para esperar uma resposta positiva.

— Isso vai levar um tempo.

Ethan levantou apenas uma sobrancelha, um sorriso levantando-se em um canto de sua boca. — Sentinela; eu sou imortal.

Virou em seus calcanhares e começou a caminhar pelo corredor, logo gritou — E necessitaremos falar sobre você indo do campus para os braços dos Metamorfos sem sequer uma chamada telefônica.

Algumas vezes, ele era tão previsível.

Fim...

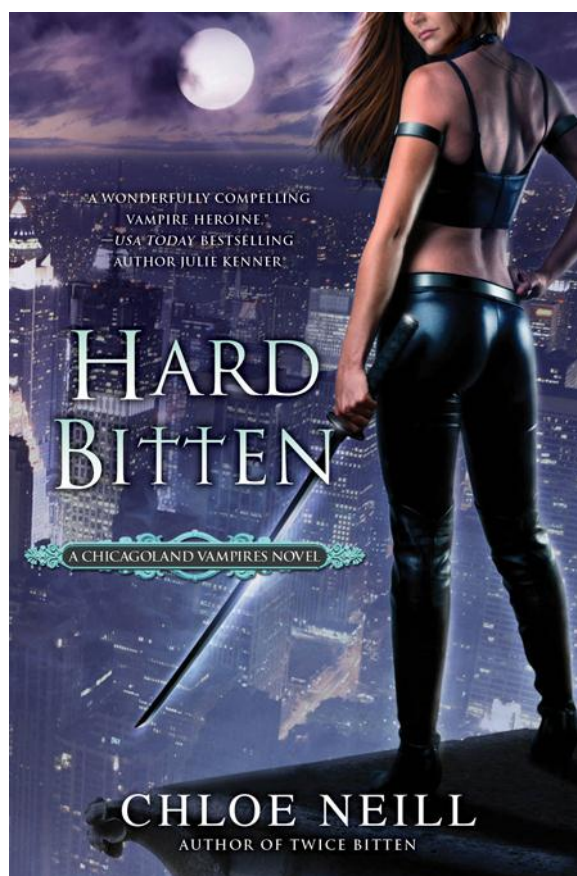




A Série Chicagoland Vampires continua em:

Hard Bitten

(lançamento em 03/maio/2011)



**Abaixo uma prévia do que
podemos esperar do próximo livro.**





Capítulo 1

Magia é o que a Magia Faz.

Final de agosto

Chicago, Illinois

Trabalhamos sob o brilho dos holofotes que perfuravam as trevas do Hyde Park, quase cem vampiros agitando tapetes, pintando portas de armários, lixando as guarnições.

Um punhado de homens de aspecto grave em preto; Fadas mercenárias extras que tínhamos contratado para proteção permaneciam do lado de fora da cerca que formava uma barreira entre o terreno de um quarteirão de largura da Casa Cadogan e o resto da cidade.

Em parte, eles estavam nos protegendo de um segundo ataque de Metamorfos. Que parecia improvável, mas assim que teve o primeiro ataque, liderado pelo irmão mais novo do líder da Manada da América do Norte Central. Infelizmente, isso não tinha parado Adam Keene.

Eles estavam também nos protegendo de uma nova ameaça.

Os humanos.

Olhei para cima pela curva elegante da guarnição de madeira que eu estava limpando a mancha. Era quase meia-noite, mas o brilho dourado das velas dos manifestantes era visível através da abertura na cerca. Suas chamas tremeluziam na brisa pegajosa de verão, três ou quatro dúzias de pessoas tornavam conhecidas as suas objeções silenciosas aos vampiros na sua cidade.

Popularidade é uma coisa inconstante.

Chicago tinha se revoltado quando nós saímos do armário há quase um ano. O medo tinha finalmente dera lugar à admiração, completa com os paparazzi e a propagação de revistas de papel brilhante, mas a violência do ataque contra a Casa, e o fato de que tínhamos lutado em resposta e ao fazer isso termos jogado os Metamorfos em campo aberto; tinha virado as marés novamente. Os seres humanos não ficaram emocionados ao saber que existíamos, e se os Lobisomens





estavam lá fora também, o que mais se escondia nas sombras? Pelos últimos meses nós vimos o preconceito bruto e feio de humanos que não nos queriam no seu bairro e acamparam na frente da Casa para se certificar de que estávamos cientes disso.

Meu celular vibrou no bolso; eu o abri e atendi: — Carpintaria da Merit.

Mallory Carmichael, minha melhor amiga no mundo e uma bruxa em seu próprio direito; bufou do outro lado. — Meio perigoso, não é, ser um vampiro perto de todos os candidatos a estacas de Aspen?

Eu olhei para a guarnição do cavalete em frente a mim. — Eu não tenho certeza se alguma desta é de Aspen realmente, mas eu aceito o seu ponto.

— Presumo a partir da introdução que carpintaria que está em sua agenda de novo esta noite?

— Você estaria certa. Já que você perguntou, eu estou me dedicando a uma mancha em uma madeira linda, depois eu provavelmente vou aplicar um pouco de selante...

— Oh, meu Deus, bocejo. — ela interrompeu. — Por favor, poupe-me de suas histórias de ferragens. Eu me ofereceria para ir entretê-la, mas estou indo para Schaumburg. A magia é como a magia faz, e tudo isso.

Isso explicava o barulho do carro no fundo da linha. — Na verdade, *Mal*, mesmo que você pudesse fazer isso, somos uma morada livre de humanos agora.

— Não me diga. — disse ela. — Quando Darth Sullivan expediu esta ordem?

— Quando o Prefeito Tate lhe pediu.

Mallory soltou um assobio baixo, e sua voz ficou igualmente preocupada. — Sério? Catcher nem sequer disse nada sobre isso.

Catcher era o atual noivo de Mallory que morava com ela, o feiticeiro que me substituiu quando eu me mudei para a Casa Cadogan há alguns meses. Ele também trabalhava no escritório do *Ombudsman* sobrenatural da cidade, meu avô, e era suposto estar em conhecimento sobre todas as coisas sobrenaturais. O gabinete do *Ombudsman* era uma espécie de mesa de ajuda paranormal.

— As Casas estão mantendo isso encoberto. — admiti. — Se sai que Tate fechou as Casas, e as pessoas entram em pânico.

— Porque eles acham que os vampiros são uma ameaça real aos humanos?





— Exatamente. E por falar em ameaças reais, o que você vai aprender hoje em Schaumburg?

— Har-har, minha amiguinha vampira. Você vai amar e ter medo de mim no devido tempo.

— Eu já o faço. Você ainda está fazendo poções?

— Na verdade, não. Estamos fazendo algumas coisas diferentes nesta semana. Como está o mandachuva?

A rápida mudança de assunto foi um pouco estranha. Mallory geralmente amava um público interessado, quando se tratava do paranormal e de seu aprendizado de magia. Talvez as coisas que ela estava aprendendo agora eram realmente tão enfadonhas como carpintaria, embora isso fosse difícil de imaginar.

— Ethan Sullivan ainda é Ethan Sullivan. — finalmente concluí.

Ela bufou em concordância. — E eu presumo que ele sempre será, sendo imortal e tudo. Mas algumas coisas mudam. Falando de – e como é que para um segue? — adivinhe quem está agora usando um óculos velho pendurado na ponta do seu pequeno nariz perfeito?

— Joss Whedon²⁴? — embora ela tenha levado um pouco de tempo para se acostumar a idéia de ter magia, *Mal* sempre teve uma coisa pelo sobrenatural, ficção ou não. Buffy e Spike eram objetos particulares de afeição.

— Meu Deus, não. Embora isso não me desse totalmente, uma desculpa para aparecer na Whedonverse²⁵ e, assim, magicamente corrigir a sua visão ou algo assim? De qualquer maneira, não. Catcher.

Sorri. — Catcher usa óculos? O Sr. sou-tão-suave-eu-raspo-minha-cabeça-mesmo-que-eu-não-seja-careca, usa óculos? Talvez esta vá ser uma noite boa, afinal.

— Eu sei; certo? Para ser justa, eles realmente parecem muito bons nele. Eu fiz uma proposta para trabalhar um pouco de abracadabra e dar uns pegadas, mas ele recusou.

— Por quê?

²⁴ Escritor e produtor de TV.

²⁵ Um blog com informações sobre programas de TV, filmes, eventos, etc.





Ela aprofundou a voz em uma imitação muito boa. — *“Porque isso seria um uso egoísta de magia, gastar a vontade do universo em minhas retinas”.*

— Isso soa como algo que ele diria.

— Sim. Então são os óculos. E eu vou te dizer, eles fazem pequenos milagres. Nós definitivamente viramos um canto do quarto. É como se ele fosse uma pessoa nova. Quer dizer, o seu nível de energia sexual apenas deixou...

— Mallory. Chega. Meus ouvidos estão começando a sangrar.

— Puritana. — um gancho perfurante tocou no telefone, seguido pela voz de Mallory. — Aprenda a se fundir, pessoas! Venham! Ok, eu tenho os motoristas de Wisconsin na minha frente, e eu tenho que desligar o telefone. Eu falo com você amanhã.

— Boa noite *Mal*. Boa sorte com os motoristas e a magia.

— Beijos. — disse ela, e a linha ficou muda. Eu meti o telefone de volta no bolso. Agradeço a Deus pelos melhores amigos.

Dez minutos depois, tive a oportunidade de testar a minha teoria "Ethan ainda é Ethan".

Eu nem precisei olhar para trás para saber que ele entrara atrás de mim. O frio subindo pela minha espinha era indicação suficiente. Ethan Sullivan, Mestre da Casa Cadogan, o vampiro que me adicionou à sua classe.

Após dois meses de cortejo, Ethan e eu passamos uma noite muito gloriosa juntos. Mas o "juntos" não durou; ele revertera o curso depois que decidira que sair comigo era um risco emocional que ele não podia correr. Ele lamentara essa decisão também, e passara os últimos dois meses tentando, ou assim ele disse; fazer correções.

Ethan era alto, loiro, e quase obscenamente bonito, de nariz comprido e estreito às maçãs do rosto esculpidas e olhos verde-esmeralda. Ele também era inteligente e dedicado aos seus vampiros..., e ele tinha partido o meu coração. Dois meses depois, eu podia aceitar que ele temera que a nossa relação colocasse sua Casa em risco. Teria sido uma mentira dizer que eu não senti a atração, mas isso não me fez menos ansiosa por uma revanche, por isso mantive os pés no chão cautelosamente.

— Sentinela. — disse ele, usando o título que ele me dera. Um guarda da Casa, ou semelhante. — Eles estão surpreendentemente tranquilos esta noite.





— Estão. — eu concordei. Tivemos alguns dias de cantos altos, sinais de piquete, bongôs e até manifestantes perceberem que não estávamos cientes do barulho que eles fizeram durante o dia, e os habitantes do Hyde Park não iriam tolerar barulho depois do anoitecer por muito tempo.

Um ponto para o Hyde Park.

— Faz uma boa mudança. Como estão as coisas aqui fora?

— Nós estamos seguindo em frente. — disse, enxugando uma gota de corante errante. — Mas eu ficarei feliz quando terminarmos. Eu não acho que a construção seja minha coisa preferida.

— Eu vou manter isso em mente para projetos futuros. — eu podia ouvir a diversão em sua voz. Depois de levar um segundo para verificar a minha força de vontade, olhei para ele. Esta noite Ethan usava jeans e uma camiseta de pintura manchada, e seu cabelo dourado no comprimento do ombro estava preso na nuca. Sua roupa pode ter sido casual, mas não havia nenhuma dúvida no ar do poder e confiança indefectível que marcavam este príncipe entre os vampiros.

As mãos nos quadris, ele examinou sua equipe. Homens e mulheres trabalhavam em mesas e cavaletes no gramado da frente. Seu olhar de esmeralda seguiu trabalhador por trabalhador enquanto ele media seu progresso, mas seus ombros estavam tensos, como se ele estivesse sempre ciente de que o perigo espregueira exatamente fora do portão.

Ethan não era menos bonito de jeans e tênis fazendo o balanço de seus parentes vampiros.

— Como estão as coisas lá dentro? — perguntei.

— Continuando, embora lentamente. Coisas que iriam mais rápido se nós tivéssemos permissão para trazer os trabalhadores humanos da construção.

— Não trazê-los nos salva do risco de sabotagem humana. — apontei.

— E o risco de o contratante das placas de gesso se tornar um lanche. — ele meditou. Mas quando ele olhou para mim novamente, uma linha de preocupação apareceu entre os olhos.

— O que é? — eu incitei.

Ethan ofereceu o seu movimento de assinatura, uma única sobrancelha arqueada.





— Bem, obviamente outra coisa além dos manifestantes e a constante ameaça de ataque. — disse.

— Tate ligou. Ele pediu um encontro com nós dois.

Desta vez, fui eu que levantei as sobrancelhas. Seth Tate, o Prefeito de Chicago em segundo mandato, geralmente evitava misturar-se com os três Mestres vampiros da cidade.

— Sobre o que ele quer se reunir?

— Isso, eu presumo. — disse ele, gesticulando em direção aos manifestantes.

— Você acha que ele quer se encontrar comigo porque ele e meu pai são amigos, ou porque o meu avô trabalha para ele?

— Isso, ou porque o Prefeito pode, de fato, estar apaixonado por você.

Revirei os olhos, mas não conseguiu impedir o quente rubor que subiu ao meu rosto. "Ele não está apaixonado por mim. Ele só gosta de ser reeleito."

— Ele está apaixonado, não que eu não consiga entender a emoção. E ele nem mesmo viu você lutar ainda. — voz de Ethan era doce. Esperançosa.

Difícil de ignorar.

Durante semanas, ele tinha sido atencioso assim, lisonjeiro.

Isso não quer dizer que ele não teve seus momentos de irritação. Ele ainda era o Ethan, afinal, ainda um vampiro Mestre com uma casa cheia de novatos, que nem sempre o agradava, e para piorar a situação, ele estava chegando ao fim de um longo mês de reabilitação daquela Casa. Construção nem sempre andava rapidamente em Chicago, e movia-se ainda mais lentamente quando o assunto da construção era um antro de vampiros de três andares. Uma jóia arquitetônica de um antro, com certeza, mas ainda um antro de sanguessugas noturnos, blá blá blá. Nossos fornecedores humanos eram frequentemente relutantes a ajudar, e que não exatamente entusiasmava Ethan.

Com a construção, porém, Ethan estava fazendo as coisas certas, fazendo todos os movimentos certos. O problema era que ele tinha abalado a minha confiança. Eu esperava encontrar meu próprio final feliz, mas eu ainda não estava preparada para acreditar que este Príncipe Encantado em particular estava pronto para fugir a cavalo ao por do sol. Dois meses depois, a dor, e a humilhação, ainda era muito real, a ferida em carne viva demais.





Eu não era ingênua o bastante para negar o que havia entre mim e Ethan, ou a possibilidade de que o destino quis nos unir novamente. Afinal, Gabriel Keene, a cabeça da Manada da América do Norte Central, de alguma forma compartilhara comigo uma visão sobre um par de olhos verdes que pareciam os do Ethan..., mas não eram. (Eu sei. "*Que diabos?*" tinha sido a minha reação também.)

Eu queria acreditar nele. Assim como qualquer outra menina na América, eu li os livros e vi os filmes em que o menino percebe que ele tomou uma decisão horrível..., e volta novamente. Eu queria acreditar que Ethan lamentou a minha perda, para que seu arrependimento era real, e que suas promessas eram sérias. Mas isto não era um jogo. E como Mallory havia assinalado, não teria sido melhor se ele me quisesse desde o início?

Entretanto, enquanto eu pesava o novo Ethan contra o velho Ethan, eu joguei de Sentinela obediente. Manter as coisas profissionais me deu o espaço e os limites que eu precisava..., e tinha a vantagem de irritá-lo. Imatura? Com certeza. Mas quem não teve a oportunidade de dar um puxão no seu chefe quando teve a chance?

Além disso, a maioria dos vampiros eram membros de uma Casa ou de outra, e eu era imortal. Eu não poderia me esquivar exatamente de trabalhar com Ethan sem me condenar a uma eternidade passada como um banido. Isso significava que eu tinha que fazer o melhor da situação.

Evitando a intimidade na sua voz, eu sorri educadamente para ele. — Espero que ele não precise me ver lutar. Se eu estou brigando na frente do prefeito, as coisas definitivamente caíram. Quando é que vamos partir?

Ethan estava quieto tempo suficiente para que eu olhasse para ele, vi a seriedade em sua expressão. Isso arrancou as cordas do meu coração ao vê-lo parecer decidido assim sobre mim. Mas o que quer que seja que o destino pode ter reservado para nós no caminho, eu não estava pegando essa saída hoje.

— Sentinela.

Havia uma reprovação suave em sua voz, mas eu estava firmando meu plano. — Sim, Liege?

— Seja teimosa se quiser, se precisar, mas sabemos como isso vai acabar.

Eu mantive meu rosto vazio. — Isso vai acabar como sempre acaba, com você sendo Mestre e eu sendo Sentinela.

A lembrança de nossas posições deve ter feito isso. Tão abruptamente como tinha ligado o encanto, Ethan o desligou novamente. — Esteja lá embaixo,





em 20 minutos. Vista seu terno. — e então ele se foi, caminhando com determinação as escadas e de volta para casa Cadogan.

Eu praguejei em silêncio. Aquele garoto que iria ser a minha morte.



Sobre a autora:



Chloe Neill nasceu e cresceu no Sul, mas agora sua casa é no Centro-Oeste, perto o suficiente da Casa Cadogan para manter um olho sobre os vampiros. Quando não transcreve as aventuras de Merit, ela cozinha, assiste inteiramente muita televisão, torce para o seu time favorito de futebol da faculdade (! Go Big Red), brinca com seu cachorro, Baxter, e gasta tempo com um ótimo - e muito bonito - cara (que ela tem certeza que não é um vampiro).

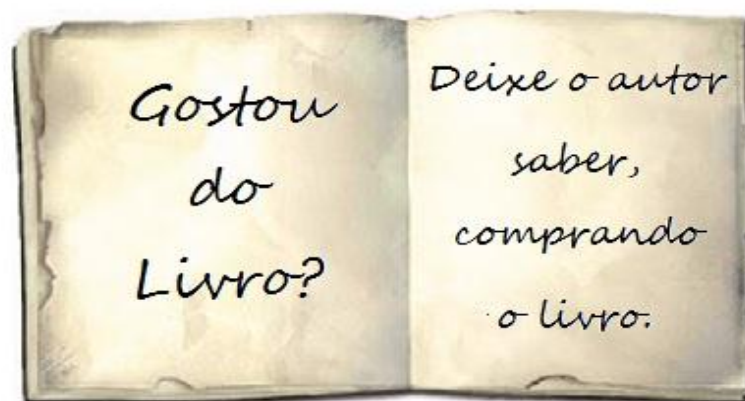




AFTER DARK

*A comunidade Traduções After Dark tem por objetivo
a tradução de livros ainda não lançados no Brasil.
Sem fins lucrativos é feita de fãs para fãs !!!
A distribuição desse livro é permitida somente com os devidos créditos!!!*

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



*"All Creatures of the night get together **After Dark**"*

